JOSÉ GERALDO VIEIRA

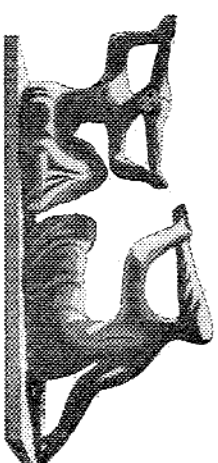
PARALELO 16:
BRASÍLIA

Capa de
EDGAR KOETZ

LIVRARIA MARTINS EDITÔRA
EDIFÍCIO MÁRIO DE ANDRADE
RUA ROCHA, 274 — SÃO PAULO

PARALELO 16: BRASILIA

romance

JOSÉ GERALDO VIEIRA

MARTINS

Vidimus orbem in urbe

Frei VICENTE JUSTINIANO

PRIMEIRO CADERNO

a) BRASÍLIA — DA CRISÁLIDA À LAGARTA

b) AS ASAS SUL & NORTE DA LIBÉLULA

c) JACI, LIA & RAQUEL, AS PIQUEPEBAS

d) A SERVIÇO DO CAN, EM PLENA HILÉIA

e) MADEIRA-MAMORÉ, ACRE, BORRACHA

f) SEGUINDO O PARALELO DEZESSEIS

ESTA já era a sua segunda viagem aérea transportando mudança do palácio do Catete para o palácio da Alvorada.

Sòzinho agora no habitáculo (o co-pilôto fôra fumar lá atrás no bôjo repleto de cofres, estantes e arquivos engradados), Amauri se sentia vagamente motorista de caminhão de carga sempre que lhe chegavam aos ouvidos as vozes e as risadas dos serventes da Rodoviária Santa Fé discutindo futebol com a tripulação.

Aliás, desde que se achava à disposição da NOVACAP, tendia a incluir mais um sentido na palavra "aviador". Tendo-se queixado ao avô que os amigos de Brasília abusavam da sua complacência sobrecarregando-o com encomendas fúteis, o velho almirante tratara logo de lhe anular as susceptibilidades.

— Bem antes dos irmãos Wright e do primo Alberto, essa palavra sempre significou "abastecedor". Encontra-se êsse sentido até mesmo nos textos do Conselho Nacional de Proteção aos Índios, da Comissão de Linhas Telegráficas e Estratégicas do Exército e das Juntas Mistas de Limites do Setor do Oeste e do Norte, que, em seus relatórios do fim do século passado e do comêço dêste, referentes à Madeira-Mamoré, ao Acre e à Amazônia, a empregavam como sinônimo de "mascate", "arigó", "regatão" e "pirangueiro".

Agora, por exemplo, Amauri levava pacotes para o Dr. Gumercindo, do Conselho de Fiscalização, para a mulher do Dr. Vicente, da Divisão do Material, e para a cunhada do Dr. Setembrino, da Comissão das Concorrências por Administração Contratada.

Verdade era que aquela gente tão sacrificada dos escritórios da Companhia Urbanizadora da Nova Capital do Brasil, trabalhando e morando em instalações precárias num roçado entre o Núcleo Bandeirante e o Plano Pilôto, vinha sempre buscar no balcão do aeroporto as suas encomendas particulares e o convidava a ir beber no Clube

Paranoá, levando-o depois de carro para o Departamento da Base Aérea ou até a portaria do *Brasília Palace Hotel*.

Como se tal abuso não bastasse (muito embora os exilados o recebessem em efusivo grupo de *Wellcome Service*), sempre que algum viajava levando pastas e *dossiers* dos escritórios do 18.º andar do prédio n.º 54 da Avenida Almirante Barroso para os escritórios ao rés do chão da ex-Fazenda do Gama, e vice-versa, mal via a poltrona do *dual control* vaga logo vinha conversar um pouco com o radiotelegrafista como tática preparatória para daí a pouco se sentar no pôsto disponível perguntando com pseudo-cerimônia:

— Posso contemplar a paisagem, tenente Amauri? Já passou a reprêsa das Três Marias?

Ora, para um longo percurso sob mormaço, isso de companhia mesmo breve porém leiga nem sempre é presença cômoda. Depende das condições do tempo, do estado de espírito do navegador, da curiosidade do intruso.

Claro que os membros do *staff* da NOVACAP constituíam companhia agradável e até mesmo útil. Mas ràrissimamente se aboletavam na cabina, quedando-se lá atrás ora em conversa ora absortos na leitura das últimas atas ou no exame de projetos e orçamentos. Logo se fartariam da rota, milionários do ar naquele trajeto.

Ao tempo em que no então ainda Sítio Castanho só havia um campo de pouso, e êsse mesmo de terra batida ao lado do Catetinho, não raro o Dr. Israel o ajudava a localizar o local de aterrissagem enquanto o avião descrevia voltas relativamente baixas. Conhecedor daquelas paragens, o velho político mineiro, gesticulando com a mão direita como se manobrasse um bilboquê, se punha a citar os córregos à medida que êles apareciam; diferenciava-os e reconhecia-os por causa dum buritizal emergindo duma aíba, por causa dum grupo de ibiraremas, e assim por diante:

— Bananal. Tôrto. Gerivê. Taquari. Bálsamo. Paranoá. Rasgado. Gama. Fundo. Vicente Pires.

A presença do urbanista ou do arquiteto era dum interêsse mais agudo, no momento da chegada. Primeiro Amauri circunscrevia bem por fora o imenso chão roçado pelas máquinas Link-Belt e Worthington; depois o sobrevoava expondo num raio de 180 graus o Plano Pilôto no

comêço ainda sugerido apenas por linhas vetoras ou por desenhos isômeros e que logo sumiam ficando para trás. Enquanto isso a calva do Dr. Lúcio, o rosto, os bigodes encobrindo um sorriso, e a mão apoiando o queixo constituíam uma espécie de indicador *doppler* mostrando a Amauri a velocidade real em relação ao solo, bem como o ângulo de deriva em relação ao rumo. Mas o urbanista não dizia nada, apenas contemplava, imerso em pensamentos que eram como a dobradiça daquele organograma de abas ainda vazias mas que nas sucessivas viagens mostrariam relêvos esparsos definindo o eixo monumental e o eixo rodoviário, êste então um pouco arqueado para incluir-se no triângulo equilátero definidor da área urbana.

Já o arquiteto, por sua vez, gostava de fazer do vidro côr-de-rosa-chá do *full window* um como que painel de radar onde se fôssem inserindo, como anêmonas através duma escotilha, os canteiros-de-obras a cargo da Fundação da Casa Popular, da Caixa Econômica, do IAPI, do IPASE, e de construtores como CEF, ECEL, etc. O seu olhar sereno parecia ter o dom prospectivo de semear cubos naquele sulco cruciforme.

Amauri valia-se então do comando automático, deixava o aparelho executar sem a sua interferência tôdas as manobras do lance de aproximação antes da aterrissagem, atento apenas ao número central marcado com a flecha branca, de maneira a dirigir aquelas toneladas só com dois dedos. E enquanto isso olhava tanto lá para a frente como para o Dr. Niemeyer sentindo-o decompor mentalmente os anéis da futura libélula por enquanto ainda em estágio de mera lagarta.

Assim, desde meados de 57, não raro um ou outro responsável pela construção de Brasília, na eventual qualidade de companheiro de Amauri ali no *dual control*, o familiarizava com aquela espécie de Cruz de Santo Eloi que pentacosiarquias de candangos martelavam lá em baixo.

— *Praça dos Três Poderes*
Esplanada dos Ministérios
Catedral
Setor das Autarquias
Setor Cultural
Centro de Diversões

Setor Bancário
Estação Rodoviária
Hotéis
Setor Hospitalar
Tôrre de Televisão
Setor de Rádio e Televisão
Setor Esportivo
Praça Municipal
Setor de Imprensa
Bosque
Quartéis
Setor de Residências Econômicas
Setor da Indústria
Estação Ferroviária.

Amauri iniciava a seguir, com o volante e os pedais, suave e ampla viragem, e o avião obedecia, qual andorinha que antes de acolher-se ao beiral ainda dá uma volta. Então, nas penínsulas em redor do futuro lago já se viam alguns elitros do ornitóptero suposto:

Setor Dom Bosco de Habitação Individual
Setor Paranoá de Habitação Individual
Setor Norte de Residências Isoladas
Setor de Residências Geminadas Individuais
Setor Oeste de Grandes Áreas
Setor Leste de Grandes Áreas
Embaixadas.
Cidade Universitária
Clube de Golfe
Sociedade Hípica
Iate Clube.

Decepcionante havia sido a primeira chegada do avô Martinho a Brasília. Conquanto fôsse uma viagem de compromisso, desde muito combinada com o neto, ainda assim êle dormira no último trecho, aliás o trecho que interessava. E tivera um sonho estapafúrdio na hora exata em que mais devia estar atento para a primeira impressão.

Sonhando, o almirante Martinho Higino via o trecho tão aconselhado por Francisco Varnhagen. Mas a imaginação, que nos sonhos é ora coerente ora absurda, foi

concatenando peripécias para um desfecho cômico. O almirante achava-se a bordo dum Convair, instalado junto da asa esquerda que de súbito se transformou em portaló deiscente de nave onírica donde êle, com farda e alamares de Tamandaré, passava em revista uma esquadra nova em fôlha, pintado a Duco, os encouraçados sendo os edifícios do Congresso, do Executivo e do Supremo, as canhoneiras sendo os Ministérios, o navio-escola sendo a Catedral, e as superquadras laterais substituindo os destróieres.

Mas ante tamanho disparate, o sonho também se censurou e numa reviravolta brusca procurou atingir certa verossimilhança: o cenário atrofiou-se, reduzindo-se a mero cerradão entre cujas mangabeiras e mirorós adejava descomunal e fantasmagórica borboleta que êle, discípulo que se prezava de ser de Humboldt, sabia que se chamava *Vanessa Vulcania*. "Ou será a *Licaena Nyseus?*" desconfiou, na verdade mudo, dormindo, mas falando em sonho. "Uma e outra dão tanto lá na Tijuca!"

E a verdade (ou a mentira que todo sonho é) foi que o almirante se viu não mais fardado de Tamandaré mas de humanista romântico e inefável agitando uma suposta rêde para aprisionar a borboleta; porém ao primeiro arremêsso que fêz tombou para a frente, não caindo de joelhos porque o cinto de segurança o susteve. E nisto acordou.

Acordou porque na chegada a Brasília durante o pôr de sol, Amauri, muito desapontado por ver a dormir o avô que êle trouxera expressamente para contemplar aquêle efeito feérico, julgando-se sòzinho ali na cabina sem dispor de ninguém para ir acordar o almirante, resolveu recorrer a um expediente instantâneo: contraiu a manete de inversão que encolhe os aerofreios, e quase na mesma fração de segundo movimentou a manete de empuxo dando maior velocidade. De modo que o aparelho estacou de chôfre e logo prosseguiu. O radiotelegrafista, atento ao ATV e ao VOR visto estar-se perto da descida, foi jogado de encontro ao painel dos indicadores de tensão dos comandos, e a custo conseguiu reaprumar-se e dizer em tom de queixa e de surprêsa: "Não chacoalhe, Amauri!", mais que depressa se voltando para trás, agarrado à poltrona, ainda a tempo de ver os passageiros se reendireitarem nos bancos. Inclusive o almirante que, perplexo, esperneava no ar. Só quando o avião, após algumas voltas desceu e

por fim parou na pista foi que êle, vendo uma escada solitária andar em direção à carlinga, se livrou do cinturão e se ergueu para procurar na prateleira o sobretudo e a maleta.

Sorrindo, encostado no portal da cabina, Amauri lhe disse quando o viu passar ainda estremunhado:

— Dormiu, não é? Não faz mal. Talvez lhe arranje o helicóptero do Presidente para o senhor, bem acordado, percorrer a região a que se refere o Memorial Orgânico de Varnhagen, sôbre que tanto me falou ainda ontem.

Foi às nove horas da noite, no restaurante do *Brasília Palace Hotel*, enquanto ambos escolhiam frios e saladas de sua preferência na grande mesa lateral, que o velho Martinho contou ao neto o seu sonho surrealista. Amauri, enchendo o prato, ouvia sorrindo.

Que o Plano Pilôto, mesmo então ainda em fase pouco mais do que rudimentar, com muitas lacunas, lembrava descomunal inseto, não havia dúvida. Tal analogia até já se tornara lugar comum. Mas no sorriso de Amauri havia também a lembrança de outras comparações paralelas à do avô e ouvidas meses antes num Curtiss à chegada de Brasília. Comparações de dois operários da Rodobrás vindos da BR-14. Bernardo Saião perguntara-lhes mostrando no chão, lá em baixo, o risco zoomórfico dos dois grandes eixos onde já se levantavam alguns relevos:

— Então, estão gostando?

Juvenal Procópio, motorista de motoniveladora, que vinha a Brasília depositar dinheiro seu e de colegas na agência volante da Caixa Econômica, respondeu, coçando os braços cabeludos com as unhas sujas de terra:

— Parece enorme caajara. O doutor não conhece? Louva-a-Deus!

Ao que o segundo candango, servente de *bulldozer*, que vinha mudar o aparelho de gêsso duma fratura de punho, discordou:

— Pois eu acho que se parece mais com tucura. — E ante o ar do chefe: — Ora, bem se vê que o senhor é carioca. Tucura é como nós do Norte chamamos o gafanhoto.

Também sucede, naquele ramerrão da rota Rio-Brasília e vice-versa, quando a bordo não há figurões da

Companhia, se sentar na cabina, ao lado de Amauri, alguma funcionária da NOVACAP, dessas que levam e trazem a mando de Carlos Alberto ou de Junqueira Alves para o Dr. Lucas ou para o Dr. Ludovico a papelada importante que o Dr. Israel ou o Dr. Meinberg devem despachar e devolver com urgência.

Principalmente as garôtas Jaci, Raquel e Lia, chamadas por analogia "as piquepebas" devido à sua graciosa desenvoltura de pombos-correios.

Jaci, eis um nome lunar; na pia batismal a mãe queria que ela se chamasse Capói, aliás igualmente selênico, mas com o qual o padre implicou. É morena de tez, tem cabelos prêtos bem lisos e brilhantes, a sua beleza chama a atenção de tôda gente. Tanto parece paraense, nordestina, carioca, como árabe, hindu ou cigana. Raramente se senta na cabina. De modo que Amauri é que costuma vir para o meio do corpo do avião conversar com ela, disposto a distraí-la mesmo que os vácuos sacolejem de tal forma que êle tenha que se equilibrar, como um especialista de *surf* sôbre a tábua de isopor na crista das ondas. Lá uma vez ou outra, o avião mergulha, ou sobe e corcoveia, e Jaci tende reflexamente a segurá-lo, mas se contém, apenas indagando:

— Como é que consegue fincar-se no ar assim sem cair?

— Isso não é nada. Você precisava ver o Lima. Ainda hei de ficar um ás em levitação como êle. Aprendeu nos Estados Unidos quando foi buscar um jato F-100. A turma de lá só lhe entregou mesmo a encomenda depois de o submeter a testes assim na Base Aérea de Wright-Patterson: rodopiar em alta velocidade numa centrífuga; voar, liberto da lei da gravidade, num avião de vôo cego; permanecer numa sala de temperatura elevadíssima; depois passar para outra e ficar uma hora com os pés imersos num balde com blocos de gêlo; agüentar-se durante mais outro vôo cego numa cadeira de pilôto montada sôbre um motor giroscópico que oscila aos safanões; e por último, fazer retiro espiritual, tipo vigília de pagem candidato a cavaleiro do rei Artur, isolado num recinto escuro onde de súbito o fulguravam focos de holofotes e o ensurdeciam ruídos alucinantes; mas voltou ao Brasil voando a 900 milhas por hora numa altitude de 50.000 pés.

Lia, apelidada Pomba Goura por causa do exagêro da peruca fronto-ocipital que mais parece arte plumária dos índios Kaapor, viaja nos dois sentidos. Telefonemas oportunos fazem coincidir os seus horários com os do tenente Amauri. Os afazeres de assessôra da Diretoria a retêm uma semana em Brasília e outra no Rio. Geralmente "voa" ao lado de Amauri pelo menos um quinto do percurso cujo tempo varia segundo o aparelho: 3 horas e 20 minutos para os de tipo Douglas; 2 horas para os de tipo Convair; 1 hora e 10 minutos para os turbo-jato.

Curiosa e tagarela, gosta de fingir que dirige agarrada ao volante ou à *manche*. E enquanto isso não cessa de fazer perguntas. Sempre pensa que já sabe tudo, mas cada nôvo avião, um Breguet, um Boeing, um Viscount, tem *tablier* nôvo, diferente e mais complicado do que o outro, com infinidade de cabos, mostradores, botões, ponteiros e relógios. Habitáculos há dos quais ela quase nem consegue ver o focinho do aparelho quanto mais a paisagem!

— Aqui dentro parece um altar-mor! Um oratório eletrônico! Quantos registros!

— Dão idéia de muitos por serem em duplicata, um diante de cada poltrona.

— Isto, por exemplo, vem a ser o quê?

— Variômetro.

— Serve para...?

— ... indicar a velocidade ascendente e descendente do avião, em pés por minuto.

— Fiquei na mesma.

— A velocidade normal da descida é da ordem de 1.000 a 1.500 pés por minuto.

— Puxa vida! E isto?

— Indicador de trajetória. Indica o rumo do aparelho relativamente a um eixo definido por uma estação de rádio no solo, com a qual estamos em contato. Permite verificar a direção num rumo escolhido, retificando-o se fôr necessário. É utilizado não só durante o vôo como também na aterrissagem.

Raquel, irmã gêmea de Lia, é mais delicada de corpo, vantagem esta que lhe valeu o apelido de Pomba Pariri. Via de hábito viaja em qualquer poltrona do avião imersa na leitura dum romance. Isso até Pampulha ou até surgir

o rio São Francisco. Então esfrega as pálpebras, procura "situar-se" quanto à paisagem e "ambientar-se" quanto aos companheiros. E o co-pilôto já sabe: tem que ser gentil com o comandante e com a passageira. Levanta-se, vai fumar e conversar lá atrás. E não tarda que Raquel, marcando o livro com uma fita e até mesmo com uma travessa dos cabelos, se vá sentar na cabina ao lado de Amauri. Fala pouco.

— Já atravessamos o rio São Bartolomeu?

— Ainda agora mesmo. Que é que você estêve lendo?

— Durrell. Outro romance dêle. *Mountolive*. Da outra vez vim lendo *Justine*.

Como membro do Grupo de Trabalho encarregado da transferência dos Serviços Federais, Amauri cooperava para apressar o grande empreendimento que era Brasília. A sua tarefa habitual era transportar os graúdos do govêrno e da NOVACAP. Dava-se com todos os integrantes da Diretoria, do Conselho Deliberativo e das Juntas Fiscais; mas preferia as piquepebas, isto é, as funcionárias, porque elas o livravam de estopadas tomando a si o encargo de levar e trazer encomendas.

Conhecera primeiro Jaci. E bem antes das demais, em fevereiro de 57, quando êle fazia outra rota, isto é, quando trabalhava no CAN, cruzando a Hiléia.

Educada desde criança no colégio das franciscanas de Conceição do Araguaia, interrompendo o ginásio, fôra ao dezesseis anos fazer exame de madureza no Rio — onde morava um irmão casado de seu pai — e lá cursara o Instituto de Educação diplomando-se professôra. Após esperar vagas sem esperanças de nomeação, voltara para a sua cidade natal e lecionava no dito colégio quando ocorreu o inesperado. Havia alguns meses que seu pai, Raimundo Lucena, se ausentara por haver ganho em concorrência a construção dum trecho de estrada. Prometera aparecer em casa no mínimo uma vez por mês aproveitando a passagem do DC-3 do serviço de abastecimento da Rodobrás.

Ora, naquele já longínquo dia 21 de fevereiro de 57 achava-se o tenente Amauri no campo de pouso de Conceição do Araguaia na iminência de levantar vôo para Santa Isabel quando foi procurado por uma espécie de comissão que lhe solicitou um favor especial e urgente:

transportar dona Juçara Lucena acometida de mal grave e agudo e necessitada de imediata intervenção cirúrgica. Concordou, visto ser essa era uma das atribuições do CAN.

Primeiro desceram dum carro duas freiras esvoaçantes, o prefeito local e o médico. A superiora, irmã Terezinha de Jesus, após reforçar as palavras do médico e da autoridade municipal, se dirigiu para um segundo carro donde saltou uma matrona com ares ofegantes de matriarca, talvez portadora de tumor maligno, mais uma senhora linda e elegante acompanhada pela filha difìcilmente mais bela. Amauri, tomou as duas como figuras importantes que tivessem vindo apenas para encarecer-lhe a necessidade daquela obra de misericórdia. Mas as três mulheres civis — pois as freiras agora ajudavam a transportar do carro para a pista imensa bagagem pràticamente de luxo — se quedaram à espera de que terminasse o conciliábulo dos homens com o pilôto.

Êste prontificou-se a levar a doente mais um ou uma acompanhante para Belém do Pará. Ao ouvir isto, a linda senhora, muito bem vestida, penteada e calçada, teve um delíquio e caiu nos braços duma das freiras. As franciscanas, o médico e o prefeito explicaram a Amauri que êle deveria levar dona Juçara, a filha e a criada para Brasília, que era onde estava trabalhando Raimundo encarregado da construção dum dos trechos da estrada para Luisânia. Que em Brasília havia o Hospital Regional, o Hospital de Pronto Socorro e o Hospital do IAPI.

O pilôto não teve mais dúvidas, zarpou para a meta indicada, o campo de pouso ao lado do Catetinho na ex-Fazenda do Gama. E de lá, por desencargo de consciência, levou as três de jipe para o destacamento da Base Aérea, pondo-se a procurar um cirurgião do Serviço de Unidades Sanitárias Aéreas. Verdade é que ainda nos céus de Conceição do Araguaia, mãe e filha, uma aboletada na segunda cadeira do *dual control* e a outra na cadeira do mecânico, se interessaram muito pela paisagem circunjacente — confluência dos cocais do Maranhão, da Hiléia Amazônica, da caatinga do Nordeste e dos cerrados goianos.

Afinal o aviador veio a saber que os hospitais citados ainda eram entidades vagas, incluídas no Plano Pilôto, sim, mas que só ficariam prontas em 1960... Ora, estava-se em fevereiro de 57!

Afinal, num dos barracões da NOVACAP instalada precàriamente num cerrado, mais exatamente na sede de madeira das Pioneiras Sociais, ao lado do Pôsto de Segurança e do almoxarifado, a bela enfêrma foi examinada por dois médicos que, conquanto do IAPI e decerto com bastante experiência clínica, não atinaram com nenhum diagnóstico e vetaram qualquer operação.

Assim, ou que a crise houvesse passado ou se tratasse de embuste de mãe e filha para se valerem do CAN de modo a serem transferidas para junto do marido e pai, a verdade é que as duas mais a velha criada tapuia foram conduzidas para a Cidade Livre onde se hospedaram num hotel regular ao lado da agência de ônibus para Ceres. E Amauri prosseguiu em sua rota aérea.

Avisado em Pires do Rio por um rádio-amador, três dias depois chegava Raimundo Lucena. A mulher caiu-lhe nos braços.

— Araã! Araí! Que saudades, querido! Trouxemos-lhe cachos de parurus e bolinhos de uís. Mas como você demorou, comemos tudo.

A mulher, a filha e a agregada contaram com pormenores a doença, o diagnóstico, a hipótese de operação, o milagre do restabelecimento só com grande altitude e mudança de ares.

Na manhã seguinte Raimundo Lucena, apelidado Raimundo Mazombo, exausto duma noite de amor tão intensa como as da lua-de-mel vinte e um anos antes, vendo a mulher muito lépida já se aprontando para visitar o Plano Pilôto, teve suas desconfianças. Mesmo porque Juçara lhe entregou regular quantia de dinheiro explicando:

— Vendi a casa, os móveis, a louça e a roupa branca para as freiras. Você sabe quanto elas sonhavam com a nossa residência ao lado do colégio para ali montarem um curso anexo! Estivemos ontem vendo uma chácara pequenina mas excelente entre o... como é mesmo o nome, Jaci?

— Entre o Sítio do Ipê à direita e o Catetinho à esquerda.

— Fomos de jipe alugado. Aliás, um jipe que eu vou comprar. A casa é de madeira, mas ótima. Bastantes cômodos, copiar, mata, água de fonte com três minas entre moitas de taquarinha do brejo e cana-de-macaco. Demos farelo de beiju aos curiós e aos bicudos das gaiolas. O

casal que toma conta se compromete a ficar; o homem como vigia e hortelão, e a mulher como arrumadeira. Temos Inácia, que resolve às maravilhas a questão da cozinha. É um pouco longe e desolado; mas, sendo junto do Catetinho, estamos garantidos pelo corpo de segurança do Presidente.

Raimundo mandou a velha ama e Jaci se retirarem para o quarto ao lado e, fechando-se no cômodo maior com Juçara, a pôs em confissão; conhecia-a muito bem. A sua tenacidade e algumas sacudidelas atuaram como emético.

Com as mãos nos ombros do marido para transmitir-lhe eflúvios e contrapor o seu olhar ao dêle, Juçara primeiro lhe verberou a ausência de meses.

— Inventei doença, sim. Pensa que ia deixá-lo à vontade, longe de mim aqui nesta Cidade Livre onde há mulherio, bebidas e jogatina? Anteontem e ontem já andei me informando. Em tudo quanto é botequim tem algazarra e carteado, farras e esbórnias.

Baixando a voz para que no quarto pegado a ama e a filha não ouvissem, discutiram mais de meia hora.

— Estou farto das suas cenas e despautérios. Você deve ser aquilo que o doutor Braga disse a respeito de dona Candinha: ninfomaníaca.

— Desaforado! Ingrato! Confunde o meu amor, a minha saudade, com doença de histéricas!?

— Tem-se fartado de ouvir da bôca de Inácia histórias eróticas que os índios contam; por isso se quer fazer também de Tapani-Marru; mas fique sabendo que não tenho embocadura para Poronominare, ouviu? Já não me deixou ser seringalista na época do reflorescimento da borracha. Eu podia ter ficado rico em três anos. Agora peguei umas concorrências de contrução de estradas, livrei-me por duas vêzes de ser esmagado por uma motoniveladora e de virar massa debaixo dum pneu Nova Reação, mas estou de nôvo nas suas garras, sabendo que você é pior do que a Caamanha. Desde que me raptou em Óbidos quando eu era rapaz, vive me cevando para um dia me devorar como Cunhamembira! Pois instale-se no sítio, mas fique sabendo que ninguém me arranca da tarefa que consegui com tamanho esfôrço. Vou me meter de corpo e alma na construção de rodovias.

Agarrada nêle, expondo como um travesseirinho dobrado o comêço dos seios tenros, côr-de-rosa, Juçara sorria:

— Pois seja. Acabaremos ficando ricos. Mas aqui de perto te vigio, te tenho, te acompanho. Façamos as pazes. Vou arranjar um refrêsco de parumã. Trouxemos uma porção.

Nisto vieram avisar que um homem estava à espera dêle na rua, dentro dum jipe. Raimundo desceu logo, ficou confabulando algum tempo, até que implorou:

— Dr. Araújo, não sei o que vai ser da minha vida. Imagine o senhor que minha mulher chegou de mudança. Caí na asneira de deixar-lhe uma procuração, ela vendeu tudo e se transferiu para aqui.

— Sinal de quanto gosta de você. Sinal de atração que Brasília já exerce.

Lucena teve vergonha de esclarecer que se tratava de ciúme doentio.

Juçara ouviu o marido bater de leve na porta do quarto e logo aparecer com um senhor de botas de cano curto, calças largas, camisa aberta no peito, queixo voluntarioso, testa inteligente sob madeixas revoltas.

— Minha espôsa Juçara. O Dr. Bernardo Saião Carvalho de Araújo, vice-presidente do Estado de Goiás e um dos diretores da Companhia Urbanizadora da Nova Capital do Brasil e da Rodobrás.

Ela, distinta e cerimoniosa, pediu desculpa por não poder oferecer-lhe uma cadeira.

— Não quero importunar. Apenas vim dizer que envidarei todos os esforços para confirmar Raimundo como um dos responsáveis pelo trecho proximal da rodovia Brasília-Goiânia. Mas só por enquanto. Reconheço que êle precisa descansar um pouco. Trabalhou conosco todo êste tempo a bem dizer dia e noite. Estivemos em Pires do Rio descarregando de três trens de carga *transcavators*, escavadeiras, *caterpillars* e rolos compactadores para as obras da BR-14. Apenas metade do material previsto, porque a outra virá descendo de Belém para um encontro em plena selva. Em comêços de 59, querendo Deus.

— Ah! Sem dúvida, com gente disposta como o

senhor e meu marido! Mas seja franco, acha que eu e minha filha devíamos ficar esquecidas naqueles cafundós?

— Brasília precisa de gente decidida. A NOVACAP tem trabalho para tôda gente de boa vontade.

Em menos duma semana Bernardo Saião conseguiu nomear Jaci interinamente, com promessa de efetivação, para um dos escritórios do Conselho Administrativo. E isso de jipe a fim de trazê-la e levá-la seria luxo desnecessário porque havia o ônibus da NOVACAP para transporte dos funcionários.

Juçara não criou mais casos ao marido.

Quanto a Jaci, adaptou-se logo às funções burocráticas, dando cada dia provas crescentes de ótimos predicados. Fizeram-na, a título de experiência, marombar duas semanas entre fileiras de arquivos de aço extraindo e repondo fichas; depois lhe deram uma mesa com máquina de escrever. Durante um mês teve que encher etiquêtas e protocolos, subscritar envelopes de ofícios e rótulos para pastas. A seguir passou a recepcionista.

Quatro meses decorreram assim, até que a chefe de seção a levou ao Rio como sua assessôra. Jaci não precisou ficar em hotel, hospedando-se na casa do tio casado, que tinha firma comissária de artigos do Norte na rua Nossa Senhora de Copacabana.

Outras viagens sucederam-se em 57, e sua eventual presença não passou despercebida na sede carioca da companhia. Não tanto pela tez de jambo, pelos cabelos de Iracema, mas por sua harmoniosa índole, e, principalmente, pela intuição de serviço, pela segurança com que executava o expediente. A tal ponto que a chefe itinerante da Divisão de Material quase se abespinhou com a chefe carioca do mesmo departamento ao ouvir-lhe uma tarde, a sós, de portas fechadas, a seguinte observação:

— A sua secretária é uma moça extraordinária. Trata-se de elemento não contaminado e decerto não contaminável pelas patranhas habituais do funcionalismo parasitário. É tôda devotamento e perspicácia. O Dr. Ludovico propôs-me que a retivesse aqui no Rio para um estágio de aperfeiçoamento em actuária.

— Ora, ora, dona Otília! Por causa justamente dêsses predicados precisamos dela na NOVACAP.

— Sem dúvida. Mas lá o rendimento funcional de

Jaci só se tornará perfeito mediante estágio prévio num setor de especializações não pròpriamente burocráticas mas técnicas. E faço questão, o Dr. Ludovico faz questão que seja a senhora mesma, decerto a responsável pela descoberta e pelo desenvolvimento dessa moça, quem lhe comunique a nova perspectiva, aliás como idéia sua.

Dona Eusébia levou o segrêdo para Brasília, e sòmente lá foi que participou a Jaci sua determinação de fazê-la estagiar na sede carioca da Companhia. Pediu-lhe que promovesse um encontro seu com os pais a fim de obviar quaisquer embaraços.

O projeto, debatido depois entre o pai, a mãe, a filha e a própria Inácia, acabou trazendo ao Rio a família num avião da Real.

O fato de Juçara não ter querido permanecer com a filha em casa do cunhado, preferindo voltar para Brasília com o marido (verdade que após intensiva semana de passeios e compras) não deixou de envaidecer Raimundo Mazombo, porque mesmo que afinal fôsse indício de ciúme também era sinal de amor.

Assim, de meados de 57 a meados de 58, Jaci tomava aulas de datilografia e estenografia até a hora de iniciar o expediente na Avenida Almirante Barroso. No mesmo andar conheceu as irmãs Lia e Raquel, amizade esta que se foi fortalecendo.

De vez em quando ia a Brasília, como assessôra da Diretoria. Numa dessas idas viajou num avião da FAB secretariando todo o *staff* da NOVACAP instalado na parte central duma ala. E, sentada numa das poltronas da outra ala vazia, — os senhores diretores, conselheiros e fiscais eram muito amáveis, não queriam que ela ao atendê-los caísse e quebrasse uma costela — ia fornecendo pastas à medida que lhe eram solicitadas. Agradável e prático ter-se uma secretária aérea mas com a cabeça no lugar, capaz de ler depressa rótulos e etiquêtas e estender protocolos, atas, relatórios e concorrências ao Dr. Junqueira, ao Dr. Lima, ao Dr. Ludovico. E isso sem emitir palpite nem tomar parte nos debates.

Em dado momento, devido a um solavanco mais forte com subida e descida abruptas, uma das pastas devolvidas pelo Dr. Ernesto Silva caiu no chão. Jaci inclinou-se depressa para pegá-la, batendo então com a cabeça no ombro

dum pilôto que ao passar resolvera acudir, abaixando-se também.

Quando se reaprumava tornando a afivelar o cinturão de segurança, ela reconheceu logo o voluntário ajudante que, ao entregar a pasta prêsa com os elásticos, exclamou de modo efusivo:

— Que surprêsa! Como vai a bela Marabá de Conceição do Araguaia? Quanto prazer em revê-la!

— Olá, tenente Amauri?!

O diálogo ateve-se apenas a isto porque o pilôto prosseguiu para a cabina.

De Santos Dumont à Pampulha era sempre assim: os insignes membros da NOVACAP debatiam programações, folheavam propostas e orçamentos, pediam pastas, devolviam pastas. Mas de Pampulha em diante o mormaço arrefecia o entusiasmo, alguns se punham a cochilar, outros a ler calados.

Já em céus de Goiás, daí a pouco passou pelo corredor entre as poltronas o co-pilôto que disse à jovem funcionária:

— A minha poltrona na cabina se acha momentâneamente vaga. Não quer aproveitá-la antes que o radiotelegrafista o faça? Está um dia magnífico para se admirar a paisagem.

Assim, instalados paralelamente, Amauri contou a Jaci como e desde quando deixara o CAN para colaborar através da FAB com o empreendimento da NOVACAP. E Jaci lhe contou como e desde quando se tornara funcionária da mesma. E propôs-lhe que em Brasília fôsse, caso dispusesse de tempo, almoçar no dia seguinte no sítio onde a velha ama prepararia um dos pratos típicos do Norte.

— Papai está lá. Êle gostaria de agradecer, embora com tamanho atraso, o que o senhor fêz por nós em 57.

— Um ano exato.

Lia e Raquel só se tornaram funcionárias itinerantes da NOVACAP alguns meses após a promoção de Jaci.

Sendo garotas vivazes e modernas e tendo-se especializado sucessivamente como recepcionistas em cada um dos departamentos e divisões na sede do Rio, haviam depois concordado em trocar seus postos no vestíbulo e nas salas de espera por encargos especializados no recesso de escritórios no mesmo andar, isto é, no décimo oitavo.

Uma tarde foram ambas esperar a mãe à saída do Ministério da Fazenda, onde ela trabalhava, e lhe deram abraços tão estabanados que lhe derrubaram a bôlsa.

— Fomos convidadas a trabalhar em Brasília, nos escritórios da NOVACAP. Ganhando muito mais. Pegamos a "dobradinha". O dôbro do salário — bradou Lia.

— Oferecem-nos uma porção de regalias — acrescentou Raquel. — Mas temos que resolver já. Ainda esta semana. Não faltam candidatas empistoladas.

A viúva Abranches caiu das nuvens, pôs as mãos na cabeça.

— Pretendem me deixar ainda mais sòzinha, não é? Está bem. Façam o que quiserem.

Armou uma tromba dêste tamanho, e abriu passagem entre a multidão debaixo das arcadas da rua México até a ondulante fila de passageiros para ônibus na esquina do edifício Nilomex.

Aquela espera insuportável mas obrigatória, a ironia da passagem contínua de táxis e carros particulares, a massa de arranha-céus antipáticos na avenida Rio Branco, as conversas, exclamações e risadas dos transeuntes, os pregões dos jornaleiros, a investida sistemática de mendigos fazendo a sua coleta muda, tudo aquilo sempre irritava dona Clementina, sem falar na restante perspectiva de todo fim de dia: aquecer os pratos do almôço a que a sopa dava um prolongamento tipo jantar, ter que comer sòzinha quase sempre porque as filhas ou chegavam tarde, às dez horas, à meia-noite, quando ela já se havia recolhido ao seu quarto, ou então apareciam às sete e meia, às oito horas, tomavam banho, punham vestidos novos, diziam "A bênção, mamãe, vamos jantar com Fulana, com Beltrana". E nos domingos, então? Ou acordavam ao meio-dia e sumiam por doze horas, ou se levantavam cedo, davam telefonemas, embelezavam-se e saíam de maiô dizendo "Vamos para o *Castelinho*", "Vamos para o *Caiçaras*..."

Mas aquêle fim de tarde no ônibus, como as três se sentaram juntas no banco transversal perto do motorista, não debateram a novidade porque não convinha dar espetáculo de briga aos demais passageiros.

Aflitas por causa da fisionomia irritada da mãe, do seu ar de aguda contrariedade, Lia e Raquel, minutos antes tão entusiasmadas, agora durante o trajeto olhavam quietas para a igrejinha da Glória, o Pão de Açúcar, os arranha-céus do Flamengo, os iates junto ao morro da Urca, a penumbra rugosa do túnel, as calçadas, as vitrinas e os lotações malucos da rua Barata Ribeiro. Os debates só se travaram depois que as três desceram na rua Prudente de Morais, acalorando-se entre os pilotis do prédio de apartamento, prosseguindo no elevador, enviesando-se do hallzinho da entrada para o quarto materno, recrudescendo na cozinha e só amainando durante a refeição na mesa encravada entre a geladeira e o sofá.

— Não adianta a gente falar porque vem sempre a mesma resposta para todos os argumentos. Desmanche essa carranca. Um beijo. Bem estalado. Assim — investiu Raquel. — Absolutamente não vamos abandonar a senhora.

— Imaginam por acaso que ainda por cima eu deva acompanhá-las? Se tiver que ir morar em Brasília será quando os ministérios se mudarem para lá. E isso mesmo só nas calendas gregas. O Jânio e o Lacerda vão boicotar essa aventura.

As filhas riram-se tanto que dona Clementina ficou meio atarantada.

— Ora, mamãe, que falta de noção da realidade, do irreversível! — escandalizou-se Lia. — Mas restrinjamos os debates para o nosso caso particular. O esquema de serviço é tentador. Vamos ser funcionárias itinerantes. Expedientes alternados: três dias em Brasília, quatro no Rio.

— Não pensem que me cativam, que me abrandam. Durante o trajeto do ônibus vim presumindo isso. Solução bem brasileira. Ir e vir. Não se fixar em nada. Tanto senadores, deputados, ministros, como funcionários, amanuenses e bedéis. Sistema implícito na filosofia do caranguejo. Vocês já pensaram ao menos na distância? Nas viagens? Na moradia?

— Vou responder por partes — prontificou-se Lia. — Daqui ao Planalto Central não se vai mais em lombo de burro, nem ainda de trem. Vai-se de avião, ou pelo menos assim iremos e viremos nós. E gratis. De três a

uma hora apenas, conforme o tipo de aparelho. De maneira que a distância, 940 quilômetros em linha reta, é feita no mesmo tempo que de automóvel o trecho da periferia carioca. Vamos trabalhar e residir provisòriamente no próprio recinto da NOVACAP, fora do Plano Pilôto, distante da barafunda das obras. Mas tão cedo seja possível nos transferiremos para uma residência nos blocos construídos pela Caixa Econômica.

Após azucrinarem dona Clamentina duas noites e duas manhãs, as gêmeas a levaram para ser hipnotizada pelo chefe do Departamento Administrativo e para ser magnetizada pelas assistentes dos conselheiros. E ela acabou consentindo que as filhas (eram maiores, já podiam até estar casadas tendo-a deixado literalmente sòzinha!) experimentassem em caráter provisòrio, tantas eram as vantagens oferecidas. Ainda por cima lhes cedeu Isaura, a criada velha, com a qual as meninas não abusavam, porque ela se fazia obedecer e respeitar.

— Modos, heim? Mais respeito e menos confiança. E, principalmente, juízo! Lembrem-se que muitas vêzes machuquei os dedos com alfinetes ao mudar-lhes as fraldas!

Mas a espontânea intimidade de qualquer delas com Amauri a bordo parecerá comportamento cerimonioso de turistas em trânsito comparada com a intimidade que gradualmente se ia desenvolvendo em terra firme.

Há que ver Lia ou Raquel, ou mesmo Jaci em Brasília e principalmente no Rio em relação ao simpático pilôto! Na Guanabara, por exemplo, êle não só as leva de carro desde o aeroporto à rua Prudente de Morais e à rua Rainha Guilhermina, como lhes fica às ordens. E elas, juntas ou separadas, apreciam tanto tal perspectiva que marcam programas de antemão, e depois não tardam a telefonar confirmando banhos em Ipanema ou no Leblon, sessões de cinema em Copacabana, passeios à Gávea e ao Alto da Boa Vista, almoços e ceias na praia do Pepino.

Como assim? Atrabiliàriamente, então? Apenas em decorrência de leis e nunca de acasos. Pois o pai de Amauri, alto funcionário do Banco do Brasil, mora entre São Conrado e o Joá, em aprazível vivenda naquela praia feroz. E o avô viúvo, conquanto residindo mais com o

filho, a nora e o neto, conserva a sua antiga chácara no Alto da Boa Vista, guardada por sobrinhas solteironas, criadagem crônica e fiéis ordenanças também como êle já reformadas.

A residência à beira-mar é um espetáculo de modernidade funcional em cimento armado e vidro corrediço, com toldos e terraços. A sua situação lembra um pouco a escolhida por Sérgio Bernardes. Ao passo que a quinta do velho Martinho Higino conserva uma placidez imperial não só nos salões e aposentos como no parque com alamedas alternadas de flamboyants e jaqueiras, a ambiência agreste se assemelhando com a que envolve a de Castro Maia. Significando mentalidades e épocas tão diferentes quanto a esculturas, quadros, lustres, móveis e cortinas, contudo têm algo em comum entre si e com as mansões citadas bem como com a de Oscar Niemeyer na Estrada das Canoas. Pois tôdas elas se inserem na paisagem carioca poupada, naquela paisagem de mata ciliar e visão marítima que fêz seus proprietários preferirem recôncavos e promontórios ainda com o aspecto tropical das gravuras de Albernaz avô e neto, Bauch e Leroy, e com o travo bucólico de Rugendas.

Raquel e Lia chamam o velho almirante de padrinho porque também nasceram naquelas bandas, verdade que bem mais para baixo, perto do Trapicheiro; por isso lhe dizem sempre, abraçando-o, "Nós, da Tijuca...", muito embora desde os seis anos morassem definitivamente entre o Arpoador e os Dois Irmãos.

Como hão de Dona Sílvia e seu Armando — e que dizer-se então do velho Martinho? — estranhar a amizade preferencial do filho e neto por essas moças de Brasília, já que são apenas três, e isso o que é em comparação com as demais garotas do grupo que rodeia Amauri?

Pais e avô já se habituaram com o sistema largado de vida de Amauri em terra. Compreenderam mesmo que isso deve significar uma trégua entre as disciplinas e as responsabilidades. Restringem-se a atender telefonemas contínuos para êle sempre que a criadagem se acha ocupada ou se faz de surda. Não estranham quando, descendo de seus aposentos, ou entrando do parque, do areal, o encontram só de calção de banho, ou fardado, conversando pelo telefone em monossílabos ou em frases inaudíveis,

mantendo o aparelho prêso entre um parietal e um ombro. É muito menos estranham a série de automóveis grandes e pequenos, novos ou velhos, que entram rampa abaixo ou acima e que se enfileiram no gramado despejando gente. Rapazes e garotas de *short*, *blue-jean*, calças de Far West, maiô, *bikini*, vestido, *smocking*, e que entram, dizem "chau", perguntam pelo amigo, ficam um pouco ouvindo rádio ou televisão, deixam recado, saem, voltam, esperam mais um pouco, e que de súbito dão vivas e soltam blasfêmias razoáveis quando afinal Amauri irrompe vindo do Ministério, do Campo dos Afonsos, de Santa Cruz.

Como estranharem mais três criaturas avulsas, juntas ou separadas, que logo aprenderam a mesma filosofia de otimismo, o mesmo dialeto de universidade e de repartição, de clube e de praia, que raramente aparecem vindas de Brasília e que logo somem não se sabendo quando retornarão?

Aliás, que é que tôdas essas garotas, ou entre tôdas elas uma ou outra representam isoladamente na vida de Amauri? Que é que representará esta ou aquela na existência dos demais rapazes seus amigos?

Elas e êles constituem um grupo entre os muitos grupos de Copacabana, Ipanema, Leblon, Lagoa, Botafogo, Flamengo, Tijuca, entre a turma radiosa dos *Caiçaras*, do *Anhangá*, do *Costa do Sol*, do *Floresta*. São apenas alguns elementos da singular nova geração brasileira que por sua vez é parte da geração mundial do pós-guerra. Não têm como emblema a imagem do cogumelo sinistro cujo nome nem se lembram de proferir. Isso de bomba atômica é desculpa para a inércia e a disponibilidade, pretexto ambíguo para prévios malogros ou para adiamentos perpétuos. Trata-se, no caso dêles, dum conglomerado vivaz, intuitivamente otimista, cujos elementos se atraem pela lei das afinidades.

Uns estão terminando cursos, preparando-se para concursos, cavando bôlsas de estudo, especializando-se, e só aparecem nos intervalos de suas programações. Não fazem parte dos desvairados, dos *zazous*, dos *angry young men*, dos *mods*, dos *provos*, dos cabeludos, dos guedelhudos, dos apocalíticos, dos *hell's angels*, dos centauros montados em motocicletas com perneiras do Texas e blusões de couro da Califórnia.

Outros já engrenaram na vida, nas profissões, como Amauri, como fulano, beltrano, sicrano. No Exército, na Marinha, na Aeronáutica, nos bancos, nas emprêsas, nas usinas, nas clínicas, no Forum, na arquitetura; alguns dêles já fazem face ao destino, ao passo que outros ainda devaneiam.

O velho Martinho, que lutou com as vagas do alto mar, no princípio quando guarda-marinha, estranhava que se amasse o oceano, visto bastar uma noite de tempestade durante um quarto no castelo da proa para se sentir o inimigo traiçoeiro que eram as águas invadindo tombadilhos, cavando abismos esverdeados diante das quilhas. Estranhava que amássemos um navio se nêle não podíamos confiar, tal a sua covardia diante dos elementos gemendo nas enxárcias, estalando nos mastros, arremessando-nos de bruço nas tábuas alcatroadas. Mas tivera depois a experiência dos cruzeiros, a pertinácia de obedecer à agulha na bitácula e às cartografias, de esperar a bonança para sentir a sua canhoneira, batida de sol, de luar, transpor latitudes e longitudes, obedecer às suas mãos na roda do leme.

Martinho Higino, quando, como antes outros oficiais de marinha — os casos de Barão de Teffé, do almirante Guilhobel, do almirante Ferreira da Silva, do comandante Melo Nunes — foi requisitado pelo Itamarati para demarcar fronteiras no Oeste e no Norte fazendo parte de comissões, pensou que se ia desiludir quando esgotava as suas energias na solidão dos descampados pedregosos, dos cerrados de muricis, dos capoeirões de macambiras, das selvas de sumaumeiras e itaúbas, de muipirangas e mulateiros, de sumarês e cumarus, ou quando à noite ouvia o estridor das feras. Mas logo que aprendeu a amar a vastidão, a dominar as matas justafluviais, a discernir os tucuns dos biritis, o pau-d'arco da peroba-rosa, o cascalho do cupim, foi um custo voltar ao Rio, aceitar a proposta de o recompensarem com o cargo de adido naval em Haia, em Londres.

Agora, diante do neto, dos companheiros do neto, das amiguinhas do neto, se revia prospectivamente e esquecia a velhice. Ah! Aquela turma jovem, que resolvia tudo depressa! Sua preferência, entre todos, era pelas moças de Brasília que até já pareciam ter um aspecto

biológico e espiritual da juventude futura de lá, assim como por êste Brasil adentro a avifauna dos campos limpos e a fitofisionomia dos cerradões diferem tanto das aves do litoral e da flora ciliar.

Raquel e Lia tinham tido a coragem de optar. Jaci tivera o brio de permanecer. As duas primeiras haviam trocado o asfalto pela tapiocanga. A outra trocara a brenha pelo cerrado. As três, mal ouviram falar em Brasília, logo se mexeram, agiram, providenciaram remoção para lá, pressentindo a possibilidade duma vida diferente, duma existência inédita.

Já alguns anos antes Amauri, escolhendo a aviação, decidira permutar a rotina urbana pela aventura das altitudes, o marasmo da inércia pela velocidade das distâncias. E sempre que voltava era por pouco tempo, apenas para sentir a atração de ambíguas novidades e assim se compenetrar cada vez mais do acêrto de sua escolha. Até mesmo os seus assuntos de conversa eram só entre roda idêntica de profissionais das mesmas tarefas, que se interpelavam por exemplo sôbre o tri-reator construído pelo grupo Hawker-Sideley e equipado com turbos-reatores Rolls-Royce, ou que se mostravam curiosos quanto ao Tupolev-124.

O almirante Martinho, que sempre lamentou não ter tido netas e que por isso gostava de tôdas as moças bonitas e inteligentes, nem sequer perdia tempo em disfarçar suas preferências. Demais a mais, tendo sido adido naval em embaixadas brasileiras no Exterior, aperfeiçoara no trato social a arte, nêle já congênita, das receptividades efusivas. Assim que chegava Lia ou Raquel, êle retinha uma ou outra — sucedia às vêzes chegarem juntas — num abraço que não era o apêrto catatônico dos velhos gagás mas o amplexo dos avós honorários, e bradava não com a voz pigarrenta dos indivíduos já trôpegos mas com a vibração dos patriarcas anti-sedentários:

— Como vai a Pomba Goura? Como vai a Pomba Pariri?!

Saberem-no ciente de tais apelidos alegrava-as; sinal de que o neto conversava com o avô a respeito delas.

Quanto a Jaci, que geralmente aparecia sòzinha e dentre tôdas era ainda assim a que mais freqüentava a chácara do Alto da Boa Vista, para essa o almirante re-

servava tratamento especial, que nada possuía dos onomásticos sediços da literatura lírica indígena — Iara, Marabá, Paraguaçu, Moema, Iracema. Valia-se, isso sim, dos seus conhecimentos lingüísticos aperfeiçoados durante anos de serviços como membro de Comissões Demarcadoras de Limites e de Acordos da Segunda Divisão do Itamarati no Oeste e no Norte; conhecimentos êsses dos quais soubera servir-se para em 1938 — ao representar o Brasil no Primeiro Congresso Internacional de Toponímia — provar o pioneirismo em tal sentido, o da Toponímia Brasílica, de Frei Francisco dos Prazeres Maranhão e Lacerda de Almeida contra as teses de colegas dando prioridade a Lourenço da Silva Araújo e Inácio Acióli. (Todo velho tem suas implicâncias, birras e teimas).

Sim, reservava uma revoada de palavras graciosas, consentâneas com a delicadeza física e temperamental da linda criaturinha. Nada de usar tupi, nem guarani, não senhores. Abraçando Jaci, desferia devagar, à maneira de vocativos, palavras que indicassem sua distante e remota proveniência para além mesmo da Hiléia. Palavras especificando, mais do que tribos esparsas, possíveis raças pré-colombianas migradas! Palavras cujos fonemas musicais, significando origens múltiplas como de flôres esparsas, de aves canoras, de insetos multicores, a incensassem quais volutas de turíbulos:

— Taurepã... Galibi... Uapixana... Ipurinã... Baniva... Baré... Aparai... Aimará...

Quase sempre ela se restringia a entrefechar as pálpebras e escutar. Mas certa vez o lisonjeou provando que poderia chamá-lo por sua vez não de almirante, nem mesmo simbòlicamente de intrépido taperara ou, mais ìntimamente, de ameraba honorário visto que êle em certa altura da vida abandonara provisòriamente o mar pela selva. Rendeu-lhe o preito respeitoso de sempre porém mediante o cerimonial dum protocolo análogo:

— Obrigada, panaquiri. Salve, tamuxi! A bênção, amure, curaca!...

A conselho do avô — que para isso tinha motivos de saudade e de orgulho — Amauri havia estreado na carreira colaborando pessoalmente na obra de integração da coletividade nacional. De forma que, dois anos antes de se

iniciar a nova capital do Brasil no Planalto Central, êle já conhecia paragens e mais paragens muito para além das coordenadas de Brasília. Como o avô quatro décadas antes. Mas se o brioso oficial de marinha tinha ido em navio do Lloyd, em gaiola, em vaticano, em lombo de burro, em "montaria" de seringueiro, o jovem oficial da Aeronáutica em dois anos cobrira durante vinte e quatro horas de cada vez sete mil quilômetros de cerradões, capoeirões, brenhas, igapós, rios, matas e selvas, na qualidade de tenente da FAB servindo no CAN.

A sua rota era: São Paulo, Uberlândia, Aragarças, Xavantina, Pôsto Leonardo, Pôsto Diauarum, Cachimbo, Jacareacanga, Manaus, Belém, Conceição do Araguaia, Santa Isabel, Fazenda do Gama, Uberlândia, São Paulo.

E que porção de responsabilidades! Manutenção e sobrevivência da tripulação e do pessoal de terra disseminado de maneira precária pelos raros campos de pouso; problemas de infra-estrutura; socorro às populações que a bem dizer vivem na dependência do Correio Aéreo Nacional; transporte de mercadorias básicas e de passageiros avulsos, principalmente enfermos necessitados de operações urgentes, para tanto bastando que um rádio-amador ou algum pôsto da Aeronáutica convocasse um avião militar.

Alígero e ubíquo qual Macunaíma redimido da preguiça da selva e do hedonismo da civilização, ei-lo que, na sua condição de técnico especializado, zarpa do Campo de Marte. A viagem até Goiânia é pura rotina. Mesmo até Aragarças agora por exemplo a rota é por sôbre regiões cruzadas pela aviação de emprêsas comerciais. Pode-se mesmo tolerar a pista de piçarra de Xavantina, que permite a aterrissagem até dum Viscount; tem estação de rádio com tôdas as freqüências do Ministério da Aeronáutica; a localidade é entreposto de passageiros e cargas para a Fundação Brasil Central, para o SPI e para o PNX. De tanto baixar ali, um oficial acaba tendo idéia formada a respeito do Serviço de Proteção aos Índios e do Parque Nacional do Xingu.

Amauri costumava demorar-se para revisão de motores no Pôsto Leonardo, onde sempre que descia o rodeavam índios — homens, mulheres e crianças — pedindo cigarros e dinheiro.

Não se aventurou para aquelas bandas com a pressuposição de que ia sobrevoar sòmente selvas. Além do entusiasmo de jovem, dispunha do incentivo esclarecedor do avô que lhe abarrotou a mesa, a cama, o sofá, com material do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, do Arquivo do Exército, da Comissão de Linhas Telegráficas e Estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas, e com livros, relatórios e monografias da sua biblioteca particular, durante semanas, na hora do café, do almôço, do jantar, saturando-o a respeito de obras como *De Rororima ao Orinoco*, *O Selvagem*, *Idiomas Indígenas*, etc., falando de pessoas como Koch-Gruenberg, Couto de Magalhães, João Felipe de Betendorff, Rodrigues Ferreira, Cândido Mariano da Silva Rondon, ou então evocando suas viagens quando capitão de fragata aos rios Itaboca, Jamundá e Trombetas.

Mas Amauri restringia sua curiosidade a uma zona apenas, aliás incomensurável, intimando o avô a explicar-lhe o que era afinal de contas isso de Hiléia.

Antes não o fizesse, reservando-se para vir a saber de chôfre. Pois durante uma hora o velho Martinho o tonteava com trechos que a sua invejável memória retinha.

— Diz ou melhor escreveu o Dr. Alfredo da Mata, médico e baiano como Alexandre Rodrigues Ferreira: "O Estado do Amazonas ocupa a região genuinamente silvática do grande Vale. Humboldt chamou-a com muita exatidão científico-humanística Hiléia, isto é, florestas periòdicamente inundadas". Já um certo Sampaio, botânico emérito ao seu tempo, afirma que o têrmo "hiléia", criado por Humboldt para a região amazono-oenocense, se aplica também à África Equatorial (região do Congo), à Insulíndia e a um trecho do Indostão e da Indochina; pelo quê, há a distinguir uma Hiléia americana, uma Hiléia africana e uma hiléia asiática. Essas três hiléias, além do complexo clímato-edáfico análogo, têm ainda similitudes ou analogias florísticas além da mesma exuberância florestal e do heteroclitismo, sendo contudo diferentes pela diversidade de endemismos ou exclusividades. Mas eu acho, como Raimundo Lopes, que dum modo geral, na flora como na fauna, a identidade não é perfeita nem mesmo entre a pequena Hiléia ou maranhense, e a grande Hiléia.

— Escute, me diga apenas o que ao voar distinguirei como sendo mesmo a Hiléia.

— Compreendo. Está certo. O seguinte, pois. Não pela minha bôca, mas pelas palavras de Gastão Cruls. "Não só essa gigantesca planície que se estende do sopé dos Andes ao Oceano, como ainda parte do Alto Orinoco, as três Guianas, o baixo Tocantins, o litoral paraense e mais determinado trecho do litoral maranhense estão revestidos de floresta quase ininterrupta, bem equatorial, com características próprias, a que Humboldt (eu acho que foi Bonpland) aplicou pela primeira vez o nome de Hiléia."

— Ah! Bem. Obrigado.

— Portanto, isso de Hiléia tropical amazônica não será apenas brasileira, pois que se na área ainda agora demarcada se acham integralmente os nossos Estados do Pará e do Amazonas, o Território do Acre, o norte de Mato Grosso e de Goiás, além do já citado maciço guianense com as suas três possessões européias, também nela se integram grandes porções da Venezuela, da Colômbia e do norte da Bolívia. Nas vertentes em que êsses países volvem águas para a bacia do rio Amazonas, vertentes essas que raramente ultrapassam trezentos metros, corre o mesmo revestimento de selvas, mosqueado apenas, aqui e ali, de insignificantes manchas de campo.

— Perfeito. É como se eu já estivesse vendo.

— Faltam outros aspectos. O Brasil aí para dentro, rapaz, não é só floresta. Há muito campo limpo, muito cerrado. E felizmente para vocês aviadores, pois poderão descer, marcar lugares de pouso, etc. Felizarda, a geração de hoje. Em horas percorre com asas o que nós durante meses percorríamos de navio, de igaraté revestido de panacaricas, de gaiola tendo rêdes como camas, ou no lombo de mulas de orelhas sempre em pé por causa do faro das onças. Vocês voltam logo à base inicial; nós tínhamos que ficar semanas em Belém, semanas em Manaus; meses em acampamentos. Mas ah! Conheci muita coisa interessante, muita gente formidável! Rondon, Stradelli, Nimuendaju, Carlos Estêvão, Goeldi. Vocês dispõem de aparelhos, mostradores, relógios. Nós tínhamos que levar às costas teodolitos, trânsitos, cadernetas de campos, rolos de mapas. Hoje em dia vocês vão, dão uma breve espiada,

voltam para a civilização. No nosso tempo! Mas eu gostava! O Belém e o Manáus que você vai conhecer agora eram tão movimentados no meu tempo!

— O senhor conheceu a grande época da borracha?

— Já peguei apenas o fim.

— A Madeira-Mamoré?

— Só a terceira tentativa, mas ainda com muita endemia, muito inglês e muito americano maluco. Dizem que os latinos são aventureiros, boêmios. Que nada! Só na terra dêles, os *gueux* e os *clochards* pelas estradas de França... Raramente outro Rimbaud dá uma banana para a Europa e vai para os desertos e as selvas da Abissínia. Ou outro Gauguin... Preciso descobrir por onde anda o livro que me impeliu para as selvas. Aliás, dum autor estrangeiro, tipo Conrad. Chama-se *O Mar e a Selva*. Ninguém jamais escreveu melhor sôbre o oceano e a tempestade, sôbre a selva e o rio, do que Tomlinson. Sua avó ficou sem me ver quase dois anos. Por fim tomou um návio do Lloyd, foi se encontrar comigo no Pará.

— Na selva?

— No teatro. Num camarote onde eu estava ouvindo Caruso.

De fato, primeiro cerrados, capoeirões, campos limpos. Depois, florestas.

A sensação da selva teve-a Amauri a primeira vez nas lonjuras da margem do Taraiti. Algo maciço até o Xingu. O avião tinha essa prerrogativa: a pretexto de levar doses farmacológicas de progresso, testemunhava a densidade intata.

Êle sobrevoava aquelas vastidões sem idéias preconcebidas de invasor, etnólogo, botânico, missionário, antropólogo e militar. Restringia-se a gozar o espetáculo dos cenários sucessivos, sentindo-se Mermoz e De Pinedo.

A dez minutos do Pôrto Leonardo estava o Pôsto Xingu, cuja pista é de terra socada, mas dispõe de rádio-farol para proteção ao vôo e estação telegráfica montada pela Diretoria de Rotas da IV Zona Aérea. Daí a pouco mais de meia-hora, o Pôsto Diauarum, cuja pista de pedra permite operações para o Curtiss-Commander. Contato pitoresco com elementos de diversas tribos de todos os grupos lingüísticos: caribe, aruaque, ticuna, trumai, juruna, jê.

Aliás, a primeira vez que viu um índio em seu próprio habitat, ficou nervoso, tomado duma curiosidade que mais parecia cautela. Julgava que fôssem selvagens, sem permuta senão rudimentar com a civilização. Mal desceu do aparelho, lhe veio ao encontro um velho nu, de quase dois metros de altura e corpulência de estátua, com a genitália à mostra, e com um braço estendido. Supondo que o índio quisesse ajudá-lo a carregar a valise e a capa, Amauri lhos aproximou com ar de gratidão. Mas, dando mais um passo de Y-Juca Pirama e aconcavando a mão em concha senão em garra, o gigante bronzeado e reluzente grunhiu:

— Quinhentos cruzeiros.

Naquela primeira viagem, entusiasmado, Amauri deu-lhe uma nota de quinhentos. Na segunda, uma de duzentos. Na terceira, uma de cem. Na quarta viagem, compenetrando-se de que se tratava duma cobrança a prestações de antiga apropriação indébita levada a cabo por outros, recusou peremptòriamente:

— Não tenho! Não amole!

O índio reagiu com um palavrão bem português, vernáculo, fazendo ainda menção de dar-lhe um trompaço com o peito.

Sempre que Amauri contava isso no Campo de Marte ou de Cumbica, a turma se esbodegava de rir, tal o jeito com que êle imitava a voz, a atitude e a insolência do tuxaua.

E tolo seria quem deduzisse dêsse fato que a penetração de intrusos na selva é que acabara redundando em má influência para os aborígenes. Pois o major Lima contou que num patá da tribo mariquitari surpreendera em flagrante o mecânico e o radiotelegrafista nas piores bandalheiras com três índias, inclusive uma velha, sendo que o murubixaba, que aprendera a cruzar baralho velho, jogava paciência enquanto a mulher e as filhas pervertiam a tripulação do C-47.

Em Jacareacanga se faz a entrosagem do CAN com o CAN — Am. Amauri chegara a primeira vez a Manaus num dia de calor canicular e percorrendo a cidade e o pôrto se lembrava das palavras do avô.

Foi como a chegada a um súbito mundo intermediário, onde houvesse descido não dum bimotor mas de bordo do

Lobo d'Avila. No Mercado Municipal ofereciam-lhe estranhas pechinchas:

— Olha o tracajá do Tocantins.

— Dois tucunarés, os últimos, quase de graça.

— Compre-me um tambaqui. Ou prefere matrinxãs?

No vestíbulo do hotel um regateiro quis impingir-lhe um isqueiro alemão em série como sendo um muiraquitã de jade.

E êle a roçar as calças da farda em pirarucus secos, em tartarugas viradas de costas, cada qual com mais de noventa quilos e cuja sopa daria para cem pessoas. Percorreu o *Teatro Amazonas*, remanescente do tempo do apogeu da borracha, espécie de palácio rococó nas selvas da Índia para rajás do tempo de Kipling; parou diante do *foyer* cujas colunas diafragmavam painéis de Capranesi e Santofani. Ali, antigamente, durante as temporadas líricas e dramáticas, seringalistas milionários passeavam envergando nas *matinées* ternos de linho branco engomados na Ilha da Madeira, e nas *soirées* casacas feitas na alfaiataria Almeida Rabelo, do Rio; e enquanto isso, apesar dos intervalos curtos, fumando charutos *Partagas*, de Havana, que acendiam no fim de cada ato com notas de quinhentos mil-réis enroladas como pavio.

Dois anos sobrevoando campos limpos e brenhas, cerrados e florestas virgens. Agora, desde janeiro de 57, fazendo outra rota. Rio-Brasília e vice-versa, enquanto ùltimamente colegas mais espertos iam aos States buscar aviões F-80, da série Mono-Reator. Pois o país inaugurava o regime das metas em terra, mar e ar. Bastaria uma referência de passagem àquêles aparelhos, outra ao porta-aviões adquirido na Inglaterra; mais outra à barragem de Três Marias; outra ainda à de Urubupunga, bem como ao reator paulista, às estradas de rodagem, à meta petrolífera e à indústria automobilística, sem esquecer os altos fornos já em vias de produzir dois milhões de toneladas de aço por ano.

Sem dúvida, no período do CAN, Amauri soubera transformar a teoria em prática e até mesmo em rotina. Mas foi o avô quem lhe infundiu ânimo e pertinácia, muito embora por sôbre as regiões que cruzava e nas nesgas onde descia o neto sempre se sentisse malogrado candidato a pioneiro. Como ser bandeirante, se de alguns mil

metros de altura, via poèticamente tôda a difusa paisagem de 360 graus transfigurada em colgaduras ora unidas ora quase sobrepostas? As tramas de matas e rios, de montanhas e planaltos ora pareciam tapeçarias urdidas pela natureza, ora incomensuráveis esteiras, apás e tangas trançadas por tribos invisíveis.

Aquilo era empolgante e majestoso, por causa das côres vibrantes ou das opacidades tensas, que o sol se encarregava de cobrir com resinas de refração. Outras vêzes se assemelhava a colagens e a montagens por sôbre as quais o avião firava reduzido a fiapo de paina soprado pela carranca da Rosa-dos-Ventos.

Nas poucas vêzes em que durante a temporada no CAN Amauri veio ao Rio, o avô Martinho se encarregara de checar-lhe a adaptação àquêle mundo diferente. O sistema usado era misturar casos seus antigos em Manaus, em Belém, no Rio Negro, com as impressões recentes do neto quer naquelas cidades quer em regiões análogas às citadas. O cenário para ser recriado tinha que se apoiar em terminologia local, em que o almirante era um às por causa de suas leituras e de seus estágios. Assim Amauri, que através da *full window* via descampados ou florestas, tomando-os a princípio como áreas genéricas pardas e marrons, verdes e densas, tumefatas ou rasas, ficava com cara de bobo quando o velho indagava:

— Notou a beleza do pau-d'arco, a arrogância do jatobá, os maciços de paus-marfim, as guirlandas de escada-de-jaboti que impedem as aves de voar dentro da mata escura e intrincada? E, já ao contrário, nos cerrados, a sensação de terra queimada, com os caimbés esqueléticos e as paricaranas retorcidas? Viu como afinal de contas na selva tudo se reduz à floresta de terra firme e à floresta inundável, ao passo que nos descampados pompeiam aqui e ali caapãs isolados, no máximo uma ou outra deveza, uma ou outra ibiraguiba?

— Ora, avô, eu vôo a dois mil metros de altitude!

— Já sei. Mas quando desce nos campos de pouso de terra batida ou de piçarra não passeia, não se deixa guiar pelos cablocos, não pergunta: "Que árvore é esta? Como é que vocês chamam isto aqui?" Nunca volveu o olhar para as frondes da curupita, da carareúba?

O neto sorria desapontado, desculpava-se:

— É a mesma coisa, quanto a êsses nomes, que eu estar no estrangeiro, ouvindo tcheco ou coisa que o valha. Sei por experiência de acampamento que andirá é morcêgo, que coruja é caburé, que ibirá é cêrca...

O avô, limpando o cachimbo, misturando o fumo de diversas latas, isto é, conforme êle próprio dizia, "colecionando cachimbos e colesterol", reavivava as suas impressões:

— Mundo soberbo para a flora e para a fauna. Trágico ainda para o homem. Só a rodovia humanizará o sertão ínvio. Que drama as primeiras tentativas de progresso! Lá num trecho da Madeira-Mamoré ainda pude ver junto ao Hospital de Candelária o cemitério dos empregados da ferrovia malsinada. Um pedaço da mata foi pôsto abaixo, só ficaram os cepos para nêles serem fincadas as cruzes brancas. Como num cemitério da Primeira Grande Guerra em Chemin des Dames. Ainda vi as locomotivas abandonadas pela emprêsa Collins, promovidas a ninhos de gibóias e sucuris. A caldeira virou banheiro de antas. O sonho do coronel Church, apesar do seu nome, foi uma ilusão que o Diabo desmoralizou; cada dormente, mesmo os lançados pelo operariado de *May, Jekyll & Randolph*, representa um cadáver humano. Num trecho desmantelado da via férrea, com trilhos paralelos descendo e subindo como montanha russa pelos abismos, os fios telegráficos continuam esticados ou frouxos. Mas, falemos em outra coisa. Falemos por exemplo nas minhas estadas nas capitais da borracha, Manaus e Pará. O nosso comportamento durante o apogeu da hévea foi o de subdesenvolvidos, de novos-ricos ignaros! Sim, há que se escolher um adjetivo a Euclides. Compare-se, a propósito, aquelas atitudes da burguesia nortista com a esclarecida cautela estatal no caso agora de Brasília! Quanto ao passado tomemos o exemplo dum dêsses protótipos: a família Gaudêncio Nogueira de Abreu.

Após gastar vários fósforos recusando o isqueiro do neto, o almirante prosseguiu:

— Gaudêncio Nogueira de Abreu, um sujeito bronco mas ambicioso, teve mais fama no Norte do que, no seu tempo, José Veríssimo, Inglês de Sousa, Artur Lemos, Alberto Rangel, ou, antes dêsses, logo no comêço da República, Bento Fernandes, Justo Chermont, Lauro Sodré e os meus colegas da Marinha, José do Nascimento e Huet Bacelar.

Amauri já estava achando aborrecida aquela lista.

— Ainda a bordo para aquelas bandas, a conversa nos navios do Lloyd era a *Madeira-Mamoré*, a *Port of Pará*, o grupo Farquhar, a borracha, o Acre, a *Amazon Steam Navigation*, o seringalista Gaudêncio Nogueira de Abreu, dono absoluto de latifúndios do tamanho da Suíça ou da Bélgica.

— Olá!!!

— Não se admire, porque ainda há disso aqui por perto, na Alta Paulista, no Pantanal. Mas, conforme eu ia dizendo, êle imperava pela onipotência difusa, diabólica. Seringueiro algum jamais o viu em pessoa nos seringais. Mas tôda gente em Manaus e em Belém o via entre autoridades, convidados, asseclas e prepostos. Seringueiro que trabalhasse para êle tinha a fôrça que sair logo da condição inexperiente de *brabo, gorgulho, calças frouxas*, porque ou virava depressa *manso*, ou era despedido. Bastaria o coitado se enganar, confundir pescoço-de-veado, seringurana, balateira, escaldada, ananu com seringueira mesmo para sofrer descontos. Comida era só jabá, farinha de água e chibé. Quem se metesse a criar escondido galinhas, capotes, xerimbabo, ficava sem a criação. Caso caísse doente, com acessos de impaludismo, não tinha cobertor para se esquentar na hora da tremedeira; e quem se sentisse minado pelo beribéri acabava virando esqueleto vivo por algum tempo até se tornar defunto mesmo, antes disso só dispondo, aquêle ou êste, dum único remédio, o "lambedor", isto é, xarope de jandaíra. Pelo quinino teria que pagar uma fábula. Isso sem se falar nos outros inimigos, os bichos. No chão, surucucu, araraboia, cascavel. Na água, sucuriju, piranha, poraquê, arraia-de-fogo. No ar, mutuca, muriçoca, carapanã. Ah! O meu tempo lá no Norte! Foi em Belém do Pará, freqüentando a casa comissária do Visconde de Santo Elias — ponto de reunião vespertina de políticos, jornalistas, intelectuais, funcionários e comerciantes comanditados — que me familiarizei com o mito Borracha. E já bem tarde, longe do antigo apogeu. Ali comprendi a fôrça duma espécie de Liga (não Hanseática mas) Amazônica de certa burguesia rural nor-

tista que açambarcava em suas mãos o comércio das pelas, desde a extração até a exportação da borracha. Uma aristocracia ambiciosa mas rude, imitadora ridícula dos nababos e como êstes exibicionista. Chegou êsse grupo a constituir algumas dinastias, mas de curto prazo, três décadas no máximo. Repugna-me dar-lhes o nome de dinastias. Vejamos por exemplo o caso dos Gaudêncios, pai e filho. Só consinto a mim mesmo chamá-los respectivamente de Gaudêncio Primário e Gaudêncio Secundário.

— Compreendo perfeitamente.

— Levavam um vidão, encarregando os fiscais e os capatazes, verdadeiros carrascos, de lhes propiciarem de qualquer forma um rendimento x. Êsses prepostos dividiam o latifúndio em *colocações*, organizavam as turmas de nordestinos que tinham que abrir os *varadouros*. Ai de quem produzisse abaixo de determinada cota! Ai de quem fôsse apanhado descansando escondido no vão duma sapopemba ou se banhando num perau! Um dia, um jornalista carioca chegando a Belém após conscienciosa inspecção em vários seringais, publicou num jornal secundário o primeiro artigo duma série necessária de reportagens. O artigo era algo, digamos, mais ou menos assim.

E o almirante, com a sua habitual facúndia, sem a menor pressa, improvisou o trecho crucial:

> *Mesmo admitindo-se como desculpa que os governos estadual e federal, por injunções mesológicas (naqueles tempos não empregavam a palavra "ecológicas") que retardam o aperfeiçoamento administrativo não possam ainda oferecer aos seringueiros assistência médico-hospitalar, educacional, técnica e social, é de surpreender a resignação dêles ao estado em que vivem, tão abaixo da dignidade humana como escravos que melhor fôra permanecessem párias por inércia. Nem queremos referir-nos ao futuro descalabro que aguarda o Vale dentro de algumas décadas, já que não existe produção sistematizada por ausência de sementes, mudas e máquinas agrárias. Não, não estamos exigindo colônias-padrão, embora tal falha faça prever que tão cedo não atingiremos a auto-suficiência econômica. A banha e o xarque vêm do Rio Grande. O açúcar, de Pernambuco. O fumo, da Bahia. O feijão, da Paraíba. O sal, do Rio Grande do Norte. Os tecidos e as conservas, do Rio e de São Paulo. Protelem, se não têm competência, o Banco de Crédito da Borracha que, aliás, talvez só venha a proteger felizardos da política. Protelem a Comissão Executiva da Defesa da Borracha! Adiem a Superintendência da Valorização Econômica da Amazônia! Mas não eternizem o desvalimento total do seringueiro. Acudam-no pelo menos por demagogia, proporcionando-lhe um teor de vida menos miserável, compatível com o mínimo de decência orgânica. Não permita o govêrno o paradoxo de num prato da balança se refestelarem meia dúzia de nababos e no outro definharem milhares de seringueiros maltrapilhos. Vamos expor nas próximas reportagens êsse contraste, pois é preciso que uma voz clame aos céus mesmo descoroçoada de que outras lhe façam côro. Há gáudio singular dum lado, e angústia maciça do outro.*

Aquela palavra "gáudio" foi fàcilmente considerada alusão muito direta! Os capangas, não conseguindo identificar o articulista, convocaram o proprietário do "pasquim" para tantas horas no escritório da emprêsa. Recebeu-o o chefe, um cabeça-chata de compleição hercúlea, metido em terno de linho, sendo que o pescoço taurino, ou melhor a nuca suína sobressaía em rodela de toutiço ou de unto para fora do colarinho e da gola. Lembremo-nos que naqueles tempos isso de colarinho era um artefato engomado. Não houve pancadaria nem descompostura. O dono do jornal teve apenas que engolir, ajudado por dois copos de cerveja preta, cinqüenta bolinhas de papel feitas exatamente com o recorte do artigo.

Amauri deu uma boa risada.

— A vítima, apesar dos soluços incoercíveis que a precipitada ingestão lhe causou, teve ainda assim o expediente de advertir o autor do artigo telefonando para a residência dum amigo onde êle se hospedara. O jornalista carioca, conquanto na mocidade houvesse remado e nadado na Guanabara como sócio do *Clube Boqueirão de Regatas*,

achou mais prudente providenciar por intermédio do seu hospedeiro uma passagem para o Sul no primeiro navio do Lloyd. Ainda bem que havia um com partida marcada para aquela tarde. O complexo dessa covardia compulsória persegui-lo-ia a vida inteira, a ponto de então em diante, no Rio e em São Paulo, trabalhar sempre no anonimato do *copy-desk*.

Amauri deu outra risada por causa dos saques do avô. O almirante passou para a segunda parte.

— Fui mais feliz do que o tal jornalista. Conheci de perto Gaudêncio Primário em Belém e em Manaus, e Gaudêncio Secundário no Rio, em Nova York e outra vez no Rio, pois éramos da mesma idade e antes da Primeira Grande Guerra trabalhei nos Estados Unidos junto da Comissão de Compras que o nosso Ministério mantinha teòricamente em Washington e pràticamente na Broadway. Tratemos antes do período às margens do rio Amazonas. Nas duas cidades trabalhei na década inicial dêste século na Comissão Mista de Demarcações e Acordos do Itamarati quanto à nossa fronteira com a Guiana Holandesa. Por várias vêzes, junto com os demais membros, fui convidado por Gaudêncio de Abreu para assistir a *vaudevilles* no *Teatro da Paz* onde a família dispunha de quatro camarotes permanentes. À saída do espetáculo, o nababo mandava para casa, de *Peugeot*, a mulher e as cunhadas, acompanhava-nos até outro automóvel seu, uma *Delage*, e depois se esgueirava com uma turma de amigos, desde políticos locais e imediatos de navios inglêses, alemães e americanos, até representantes de firmas comissárias estrangeiras para os camarins das artistas, precedido por algumas corbelhas. Levava-as a cear arabu, fazia-as experimentar açaí, do contrário não consentiria que tomassem champanha. Elas saíam bêbadas, cantando em português aprendido na farra:

— *Foi ao Pará,*
Parou;
Bebeu açaí,
Gostou.

Algumas até diziam:

— *Ficou!*

Levava-as a almoçar angusada ou buchada no Restaurante Matuiú, apresentava-as aos prepostos da *Amazon Steam Navigation*. Saíam todos tontos às três horas da tarde, num verdadeiro bambelô, arrotando aviú e cantando:

Who visits Pará
Is glad to stay;
Who drinks açaí,
Goes never away!

De tarde, Gaudêncio, por causa do mormaço, recolhia-se comportadamente ao seu palacete. Às nove horas, ia com a família ao teatro. Mas, da meia-noite em diante, farra! Vi-o em Manaus também. Freqüentei-lhe mesmo a sede da Companhia. Metido em terno de palha de sêda, sempre de chapéu Panamá, oferecia ora a nós da Comissão Demarcadora, ora à oficialidade dos navios e dos *cargo boats* que vinham de Hamburgo e de Liverpool buscar borracha, almoços espetaculares em sua sala estilo Império. Os pratos favoritos eram Maria-Zabé e Peito ao Forno, tudo regado com *Sauternes* e *Bordéus*. Nós, mais comandantes e cônsules, peritos holandeses a serviço da respectiva guiana, aceitávamos os convites para espetáculos de ópera no *Teatro do Amazonas*. Dois camarotes lotados com a mulher, as cunhadas e a *haute gomme* da cidade. Em frisas, êle, o prefeito, o promotor ou algum deputado e nós, mais qualquer comandante de navio estrangeiro. Êle entrava e saía da sua frisa, subia aos camarotes, voltava, enquanto tenores e barítonos, contraltos e sopranos goelavam trechos de *Os Palhaços*, *A Tosca*, *A Boêmia*.

— Incrível, avô!

— Eu tinha a idade de você hoje. Uma tarde ou outra nos encontrávamos com êle e os amigos no Palácio Rio Negro, onde tomávamos chá de Ceilão com o governador e juízes da Côrte de Apelação, provando inclusive bolinhos de aaru e tarupá e engorgitando-nos de alfenim. Enquanto isso os seus gerentes e administradores aliciavam nordestinos para as *colocações* e *os varadouros* do Xapuri. Quando lhe dava na telha largava os seus interêsses pessoais, vinha ao Rio "pugnar pelo bem do Pará", pois era senador. Instalava-se no *Hotel dos Estrangeiros*,

despachava a mulher, as cunhadas e as sobrinhas para Mendes, Friburgo, Caxambu.

— Mas o senhor não vai me falar em Nogueira de Abreu Secundário?

— Calma. Primeiro esfolemos um búfalo de Marajó, deixando que o outro apodreça na vasa.

— Com essa maneira de falar o senhor está mas é atiçando a minha curiosidade pelo outro.

— Está bem; passemos então para o segundo. Gaudêncio Nogueira de Abreu Jr., outro cabeça-chata mas não entroncado como o primeiro nem como êle insolente porque o absolutismo paterno traumatizava a família tôda, após o ginásio nos padres e uma vinda ao Rio para assistir à Exposição Internacional na Praia Vermelha, foi estudar engenharia nos Estados Unidos, jamais tendo conseguido matricular-se numa escola superior. Depois que perdeu o ar abobalhado de onanista...

— Ah! Ah!! Ah!!!

— ... que aprendeu algumas frases no idioma de Shakespeare e Melville, que decorou a trapalhada de ruas numeradas, que deixou de se equivocar entrando em ónibus só para negros...

— Ora, avô! Não voe p'ra cima de mim. Isso de descriminação racial nos States não foi, não é só no Sul?

— Afinal de contas, você quer que eu converse em forma de relatório ou com alguma vivacidade?

— Está bem. Está bem. Toque o bonde.

— Gaudêncio começou a aventurar-se por Manhattan após acordar no mínimo a uma hora da tarde; aliás, mais cedo do que em Manaus ou em Belém. Ia trocando aos poucos em dólares os guinéus, os soberanos, as libras, cujas moedas lhe pesavam nos bôlsos do colête com fímbria de fustão. Estou ainda a vê-lo na Broadway; entre Times Square e a Fiftieth Street, aquêle "magnum opus" não de São Tomás de Aquino mas de Henry Miller. Mas do anoitecer em diante é que êle se mostrava digno filho de tal pai. Pouco a pouco foi virando freguês assíduo do *Winter Garden Theatre*. E acabou perdendo o acanhamento, atiçado pela assistência heterogênea que pedia bis quando Bill Johnson acompanhava com o contrabaixo o velho Clarence cantar *Old Black Joe*. Às vésperas de Wilson meter os Estados Unidos na guerra européia, Gaudêncio voltou

para o Brasil. Sem diplomas mas com uma barata *Hudson* e uma batelada de fotografias das estrêlas de Ziegfeld do *show Midnight Frolics*, pois não perdia ùltimamente os espetáculos do *Amsterdam Roof* nem as noitadas de *ragtime* e os *latest-blues* do *Columbia Theatre*...

— Nisso que o senhor está relatando não há colateralmente um pouco de auto-biografia?

— Sim, às vêzes eu também saracoteava ao som do trombone, da corneta, do piano e da bateria da *Original Dixieland Jazz Band*. No Rio, Gaudêncio, instado pela mãe e pelas tias, prestou exame de admissão para a Faculdade de Medicina, mas nunca chegou a concluir o curso, desistindo ao cabo de reprovações, sem passar do terceiro ano, porque os professôres Bruno Lobo, Leitão da Cunha e Góis, diante de coleções botânicas, de microscópios com lâminas, de braços dissecados, lhe sapecavam perguntas assim: "Que espécie é esta?" "Isto é tecido de rim ou de baço?" "Mostre aí o nervo circunflexo e depois levante com a tentacânula o nervo radial!" Infelizmente Gaudêncio não tinha tempo para estudar porque de tarde e de noite andava de automóvel com francesas da rua Santo Amaro desde o Flamengo até o Leme, ceava com elas na *Mère Louise*, dançava tango com elas no *Clube dos Boêmios*, ao passo que de dia acordava tarde, e quando saía era para ir buscar-lhes cocaína nas agências que pululavam na *Galeria Cruzeiro* com nomes tais como *Mensageiro Expresso*, etc. Naquele tempo a droga se adquiria até pelo telefone, com mais facilidade do que uma dúzia de toranjas. De vez em quando Gaudêncinho me dava carona no *Hudson*, e era agradável saltar no Cais dos Mineiros arrotando grandeza. Sim, pois terminara a temporada do *Hotel dos Estrangeiros*, agora os Nogueira de Abreu tinham um palacete na Avenida Atlântica onde hoje é um arranha-céu no Pôsto 4. Estive lá algumas vêzes. Tudo com mobília do Leandro Martins. Aquela altura o pai, a mãe, o filho e as tias iam fazer estações de água em Caldas da Rainha, Évian e Baden-Baden, tomar sol na Figueira da Foz, em San Sebastian e Biarritz, consultar em Paris o Dr. Bensaude, visitar a Tôrre Eiffel e o *Petit Palais*, fazer compras no *Bon Marché*, etc. Eu por minha vez fui prendado com comissões no estrangeiro, demorei-me, quando voltei assumi comandos e perdi de vista aquela

gente. Lá uma vez ou outra minha mulher ou Armando me ministravam informes, mediante os quais deduzi que terminara o apogeu e principiava a decadência, ou melhor, a degringolada.

Depois que Amauri atendeu a um telefonema o almirante continuou:

— Degringolada para os Nogueira de Abreu e... para o mundo. A Crise de 29, a chamada Depressão. Para nós não foi tão ruim assim, comparativamente. O mendigo nacional ainda refugava o pão inteiro e a laranja, largando-os no gradil mal a criada sovina se retirava para dentro da casa. Ah! Deus é brasileiro sim. Mesmo agora, com o atual estado proveniente de tanta coisa, inclusive a inflação, nas favelas há rádios e televisões mais as respectivas antenas, e em cada carnaval os blocos dos morros gastam milhões com fantasias tipo Versalhes para as mulatas dengosas.

— A Prefeitura ajuda. É preciso incentivar o turismo.

— Certa manhã encontrei num ônibus *Tijuca-Ipanema* Gaudêncio Filho. Contou-me que o pai lhe arranjara um lugar no Ministério da Agricultura. Ia agora para a repartição, para a *Inspetoria de Caça e Pesca*. "Que é isso, Gaudêncio, andando de ônibus? Onde estão os automóveis?" "Virando ferro e lataria enferrujada numa garagem do Largo dos Leões. Não sabe que papai não foi reeleito, não conseguiu sequer ser deputado estadual pelo distrito de Ipuxuna?" "Vai ver que êle nunca se abalançou a visitar o eleitorado..." "É, agora êle mal vive das rendas". Riu com ironia e emendou: "Das hipotecas dos palacetes de Manaus, Belém e Avenida Atlântica. Mamãe faleceu..." "Meus pêsames". "Papai não anda muito bom da próstata". "Idade, decerto". "É sim. Não quer voltar para o Norte. Soberba. Para não dar o braço a torcer. Prefere vagar por aí. Sai de casa depois do almôço, assiste a uma sessão de cinema no *Parisiense*, bate perna até a *Confeitaria Colombo* fazendo paradas na porta da *Charutaria Londres*, do *Clube de Engenharia*, da *Joalheria Rezende*, entra na *Colombo* para urinar e beber água gelada, refaz o caminho, senta-se numa das mesas do terraço da *Alvear* a ler *A Notícia*, conversa com senadores, deputados e taquígrafos do *Monroe*, prossegue até a *Galeria Cruzeiro*, dá uma urinada no mictório da *Brahma*, fica espiando mulher subir e descer de bonde, toma um dêles para a rua Humaitá". "Bem, você gozou a mocidade, agora é meter os peitos. E as terras? Os latifúndios? Os seringais?" "O comandante sabe, a crise mundial e antes dela a crise da borracha, a concorrência do Oriente". "É verdade.! Tem razão! Lembranças a seu pai. Eu salto aqui." Isso foi, êsse encontro, já no tempo do Getúlio. Ainda vi uma vez, à distância, o velho Gaudêncio uma tarde, na *Casa Carvalho*. Trôpego, senil! Que diferença do tempo ainda no Rio quando o encontrava na *Rotisserie* bancando o anfitrião entre o Antônio Azeredo e o Antônio Carlos. Meses depois soube que êle morrera no *Hospital dos Inglêses* operado pelo Álvaro Ramos. Foi o Rogério Dantas quem me contou, tinha ido ao entêrro porque recebera um telefonema apatetado de Gaudêncio Jr. Três carros de acompanhamento até o *São João Batista*. E isso para um homem que, no tempo dos Bailados Russos de Diaghilev, das temporadas de Zaccone, Novelli e Brulet, mandava o *Sun Beam*, a *Rolls-Royce* e a *Delage* arrebanhar amigos para as frisas da sua assinatura no *Municipal*.

— O filho naturalmente zarpou para o Norte nalgum hidro-avião da companhia alemã a fim de meter-se na herança!

— Que herança?! Teve mas foi que ficar até o comêço da II Grande Guerra mofando na repartição onde só galgava por antigüidade. O palacete de Belém, sobrecarregado por três hipotecas, acabara sendo perdido. O da Avenida Atlântica durante a crise de 29 passara para outras mãos por uma tuta-e-meia. O de Manaus em 38 foi adquirido pelo govêrno federal quando estava prestes a virar casa de cômodos. Que fim triste e irônico o de Gaudêncio II! Da *Inspectoria de Caça e Pesca* foi transferido para o *INIC*, em Manaus, e durante parte do conflito mundial trabalhou no porão da casa em que nascera, reduzido a arquivista. Como sempre, me contou tudo isso o Rogério Dantas, que foi capitão do pôrto em Manaus, um dos convivas dos Nogueira de Abreu nos bons tempos. Encontro-o às vêzes na mapoteca do *Instituto de Geografia e Estatística* ou no *Clube Naval*; já reformado, mas ainda um azougue a discutir a conveniência ou não do

porta-aviões *Minas Gerais*. Conforme ia dizendo, Gaudêncio II, encarregado de arquivar no INIC a estatística mundial da Borracha, recolhia às estantes revistas nacionais e estrangeiras, vindo assim a saber, quer quisesse ou não, fatos e números. Por exemplo: que a Federação Malaia produzia a metade da borracha do mundo, vindo depois a Indonésia, Ceilão, Sião, Indochina, o Saravaque e por último o Brasil. E isso desde muito tempo, já. Só em 30, para citar uma data, o Brasil descera a 14.000 toneladas contra 800.000 do Oriente, aliás tanto quanto a produção norte-americana de borracha sintética. De tanto cochilar em cima de revistas abertas na mesa de pinho, Gaudêncio foi levando sustos.

"Como, Santo Deus?! As seringueiras dispunham no tempo de papai de cêrca de 1.000.000 de milhas quadradas. Havia 30.000.000 de seringueiras em estado nativo na Amazônia. Fabricavam-se no mundo, em tempo de paz, 37.000 artefatos diferentes só de borracha!" Em 42, deu com os olhos numa notícia: governos e estados-maiores estavam resolvidos a recrutar o Exército da Borracha! Tôdas as regiões produtoras do Oriente se achavam nas garras dos japoneses, e os Aliados, os ianques, o *Pentágono* precisavam da borracha do Brasil, da Amazônia. Gaudêncio deu um pulo, largou a repartição, foi conversar com o Dr. Peixoto Sodré, deputado e advogado. Pediu-lhe pelo amor de Deus que aceitasse o encargo de ir ver as terras dos Nogueira de Abreu, prometendo documentação, mapas, roteiros, títulos de posse, balanços da Companhia, contabilidade de 30 anos. Pedisse os honorários que quisesse, a borracha ia subir, a exportação ia recrudescer, fariam um contrato, etc., etc.

— Tarde piaste!

— Gaudêncio tocou para o sobrado da tia, desceu ao porão, achou tôda a tralha destruída pela umidade, pelos ratos, pelo bolor, os pacotes arrebentados, teve que fugir de aranhas, lacraias e escorpiões. Contabilidade de 30 anos, documentos do tempo da Madeira-Mamoré, da questão do Acre, tudo estraçalhado. Saiu. Foi procurar os antigos guarda-livros. Tinham morrido. Ainda descobriu dois velhos administradores que se comprometeram a acompanhar o Dr. Peixoto Sodré, a localizar os seringais. Gaudêncio assinou promissórias, assumiu compromissos.

caiu na mão de agiotas, para financiar a viagem. E virou uma pilha. O que herdara mesmo e até com juros compostos era a implicância de Manaus, da sua população, implicância essa transformada em desdém, tôda gente torcendo para que êle acabasse de se danar.

— E afinal?

— O Dr. Peixoto foi. Não de gaiola, mas de avião, com os dois antigos capatazes. Achou tudo grilado. Posseiros nas terras abandonadas, desde Caruauri até Ipixuna. E já com direito de usucapião. Enquanto aguardava o regresso, Gaudêncio tinha como funcionário que remeter gente para os *varadouros* do govêrno, êsse sendo o seu trabalho durante o dia. Durante a noite não pregava olhos por causa da temperatura tórrida no quarto da pensão. O pouco que conseguia dormir era para expor-se a pesadelos vendo-se, sentindo-se perdido na selva, em plena escuridão, à mercê das vaias dos jurucutis, do apupo dos urutaus, da investida dos rasga-mortalhas! Acordava apavorado, punha-se a andar dum lado para outro, feito personagem de dramalhão de circo, amaldiçoando a mocidade esbanjada em besteiras e farras.

Amauri deliciava-se. Não com a desgraça dum imbecil, mas com a ênfase das descrições do avô.

— E Gaudêncio a esperar o Dr. Peixoto, mais o Daniel e o Fortunato. Raio de nome sarcástico, que só podia dar azar! Vinham-lhe lufadas de esperança. Não, a borracha não fôra para o beleléu! Estava retida em potencial nos troncos, jamais se esgotaria como o ouro que, êsse sim, se escoara no Transvaal, na Califórnia, no Alasca, nos Urais, adeus pepitas, filões, aluviões... A comissão voltou de cabeça baixa, com certidões de cartórios de Tarauacá e Ipixuna. Tudo perdido. Mas as promissórias tinham vencimento. O Dr. Peixoto perdera 60 dias. Mandou os títulos para o protesto. Gaudêncio conseguiu misericórdia com uma tia octogenária, para liquidar a dívida.

— De modo que a dinastia...?

— Sim, a situação mundial mudou depressa. Os americanos escorraçavam com lança-chamas os nipônicos das selvas, das penínsulas, dos arquipélagos do Extremo Oriente. O govêrno brasileiro quase não teve tempo de mandar borracha para os seus Aliados. E começou a

segunda fase da carreira burocrática de Gaudêncio II no Norte. Não mais sentado diante da mêsa de pinho no porão da casa em que nascera, porém removido para Guaporé, mais tarde para Guarajá-Mirim, como disseminador às pressas, empìricamente como sempre, do Exército da Borracha. Êle, o filho dum donatário da Hiléia! Foi parar com os seringueiros em Monte-Alegre, em Manacapuru. E de súbito, recebeu outra incumbência. Recolher, como funcionário da *LAB*, tôda aquela gente, recambiá-la para Manaus, para Belém, para o Nordeste, porque a guerra acabara, os ianques haviam arrasado Hiroshima.

— Que coisa, heim, avô?!

— Sim, êle, Gaudêncio Secundário, arranjar camas e necrotério nas hospedarias e nos hospitais, passagens e rêdes nos navios... Foi o que fêz, todo grisalho, durante meses. Por fim, voltou para a mesa de pinho no porão da Avenida Eduardo Ribeiro, a arquivar boletins do *BCB*, do *Instituto Agronômico, da Comissão de Contrôle dos Acordos de Washington,* sem conseguir virar anônimo nas ruas da sua cidade natal, tôda gente se lembrando dos Nogueira de Abreu com ar de raiva vingada.

— Ora, ora! Comparado com os seringueiros do tempo do pai e do tempo dêle, o estupor ainda teve a sorte de poder parasitar até a hora da aposentadoria...

— Bem, meu caro, os ex-seringueiros, pelo menos os da Segunda Grande Guerra, contratados pela *SEMTA* e pela *INIC* e recambiados pela *LAB,* que haviam cajelado as mãos e a paciência sangrando hévea no Brasil e que decerto por fatalidade de párias estariam dispostos a sangrar castiloa na América Central, maniçoba na África e barriguda no Inferno, tiveram sorte, viraram candangos.

— Bravos, avô! O senhor é o patriarca do otimismo.

— Em absoluto. Já agora não estou sendo retórico. Apenas reconheço um fato real. Nunca houve no Brasil, e raramente terá havido no mundo, uma oportunidade mais democrática e mais garantida para o povo. Isto é, para o povo obrigado ao nomadismo por falta de condições sedentárias úteis. A construção de Brasília, que é realizada por um operariado de última hora, dá ensejo a essas massas empíricas se transformarem em equipes técnicas mediante um exercício intensivo e urgente de automação. Eu vi as condições em que trabalhavam os seringueiros.

Agora, gente das mesmas bandas que êles, do Nordeste, desde inícios de 57 converge para o Planalto Central como formigas giquitaras. E aglomerada no Plano Pilôto, constrói uma cidade que não é padronizada e sim planificada.

Amauri viu entre o rio São Bartolomeu e a serra dos Pirineus os cirros e tratos que o aguardavam como estrados de flocos iridescentes. A intuição, mais do que a aparelhagem adequada e o respectivo cálculo, logo o certificou de que se achava bem em cima do Paralelo 16. Foi seguindo por êle em reta como por sôbre alvacento funicular. Considerando muito retóricas as comparações, emendou-as para viaduto por lembrar-se que, transportando mudança do palácio do Catete para o palácio da Alvorada, parecia mais motorista de caminhão do que pilôto aéreo.

Naquela pista suspensa, o seu avião sempre se portava como gentil marsuíno domesticado, com a hélice redemoinhante parecendo uma pilha de pratos equilibrada na carola dos beiços rosados. Mas agora, aquêle cargueiro dava idéia dum tapir arquejante a fuçar o vácuo com o focinho oblongo.

Distraído — essa maneira de atenção múltipla — acostumado a emprestar aos motores outras funções imponderáveis que não apenas as tradicionalmente estritas, Amauri em viagem sempre se sentia envolto num circuito cujo diâmetro desconhecia. Um circuito interior e espacial, assim como que de telétipos captando e retransmitindo o presente e o passado, o particular e o onímodo.

Durante os vôos, a altitude agia sôbre a sua inteligência avivando-a ainda mais. Era como se o seu cérebro virasse o *tape* dum *Teletype Setter*. Isto é, máquina receptora de impulsos tanto eletrônicos como espirituais registrando pensamentos — dos mais comuns aos mais absurdos — na massa dúctil da sua memória transformada em equipamento de linotipia.

Voando, a sua maneira de se sentir vivo era a versatilidade disponível. Como se êle fôsse a aresta humana dum infinito ângulo diédrico cuja face *A* seria a Vida e cuja face *B* seria o Tempo ou, melhor, o Aevum. Resultava algo assim à maneira dos romances modernos que não mais enfileiram nem alternam seqüências mas en-

viesam os episódios como colagens superpostas. Era-lhe fácil ajustar êsse sistema.

Êle chamava a isso a sua Operação Onipotente. Exatamente como a dos romancistas.

Só mesmo o contato com a tôrre de comando, a obediência ao contrôle de tráfego lhe faria perder o sentido de ubiquidade que todo vôo lhe dava. Tinha razão o seu colega Aldobrandini, pilôto internacional, ao dizer sempre: "Chegas a Orly e ao morderes um *croissant* no bar ainda sentes o travo do vinho do *Pôrto* do aerodromo de Sacavém misturado com a adstringência da tangerina de Dacar mais o gôsto da cajuada de Guararapes, o cheiro do café do Galeão e o beijo da aero-môça de Carrasco."

Sobrevoando baixo, agora, a área do Sítio Castanho, Amauri via de relance operários e obras. A imaginação ainda procurava devaneios: "Reconstrutores de Leningrado e Hiroshima? Andaimes de Varsóvia e Berlim? Escavações feitas pelas equipes de Schliemann e Doerpfeld? O Núcleo Bandeirante e o Gama não estão na ilharga de Brasília como Leckwort e Welwyn na ilharga de Londres?"

Naquele chão riscado de vetores e diagramas jamais tinha havido História, nem guerra, nem anátema; não apresentava sequer a gastura de feitorias decorrentes de mineração, pastoreio e lavoura.

Mas sempre que Amauri voltava ao Rio, o avô queria saber em que pé se achavam as obras. E qualquer informe acarretava a estopada de ter que ouvir o almirante falar em Hipólito José da Costa, William Pitt, Veloso de Oliveira, Visconde de Pôrto Seguro, Holanda Cavalcanti, Epitácio Pessoa, Missão Poli Coelho, Quadrilátero Cruls, Arraial dos Couros, Vila Formosa da Imperatriz, lagoas Feia e Formosa...

Naquele fim de tarde, decerto efeito do poente, a centopéia incompleta do Plano Pilôto fêz Amauri se lembrar do delírio artesanal duns negros da Nova Guiné que, contaminados pela Civilização e com saudade de seus vislumbres, só suportavam a solitude insular construindo com troncos, galhos, ramos, folhagens, peles e lataria velha um avião chamariz. (Vira isso num filme, MUNDO CÃO.) Negros decrépitos e moleques azougues, patriarcas caquéticos e guerreiros antropófagos erguiam num promontório

(que se projetava não sôbre o mar mas sôbre precipícios lívidos) imenso aparelho com forma de hidro-avião arcaico. A finalidade mágica era atrair os aviões subordinados à ICAO e à IATA — o potente Vickers — VC 10, o esfuziante Havilland DH-121, o aloucado Boeing 707 "Intercontinental", o arquiangélico S. E.-210 Caravelle, o esquivo Lockheed L-1649 "Super Starliner", das rotas do Oriente.

O sol cozinhava o sinistro brinquedo, a chuva desmantelava-o, os feiticeiros benziam-no, as águias bicavam-no, os vendavais retorciam-no, e os clãs, em ululantes apelos, em vocativos rouquenhos, apupavam o ídolo dando-lhe prazo para o prodígio (talvez vulgar) do aparecimento no horizonte dum emissário da Civilização.

SEGUNDO CADERNO

a) AUTO GILVICENTINO NUM BARBEIRO
b) AS PENTACOSARQUIAS DOS CANDANGOS
c) REINOS DA PROMOMBÓ & DA PIGUANCHA
d) MESTRA MUCURA & O CLÃ DOS APUIZEIROS
e) CINEMA MUDO NOS JARDINS DE ANÍBAL
f) BANQUETE ENTRE OS TRICLÍNIOS DE LUCULO

TENDO ficado no aeroporto até as oito horas da noite a fim de assistir à transferência da carga para os caminhões, Amauri tomara afinal um jipe do Destacamento da Base Aérea disposto a seguir para o *Brasília Palace Hotel;* mas ao deixar a pequena tripulação no Núcleo Bandeirante decidiu fazer-se barbear ali mesmo visto que a Cidade Livre não conhecia horários.

Apesar da hora, aquela favela quadriculada ainda estava febricitante. Para as ruas ressequidas e sem calçamento tanto se abriam hospedarias ordinárias como pensões sofríveis e hotelejos quase confortáveis, além de lojas, botequins e casas-de-pasto onde caixeiros-viajantes, fornecedores, mestres-de-obras e candangos faziam camaradagem.

Amauri esvaziou o pessoal no *Hotel Goiânia* e prosseguiu ainda alguns metros indo saltar diante do *Aljôfar*, de propriedade de Timóteo Mineiro, cuja loja podia dar-se à extravagância de na metade esquerda atender a clientes de categoria e na metade direita servir fregueses comuns, a primeira classe dando para a Avenida Central e a segunda dando para a travessa Dom João Bosco. Varando a aglomeração, Amauri entrou, na esperança de que o proprietário daria jeito de atendê-lo logo. De fato, mal o reconheceu, Timóteo veio ao seu encontro, deixando na cadeira um busto envolto em panos e espuma qual escultura umedecida por trapos em cima dum tripé.

— Boa noite. Como vai? Muito prazer. Muita honra. Má hora escolheu o amigo. Nos sábados isto aqui até parece recenseamento em Belém. Está de jipe? Ótimo, então. Não, não irei barbeá-lo no jipe. Volte para lá, sente-se e espere cinco minutos. Enquanto isso...

Acompanhou-o até a porta, sumiu outra vez lá dentro para daí a um minuto no máximo reaparecer, transpor a rua e apresentar a Amauri uma bandeja.

— Tome esta pílula e engula esta água. É para seu benefício imediato. Daqui a pouco mando a manicura chamá-lo.

Cinco minutos depois, servindo-o com requintes de atenção, Timóteo Mineiro explicava:

— Bendita hora em que se realizou aqui em Brasília, em fins de 58, um congresso médico. Queixei-me de tenaz e crônica enxaqueca ao Dr. Gonzaga, o simposiarca; êle declarou que se tratava de alergia aos cheiros por causa da minha profissão, e receitou o remédio, as tais pílulas, presenteando-me inclusive com um vidrinho de amostra gratuita. Foi tiro e queda. Mandei logo vir de Belo Horizonte uma batelada; custa os olhos da cara mas é um assombro. Eu, conforme o senhor tenente me vê, sem enjeitar serviço pior do que tosquiar carneiros negros, sofri de dor de cabeça profissional durante vinte anos: dez em Belo Horizonte, seis em Goiânia, dois em Anápolis, um em Ceres e outro aqui. Mal começava a barbear ou a cortar os cabelos do segundo ou terceiro freguês do dia era como se me entrasse um estilete pelos miolos adentro. Qualquer cheiro me deixava enjoado e com as têmporas latejando. Desde cheiro de brilhantina até êsses cheiros ardidos de sovacos, virilhas, hálitos e suores.

Amauri sentenciou com ar professoral, quase político, compatível com a sua condição de neto do velho Martinho, com o ambiente e com o tom do fígaro loquaz:

— Bem, são cheiros que têm a autenticidade orgânica das emanações do trabalho.

— Admito. Concordo. Mas êles, os cheiros, pioram aqui dentro aos sábados porque ficam em suspensão com os perfumes dos vaporizadores. Não é por mim. Já agora não tenho mais olfato pois me premuno com a terapêutica propícia. Distribuo pílulas aos bons fregueses. Sim, em consideração aos elementos de gabarito que honram o estabelecimento. Êste é um estabelecimento pioneiro, de categoria, mas claro que aos sábados se democratiza.

— Toque para a frente. Estou a retardá-lo.

— De modo algum. Mas, continuando: os amigos, minha mulher, certos clientes, pensavam que eu vivia de testa vincada por estar atrasado nas prestações das poltronas e dos espelhos. Nada disso. Era a enxaqueca que me punha assim esquisito. A firma paulista sempre foi muito paciente comigo, nunca descontou os meus títulos

em banco, admite algum atraso. Convém-lhe ser tolerante com o primeiro exibidor em público de suas cadeiras metálicas estofadas e reclináveis. Foi a primeira dúzia que veio para estas bandas. Brasília afinal de contas ainda não se pode dar a tamanho luxo, e as barbearias dos principais hotéis não se podem gabar de ter um centésimo da minha freguesia. Aqui entram membros do Conselho de Fiscalização, dos departamentos e divisões da NOVACAP, fiscais do IPASE, do IAPI. O Dr. Saião entrava aqui de botas, em mangas de camisa, sentia-se bem entre os candangos. Como eu. Exatamente. Não nutro preconceito. A solidariedade humana é a grande característica dos acampamentos. Já no tempo dos Pioneiros, lá na América do Norte, nas capelas batistas, pretos de Nova Orleans e nobres da Nova Inglaterra cantavam juntos o responso. Seja franco: menti-lhe? Acaso ainda sente o cheiro de quando entrou? Isto aqui não parecia um matadouro? Com êsse comprimido, maleato não sei de quê... sou inveterado leitor de bulas, eu atravessaria a Cloaca Máxima de Roma.

Manteve o ar erudito e pernóstico enquanto escanhoava os zígomas de tão garboso pilôto da FAB que ouvia sorridente com uma das mãos metida na cuba com água morna trazida pela manicura para amaciar a cutícula em redor das unhas. Ela gostava daquelas mãos fortes e esguias que lidavam com a velocidade, que exigiam obediência de alavancas; daqueles olhos leais que interpretavam instrumentos. Puxou-lhe mais para cima a manga do dólmã. Vendo o cronômetro no pulso rijo, abaixou um pouco a cabeça para admirá-lo mais de perto; quis até aplicar o ouvido. Não para ouvir o sussurro dos segundos, mas para, aproveitando o pretexto, sentir o sangue bater de encontro às veias.

Oh! O relógio dum aviador! Destinado a marcar que exceções? Acaso sucederá que num desastre mortal o relógio ainda continue a bater rente ao chão, sob o pêso do cadáver, até as horas, os minutos e os segundos irem ficando embalsamados dentro da redoma de vidro como as doze manchas de pólem das asas dum inseto morto cujas antenas já não captam mais a angulação do sol?

(Ó musas! Que magnânima a vossa indulgência ou-

torgando transes de poesia a uma anônima manicura da descendência espiritual de Marianne Moore!)

Lixando as arestas das unhas, apertando a polpa das falanges, que sob pressão ora se torna lívida ora côr de âmbar, Juditinha colaborava para o bom estado de órgãos de tamanha responsabilidade, os dedos dum aviador! Referiu-se a isso com um sorriso humilde. Amauri confessou-lhe que, mesmo após êle fazer parte da Aeronáutica, as suas mãos só lhe pregavam peças traiçoeiras. Por causa delas perdia objetos, lápis, canetas-tinteiros, quebrava copos, deixava cair talheres, não sabia trançar um baralho. Contudo, mesmo em plena escuridão, na cabina do comando, elas distribuíam ordens gestuais aos motores, às manches, aos volantes e aos flaps como a cães dóceis.

Quando afinal Amauri se levantou, segurando a pasta, ladeado por Timóteo e Juditinha, o freguês imediato ao avançar quase foi esquartejado por três ondas simultâneas de candidatos que investiram. Uma, dos bancos e cadeiras. Outra dos portais e da terra batida que fingia de calçada. E a terceira dum caminhão. A malta invasora constituía-se de barbudos que durante a semana viviam empoleirados nos andaimes e estruturas das superquadras como os profetas na cúpula da Capela Sistina, mas que aos sábados, desde o entardecer, exigiam com violência a recuperação de suas caras autênticas. Amauri emergiu daquela atmosfera como um ramo de pequi expelido pelo gargalo duma garrafa de cachaça, passando pelas filas de candangos como bôlha por entre grumos de mercúrio em tubo capilar. Pois êste era o aspecto esquemático que lhe dava a iluminação naquela atmosfera de fumaça, pituím e budum que aos sábados à noite transformava o *Salão Aljôfar* em dois vasos comunicantes impregnados de mentol, água-de-colônia, extratos e talco.

Já na rua, sobraçando a pasta, se sentiu mais aliviado do que um pára-quedista irrompendo pela nesga de arremêsso dum avião-transporte.

Juditinha quedou-se na porta, em êxtase. Mas Timóteo quis acompanhar até o jipe tão insigne freguês.

— Não se incomode comigo, meu caro Timóteo. O seu tempo aos sábados é precioso. Os dois salões estão zumbindo como colmeias zangadas. Volte para dentro das emanações do trabalho. Deviam feder assim os construtores de Babilônia, Mênfis e Alexandria. Mas você dispõe das vantagens do progresso científico, e a tal respeito é mais feliz do que Hamurabi, Ransés e os Ptolomeus.

Timóteo Mineiro reingressou no seu estabelecimento não mais como personagem de ópera de Rossini, (*Barbeiro de Sevilha*) mas de Verdi e Massenet (*Aída e Thaís*). Estacou rente à cadeira, ao vê-la ocupada e cercada como um portaló invadido por corsários. Consultou com o olhar o caixa que sentenciou lá do guichê:

— A vez, agora, de direito mesmo, é dêsse cara de coatá aí ao seu lado.

Timóteo nem precisou adivinhar quem fôsse o cliente porque um indivíduo se identificou bradando para o caixa.

— Coatá é a sua avó.

Tratava-se dum sujeito cujo início de velhice era apenas aparente, e isso mesmo só na cabeça por causa das guedelhas e da barba, pois o corpo ainda agil logo entrou em mímica de briga com o grupo que pretendia preterí-lo. As mãos descarnadas puxavam pelo ombro e pelo cotovêlo o usurpante já instalado na cadeira desde a saída do tenente Amauri; mas o faziam com ar jocoso, ganhando as simpatias dos pseudo-adversários. A satisfação da vitória do seu direito deu ao cliente ar mais caricato quando êle desandou a manifestar e a distribuir a sua gratidão por meio de mesuras.

— Sente-se logo, seu coisa! Deixe de visagens.

— Seu coisa, vírgula — reagiu êle, pronunciando de modo esganiçado o nome todo, escandindo as sílabas: — José Maria da Encarnação. — Ante a ameaça de risos, reagiu depressa. — A baianada está estranhando?

— Sente-se logo pelo amor de Deus! Nessa moleza não vamos lá das pernas — irritou-se Timóteo. — Que é que vai ser? Cabelo ou barba?

— Cabeça e cara. Caso queira, pode degolar. Não se perde nada e se inaugura júri de morte aqui em Brasília. Já sabe, seu Timóteo, que não pertencemos mais à comarca de Planaltina? Foi o que seu doutor Juvenal me disse hoje cedo quando fui receber jôgo de bicho dêle. — E enquanto Timóteo retirava dum cabide o camisolão todo cheio de pregas como avental de veterinário, José Maria girava no estribo do cadeirão, feito cachorro que vira e revira antes de se enrodilhar em cima dum capa-

cho. — A baianada está estranhando? — repetiu êle. — José Maria da Encarnação, natural de Amargosa. Tipo do nome que serve para qualquer criatura ao nascer. Se for mulher é virar ao contrário. Maria José da Encarnação. — E, sentando-se: — Quando eu estava para nascer, uma das comadres de minha mãe aconselhou êsse nome duplo, em cangalha, que pode ser escolhido certo antes mesmo de se saber se é menino ou menina. Mas como nasci homem... querem ver, ou não precisa?...

— Não se levante!

— ... uso José Maria com o resto sòmente nos papéis de identidade e na carteira de serviço. No mais, sou Encarnação apenas, porque José Maria é nome maricas. Sim, Encarnação só, a coisa muda de figura.

— Nomes assim é que todos nós devíamos ter — considerou Vitalino. — Encarnação XII, Virgulino III. Ou Expósito VII, Brederodes XI.

— Pois é. Numerado, como papa, como rei, como placa de caminhão. E como a humanidade é velha, não faltaria quem se chamasse Adão ou Noé 32-48436109.

— Perfeitamente. Mas o ótimo mesmo seria todo mundo se chamar Encarnação. Cada um é a encarnação dos vícios e das virtudes, das mazelas e urucubacas...

Timóteo enquanto isso agitava o camisolão sôbre a assistência, como quem do centro duma arena sacode pedidos de paz diante duma boiada em estouro. Maneco e Vitalino, que se achavam mais perto, se afastaram e se encolheram por causa da alteração que a atmosfera iluminada sofreu quase se opacificando com a poalha. Os dois tinham olhos de lince e imaginação exagerada. Aquêle recuo era manobra instintiva contra a possibilidade muito provável do ar estar a encher-se de caspas, fios de cabelos, tufos de barba, lêndeas, pulgas, chatos e carrapatos. Enfim, de coisas minúsculas (de fâneros, como diria o próprio Timóteo) que uma vez sacudidas para fora de aconchegantes pregas e dobras disfarçam mimetizando-se em pólens e anteras.

Encarnação, escarrapachado na cadeira, com a nuca no espaldar e com as sandálias de rabicho no estribo, com o períneo no estôfo de couro carmezim e as mãos nas asas dos rebordos, procurou com o tato o lugar do cinzeiro. Pois a primeira idéia gostosa que o assaltou foi estar na

poltrona dum avião, dêsses cujo interior já varrera no galpão da Aerovias. Mas logo, obediente à muda intimação de Timóteo, deu uma espécie de marrada a fim de enfiar a metade superior do corpo na túnica indispensável ao cerimonial. Daí a meio minuto já se achava paramentado de Isaac, para o sacrifício com três voltas de cadarço em redor do pescoço por baixo do pomo de Adão e com a nuca calafetada com chumaços.

Bem instalado e às ordens, contemplou-se no espelho. Só mesmo Vitalino e Maneco dispunham de fôrça moral para aconselhá-lo a pôr abaixo aquela gaforinha do tempo de Vila Plácido, na margem do Abunã, ainda do tempo mesmo de bordo do *Vitória* em viagem para Manaus, ainda do tempo da *Hospedaria Tupanã* em Belém. A barba, essa, conquanto de vários anos, fôra sempre rala, grudada à pele como colar de piassaba prêso nas orelhas. Na fúrcula era um tanto pontuda, como cavanhaque caipira. Barbicha nacional, específica de miséria orgânica. Barbicha de personagem de Euclides da Cunha, Alberto Rangel, Monteiro Lobato, Hugo de Carvalho Ramos e Guimarães Rosa. E não aquela barba esvoaçante do capataz Rufino, barba bolchevista que, somada às botifarras de atanado e ao gibão de vaqueiro, logo demonstrava que o seu exibidor ostensivo tinha idéias subversivas...

— Bem, você é um cliente novo. Já o conheço bastante, mas só de vir até aqui conversar com a turma. Portanto, diga lá que é que quer que eu lhe faça. Pelos modos parece que sempre foi assim, que coleciona desde muito tempo essa efígie — interpelou-o Timóteo olhando-o ora na pessoa real ora na imagem refletida no espelho. — Isso é barba e cabeleira de quantos anos? Afinal, como vai querer?

— Para ser franco... Quem sabe se... Que é que vocês aí acham?

— Raspar tudo — sugeriu Vitalino.

— E você, Indalécio? Tiro a barba ou não tiro a barba?

— Você chama a isso barba?

Timóteo perdeu a paciência. Dando tesouradas no ar, decidiu:

— Que venha outro! O seguinte! Você, seu Encarnação, fica para o fim.

— Esperar para o fim, um sebo! É a minha vez. Puno pelos meus direitos. Se é por causa de dinheiro, está aqui. Não sou dos tais que botam a gaita na Agência Volante da Caixa Econômica, não!

Agitando-se como um parkinsoniano, levantou o camisolão, abriu o peitilho da camisa, sacou do peito um mocó que mais parecia um breve de couro de Ipirá engrossado com amuletos, entremostrou várias notas de mil. Guardou tudo depressa. Para que raio caíra na besteira de dar a pista a espertalhões, dêsses que na treva acuam o indivíduo num andaime e, mostrando uma faca pernambucana, lhe impõem: "A erva, meu nego! Os caraminguás, se não quer que eu lhe arrebente a bôlsa do fel!"

— Componha-se então direito e resolva depressa.

— Quer saber duma coisa? Pois raspe tudo. — Fêz cara corajosa de quem vai se deixar operar. Obliquou-se pelo cadeirão abaixo, dando agora a idéia dum guariba a escorregar num tabuleiro para dentro dum forno cuja porta fôsse o espelho. Ao ouvir o estalido da tesoura comum, estrilou. — Quero tesoura elétrica, ora essa!

Assistiu, vigilante, às fases da manobra preparatória: Timóteo extrair dum estojo o aparelho, gadunhá-lo com o polegar e o indicador, desembaraçar o extenso fio, inserir-lhe a ponta na tomada da corrente. Então fechou os olhos para sentir melhor o efeito.

Um chiado gostoso pela nuca, subindo pelo ocipital, rodeando-lhe as orelhas, explorando-lhe o cocoruto. Um chiado coceguento, de besouro ou de mabuca. Sim senhor, que serviço caprichado! A máquina cortava chumaços de cabelo como se desgrudasse fiapos da carapaça dum coco babaçu. E êle, Encarnação, de pálpebras fechadas, de nervos frouxos, sentindo-se invadido pelo mesmo torpor que decerto sentiam as crianças do poema de Rimbaud quando unhas solícitas lhes catavam piolhos. Tão bom! Era na cabeça apenas, ou era no corpo todo, na alma inteirinha, até mesmo não só nêle mas em sua mãe, em seu pai, nos irmãos que nunca tivera, aquêle passeio do aparelho-afago entorpecendo-lhe o pensamento, dando-lhe serenidade, fazendo-o oferecer-se como a terra ao arado, ao trator, aos redemoinhos antes da chuva?

E José Maria só reabriu os olhos daí a uns bons minutos quando passou a sentir estranha friagem no crânio.

Êste, como morro tribal acabado de lavrar para se semear milho, feijão, macaxeira, se refletia agora lá no espelho... E José Maria foi baixando a cabeça, até não poder ver mais o crânio no espelho, até não poder ver mais nem mesmo o espelho, e sim apenas o rodapé em baixo, rente ao chão. Então principiou a soerguê-la pouco a pouco, e deparou com uma gleba convexa, como que escurecida por uma queimada. Mas Timóteo lhe afastou a nuca do espaldar e passou a manobras complementares; com um pincel frio franjou-lhe de espuma a cabeça em redor das orelhas e do pescoço, e em seguida passou a raspar com a navalha os trechos restantes dos cabelos grisalhos que, caindo, pareciam paina aderindo ao camisolão. Novamente lhe fixou a nuca no espaldar. E José Maria sentia agora um pincel vasculhar-lhe a cara até cobrí-la com espuma densa e floconosa. Depois, as mãos de Timóteo, ora as palmas ora os dedos, quando não até as unhas, lhe deram massagens violentas, beliscões, gadunhadas na barba e na pele.

O pincel dançava-lhe de novo na cara, cobria-lhe as fuças com espumas enroladas e moles como suspiros antes de irem para o forno. Quando a navalha principiou a trabalhar, êle sentiu mêdo e resolveu ficar atento, de olhos arregalados.

Uma pessoa não devia ler, nem mesmo folhear uma revista enquanto lhe cortavam os cabelos ou lhe raspavam a barba. Tinha ouvido falar, não se lembrava onde, que a cabeça de Lampião estava dentro de enorme vidro de bocal largo num determinado Instituto de Medicina Legal. Ora, êle, José Maria da Encarnação, tendo usado até agora aquela cabeça guedelhuda, como de criminoso fugitivo, aquela barba de evadido, não poderia sugerir a êsse tal Timóteo a idéia de candidatar-se a algum prêmio oferecido por autoridades? Claro que êle, José Maria, jamais perpetrara qualquer crime. Mas não seria parecido com algum jagunço, com algum cangaceiro? Ora, ora, tinha a consciência tão tranqüila! Porém, jamais algum jornal, algum telegrama não teria dado que certo barbeiro acometido de súbita loucura, ou vingando a honra conjugal, decapitara um freguês?

"Tem-se cada pensamento louco, Virgem!" Demais a mais o cuidado escrupuloso de Timóteo apaziguaria

qualquer temor. Excelente e meticuloso oficial de barbeiro e cabeleireiro, restringia-se agora a tirar com o fio da navalha apenas umas raízes de cabelos onde acaba o pescoço e começam os ombros, fazendo até mesmo um velhote parecer um môço de busto desempenado. José Maria acompanhava-lhe com o olhar os gestos de depor lascas moles de espuma em cima do bloco de papel higiênico.

— Bem, vamos agora escanhoar isso direito, até ficar liso que nem nádega de criança.

Novas camadas espêssas de espuma. Novo descer da navalha. O melhor era uma pessoa se distrair. Não faltava com quê. Por exemplo, lá estavam na moldura do espelho recortes de revistas. Até seria exercício interessante descobrir que retratos eram. Foi dizendo, mentalmente. "Jusça. Nossa Senhora da Aparecida, Nossa Senhora de Fátima, Pelé..." Mas, e os outros?

— Ó Vitalino!...?

— Heim?

— Ó Indalécio! Ó Maneco? Dou-lhes um doce se acertarem quem são êsse caras fincados na moldura do espelho.

— Isso é canja! Brigitte Bardot, frei Demétrio do Encantado, Juscelino, frei Bernardino Vilas Boas, Pelé, Garrincha, Bom Jesus de Iguape...

Vitalino entrou no páreo:

— Saião, Israel, Lúcio Costa, Oscar Niemeyer, Craveiro Lopes...

Maneco entrou com a sua memória de leitor de tudo quanto era revista exposta na banca do aeroporto.

— Einsenhower, Lopez Mateos... — E empacou.

Foi Timóteo Mineiro, de navalha erguida, quem, virado para o espelho, após esperar com ar de desafio e ao mesmo tempo de incentivo, acabou completando a lista:

— Giovanni Gronchi, Sukarno, Catetinho, Cachoeira Dourada, o Super-Ha pousado na pista.

Mas, bem no centro do espelho, em tamanho natural e sem sujeira de moscas, pompeava o retrato de quem mesmo? Ora essa, dêle, José Maria da Encarnação, natural de Amargosa! Ex-soldado da Borracha e agora Candango.

"Sempre que o govêrno se vê em apuros, chama nóis!"

Mas nem mesmo êle tinha facilidade em se reconhecer. Sabia que estava olhando para si próprio. Pudera, pois se aquilo ali defronte era um espelho enorme! Mas a dedução provinha apenas dum raciocínio fácil, duma lei de óptica que até mesmo êle empìricamente intuía. Como havia mudado! Era a cabeça artificialmente calva, assim de súbito lisa, quase côr de chumbo, com o couro cabeludo exposto, que lhe transfigurava o rosto. Da mesma forma que, numa imagem de santo, a auréola em fulgor dignifica o semblante macerado pelas vigílias e penitências.

"Rejuvenesci! Estou como era lá no Abunã, antes de deixar crescer a barba e os cabelos. Saio daqui outro. Aposto como a turma agora vai respeitar as caras!"

Levantou-se, quase foi derrubado pela investida dos candidatos à cadeira, apenas se afastou para o lado mas espichando o busto para o espelho de maneira a vistoriar-se direito e chegar a uma conclusão.

— Que é que vocês acham? Hum, já estou meio arrependido. Durante quanto tempo tenho de esperar voltar ao aspecto antigo? Será que vai valer ainda a minha carteira de trabalho? Não vão implicar lá no canteiro-de-obras?

Tirou o blusão, meteu a cabeça na pia, debaixo da torneira. E haja esfregar as ventas. Com os parietais debaixo do jorro frio que fazia mais barulho nos seus tímpanos do que uma cachoeira, José Maria viu de relance o ralo redondo do fundo da pia, e que, quando êle tornou a cerrar as pálpebras, se transformou num outro espelho, porém dêsses pequeninos, de algibeira de homem e de bôlsa de mulher. Tal qual aquêle que, ainda criança, recebera de presente dum arigó quando lhe admirava o conteúdo do baú. Um espelhinho onde a sua cara também ficava pequenina, emoldurada pelo friso do aro de metal. E agora, apesar do tamanho, não lhe reproduzia a cara sòmente, mas todo um recanto nordestino, como num videograma.

Estava a rever-se quando, com sete ou oito anos de idade, brincava na beira da cacimba enquanto a mãe fazia renda de bilro lá no copiar.

"Onde é que você está, Zé-Maria? Cuidado com a cacimba".

"To brincando aqui perto".

Cair na cacimba sêca e entupida não significaria desastre. Seria o mesmo que cair num alçapão de propósito para remexer numa porção de coisas velhas jogadas no lixo; caneca furada, canivete sem lâmina, carretel sem linha, tampa de garrafa de cerveja, pé de sapato. A mãe não se importaria porque assim êle ficava duas horas impedido de fazer traquinagens na estrada, de atirar pedras no jegue de seu Epaminondas.

Enquanto se enxugava dando esfregadelas violentas com a toalha na nuca, José Maria pensava na sua metamorfose.

"Como estou diferente!"

Os quatro foram até diante do guichê do caixa.

— Quanto é êsse roubo, essa exploração? Não tem tabela do govêrno?

Mas não precisou recorrer ao breve ou escapulário cheio de notas dobradas. As da algibeira chegaram.

— Fique com o trôco, seu bestalhão. Ainda me acha com cara de coatá?

— Agora está parecendo mais maracujá de gaveta.

Passando dum salão para outro, em demanda da saída, os quatro se viam reproduzidos nos sucessivos espelhos onde as luzes criavam fundas perspectivas. Passando assim devagar, reconstituíam em versão profana a cena dos Discípulos de Emaús, numa composição mais plateresca do que barroca de artistas de Potosi, Cusco, Mariana. Ou melhor, constituíam um quadro vivo como os que outrora, em adros coloniais, ilustravam algum auto de Gil Vicente. Por exemplo, em Sabarabuçu.

Não são apenas os supostos personagens dos romances picarescos que escarnecem de suas próprias adversidades grotescas. Também os personagens, nem isso, os meros comparsas desta história pan-brasileira, desde que se vão reencontrando em sucessivos cenários zombam de si mesmos, um do outro e até dos desconhecidos, aliando-se contra a angústia. E nisto está a vantagem das solidariedades.

Os quatro deram gargalhadas para os sucessivos espelhos. Como numa cena surrealista dos Irmãos Marx.

No clarão do bar *Maracangalha*, os amigos tornaram

a examiná-lo bem. José Maria sujeitou-se, explicando com ar gaiato.

— Antes de fazer-me, meu pai já era oleiro. Vendia bonecos de cerâmica tipo Cunani na feira de Alagoinhas. E ouvia opiniões, se estavam bons ou ruins. De maneira, amigos, que eu sou o resultado duma vasta experiência.

Instalaram-se na única mesa ainda vazia do alpendre que dava para os fundos. O garção Eustáquio, com a cabeça inclinada 35 graus para o ombro esquerdo e com aquela cara pasmada de quem se acha em ligação com o Astral e que lhe valeu o apelido de Transístor, enquanto anotava as encomendas ("Três médias, um Bauru e quatro cachaças") raciocinava intrigado:

"Esta turma da borracha é formada por seu Maneco, seu Vitalino, seu Indalécio e seu José Maria, mas no lugar dêste apareceu agora um novato com pescoço de urubu-rei." E lá se foi para o balcão certo de que na volta já encontraria o faltoso a caminho do alpendre. "Decerto foi urinar em cima da aboboreira no fundo do quintal".

Mas quem veio de lá foi um indivíduo abotoando a braguilha, e que despertou a atenção de José Maria. Tanto que êste, ao vê-lo acabar de subir a escada de madeira, o deteve pelo braço e perguntou:

— Você não é o João Ariramba, que em Manaus, em 43, vendia tuíns, araras e ariramas no xangai de Buiuci?

— Jacá que transportou criação ou queijo nunca perde o cheiro. Ariramba era apelido, porque o meu nome mesmo é João Esteves. No plural. Pois cá o degas estêve antes de 43 em Rio Branco e Sena Madureira, depois foi parar na Colômbia, e só agora veio dar com os costados em Goiás. Há 15 anos que ando trenando para contrabandista sem nunca passar de camelô.

— Ganhou tanto dinheiro vendendo patativa e arara no cais flutuante que ficou rico? Pelo menos está com aspecto de fornecedor de materiais, com ares de caixeiro-viajante. Sente-se aqui conosco, homem. Ou não está me conhecendo?

— Ora, ora! Nestes quinze anos você, seu José Maria, não mudou nada. Mas a ilustre companhia desculpe eu não aceitar o convite. Está na minha hora de substituir o Guedes.

José Maria, vendo-o sumir no recinto barulhento de vozes e de alto-falante sorria radiante, abençoando a hora em que dera ouvidos a Maneco e Vitalino. Afinal, segundo as impressões do Ariramba, estava outra vez com a cara de 15 anos antes. Eustáquio, quando trouxe no tabuleiro a encomenda e dispôs as chícaras, o prato e os copos no centro da mesa, forçou a intimidade manifestando certa surprêsa:

— Como é, pessoal? Seu José Maria não veio hoje?

— Mas você é burro, heim seu Transístor! O João Ariramba, que não me via há 15 anos, me reconheceu logo! Não vê que passei por uma tosquia no *Aljôfar?*

— Vai me desculpar, mas para mim não é o mesmo. Passou por uma reencarnação.

Agarrando o copo e virando um bom trago, José Maria limpou os beiços e estrilou:

— Mau, mau! Essa mania de trocadilho com o meu nome já está me enchendo o saco!

Vinte anos antes, quando o jovem José Maria da Encarnação, natural de Amargosa, foi tentar o comércio varejista em Fortaleza, passava sempre a caminho do emprêgo por diante dum galpão cuja placa o intrigava: *SEMTA*. "Ambulatório? Hospital? Sai e entra cada cara!" Um dia perguntou a alguém o que era aquilo.

— Serviço Especial de Mobilização de Trabalhadores para a Amazônia.

Dois anos depois a mãe morreu, êle foi se entender com o pai em Alagoinhas, teve que acompanhá-lo a vender cerâmica e ex-votos em Macaíba e Areias. Quando acabou o estoque, já em Taracatu e Itabaína, dividiram os cobres e José Maria voltou para Fortaleza enquanto o pai foi fabricar novo acervo no agreste. Em Fortaleza não arranjou emprêgo. Daí a semanas bateu para a *SEMTA*, mas agora o galpão tinha fachada de tijolo e havia outra placa. *INIC*.

— Que vem a ser aquilo ali cidadão?

Um transeunte informou:

— É a agência do Instituto Nacional de Imigração e Colonização.

— Que pena! E eu que vinha com idéia de ir para a Amazônia!

— É só entrar e matricular-se. Essa agência do govêrno trata disso mesmo.

Dois meses depois conheceu em Belém o Maneco numa hospedaria e que lhe disse:

— Pois é. Eu também vim para ser soldado da Borracha. Ouvi dizer que os americanos vão pagar a gente em dólares. Já estive na repartição, me falaram que só tem navio daqui a uma semana. Como é que vou agüentar até lá? Tem-se cama mas não se tem comida. Você não quer me comprar umas lembranças mágicas, do Maranhão? — Tirou de baixo da cama a mala, escancarou-a e exibiu umas coisas esquisitas enroladas em camisas e cuecas.

— Que feitiços são êsses?

— Ferramentas de Ogum, muletas de Xangô, imagens gêmeas de Cosme e Damião, leques de Orixá, apetrechos de Bêgui-Mêgui, paxoxôs, abebês, damatás, idês e xaxarás. Fecham o corpo. Dão sorte.

— Eu também estou na disga. Vamos vender isso no cais. Não falta quem compre.

Mas o pôrto estava às moscas. Instalaram a mercadoria diante do *Teatro da Paz*, venderam mais da metade. O resto nem os visitantes do *Bosque Municipal* quiseram. Em Manaus, conheceram no porão do palacete Nogueira de Abreu os futuros colegas Indalécio e Vitalino. A camaradagem estreitou-se. Cada qual contava a sua história; a mais interessante era a de Maneco.

— Pra sair de Nazaré me vi em palpos de aranha. Padrim Bruno não queria consentir. Quando soube que eu juntara dinheiro a fim de adquirir passagem num pau-de-arara para Terezina, me arrastou para o terreiro, convocou os afilhados para me fecharem dentro dum círculo de pólvora. As cabrochas e os cabras logo começaram a dançar, os caboclos baixaram, e levei tremenda surra por causa da minha desobediência. Ainda bem que alta noite todos garraram a beber e a fumar charuto, então aproveitei aquêle adarrum e fugi pelo chapadão atravessando léguas de emboladas de babaçu. De Terezina a Belém e de Belém a Manaus, só contando no rádio em programa especial.

Afinal seguiram para Vila Plácido, nas margens do Abunã.

O destino de cada um dêles era inteirar lá no Vale

o quarto homem que estava faltando em cada quilômetro quadrado. Como êsses bonequinhos esparsos desenhados num mapa de Terra Firme entre diminutos triângulos de montanhas e sinuosos risquinhos de rios, tudo longe de litorais, oceanos e golfos. Mamulengos humanos representando aborígenes e invasores, esparsos nos quadrados das longitudes e das latitudes e nos losangos que se irradiam do desenho mitológico da Rosa-dos-Ventos. Como num tabuleiro do jôgo do destino. A população primitiva, em dada época histórica dum El Dorado suposto, cujo mapa alguém oferece a um soberano; assim por exemplo, numa terra dividida polìticamente em Governacion, Audiência ou mesmo Nuevo Reyno.

NOBILI ET MAGNIFICO VIRO,
D. CONSTANTINO HVGENIO
EQUITI, DOMINO IM ZVYLICHEM, ET ILLVSTRISSIMO
PRINCIPI AVRAICO,
Hanc exactissimam descriptionem dedicat
Amstelodamus Guilhelmus Blaeuw

Sim, tinham sido títeres, aos milhares, na selva amazônica constituída por seringueiras, inajás, cedros vermelhos, itaúbas, jatobás, ananus, curupitas, sumaumeiras, ananus, seringuranas, escaldadas e paxiúbas — tôda a variedade do reino classificado por Burmeister e Schimper nas matas justafluviais e de terra firme. Tinham sido tentação exótica para sucuris, jibóias, cobras-papagaios, piranhas, poraquês, jacaréaçus, arraias-de-fôgo.

Soldados do Exército da Borracha aqui no Ocidente, já que os seringais do Oriente se achavam nas mãos dos japoneses. E agora, quase quinze anos depois da mocidade perdida, outra experiência na idade madura: eram candangos.

Nos intervalos das tarefas, às vêzes ainda recordavam aquêles tempos.

— Que é que você está pensando aí tão quieto? — perguntava José Maria a Maneco percebendo o perpassar dos pensamentos na testa do amigo, da mesmo forma que aprendera nos igarapés a reconhecer pelo siriri ondulatório das águas a aproximação dos peixes.

— Apesar do cansaço estou sem vontade de ir para o dormitório da Companhia.

— Cansaço... Isso é coisa que a gente conhece de cor e salteado. Assim como tonteávamos peixes nas poças envenenando-as com tingui lá na Amazônia, agora a NOVACAP tonteia a gente com serviço.

— Aqui ainda é suportável. Só não gosto do dormitório coletivo porque me faz lembrar as hospedarias de Pôrto Velho e Vila Plácido e os hospitais de Manaus.

— Eu também — disse Vitalino — fiquei com raiva da Amazônia.

— Natural — concedeu Indalécio.

— Estava agora por exemplo lembrando quando eu arpoava peixe — boi e flechava tartaruga com a sararaca. Tanto que ando com vontade de me alistar como trabalhador da BR-14. Assim me vingarei da floresta pondo-a abaixo com máquinas.

— Vamos e venhamos, uma noite aqui no *Maracangalha* é preferível a uma noite no jamaxi onde vivíamos em Abunã, a um metro de altura do solo, com parede e teto de ouricuru. — ponderou Indalécio.

— Aquêles cinco anos marcaram a gente.

Os quatro entreolharam-se. Todos quatro sorridentes, porém dois com raiva amistosa dos outros dois. Restos de reminiscências físicas ali estavam para confronto. Até aparentemente no mesmo serviço havia cabido prerrogativa para dois, desvantagem para os outros dois. José Maria e Maneco só traziam na testa a marca da antiga profissão, uma espécie de faixa branca, estreito diadema do trabalho: era o sinal da correia da poranga. Outrora, na selva, munidos de terçado, faca e lanterna frontal, iam lancear as canaris, fazer cada árvore chorar látex nas canequinhas. Trabalho diurno e noturno. Ao passo que Vitalino e Indalécio viviam horas e horas agachados no tapiri, diante do fogo, enrolando a péla, configurando em bola aquela espécie de mingau pardacento. Por isso tinham ficado assim escuros, queimados pelo calor, parecendo duas cerâmicas gêmeas, de tamanho humano. Diferentes de Maneco e Encarnação, cujas peles de lixa eram sadias, só tendo lutado com o sol e a lua, as folhagens e os espinhos, os cipós e os carapanãs.

— Quando cheguei a Belém do Pará — disse Vitalino — o sujeito da *INIC* perguntou se eu era estrangeiro. "Assim de olhos azuis e côr clara você pela certa tem san-

gue holandês. Sua gente deve ter vindo da Europa no tempo de Nassau." Pois bem, voltei à minha terra escuro e magro que nem canela de guariba descarnada pelas piranhas do Abunã.

— E que foi que ficou fazendo até lhe dar na telha em 57 vir para Brasília?

— Fiquei trabalhando no sítio, a plantar algodão e canafístula. E você, José Maria?

— Com a sêca, só achei o pé de jucá e o pé de joazeiro. Me associei de novo a meu pai. Em casa o tôrno girava sem parar. Fomos outra vez vender potes, alguidares. Você, Maneco, de certo voltou para junto de Padrim Bruno e de sua namorada Manuela.

— Que o quê! Fiquei mofando em Manaus feito enfermeiro no *Hospital Tapanã* e no *Hospital Getúlio Vargas*. Saía do serviço de um, entrava de plantão no outro. Aprendi cada nome mais esquisito de doença! Ancilostomose, poliomielite...

— Se alembra, Maneco, aquela noite em que você saiu pra mata feito louco tremendo de frio e de febre?

— Se me lembro! Queria me aquecer no jamaxi, lascar fogo em cavacos de macaúba, mas só tinha fibra de jacitara.

— Eu e Indalécio — disse Vitalino — até hoje inda sofremos da tosse que apanhamos por causa da fumaça da carapanaúba.

— E os meus olhos então! — recordou-se Indalécio arregaçando uma das pálpebras. — Nunca mais ficaram limpos, claros; conjuntivite causada pela fumaça do sernambi.

— Aquilo é uma praga. Tinge o corpo, a camisa de chita, as calças de mescla, as sandálias de couro cru...

— E até o vasilhame.

— Falar nisso, e aquela vez em que os ganzás e os xequerês da Manuela caíram dos pregos em cima da rêde?

— Puxa vida! Me senti atuado por Padrim Bruno. Ainda por cima lá fora na escuridão o gogó-de-sola se danou a cantar.

— Qual o quê! Tudo imaginação, delírio da terçã malígna.

— Ficamos bons. Conhecemos um pedaço selvagem do mundo, mofamos depois nas cidades que a borracha

tinha feito progredir, mas agora estamos construindo a nova capital de República.

— Sempre que o govêrno carece de gente mesmo, em quem que êle há de confiar? A verdade é que não damos para lavradores. A sêca e a enchente acabaram descorçoando a gente. Damos mesmo é para operários, candangos.

Atravessaram o salão barulhento do *Maracangalha* que era como um grande cupim febricitante. Grupos em redor das mesas. Em redor do balcão. No meio do caminho. Nas portas. Na calçada de terra batida. Foram andando devagar. Lá fora, dos dois lados da rua, o comércio varejista e atacadista ainda extravasa o seu sortimento por sôbre armações de madeira.

A cidade não tem nada de arraial provisório, conquanto sob certos aspectos ainda pareça um acampamento adventício. O seu nome mais certo será mesmo Satélite, pois ela gira em tensão centrífuga a noite inteira para logo de manhã se jogar como cataplasma no flanco de Brasília que por sua vez ao anoitecer, contraindo a bossagem de cimento armado, restituirá os candangos, em ricochetes, àquele abcesso de fixação.

Ruas retas, largas, com sulcos de tráfego e de enxurrada na lama e na poeira. Postes de iluminação. Casas de madeira. Tabuletas. Quintais. Entulhos.

É noite, mas o trânsito continua por entre fileiras de estacionamento. Caminhões com placas de São Paulo, Rio, Belo Rorizonte, Goiânia, Lusiânia, Ceres, Anápolis, Nova Flórida. Agrupamentos nas entradas de hotéis, pensões, hospedarias, estalagens, botequins, casas-de-pastos, lojas e armazens. Gente de tôdas as raças, proveniências e condições; porém não há o mínimo ar, nem mesmo indireto, daquilo que nos habituáramos a considerar, através de filmes obsoletos, o instantâneo ou o flagrante do Far West.

Nenhum foco de brigas, muito menos de greves e revindicações. Não haverá ataques de tribos, investida de facínoras, troca de tiros, estilhaçamento de garrafas e de espelhos, porque não se trata de população aventureira. Amarradas nos postes, as parelhas quartudas do Destacamento de Segurança. Os soldados, tendo afrouxado antes as barrigueiras dos cavalos, e por sua vez se tendo

livrado dos capacetes, dos talabartes e dos mosquetões, fazem plantão descansando em tôrno da mesa do rádio. Pelos cantos, selas, testeiros, estribos, botas e buçais.

Nem mesmo na praça — átrio da Cidade Livre — há a antipatia das solidões. Passam jipes, bicicletas, vespas, peruas. À medida que vão chegando, os caminhões das longas frotas se dispõem em semicírculo. Vêm de longe, com poalha de quilômetros, os pneus grossos de emulsão de asfalto por causa dos trechos em pavimentação. Os fundos das carroçarias recobertas com encerados parecem proas de cargueiros viradas agora para supostos cais de desembarque. Tôda sorte de mercadoria muito bem arrumada lá dentro, desde lingotes e manilhas até vigas e tubulões; desde toras e estacas, até rebolos, abrasivos e acoplamentos. Parece a reçaga dum exército.

Daí a pouco o círculo estará fechado, pois chegam outras frotas com pilhas de sacos de cimento, feixes de ferros trefilados, esquadrias de alumínio; e procuram se apertar a fim de que sobrem vãos para a terceira esquadra que vem rangendo, resfolegando ao pêso de cargas expressas. E eis que de outra variante irrompe uma fileira de guinchos rebocando carretas com chapas onduladas, galpões desmontáveis, rôlos de cabos de aço, varas de ferros redondos, geradores, bombas hidráulicas...

É a hora habitual da chegada dêsses comboios. Os motoristas e os serventes vão jantar, vão dormir, antes do último arranco, lá pela madrugada, rumo aos canteiros-de-obras da Asa Sul.

Motoristas e ajudantes instalam-se em redor de balcões e de mesas no *Maracangalha*, no *Café da Pixuna*, no *Restaurante e Pastelaria Oeste*. Suas conversas renovam a atmosfera até então só impregnada pelo zum-zum dos caixeiros-viajantes e dos fornecedores como sempre palrando sôbre barras moldadas, reforços de sondagens, provas de carga, granilite e tacos de cabreúva, calhas e condutores, pias e canos, preços e condições, prazos e descontos.

O Núcleo Bandeirante vira almoxarifado ao ar livre, estratifica-se em cidade Livre e em dormitório coletivo, decompõe-se em centro de varejo e em arrabalde de olarias e serrarias. Natural que êsse *compound* híbrido — triagem e reservatório — devido ao atrito e à imantação atinja por assim dizer o rubro de brasa das engrenagens em rendimento máximo, não se contentando em ser mero entreposto ou feitoria.

O material de construção não converge para Brasília em vagões de estradas-de-ferro; surge como por encanto orgíaco no bojo dos quadrimotores e dos caminhões, como se permanentes cálculos eletrônicos de Pesquisa Operacional garantissem em *motu perpetuo* os elementos de montagem para os blocos.

Só assim, em cada canteiro-de-obras na orla de capoeiras tisnadas, hora a hora, dia a dia, semana após semana, as manobras vão depositando toneladas de sacos, pirâmides de caixotes, pilhas de feixes, enquanto perfuradores abrem fundações, estacas tomam o pulso do subsolo, lingas suspendem marretas. Nos interstícios de tudo isso os candangos, que receberam o carisma das automações planificadas, se metamorfoseiam em robôs e removem chapas e vergalhões, viram caçambas de cimento e cascalho para dentro das valas.

É tamanho o atroar do estaleiro, que já sumiram os bichos. As antas, os cachorros-do-mato, os tatus-canastras, as cobras; tudo acossado pelo estridor da dupla bigorna. Só de raro em raro um caminhão ainda esmaga um guará esquálido, ou um jipe ainda atropela uma ema espavorida.

E não tarda que, ao sol e à chuva, o material se ordene como Números e Idéias no bailado das correlações, deixando-se dispor pela vontade das talhas manuais e elétricas, dos cadernais e das roldanas, dos guindastes e dos moitões. De maneira que desde meses o Eixo Cívico vibra e zune como se fôsse todo êle uma só serra de fita, e o Eixo Rodoviário sibila e trepida como se fôsse todo êle uma só serra circular. Resulta uma zoeira paroxística de espondeus e dáctilos. E enquanto isso o Plano Pilôto vai segregando uma linfa, uma lagarta, uma crisálida de cimento armado e de cristal, espécie de *Acherontia Atropos* chagalliana pousada no fio do Paralelo 16.

Os quatro — José Maria, Vitalino, Maneco e Indalécio — param na entrada do botequim da Pixuna Empalhada.

Costuma ter mais movimento do que o *Maracangalha* por causa da atração: uma onça preta "embalsamada", com olhos de vidro, fauces hiantes, bigodeira envernizada,

unhas de fora, e que finge armar o bote. Pende-lhe do pescoço um cartaz "envidraçado" em plástico:

Depois de tanto trabalho
Existe um recurso só.
Pernil, cerveja e baralho
Nas mesas da Promombó.

Mas p'ra não haver contenda
Entre a Pixuna e você,
Antes de cada encomenda
Tire um vale no guichê.

A freguesia não sabe de quem deve ter mais mêdo: se da jaguarana, se da proprietária, Dona Tuda Promombó, sempre atenta às mesas e aos caras que entram e saem. O seu casaco aberto deixa ver na cintura a penca de chaves dum lado e a pistola automática do outro. A Promombó tem ameaça de barba e bigode, que dia sim dia não escanhoa com gilete; e uma verruga com três cabelos encaracolados. Pende-lhe dum fio de ouro sôbre o peito coriáceo uma jóia ôca, em forma de picuá, onde dizem que ela guarda três diamantes rosa-claro. O marido — que nem ela sabe que fim levou — foi garimpeiro, tendo passado por todos os estágios, desde peneirador de cascalho até meia-praça e chefe de grupiara. Ela apenas diz: "P'ra quê que êle se foi meter em eleições lá em Paraopeba!?" Fica um momento triste, desaparece todo o seu ar feroz e atrabiliário.

No expediente ininterrupto, não se serve nunca do cofre pesadão, situado atrás, na parede. Faz o trôco miúdo servindo-se da dinheirama que cresce na suruca; quando precisa de notas maiores abre e vasculha o bruaqueiro. Ao conferir a nota do garção e ao cobrar adiantado, permanece séria; mas quando êles saem pergunta aos clientes, tôda sorridente:

— Comeu bem? Sai satisfeito? Quero os meus mumbicas e os meus redomões bem pastados e bem salitrados.

Só usa as gavetas para guardar maços de cigarros, pacotes de fósforos e baralhos. Gaba-se, em conversa, de ter sido em pequena, dos dez aos quinze anos, guia de carro de boi.

A cozinha, ou melhor o fogão, é à vista: lance de tijolos tisnados por perpétuas labaredas. No balcão se serve pinga, batida, pastel, sanduíche, cachorro-quente e churrasquinho. Nas mesas, cerveja, vinho, água mineral, guaraná, talharim, bifes-à-cavalo, talhadas de pernil, sopas, queijo, goiabada, frutas e até compota.

No galpão dos fundos, em saletas resultantes de divisões feitas com esteiras de taquara, prolifera o jôgo permitido (?). Truco, sete-e-meio, trinta-e-um, bisca, escopão. Caixeiros-viajantes e fornecedores de material jogam buraco, pif-paf e pôquer. Cada saleta paga barato de hora em hora. Da cobrança encarrega-se o Clodomiro, que tem ânimo de cangaceiro em corpo atlético de índio macuxi. Sempre que em meio à atmosfera sobrecarregada de fumaça há prenúncios de desavenças, êle não age sem antes mandar o Zeca fazer a necessária consulta. Só essa ameaça geralmente basta para serenar os ânimos. Caso a bebida haja transtornado as faculdades de raciocínio, então a Promombó (geralmente isso ocorre quando o botequim já se acha quase vazio) deixa o Zeca policiando as borboletas de ferro, fecha com cadeado o guichê da caixa e dá um passeio pelo seu "cassino". A borboleta de ferro, antes da terceira porta, é a única saída; um passadiço tipo pedágio rotativo. Quem o manobra é a própria Promombó mediante uma haste como nos abridores de porta de ônibus.

Mascando fumo de rôlo e pondo as mãos nos ilíacos de maneira a exibir a pistola automática, Dona Tuda percorre o corredor comum aos cubículos da espelunca, e apenas rosna:

— Querem que eu traga a pixuna para incutir respeito, ou basta a minha cara?

Há quem tenha vontade de dar uma resposta gaiata. Ela permite, na razão direta da intimidade, do crédito e da freqüência; do contrário o atrevidaço saí soerguido no ar pelos gadanhos do Clodomiro da Balsa que o atira na rua, fazendo-o atolar-se na lama ou sufocar-se na poeira alta mais de trinta centímetros (conforme o tempo).

À vista de tôda essa fama e porque preferem paz, José Maria, Maneco, Indalécio e Vitalino não entram; prosseguem. São nove e meia da noite, mas não falta o que ver. Tudo funciona ainda. *A Casa Juvenal, A Fada, A*

Cabeleireira Virgínia, a farmácia, o empório, o armarinho, as agências de *Goiazterras*, das *Chácaras Santa Luzia*, do *Jardim Leuza*. Saem com ares satisfeitos de clientes de supermercados os fregueses da *Cooperativa Goiáscoop* e da firma *Irmãos Garcia Borges*. Pudera! Pilhas de travesseiros, cobertores, colchas e lençóis. Fileiras de sapatos, alpercatas e botas. Exposições giratórias de calças de brim coringa. Dúzias de camisas, malhas e chapéus. Mesinhas com discos; aquêle que está tocando traz do outro mundo a voz de Chico Alves; e há quem se sente nas malas à venda, só para ouvir. Vitrina especial, com a coleção tentadora daquilo que todo candango sonha em comprar assim que puder: esferográfica, caneta-tinteiro, óculos escuros, relógio-pulseira e transístor.

Acabada a área da Cidade Satélite, também acaba a iluminação, e começa em frente e dos lados a capoeira emboscada na treva relativa. Os quatro passam meio depressa, meio envergonhados, defronte do Chalé das Iraras. Por fora, assim recuado do atalho, metido no terreno recoberto de capim membeca todo amarelento, o prostíbulo hipòcritamente se configura em prédio acanhado de madeira, com as seis janelas da frente e as quatro do lado fechadas e revestidas de pano prêto, num *blackout* prudente.

Lá dentro há uma sala de espera à esquerda e um bar à direita, cujas portas internas se comunicam com seis quartos. Numa, os homens esperam lendo revistas velhas e olhando de vez em quando para as três portas. De tempos a tempos, uma dessas se abre, e uma mulher de combinação brada sem aparecer: "Outro!" Aquêle que está na vez larga a revista, depõe no cinzeiro o cigarro e entra. É que o precedente já saiu pela porta que dá para o quintal. No bar, aceso mas de janelas tapadas, sirigaitas percorrem as mesas. Vestidas de setim, decotadas e com sapatos de saltos altos, penteados espalhafatosos, cigarro e sorriso nos beiços, sombras verdes alargando olheiras em redor das pálpebras. "Não me oferece um cálice?" Umas são barradas, outras se sentam. Mas quando toca a sineta elas se levantam depressa, vão substituir as que acabaram a hora do seu plantão. E as substituídas aparecem, repetem o estribilho.

Chalé das iraras. Por fora, tem até aspecto familiar

de vivenda, com fachada de duas côres, azul e vermelho, venezianas indevassáveis, vasos de gerânios às vêzes floridos nos peitoris.

Num banco do jardim inculto, de costas para o atalho, se senta o Cosme, capanga e vendedor de preservativos e bilhetes de loteria.

Bem mais adiante e do outro lado, onde o atalho se estreita em trilha tortuosa, há uma casa solitária, feita de tábuas e fôlhas de latas. Moitas de lixeira e caju rasteiro quase chegam a escondê-la. Não existe perto nem à vista nenhuma gamaleira, apenas um pé de peroba, onde de dia se vêem urubus empoleirados. Todavia aquela casa se chama *A Gameleira*.

A entrada-saída é pelos fundos. Quem atende é a Filó Piguancha, instalada numa cadeira de balanço ao lado da mesa cujo candieiro ilumina blocos de fôlhas destacáveis. Os "candidatos" adquirem-lhe uma gamela.

No comêço isso de gamelas eram os colchões estendidos no chão como num abrigo noturno. Hoje, quando na trilha ou no atalho aparece alguma das tais mulheres, dizem: "Lá vai uma gamela..." E consta que há clientes que adquirem dois bilhetes e passam de camisa e meias dum colchão para o outro...

Os quatro ex-soldados da borracha não esticam até lá a sua caminhada. Refazem parte da trilha, todo o atalho e a comprida rua. José Maria vem fungando. No seu sentir, aquelas bandas ambíguas têm um cheiro que não é crônico nem agudo, mas sim azêdo, como de bagos de jaca.

Pouco antes da praça, surpreendem ainda a saída da aula de catecismo e, logo adiante, a saída da interpretação da Bíblia. O padre católico e o ministro batista fecham os seus templos. Enquanto os dois estão parados, equidistantes da criançada, meninos e meninas ainda cantam, em fila de ensaio, mas logo que ambos se recolhem simètricamente com cumprimentos cerimoniosos, a turma abala rua acima até a prêta que vende cocada, puxa-puxa e sabongo.

Os quatro amigos, interceptados pelo bando afoito, passam devagar por um vão difícil entre os caminhões das frotas estacionadas. Esbarram no anão iugoslavo que acabou de fechar a sua loja. Das sete às dez da noite, durante a semana, é sapateiro relâmpago, põe saltos

Michelin em cinco minutos e meias-solas em vinte. Nos domingos tem a função mítica dos oráculos: abre poços, garante água límpida. Bomba, só de mão, a preço razoável. De dia, durante a semana, trabalha no Plano Pilôto, como perfurador de fundações para estaqueamento.

Tôdas as manhãs de tempo claro o Gnomo torna-se também gnomônico, isto é relógio de sol. Todo mundo que está à espera do ônibus para as obras já sabe: são seis horas exatas, certas, quando êle sai de casa e vem em direção ao grupo. Como conhece as suas propriedades, espera no centro da praça.

É um anão de porte e maneiras velasquenhas. O seu primeiro antepassado cooperou na edificação do templo de Salomão. Agora êle colabora na construção de Brasília, e o faz de modo lúdico. Outro seu parente célebre foi Quasímodo. Depois, Rubezahal, popular na Alemanha gótica. Tôda a raça passou da Grécia para os países bizantinos ortodoxos. Seus elementos tinham o dom de robotizar-se, virando quadrantes horários e com belos nomes aproveitáveis ainda hoje em dia para ficção científica e poesia Rosa Cruz: Antiboreum, Eugonation...

De segunda-feira a sábado, o Gnomo, encarapitado em máquinas como um balancim, perfura a sigmoide do Eixo Monumental, abrindo pertuitos longitudinais onde caberão côvados de ferro e arráteis de magmas, êstes então despejados lá para dentro pelos caminhões basculantes cujos caçambas entornam concreto pré-misturado.

Integrando-se de maneira exótica e sofisticada no P B X, a Vanaquiá parecia mais um manequim de vitrina do que uma operadora de telex, muito embora os seus gestos acendessem e apagassem lâmpadas azuis e vermelhas, inserissem e destacassem terminais comparáveis a nervos eletrônicos.

— O estafeta aéreo chegou atrasado? — perguntou-lhe Amauri consultando ao mesmo tempo o cronômetro de pulso. — Nove horas.

— Pontualíssimo. Êles sentaram-se neste minuto.

As duas abas da porta de vaivém desarticularam-se criando uma nesga de expectativa. Quem iria aparecer? Raquel? Lia? Ou Jaci? Qual delas estaria aquela noite secretariando a reunião?

Surgiu em suave relêvo a metade longitudinal dum corpo jovem e flexuoso; mas foi a voz inconfundível que definiu a pessoa antes do todo humano apresentar-se.

— Boa-noite, tenente. Vieram sempre os móveis indispensáveis à secretaria do Alvorada?

— Boa-noite, Jaci. Os essenciais, escolhidos pelo próprio Presidente. Sua Excelência determinou que os restantes venham em dois caminhões (do tamanho de jamantas) da Rodoviária Santa Fé. Deixei-os superlotados no jardim do Catete, à espera apenas dos *pick ups*.

— Ótimo. E as pastas?

— Apenas uma. Ei-la.

— Obrigada. Venha sentar-se na sala dos arquivos.

Efeito da distância e também do tom da conversa que baixou por conveniência, já agora a Vanaquiá não conseguia mais ouvi-los direito, o assunto era tratado em código:

— Devo entregar a pasta ao Jacamim?

— Serve mesmo o Caurê.

— Êsse está ocupado noutra sala com o Piaçoca e o Aperema.

— Piaçoca quem é?

— O conselheiro econômico que mamãe diz que tem cara de piraíba em môlho pardo. Sente-se aqui. Não esqueci nem mesmo o cinzeiro apesar da advertência "Proibido Fumar".

A conversa assim natural dava a entender que a reunião era na sala dos fundos, lá longe.

— Posso esperá-la?

— Se quiser. A reunião vai ser curta. Assuntos importantes em pauta, porém de decisão rápida. Tudo já foi debatido no Rio. Agora é só proceder-se à votação, o secretário seu Carlos Alberto redigir a ata e colhêr as assinaturas. Distraía-se lendo os itens da sessão programada.

Jaci sumiu. Os saltos dos seus sapatos mandavam ecos do trajeto. Amauri acendeu um cigarro, pôs-se a ler o formulário com a mesma displicência com que na sala de espera dum consultório leria qualquer página do *Rider's Digest*.

"Reunião da Comissão Julgadora da concorrência

administrativa para a instalação e a montagem da usina de tratamento e industrialização do lixo.

"Encaminhamento ao Conselho da proposta de execução por administração contratada dos serviços de luz e fôrça da cidade de Brasília.

"Submeter ao Conselho o plano de contas, caso o parecer do relator chegue ainda hoje.

Cruzando as pernas, Amauri pensou: "Devo ter trazido êsse parecer. Francamente, não sei. Sou um estafeta neutro."

"Ouvir os técnicos convocados para esta reunião, a fim de que emitam parecer oral quanto às alíneas C e F do texto sôbre o plano do trecho ferroviário Brasília-Pirapora e os prolongamentos das Companhias Paulista, Mogiana e Rêde Mineira de Viação.

"*Importante:* Determinar hoje sem falta o quantum das novas emissões de obrigações de Brasília. Propor um empréstimo de dois bilhões e seiscentos milhões de cruzeiros."

Aquêles apelidos usados por Jaci, Raquel e Lia referindo-se aos graúdos da NOVACAP não haviam sido invenções delas. Gente do Rio não os entenderia. O próprio Amauri percebera apenas que se tratava dum sistema: destacar duma pessoa algo caracterìsticamente parecido com a expressão incisiva dum bicho. Jamais ouvira antes, por exemplo, falar em pomba goura, pariri ou vanaquiá; mas aceitara desde logo tais apelidos para Lia, Raquel e Orminda porque de fato elas tinham qualquer semelhança com rolinhas, quer na delicadeza corporal quer na índole amena.

A idéia só poderia ter partido mesmo de Dona Juçara, mãe de Jaci. Pouco a pouco, tanto no vestíbulo e no restaurante do *Brasília Palace* como nos departamentos da NOVACAP, ela fôra conhecendo pelo menos de vista personalidades importantes da proto--história de Brasília. Sendo muito vivaz e arguta, com bastantes doses de sarcasmo, ia observando um por um aquêles figurões maduros, até que uma bela tarde sussurrava para a filha observações assim: "Lá vem o Piaçoca." "Vai entrar o Cauré." "O Jacamim está zangando com o porteiro."

Ora, a filha, acostumada a ver aquêles bichos em gaiolas, em árvores, em moitas, lá em Conceição do Araguaia, caía na risada por causa da semelhança flagrante. Mas flagrante apenas para quem conhecia a bicharada da selva ou do capoeirão. Por isso o ressôo de tais apelidos era pequeno, passando êles a atuar mais como elemento cifrado. Raquel, Lia e Amauri, só depois que Jaci lhes mostrou estampas coloridas num álbum descritivo do *M E C*, foi que acharam graça na adequação. Daí por diante, até mesmo no Rio, mal viam aparecer um dos membros da diretoria, do conselho, etc., aplicavam o cognome. "Lá vem o Aperema". "Hoje a Anacã está insuportável."

No entretanto mãe e filha, satisfeitas com a vantagem do recurso, não só o foram adotando como não fizeram questão de carta-patente, exigindo porém que o hábito se restringisse às amigas íntimas, de modo a tornar-se uma espécie de código usado só por certa *intelligentzia*, como numa maçonaria. O sistema foi aplicado também ao funcionalismo. Nada de poupar colegas. Quanto ao pessoal feminino, tanto as solteironas e as desquitadas neurastênicas como as que já contavam nos dedos o tempo que faltava para a aposentadoria eram as Anhumas. Ao passo que as garôtas, desde as datilógrafas quase andróginas até as escriturárias sassaricantes, constituíam as Tangarás e as Maracanãs, cujas respectivas chefes também não escaparam da clave. Uma, displicente, passou a ser aludida como Maria Mole; outra, implicante, passou a ser Mutum.

Admitindo-se a priori que a construção de Brasília devia constituir um ímã de atração para oportunistas vorazes como uma despensa o é para ratazanas, o grupo classificador passou a observar entre os freqüentadores de hotéis, da NOVACAP, dos canteiros-de-obras, certo Estado-Maior e respectivos espiões, de gabarito superior à classe dos fornecedores e dos caixeiros-viajantes. Determinada gente ambígua que conhecia cedo, antes da publicação no *Diário Oficial* dos têrmos das concorrências, o quantum dos orçamentos, e que assim podia apresentar projetos e sabia a hora de apresentá-los. Isto é, quando havia dinheiro por causa da aprovação de operações de crédito, já que as emissões eram da competência privativa do Conselho Administrativo, competência essa atribuída pelo artigo 12, parágrafo 8.º da lei 2874 de 19 de setembro de 1956. Aquêles magnatas e *big shots* atentos, conquanto

de identificação pessoal ou empresarial difícil, eram as mucuras e os apuìzeiros.

Fácil entender-se que o mundo da criação animal e vegetal facilita, segundo a fôrça dos climas, a proliferação de mucuras e apuìzeiros. Jaci às vêzes comentava isso com Amauri no bar dum dos hotéis de luxo, vendo passar certos tipos estranhos, revendo-os depois no vestíbulo da NOVACAP, enxergando-os a vistoriar obras na Asa Sul, deparando-os ainda diante de copos de uísque no *João do Frango*, tendo-os como colegas de percurso num avião da Real.

Amauri perguntou, logo na primeira voz:

— Que é isso? Mucura...? Apuìzeiro...?

— Bem se vê que você vive no ar. Mucura em Conceição do Araguaia é o que vocês em certos subúrbios do Rio chamam gambá, rapôsa de galinheiro. Observe na terceira mesa o segundo sujeito, focinhudo, de ar ardiloso. Mucura pela certa. Age sòzinho, sub-repticiamente, como livre-atirador. Já aquêle bando, na mesa seguinte, constituído por emprêsas que venceram concorrências, é do tipo dos apuìzeiros, as parasitas que na selva estrangulam os murumês e as copaíbas, sorvendo-lhes as seivas...

A lição teórica foi bem aproveitada por Amauri, cuja distração em Brasília, entre um vôo e outro, era descobrir na prática exemplares humanos daquelas duas classificações. E já agora era êle quem, de bom humor, discorria bebendo aperitivos. E discorria como bom neto do velho Martinho Higino:

— Mestra Mucura dorme o dia todo até se regalar. Sabe que à luz do sol a vida é desigual. Por isso nunca exercita a vista e até enxerga mal quando a atacam na toca. Durante a noite, porém, o sono dos inocentes facilita a vigília dos assaltantes. Como todo ser que vence fácil na escuridão, Mestra Mucura, de tanto gozar a estupidez alheia, ficou com dentes sarcásticos. Não dispondo de fôrça mas só de rapidez, e como os explorados às vêzes reagem e vão desentocá-la traiçoeiramente à luz do sol, ela dispõe duma defesa que consiste em desmoralizar de modo agudo o vingador: a catinga. Expele-a em jatos que tonteiam até os cães domésticos. Trabalhar, esfalfar-se, para quê? Melhor dormir de dia, passear de noite comendo pintos, filhotes, devastando ninhadas. Se Mestra Mucura

é, como todo bicho que mereceu as honras das fábulas latinas e dos apólogos medievais, uma individualidade matreira porém de ambição graduada, já Mestre Apuìzeiro é o tipo do explorador difuso, permanente e insaciável, cujos cipós e lianas envolvem as Bôlsas, as Sociedades Anônimas, as cotações dos títulos, as eleições de diretorias, as antecâmaras políticas e administrativas, os *trusts*, alastrando-se por tôda a brenha dos negócios, a sua principal sabedoria sendo deixar em estado sempre pré-agônico as vítimas... Lá uma vez ou outra são desmascarados, êsses apuìzeiros, quando se desmandam em negociatas escandalosas, como em Suez, no Panamá; porém a prática já lhes ensinou as vantagens preferíveis do regime das Eminências Pardas...

O jipe ultrapassou alguns caminhões por causa da poeira que levantavam na estrada ainda de terra ao lado dos terrenos para as sedes das embaixadas. Jaci, que ia calada, só se manifestou quando êles passaram rente ao cemitério, a caminho da W-3:

— Lugar vazio, mas já tão antipático!...

Ela havia emburrado desde a hora da saída, quando ao assumir a direção do jipe Amauri perguntara:

— Raquel e Lia não vêm?

Custando a responder e a entrar no carro, ela se limitara, afinal, a replicar com certa irritação:

— Não sabe que estão no Rio? — E olhara-o desconfiada.

O mesmo temperamento susceptivel da mãe.

Nisto passou todo aceso o ônibus lotado com funcionários da NOVACAP, e ela disse:

— Pois é, eu podia ter ido nêle, como faço sempre. Assim não lhe dava essa trabalheira.

— Pois eu considero isso um privilégio. Pelo que deduzo, você deve estar muito cansada.

— Estou sim. Ainda esta tarde tive que datilografar assuntos os mais aborrecidos ditados pelo Piaçoca. Projeto duma comissão técnica destinada a dirigir trabalhos experimentais de recuperação do solo do atual Distrito Federal empregando-se métodos biológicos de agricultura e conservação. Não pude ir jantar em casa, jantei mesmo no restaurante das Pioneiras Sociais, voltei para a máquina

a fim de passar a limpo depressa o parecer da comissão julgadora da concorrência relativa ao fornecimento de transformadores trifásicos para a rêde de distribuição de energia elétrica entre o aeroporto e a cidade satélite.

— Vamos comer qualquer coisa no *Brasília Palace Hotel.*

— Obrigada. Tenho que ir já para casa e copiar o nôvo Plano do Serviço de Alimentação da Previdência Social a ser debatido amanhã cedo. Demais a mais, Inácia está sòzinha, apenas com os caseiros.

— E sua mãe?

— Ora, mamãe não larga papai.

— Não vai me dizer que sua mãe está asfaltando estradas...

— Pouco falta. Em 57 acompanhou a turma da rodovia Brasília-Belo Horizonte, de que papai era um dos encarregados até Paracatu. Ela hospedava-se nas cidades marginais, Lusiânia, Cristalina. Vivia de jipe para lá e para cá. Depois que papai se alistou na construção da BR-14, ela transformou Japuri em seu estado-maior, indo e vindo no avião da Rodobrás, mantendo papai num cortado.

Amauri envolveu-a num sorriso que tinha certo sentido, como a perguntar-lhe: "Você não saiu um pouco a ela?" Acelerando a velocidade, apesar dos solavancos, disse:

— Vou levá-la ao sítio; chegaremos lá quando a lua acabar de nascer.

Olharam para o mesmo ponto. Aliás para onde ambos pareciam seguir depressa como passageiros retardatários que duma estrada paralela a um aerodromo vêem o avião todo iluminado e fragoroso a piscar urgentes centelhas vermelhas. Por sôbre as obras da barragem do Paranoá esboçava-se no céu escuro meio arco de círculo luminoso qual metade dum cibório.

— Ela está atracada na terra, ainda à nossa espera — comentou êle.

Desmentindo-o, a lua desatracou e ficou suspensa, inteiramente delineada, a ponto de na sua alvura opaca se distinguirem crateras e montanhas.

Amauri forçou a situação, disposto a vencer o ar pro-

positalmente inibido de Jaci desde que êle lhe perguntara pelas irmãs Abranches.

— Essa que está vendo, menina, já teve diversos nomes bárbaros e mitológicos, gregos e gentios, clássicos e arcádicos, românticos e científicos. Intimo você a enumerar-me alguns outros, de seu conhecimento tribal.

— Não perca tempo. Só sei dois e muito sem graça: jaci e capói. — Depois, fitando-o com expressão analítica: — Está verboso hoje, heim? Bem se vê que o neto saiu ao avô. — E, disposta a inquiri-lo: — Veio contente do Rio, não?

— Quer desviar-me do meu culto à lua! Eu em garôto acreditava que a grande imagem esculpida nela fôsse São Jorge.

— Pois eu — deixou-se vencer Jaci — em criança pensava que fôssem tocas onde se enrodilhassem tucanos, graúnas, capivaras... Para me meter mêdo quando eu não queria dormir, Inácia me assustava: "Olhe que eu chamo o mapinguari que está nos olhando lá da lua!" Então mais que depressa eu pousava a cabeça no colo da minha ama e fazia tudo para adormecer logo.

— Então é pena Inácia não estar aqui conosco neste jipe. — E puxou-lhe a cabeça para o seu ombro. Jaci reagiu, mas Amauri, continuando a dirigir com a mão esquerda, lhe mantinha com o outro braço o rosto de encontro ao seu. — E agora já dorme sòzinha, não tem mêdo mais?

— Às vêzes Inácia ainda me acalenta. Adormeço com a cabeça no colo de minha velha ama tapuia. Sabe como é que eu a chamo? "Aixô"... algo assim como tia-avó. Geralmente, descanso primeiro um pouco na rêde lá fora, naquele pedacinho de mata junto do ibirá que divide as nossas terras das do Catetinho. Mostramos-lhe, mamãe e eu, quando você foi conhecer papai em fevereiro de 58.

— Ahn, sim. Onde nasce o regato?

— Exatamente. Onde tem uma diminuta upaba ou lagoazinha com a água sempre borbulhando por causa das três minas. Sabe como é regato na língua de Inácia? Iecoaba. E mina de água? Iecobê. Lá tomo banho de madrugada, entre as três minas que me crucifixam. Quer fazer o especial favor de ter modos?! Pise no freio e

não no meu pé. Segure no volante e não no meu ombro — disse ela sem desencostar a cabeça.

— Sabia que eu chegava hoje?

— Sabia que certos documentos imprescindíveis para a reunião desta noite deveriam chegar por um avião da FAB, porém não tive tempo nem preocupação de adivinhar se seria o tenente Amauri ou o major Lima, ou o major Enéias quem os traria. Como recepcionista da NOVACAP o que me interessa são os documentos. Não sou como mamãe que manda Inácia acender sementes de urucuri para atrair papai. Que caminho é êsse que está tomando?

— Vamos cear no *Brasília Palace*. Ou prefere o *Nacional?* Já tomou refeições em algum dêsses hotéis?

— Já sim, quando fazia parte das Relações Públicas como assessôra da Anacã. Acompanhávamos repórteres norte-americanos de *The World* e do *Herald Tribune.*

— Bravos! Que pronúncia excelente! Tribiúne...

— Não sabe que aprendi inglês, datilografia e estenografia com Miss Ackermann, em Copacabana? Não sou assim tão subdesenvolvida! Tive tempo para civilizar-me.

— Pode ir cear com articulistas ianques e não pode ir comigo?

— Não fui sòzinha com êles. Foram assessorando a Anacã também as irmãs Abranches, tão suas amigas.

— Da Anacã?

— Não se faça de tolo. Amigas suas. Não percebeu que ao dizer os títulos dos jornais de Nova York imitei a pronúncia afetada de Raquel?

— Amigas? Umas ingratas! Se estão no Rio, como é que não me telefonaram nem apareceram?

Ela reaprumou o corpo, distanciando-se dêle.

— Vamos mudar de assunto. Veja que linda está a lua. Ela tem o dom de tornar êstes cerrados uma paisagem triste.

— Mas na selva não é pior?

— Estou me referindo ao aspecto noturno. Sinta o silêncio. Ora, a selva de noite é tôda uma orquestração. Tudo quanto é fera, bicho, ave, passarinho, inseto, pia, chama, conversa, comenta.

Quando Amauri parou diante da cêrca de arame farpado e mourões de aroeira, recoberta por extenso gravatàzal, o caseiro, que fumava petimbuaba, o cachimbo dos

caboclos, correu a abrir a porteira de pau candeia. O jipe passou devagar rente aos troncos de indaiás e bacuris, descreveu uma curva para entrar em marcha-ré debaixo do telheiro.

Os dois saltaram, deixando os faróis acesos. A casa de madeira estava às escuras, porém o luar lhe esbatia a sombra opaca no chão. Uma sombra espêssa, donde se irradiavam texturas filigranadas projetando as imagens do arvoredo. A mata em redor e no fundo, continuando-se com a do Catetinho, parecia ilustrar as palavras de Jaci ainda agora, tão variado era o estridor feito de pios, arrulhos, zunidos, gorgolejos, regougos, zangarreadas, chilidos, chamados e reponsos. A impressão era de comentários mesmo.

À medida que caminhavam sentiam uma impressão acariciante de frescor que vinha do gorgulhar das minas de água a metro e tanto uma da outra, em triângulo, como dum coração cujas válvulas abertas manavam simultâneamente

— Aqui me banho tôdas as madrugadas, por mais que Inácia ralhe dizendo sempre a mesma coisa: "Você não é mais índia."

A claridade em jôrro varava o mato, punha-lhe relêvo, abria perspectiva para a brisa através do trabeculado das tosseiras luzidias e das folhagens coriáceas.

O lago resultante, raso e diminuto como uma piscina para crianças, era ladeado por taquarinhas do brejo e cana-de-macaco.

Quando chegaram à clareira, a orquestração da mata, que antes parecia compacta, amainou em surdina como armadilha para um dueto.

— Onde está a rêde?

— Inácia rceolhe-a ao anoitecer, zanga comigo sempre que torno a vir armá-la. E diz: "Uma noite você ainda acorda com um japurá despencando do pé de araticum para cima de você." Ela pensa que ainda estamos na selva.

Do lado da casa a superfície do lago-fonte era opaca, como se o luar a envernizasse. Mas, rente à cêrca limítrofe, se ia tornando translúcida. De modo que no fundo raso e claro do ietê se viam seixos, conchas e uma areiazinha refulgente.

— Aqui, tôdas as madrugadas, ao pôr o pé na água,

espanto as libélulas. Mas quanto aos besouros unaúnas, não há meios — disse Jaci. — São teimosos como você que não se importa com os caseiros que a estas horas estão nos espiando por alguma fresta das tábuas.

Nem por isso Amauri desfêz o abraço em que a envolvia desde qué haviam descido do jipe. Apenas a perscrutou com ar reticencioso.

— Será que com êsse costume de comparações exóticas você tenciona apelidar-me também, e logo de...

— Unaúna? Oh, não, seria muito pouco. Se continuar assim sem modos, como durante o trajeto, me sugerirá outras comparações mais ajustáveis. No gênero, por exemplo, das que mamãe aplica a papai: Macunaíma... Poronominare... — E sentindo-lhe a tentativa dum beijo nos cabelos: — Vá-se embora, que ainda tenho muito que trabalhar esta noite. No mínimo uma hora de máquina, datilografando inclusive a cópia da ata. Falar nisso, meu Deus, esqueci a pasta no jipe!

— Escute, largue a pasta dentro de câsa e venha comigo. Vamos jantar no *Brasília Palace*.

— Nem lá nem no *Nacional* hoje não teve jantar nem terá ceia.

— Por que motivo?

— Todo mundo foi convidado para comer paca na primeira superquadra concluída em Brasília.

— Oh! Mais uma razão. Venha comigo.

— É às onze horas.

— Então não percamos tempo. Agora me lembro. No aeroporto me entregaram dois convites diferentes. Um para a festa popular e outro para a festa grãfina. Tinham uns títulos esquisitos, de carros de préstitos carnavalescos. — E vasculhando os bôlsos. — Perdi-os.

— Eu sei de cor. Há uma semana que na NOVACAP não falam em outra coisa: EM MEGARA, NOS JARDINS DE ANÍBAL... e NOS TRICLÍNIOS DE LUCULLUS.

— Vamos! Vamos!! Deve ser gozado.

— Não vou por uma razão feminina, fútil. Vestido. *Toilette*. Imagine que a Anacã e respectivo bando encomendaram vestidos em Copacabana.

— Mais uma razão. Esbodegaremos tôda e qualquer etiquêta. Para isso poderemos contar com a colaboração do Lima e do Enéias, que chegaram conduzindo o Viscount.

— Prefiro boicotar essa bacanal de mucuras e apuìzeiros.

— Mesmo?!

— Brincadeira minha. Como não tenho vestido apropriado, disfarço com a frase do apólogo: "Estão verdes..." Vou datilografar laudas.

— E eu vou dormir.

— Quando retorna ao Rio?

— Amanhã às nove horas.

— Não demore a voltar.

Ao chegar ao hotel, Amauri deixou o jipe junto do paredão de azulejos de Athos Bulcão, foi falar com o gerente e depois deu uma espiada no bar.

Alguém vindo por detrás lhe tapou os olhos com as mãos, intimando-o com voz de falsete a adivinhar se era a Anacã ou Jaci.

— Anacã, impossível! Trata-me como se eu fôsse um guarda suíço e ela a papisa Joana. Jaci, impossível também. Deixei-a agora mesmo no sítio.

— Ah! É?! — E Raquel soltou-o, afastando-se e fingindo ciúme.

— Mas Jaci me disse que vocês, as gêmeas, estavam no Rio!

— Estivemos lá apenas quatro horas. Deixamos uma comitiva de governadores e prefeitos do Sul, e trouxemos outra, de juízes e promotores do Norte. Estão naquelas mesas fazendo horas para os Triclínios de Luculo.

— Então a festa é legal? Não se trata de mucuras e apuìzeiros?

— Venha sentar-se conosco antes que o major Lima consuma sòzinho a garrafa de *Grant's*.

— Que terei que pagá-la, sei. Mas que repetirei a dose desconfio que não por causa da chegada de Amauri — disse o major.

Amauri livrou-se dos beijos estalados que Lia lhe dava nos ouvidos e afastou-se para admirar as *toilettes* iguais das irmãs gêmeas.

Instalados na mesa logo à entrada, dividiram suas funções. Os homens escolhiam pedras de gêlo no balde e graduavam as doses de uísque e soda. A Vanaquiá, Lia

e Raquel faziam a caveira da Anacã vendo-a dançar com Jair.

— Está se locomovendo devagar para não ruir. Fêz plástica facial a semana passada.

— Mudou também o penteado. Pintou os cabelos com laivos azuis.

— Cada quinze dias os pinta e os penteia de modo diferente.

— Deve ter imensos complexos. Vejam o estampado do vestido. Os penduricalhos com que envolve o pescoço.

Desmentindo-as por completo agora a Anacã ensaiava paroxismos de *twist, Hully-Gully, go-go, madison, let kiss*...

— Daqui a pouco o capitão Jair terá que reajuntá-la do chão como pedaços dum motor.

— Não se assustem, pois êle é precavido.

Jair deixou o seu par na mesa comprida dos juízes e veio inserir-se no grupo.

— Não posso perder as memórias domésticas e internacionais do major Lima.

Êste de fato sacolejava os cubos de gêlo dentro do copo evocando pachorrentamente as suas reminiscências:

— Não são só vocês de Brasília que têm o hábito de pôr apelidos. Trata-se de mania antiga e generalizada. A minha professôra de literatura estrangeira no tempo do ginásio, no *Laffayette* do Rio, Dona Ifigênia Barreto, aliás Teles Barreto, certa manhã nos deu uma aula caprichada sôbre romantismo alemão. Após explicar minuciosamente as obras de Goethe, me pediu — eu era sempre o bode expiatório — para fazer uma síntese do livro *Ifigênia em Táurida*. Eu não sabia nada. A turma olhava para mim. À terceira ou quarta besteira que eu disse, ela apanhou estabanadamente a caixa de óculos e ante o pasmo geral se retirou da sala declarando: "Pois é. Ela era Ifigênia em Táurida. Eu aqui sou Ifigênia em Búrrida!"

— Ótimo, porém um tanto super-intelectual. Evoque uma de suas piadas mais acessíveis. Não o fato dos argentinos terem querido descer no Flamengo pensando que fôsse a pista do Santos Dumont, mas aquela confissão vocacional do pilôto da Swissair.

— Ah! Sim. Do Guilherme Tell do aeroporto de

Zurique. Perguntei um dia ao meu colega suíço como resolvera ser aviador num país cheio de geleiras e florestas, além de nevoeiros e teto zero. Respondeu como bom habitante dum país cujos cientistas divergem de Freud: "Não, não há que buscar a minha vocação para Ícaro num recalque da infância. E sim da juventude. Aos dezoito anos eu saía tôdas as manhãs da herdade paterna para a universidade em Baziléia. Um dia, dirigindo o galope dos quatro cavalos do *mail-coach* de papai. Outro dia, dirigindo a trote o *dog-cart* de mamãe. No outro dia dirigindo garbosamente o *tandem*. E tôdas as vêzes levava enormes sustos."

— Êle dirigia muito depressa? — perguntou Jair.

— Pela beira de precipícios? — supôs Enéias.

— Nada disso. "Sempre, dos dois lados do trajeto, mas em trechos diferentes, já em terras de vizinhos, de repente irrompiam a correr na minha direção, dos campos laterais, uns sujeitos sobraçando pás como se fôssem atacar-me por haver eu invadido terras alheias. Com a minha habildade e o meu chicote eu conseguia safar-me, deixando os tais sujeitos parados na estrada, de pás erguidas e atitudes decepcionadas. Até que um dia um grupo me alcançou, paralelamente ao *mail-coach*, isto é, aos quatro nédios cavalos de caudas erguidas, e correndo e manobrando as pás, conseguiu o seu intento."

— Qual? — perguntou Jair.

— Tratava-se da proverbal cautela suíça.

— Como assim? — insistiu Jair.

— "Tratava-se da proverbal prudência suíça. Juntar estêrco! E com que habilidade intempestiva êles o colhiam na fonte!... Então a fim de viver acima de contingências rasteiras tão antipoéticas, resolvi entrar para a Escola de Aeronáutica. Fiz-me pilôto aéreo."

— Como Jair ainda está vendo se entende a charada, conte-nos, Lima, uma de desenlace mais direto!

— Só se fôr de Portugal.

— Deve ser excelente.

— Que nada! Corriqueira, da rotina cotidiana. Isso acontece lá como pingar intermitente de torneira mal ajustada. Um constante fluir de candura lírica. Como o fado. Tanto que posso até mesmo contar duas colhidas no mesmo dia, quase na mesma hora. Quando obtive

licença da FAB para trabalhar por algum tempo numa linha comercial transatlântica, a Panair — hoje isso é impossível — fiz inúmeras vêzes, entre 50 e 53, o trajeto Galeão, Natal, Dacar, Lisboa, Paris e vice-versa. Um dia, em Portela de Sacavém, como os motores precisassem de revisão e por isso eu dispusesse de duas horas livres, tomei um táxi para Lisboa. Tinha lido nas manchetes dos jornais que ia haver eleições presidenciais no dia seguinte. Fui conversando com o motorista. "Então amanhã haverá eleições para Presidente da República!" "Saiba Vossência que sim." "Quais são os candidatos?" "Como, candidatos? Pois se o lugar é um só!..."

O major Lima esperou que acabassem de rir e prosseguiu:

— Na praça do Rocio desci, mas não para dar uma olhadela. A verdade é que precisara vir ao centro de Lisboa a fim de entregar uma carta de minha cunhada a certa amiga que morava numa rua chamada Sá Bandeira. Aproximei-me dum indivíduo à porta duma leiteria, saudei-o e pedi-lhe: "Poderia fazer-me o especial favor de explicar-me onde fica a rua Sá Bandeira?" "Sá Bandeira? Sá...Ban...dei...ra?" Pensou, pensou, fêz a cara mais prestimosa possível, aconselhou-me com expressão de amável expectativa: "Pergunte-me outra rua porque essa eu não sei onde fica."

— Boas, as duas. Muito características. Conte agora os seus apuros quando calouro da aviação — sugeriu Enéias.

— Mermoz e Saint-Éxupery tinham o pressentimento axiomático de que morreriam de desastre. Não sei qual dêles escreveu: "Junto de que foz, de que duna, de que penhasco ficará o meu cadáver até os cardumes ou as hienas se apiedarem da minha condição?" Aliás, não gosto da inserção da hiena neste trecho. Afinal de contas ela, a hiena, é um urubu quadrúpede! — disse Lima despertando gargalhadas, recurso que achou para valorizar o trecho apócrifo inventado. — Pois, meninas e colegas, experiência dessa probabilidade trágica eu próprio já senti.

— Como assim? — perguntou Lia.

— Pertenço à Aeronáutica há 19 anos. E foi dura a minha estréia. Havia a guerra mundial, o Brasil ainda estava neutro; expediram-me para a base de Natal e tive,

dia e noite, que patrulhar o litoral. Às vêzes, de dia por causa do efeito do sol, de noite por causa do calor, eu perdia a noção de altitude, ficava em estado modorrento e quando dava fé me achava a pouco metros da superfície marítima. Certa madrugada adormeci deveras, e sabem como acordei? Com o fragor do aparelho chocando-se com uma vaga. Pensei: "Ai de mím, desta vez me dano e bem cedo!" Para encurtar o *suspense,* declaro que me vi nadando horas, até ficar exausto, sempre em direção a mais reta possível a um farol. Achava-me nu, não só sem farda, sem camisa e sem cuecas como sem sapatos nem meias, apenas com o relógio *Tissot* no pulso. Como podia ter sido isso? Ao pânico e ao cansaço sucedeu a cãibra. Fiquei a boiar, atento sempre ao farol longínquo.

— Que situação!

— E pensava: "Sei que me estafarei antes de chegar até lá; ainda bem que o mar está um óleo, não há correntezas fortes." Quando passou a cãibra dei um pequeno mergulho para experimentar a ação dos braços e das pernas. E ao vir à tona, senti chão. Sim, o lugar dava pé. "Será que venho nadando estùpidamente há mais de duas horas em litoral raso crente de que me achava em alto mar?" Fiquei de pé e tão envergonhado de mim, que nadei para trás uns cem metros e tornei a ficar de pé para tirar a prova. Sim, dava pé e continuou a dar pé, sempre, em direção à provável mas invisível praia. Acabei me convencendo que até mesmo o farol não devia estar a milhas e sim relativamente perto, visto que o jato rotativo de instante a instante quase me cegava. Após muito nadar e às vêzes muito andar, cambaleando por causa das ondas, atingi a praia, comecei a seguir paralelo a coqueirais, depois paralelo a uma muralha. "Já sei. Vim sair na Amaralina e aquilo acolá é o farol da Barra." Fui andando literalmente nu em pêlo.

— Ah! Ah! Ah!

— Cheguei a uma rua ladeada pelo areal e pela muralha. Mais adiante me vi num pequeno pôrto de pescadores, cheio de rêdes esticadas com cortiça e tudo. Luzes de lampiões mortiços, latidos de cachorro bravo, advertindo-me da minha situação de nudista *malgré moi.* Não tive dúvida: enrolei-me em uma, duas, três rêdes, ficando tão roliço que não podia andar direito.

— Devia parecer Júpiter — caçoou Amauri — expulso do Oceano por Dona Janaína.

— Pior. Parecia a sereia Mucunã enrolada em sargaços; mal pude subir os degraus da muralha e atravessar a rua, os trilhos do bonde, bem diante da casa do tenente Franqueira. Entrei no jardinzinho lateral, bati na janela, êle custou a aparecer. "Sou eu, o Lima. O meu avião caiu no mar, nadei milhas, estou nu, enrolado em rêdes." "Eh, mano, você está um número! Vou lhe arranjar um pijama e um conhaque", disse êle abrindo a porta da sala. "Durma aqui no sofá, amanhã lhe empresto uma farda para você ir relatar o caso ao comandante que pela certa me mandará levá-lo à base de Natal." Encham o meu copo, que só de lembrar torno a ficar com cãibra!

Alvoroçadas com a expressão ainda tragicômica do major, as gêmeas e a Vanaquiá atiçavam-no:

— Outra. Conte outra. Não tem alguma de Paris?

— Tenho sim. Montmartre só dá norte-americano pequeno burguês. E Saint-Michel vive enfestado de corsos e argelinos. Vou contar uma do *Mercado das Pulgas* na Porta de Clignancourt. No meu tempo na Panair, minha mulher sempre me recomendava que lhe trouxesse coisas bonitas para encher a vitrina Luís XV: um camafeu, um leque, um Saxezinho... Eu ia sempre ao *Marché-aux-Puces*, perdia horas percorrendo barracas e lojas, contemplando tudo. Lá tem desde móveis antigos para encher um palácio até as extravagâncias mais absurdas. Poltronas douradas do tamanho de tronos merovíngios, telhas de pagodes anamitas, lustres de Murano, relógios-carrilhões, bronzes, mármores. E muita besteira também: bacias com punhados de botões. Uns de marfim de túnicas de mandarins; outros de osso, das fardas de Richelieu e dos sobretudos de Poincaré e Clemenceau; chapéus amarelentos e murchos de Sarah Bernardt, Mme de Stael, Mistinguett e Josephine Baker; cartolas de Rothchild; bonés de Disraeli; quépis da Legião Estrangeira. Mas vocês não imaginam, são incapazes de imaginar o que descobri, a cena a que assisti uma tarde, lá pelas duas horas quando o movimento é reduzido naquele trecho da *banlieue* parisiense. Na barraca dum dêsses judeus oriúndos do bairro de Saint-Paul, havia bacias repletas de moedas de prata e cobre; principalmente cêntimos com a

cara de Fallières, Vittorio Emmanuele, Dom Carlos, Guilherme II, Eduardo VII, etc. Outras bacias com chaves medievais de fortalezas, conventos, castelos, arcas, oratórios. De repente descobri um velhote entre uma pia cuja torneira escorria água e um alguidar repleto, imaginem vocês de quê?... De dentaduras velhas, usadas! O velho, com catadura de porteiro de prédio do Temple ou da Porte de Saint-Martin, as estava nem mais nem menos experimentando nas próprias gengivas, diante dum espelho em cima da pia. Entrometia-as na bôca, fechava as bochechas, mastigava aquela dupla ferradura de vulcanite.

Depois das risadas de Raquel, Lia, Vanaquiá, Jair, Enéias e Amauri, o major prosseguiu:

— Afinal um par de dentaduras serviu. O velho, já com elas encaixadas, desandou a regatear o preço. Restrição para lá, teimosia para cá, foram tirar a dúvida no botequim da esquina da viela interna, onde os dois fizeram uma vaca e compraram um *torrone*, um *nougat* bem duro.

— Ah! Ah! Ah!!!

— Ou tolerância das gengivas já há muito murchas, ou efeito das dentaduras já bastante usadas e lisas, o fato é que os dois voltaram à loja e fizeram negócio. Enquanto o dono providenciava o trôco, o usufrutuário tirava a última prova mastigando aquela iguaria pétrea, voltado para o espelho. Foi então que, fardado, com ar absurdo de ianque dadaísta colecionador de tudo quanto fôsse *ready-made* de Marcel Duchamp, me aproximei e indaguei do judeu o preço global do alguidar com tôdas as dentaduras. Isso exigiu um cálculo mental demorado. Concordei com o preço, paguei com notas francesas do tamanho de guardanapos. Os dois assistiam com interêsse. Munido por fim da coleção, revirei o alguidar em cima da cabeça do judeu que se estatelou no chão, e passei ao segundo ato; tendo sido campeão de boxe, luta livre e *judô* conquistando a faixa branca no Campo dos Afonsos, não temi *gendarmes* nem *sans culottes*. Encaixei um sôco na mandíbula do velho, a seguir pespeguei-lhe um direto bem no mento e me afastei para que as duas dentaduras saltando se espatifassem no cimento. Por último neutralizei qualquer ação conjugada chocando o judeu contra o velho. E saí rumo à escada do *Metrô*, sem me munir de nenhum presente

para minha mulher. Um *flic* na escada ainda me fêz continência quando passei.

Já a caminho da portaria, o bando ainda se escangalhava de rir.

— Afinal, vamos ou não vamos ao Festim de Aníbal nos Jardins de Megara? — perguntou Enéias.

— Eu me reservo para os Triclínios de Luculo — declarou o major Lima.

— Devemos pensar bem antes — ponderou Jair. — Esta semana no Rio só se falava em golpe.

— E que tem uma coisa com outra? — estranhou Enéias.

— A exacerbação político-militar decorre da onda de boatos sôbre negociatas que se estariam perpretando aqui em Brasília.

— Quais negociatas?

— Por exemplo o "jôgo dos caminhões". Consta que chegam frotas abarrotadas de material diante dum canteiro-de-obras, descarregam tudo, apresentam as notas que são devolvidas assinadas; daí a horas reaparecem vazios os mesmos caminhões, tornam a carregar o material e vão despejá-lo numa segunda obra mais distante, apresentam notas que são devolvidas assinadas. E assim por diante. Consta ainda que há capatazes, decerto os mesmos mancomunados nesse estratagema, que ao receberem cada quinzena os salários passam recibo do dôbro e do triplo da importância. Ponha-se essa série de irregularidades em ordem geométrica, como na parábola do grão de trigo multiplicado em cada divisão do tabuleiro, e imagine-se o vulto das múltiplas falcatruas. Ora, não há boato sem fundamento. Afinal os Institutos investem o dinheiro do povo, o govêrno aplica dinheiro da nação, e devem *ipso facto*, êste e aquêle, estabelecer sistemas de vigilância e instaurar inquéritos num clima permanente de severidade e lisura, da mesma forma que um organismo hígido cria sistemas de defesa com anticorpos que inutilizam e destroem quaisquer infiltrações, da mesma forma que se fecha a casa de noite, que se guardam valores em cofres.

Enéias fêz o grupo parar diante dos automóveis, deu um sôco em cima do trinco duma portinhola:

— Não sou ingênuo nem displicente. Mas não admito generalizações desabonadoras ao se comentar uma obra

desta natureza. Então as frotas de caminhões, os capatazes seriam todos uma organização de armadilhas e arapucas, de salafrários e patifes? Em ab-so-luto! Respeitemos ou pelo menos rendamos justiça a quem se esfalfa!

— Eu não estou generalizando!

— Não me refiro a você. Refiro-me à maneira leviana do brasileiro julgar o brasileiro. Conjugar o verbo rápio é vício humano velho como a humanidade. E por todos os modos e tempos: o indicativo, o imperfeito, o plus-quam perfeito, o gerundivo. Obras de tamanha amplitude, em qualquer parte do mundo e em qualquer tempo, em qualquer raça e em qualquer povo, atraem oportunistas diretos e espertalhões sub-reptícios tentados demais a mais por emissões, orçamentos e verbas astronômicas. Em todos os períodos da História nunca são soerguidos ao poder apenas Catões, não faltando um ou outro elemento capaz de conivências. Mas daí a se assoalhar que predominam regimes simultâneos de bandalheiras num empreendimento dêste teor é atmosfera que me irrita.

— A nós todos.

— Nós próprios nos passávamos atestado de subdesenvolvidos; já provamos que não o somos. Agora, quando está surgindo uma construção ciclópica mas harmoniosa, que em hipótese alguma resulta do predomínio duma organização de patifes e canalhas porque o ritmo dela demonstra capacidade, sacrifício, virtudes técnicas que não podem existir sem senso de responsabilidade e ética, então propalamos que somos corruptos.

— Eu não propalo coisa nenhuma!

— Já sei, não me interrompa. Criticando-se a aplicação de verbas e admitindo-se, intersticialmente às obras, hipóteses de conjugação do verbo rapio nas altas esferas pelos modos mandativo, permissivo e potencial, a que se refere Vieira, se está de maneira leviana e anedótica, pelo menos de maneira picaresca, assoalhando que somos um povo de corruptos, um povo que na primeira oportunidade dá vazão a vícios e a defeitos quando afinal de contas Brasília é uma sigla de virtudes nacionais.

— Mas claro, Enéias!

— Brasília resulta duma pesquisa operacional feita por técnicos capazes, decorre da programação dum sistema empreendedor, desenvolve-se através duma administra-

ção direta, é fiscalizada por um conselho idôneo. Rebato a generalização de boatos apresentando, apesar de leigo, dados em contrário. E os lucros? A Nova Capital custou, como chão, aproximadamente onze milhões de cruzeiros, e tal despesa está sendo recuperada com vantagem mediante a venda por enquanto de oitenta mil lotes residenciais e milhares de chácaras. Bradam que Brasília está custando um mar de dinheiro e dando margem a fortunas particulares indébitas. A cifra de gastos e desperdícios que apresentam é falsa, absurda, porque vai além do quantum do nosso meio circulante, que é apenas de 140 bilhões. Mas, e com que dinheiro então é que ainda estamos custeando também as Furnas, Três Marias, as estradas, os portos, os navios, o petróleo, o aço, os reatores, a aviação, etc., etc.?! Façamos um *close up* valendo-nos daquilo que ainda hoje estivemos vendo.

Todos se aboletaram nos dois automóveis e Enéias continuou a falar, instalado entre Raquel e Jair:

— Visitamos juntos a superquadra que o Instituto dos Bancários está acabando de construir. Onze edifícios de seis andares, com quatrocentos e cincoenta e seis apartamentos ao todo. Já a IAPI se encarrega de outras duas, onde investe um bilhão de cruzeiros. Acham-se quase prontas quinhentas residências da Fundação da Casa Popular. Ora, isto aqui era chão habitado por cinco pessoas, era um cerrado com emas e guarás, com pixunas e tatus-canastra. E os Leviatãs de cimento e vidro que já se erguem no Eixo Cívico? Estamos ou não estamos dando ao mundo uma prova singular da nossa auto-suficiência?

— Não nego nada disso.

— Isto tudo — gesticulava Enéias mostrando andaimes e escavações, guindastes e pilhas de cimento — é um ato global de edificação maciça, com sua carga de valores positivos e com sua percentagem mínima e eventual de abusos correlatos, ou vocês queriam que fôsse apenas um exercício exemplar de comportamento edificante? Sebo!

— Você não me entendeu. Não fiz nenhuma crítica negativista. Espalhei um boato a respeito de outros boatos.

— Está bem. Passo a teorizar, então! Concordo que, paralelamente ao esfôrço de construção duma capital, planejemos outro programa, o de administração nacional

severa, no que a própria Brasília nos ajudará como teste. Já que na História e no Tempo não há exemplos contínuos de sã política em parte alguma, que haja pelo menos, acima dela, em parâmetro muito acima da política, uma plataforma sistemática de administração, impossibilitando o advento do demagogo, do oportunista, do incompetente. Mas, raciocinemos por partes.

— Será melhor, muito melhor. Vamos por partes.

— Coisa igual à Brasília, mas em escala menor, eu vi recentemente em Nova York: o aeroporto internacional de Idlewild. Não se trata apenas da estação aérea mais bela do mundo e dêstes tempos; vem a ser a soma ideal e prática de várias estações, cada qual dotada — em espírito de emulação — dos últimos recursos tecnicológicos para o embarque e o desembarque de passageiros e de cargas com a maior ordem e celeridade.

— Não resta dúvida. Eu conheço.

— E que apogeu artístico, além das vantagens comerciais! A estrutura da terminal da Eastern Air Lines, a plataforma de aço da Northwest-Branniff-Northeast, o prato voador da Pan American! E que sala de espera!

— É mesmo. Os signos esculpidos do Zodíaco, o descomunal *mobile* de Calder, a tôrre de contrôle com onze andares! Só o edifício da TWA ocupa um hectare!

— Hoje, e é o que se dá aqui em Brasília também, a palavra de ordem é: para novas exigências, novos materiais, como os que eu vi em South Charleston, na Carolina Ocidental. Cálculo e automação, eis os signos da era atual. Os sabotadores no Congresso, na Imprensa, nas ruas, e os oportunistas nos canteiros-de-obras e nos guichês de pagamentos, são, aquêles e êstes, tão inócuos, apesar de parasitários, quanto as colônias retrógradas dos caranguejos querendo solapar os alicerces dum farol. Continuemos teorizando; ainda não cheguei ao ponto que quero apresentar. Se temos tino para construir uma metrópole incomparável, aproveitemos simultâneamente as nossas qualidades ampliando-as em escala nacional generalizada e onímoda, e não apenas numa exceção aguda, tipo acesso de maleita, tipo delírio de Cobra Norato.

— Muito bem, Enéias. Que peroração brilhante! — abraçou-o Raquel.

— Chegue pra lá, menina. Pro lado de Jair. Nós da

aviação, que nos regemos por aparelhos, sabemos que só o critério da competência especializada, ortodoxa, isto é, sem influxos empíricos e utópicos, é capaz de render eficiência. Penso, estou convencido de que o mundo inteiro, e digo o mundo inteiro e não apenas o Brasil, ficaria perfeito como funcionamento se estadistas, governos, comissões e povos se subordinassem ao teor duma organização no gênero da IATA. Antes de tudo, ela não possui um único avião, mas dá cada dia a palavra decisiva e infalível em assuntos de tráfego internacional. As emprêsas que lhe são associadas, que têm movimento de milhões de dólares, meio milhão de empregados, milhares de aparelhos, representam um fator positivo na vida econômica mundial.

— Não resta dúvida.

— Ora bem. A IATA dispõe apenas de cento e cincoenta funcionários. É uma entidade completamente apolítica, mas as suas opiniões, que não são ideológicas mas benéficas ao mundo todo, prevalecem sôbre diversos governos e são levadas em conta pelas Nações Unidas. As companhias aéreas de linhas regulares realizam no verão, por exemplo, cento e cincoenta mil vôos por dia; portanto, cento e quatro por minuto. Durante um ano, as associadas da IATA transportam noventa milhões (mais da população do Brasil) de passageiros em três mil trezentas naves que se servem de dez mil aeroportos diferentes. A quem devem elas tôda essa ordem, todo êsse ritmo? Pergunto agora. Não deveria cada país instituir algo análogo, assim planificado (e digo planificado e não padronizado), para reger as suas peculiaridades nacionais?

Chegando à superquadra, o grupo teve que fazer fila diante do elevador de serviço que conduzia os convidados para um apartamento do primeiro bloco. Foguetes derramaram fogos de artifício quando nos "jardins de Aníbal", isto é no *parkwalk*, irromperam duas pacas assadas. Não vinham em cima de mesinhas rolantes metálicas e sim cada uma sôbre o motor dum *caterpillar*. Ressupinas, inertes, majestosas.

Candangos, capatazes, mestres-de-obras, carpinteiros, pedreiros, misturadores de concreto, perfuradores de alicerces, técnicos em andaimes metálicos, manobradores de lingas, serventes, eletricistas, encanadores rodeavam a imensa mesa em elipse circundada de bancos, caixotes, pipas, tambores e tábuas.

Quem tinha vindo na hipótese romântica de assistir e de participar duma reconstituição de festim pagão, se decepcionou um pouco, mas acabou achando graça quando na parede alvíssima do terceiro bloco surgiu um clarão movediço e que pouco a pouco se fixou e se definiu na projeção dum filme histórico e obsoleto, dêsses de filmotecas. SALAMBÔ.

De certa forma as cenas ao ar livre, em Megara, subúrbio de Cartago, nos jardins de Aníbal, serviram de módulo para a alegria, a desordem e a gula da assistência.

Era incrível quanto duas pacas podiam render como alimento bárbaro e requintado, coletivo e pleonástico. Só no fim do filme italiano foi que elas viraram carcaças mesmo. E ainda assim imensas, ôcas, como resquícios hirtos de búfalos.

E o colorido, a movimentação daquela plebe! A algazarra, os guinchos, as fisionomias, as atitudes, a solidariedade!

Começou a segunda fita, reconstituição da vida dum patrício romano. Filme mudo, bolorento, trêmulo, Ah! Êsse tal de Luculo! Jamais se viu general mais inteligente, aproveitador da vida, bem rodeado de amigos da classe dum Cícero, dum Catão. Os candangos simpatizaram logo com o nédio devorador de javalis, e imitaram-no, dissecando mais duas pacas, e abrindo vários barris de chope.

É claro, por conseguinte, que no apartamento destinado aos convidados, não havia triclínios nem patrícias, e sim amplas janelas basculantes pondo em ligação aquelas cem pessoas com Lúculo, seu filho Licínio, Sila, Mitrídates e vilas sombreadas por cerejeiras.

Juvenal, porteiro do Departamento de Imóveis da NOVACAP, servia o grupo dos aviadores e das tangarás, reenchendo-lhes os pratos e os copos. Amauri já o predispusera a mordomo enfiando-lhe no bôlso na camisa, ao lado dos óculos escuros, uma nota de quinhentos.

Sem esquecer bons churrascos, convincentes fatias de lombo e doses de vinho, Juvenal dava mais atenção à per-

manência de uísque e cubos de gêlo nos copos sobreexcelentes.

A Vanaquiá desdobrava-se para atender a Enéias, Jair e Lima, porque Lia e Raquel pouco faltava para enlaçarem Amauri.

Dali do apartamento do primeiro andar, os "cem mais" da intimidade de Luculo conversavam, bebiam, empanzinavam-se em diversas mesas cujas toalhas, guardanapos, talheres, louças e cristais o *Brasília Palace* havia emprestado.

E enquanto se divertiam, isolados lá em cima, de vez em quando davam olhadelas para o filme projetado com grande aumento na parede dum bloco e para a multidão concentrada entre as valetas dos churrascos e a ciclópica mesa elíptica. Lá em baixo, gente do Sul e do Pantanal cortava lascas e fatias, escancarava os tóraxes e os abdômens das pacas, extraía farofa e azeitonas, retorcia articulações, estirava placas de couro, aponevroses e músculos.

Os alto-falantes pendentes dos fios bambos da iluminação multicor em determinado instante ampliaram com estrondos a *Protofonia* do *Guarani* que girava invisível numa vitrola do andar dos convidados. Após aquela música "porque-me-ufanista", trechos de Vila Lobos, Caimi, Ari Barroso. Agora sim, já havia aspecto audio-visual de Operação Salambô, tal o efeito cromático e sonoro de pratos, travessas, bandejas, tabuleiros, copos, canecas, garfos, facas, enquanto a mesa se manchava de magmas gordurosos.

Saboreado o acepipe bárbaro, extinta a máquina de projeção, apagadas muitas das lâmpadas multicores, só ficaram os festões, as guirlandas, as bandeiras e as flâmulas, e principiaram as danças num paroxismo de carnaval, de praça 11, de avenida Rio Branco, de avenida do Mangue, de avenida Getúlio Vargas. O núcleo humano sambava naquela atmosfera fluídica que parecia simultâneamente de Rousseau Le Douanier, Djanira, Portinari e Di.

Enquanto isso, como miniatura engastada num afresco de Rivera, os convidados, os turistas, os aviadores, os representantes das autarquias, os engenheiros, os arquitetos, alguns deputados, dois senadores e um ministro, instalados entre as Anhumas e as Maracanãs lá em cima,

na sala-de-estar inaugurada, degustavam vinhos europeus e se serviam da quinta paca observando "com tolerância democrática" aquêle estuário lá em baixo represado pela maré ascendente da confusão.

Quando os aviadores e as tangarás desceram, os candangos ainda rodopiavam, inclusive debaixo dos pilotis e dentro da piscina sêca. Violões, cavaquinhos, pandeiros e sanfonas acompanhavam canções:

A sabiá, lá no alto
Da ingàzeira serena,
Canta tanto que parece
Uma viola de pena.

Outras luzes se foram apagando. Só restavam agora dois refletores cruzados, como num acampamento entre muralhas. Jair, Enéias e Lima foram localizar o *Willys* enquanto Amauri foi localizar o jipe. Raquel, Lia, a Anacã e a Vanaquiá ficaram sòzinhas no piloti, esperando. Aproximou-se delas, então, um fauno de cavanhaque e tudo, do tipo de José Maria da Encarnação antes de tosquiado no *Aljôfar*, e que tocando harmônica lhes dedicou esta balada do agreste:

São só três menina,
São só três fulô!
São três umbigada
Certeira que eu dou!

— Chegue pra lá, seu atrevido! — procurou escorraçá-lo a Anacã.

Ao voltar com o carro, Amauri teve que dar, que pôr na bôca do cantador avulso um cigarro e acender-lhe, enquanto isso explicando às garotas que os colegas tinham ido diretamente para o aeroporto. O candango, estufando e contraindo a harmônica, manifestou-lhe sua gratidão sussurrando-lhe baixinho, em tom de lundu, no ouvido êste voto sincero:

Deus lhe dê o que deu ao bode:
Catinga, tesão e bigode.

Mas evidentemente Amauri, que misturara vinho com uísque, estava pior do que o rapsodo das umbigadas. Em pé no jipe, conclamava as gêmeas e Vanaquiá:

— Venham, subam para aqui. Vejam com olhos de ver, como espectadoras cultas, eruditas, o efeito na unidade de vizinhança. Aquela mesa no centro! A atmosfera violácea! Não está parecendo o kólion de Epidauro? A cávea de Aspendos?

— Ora, tenente, deixe disso! Volte ao natural! Democratize-se! — criticou-a a Anacã entre dona Zulmira e dona Eusébia.

— Bem se vê que você é uma intrusa no nosso bloco.

— Obrigada. Psiu, psiu, psiu!!! — E ela pegou ainda a tempo o ônibus das funcionárias, das Anhumas e das Maracanãs.

Lia e Raquel conseguiram fazer Amauri sentar e esquecer as quatro carcaças que lá na mesa eliptica se alternavam com os barris.

O jipe percorre pistas donde se evolam volutas de poeira. Fazendo mudança áspera, Amauri se mete no Eixo Monumental, pára o carro e olha, no alto do edifício em obras do Congresso, as duas redomas.

— Uma se enche de luar. Outra o recusa. — E, observando o palácio do Planalto e o palácio do Supremo, depois se voltando para as estruturas paralelas dos Ministérios: — Estamos numa maternidade de cimento armado e cristal. Acolá, a estufa, no centro. À esquerda e à direita, os consolos de cirurgia. Dos lados, por aí abaixo, as caminhas dos fetos de sete meses. A catedral é o grande ralo para as propiciações dos oráculos. Ai de vós, doutores obstetras, se por vossa imperícia isto aqui virar mesas mármores para autópsias.

Engrenou, descreveu espetacular curva, abalou em velocidade de fuso até uma esquina da W-3. Parou o jipe rente da primeira residência duma fila da Fundação da Casa Popular. Vendo que se enganara, continuou, até reconhecer bem mais além um duplex, o primeiro da série da Caixa Econômica. Lia saltou depressa, foi abrir a porta. Raquel esperou que êle enfiasse no bôlso a chave do carro e apagasse os faróis. Trouxe-o enlaçado durante alguns metros. Porém Amauri estacou.

— Vou para o hotel. Já pedi ao porteiro que me chamasse às sete horas. Preciso dormir um pouco, digerir a paca e cozinhar os eflúvios.

Mas Raquel o pôs em cheque-mate mostrando-lhe uma garrafa de champanha.

— Juvenal separou para nós êste *magnum*. Veja, sinta como ainda está gelado!...

Sala-de-estar. Pequena, comum, mas que almofadas, tapetes, discos, revistas (*Jours de France, Marie-Claire, Match, Cruzeiro, Manchete*), uma vitrola e o comprido sofá procuram tornar acolhedora e simpática.

Raquel enrodilha-se no canto do sofá, jogando longe com movimentos de artelhos e calcanhares os sapatos. Lia liga bem baixo o *pick up*, o disco inferior da carga de cinco cai e principia a girar. A voz de Edith Piaf. Voz triste, hepática. De malôgro vivencial e orgânico.

Amauri, que acendeu o abajur e apagou a lâmpada do teto, esforça-se agora para soltar os arames que recobrem e ladeiam a rôlha do magnum.

— Espere, espere! Vou buscar as taças — intervem Lia. Mas reaparece com três copos, mesmo.

Amauri senta-se ao lado de Raquel e resolve primeiro fazer uma preleção:

— O uísque é neste século o que os vinhos licorosos foram no outro. É no Ocidente o que a cerveja ainda é na Europa danubiana. A bebida à mão para certa burguesia progressista. Já o champanha sempre se reservou para comemorações ou festividades de caráter íntimo.

— Muito bem.

— Por isso o uísque se bebe prosàicamente, durante a conversa, a leitura, reuniões avulsas; ao passo que isso de champanha se destina à intimidade familiar dos aniversários, bodas de prata e de ouro e ao ambiente ambíguo dos cabarés, visto que virtude e pecado são ainda vertentes do amor...

— Muito bem!

— Há que beber uísque com displicência vagarosa, o champanha com certa efusão.

— Cuidado com o meu vestido de tergal.

Os três encaram os copos depois de vazios, vão depô-

los no peitoril, e tratam de sentar-se. Lia estira-se para trás, pousa a cabeça no ombro de Amauri. Raquel deita-se atravessada, com os joelhos dobrados sôbre a asa do sofá, a cabeça sôbre a coxa de Amauri; parece adormecer instantâneamente. Então Lia, como sua xará na Bíblia, a precede nos afagos.

Em voz baixa, não cúmplice mas resultante do efeito da porção exagerada de Veuve Clicquot, êle dá vazão ao último lance de retórica.

— Raquel, serrana bela da Tijuca, e Lia, litorânea de Ipanema...

— Nada de pastiches camonianos — diz Lia muito baixo no ouvido dêle. E procura reacomodar-se. Acaba imitando a irmã: deita-se de perfil.

Então, devagar, Raquel se encolhe, se senta e principia a beijar Amauri nos olhos, nas faces, na bôca. Êle durante o prelúdio se restringe a aceitar carícias; mas reage, começa a devolvê-las com certa sofreguidão. Lia levanta-se de súbito, dependura-se nêle, provocando atitude idêntica da irmã. E êle ainda consegue considerar, pachorrentamente:

— Pois é. Virei brasão, escudo armorial, broquel heráldico, entre dois golfinhos simétricos.

Mas não pode prosseguir em sua lamentação falsa porque vira joguete nas mãos delas, ora uma lhe voltando o rosto para o seu lado e cobrindo-o de beijos, ora a outra intervindo com a mesma técnica.

Êle levanta-se, deixa as duas deitadas de bruços no sofá, trata de encher de novo os copos. Quem repara nisso primeiro, volvendo a cabeça lentamente feito lagartixa, é Lia que então se senta e estende a mão pedindo o copo.

— O meu, ou o seu?

— Qualquer.

Por entre os cabelos esparramados de Raquel, que está com o rosto colado no reps do sofá, sai esta sentença:

— Pois eu quero o meu mesmo. Bem... cheio.

— Absolutamente! Depois, como é que vocês vão subir?

Esta frase desperta em ambas súbita preocupação. Levantam-se como num lance de bailado, vão espiar junto da escada, olhando lá para cima. Voltam, desligam a vitrola, reinstalam-se no sofá, mas cada qual com o dedo bem vertical sôbre os lábios, solicitando silêncio.

Bebem sem pressa, os três. Espiam lá para fora pelos vidros da janela basculante. Pretendem avaliar as horas. Mas a lua cheia deve ter-se escondido atrás de cúmulos porque ainda não parece ser de madrugada, em absoluto.

Repostos os copos no peitoril, tornam a sentar-se. Lia apaga o abajur. Explica com um sofisma:

— Para Isaura não acordar.

A lua, que também tem papel vicariante substituindo de noite o sol, deve ter saído detrás das nuvens, porque uma subclaridade suave cria no recinto uma atmosfera quase de capela fechada.

Lia adormece. Raquel aproveita. Lia acorda, zanga-se.

Mas as duas não altercam, Isaura poderia ouvir; apenas se limitam a puxar os cabelos uma da outra. Aliás, pura simulação.

— Visto isso, então vou embora.

O tom baixo e apaziguador de Amauri dá ao têrmo "isso" o sentido de certa ressalva mais ou menos assim: "Visto o efeito efusivo da champanha, e como já é tarde, peço licença para retirar-me."

Lia permanece no sofá, desgrenhada, de bruços. A subclaridade tênue ameniza os contornos do seu corpo desde os ombros até as ancas, desde as ancas até o ângulo que os joelhos fazem, de perfil. Raquel acompanha Amauri até o pequeno vestíbulo exterior que a grade de madeira branca separa da rua interna. A lua encarrega-se de reproduzir a retícula daquele muxarabiê sôbre o ladrilho fosco.

Cenas assim, de Amauri se ver transformado em leopardo heráldico entre aquêles dois unicórnios, já tinham ocorrido. Em sessões de cinema, por exemplo. Imprensado entre ambas, sentia-lhes os joelhos, os ombros, as mãos, as carícias. Sabia que isso não significava uma combinação por parte delas, resultando apenas duma oportunidade bem propícia. Na praia, também. Às vêzes vinham a correr das ondas e se jogavam quase em cima dêle debaixo da barraca ou mesmo ao sol. Principalmente ao sol. Estiravam-se de bruços, de costas, de lado. Não lhes podia examinar o intento ou a coincidência, porque

mal chegavam à areia as duas punham os óculos escuros, tornando-se assim corpos impessoais, duas mulheres quase nuas. Mesmo as mãos, estendidas, frouxas, sôbre o peito dêle, ou o isolando do resto do mundo mediante uma muralha úmida de areia, de vez em quando pegavam um cigarro, acendiam-no; e Amauri ficava sem saber se era Lia ou se era Raquel; para a identificação só havia o recurso de observar os cabelos: louros os de Lia, castanhos bem escuros os de Raquel.

Na residência dêle, na Praia do Pepino, ou na residência do avô no Alto da Boa Vista, as duas tinham o dom de segregá-lo das demais garotas.

E, interessante, jamais ocorrera intimidade assim entre êle e apenas uma das duas irmãs. A sós com uma delas era o amigo sociável, espontâneo. Sòmente quando surgiam juntas, simétricas na altura e no donaire, é que se estabelecia o clímax para a simultaneidade, como se elas fôssem a mesma pessoa em projeção dupla para efeito apenas de estereoscopia. Por isso Amauri nunca perguntara a si mesmo se gostava mais de uma do que da outra. Se criasse êsse problema em sua mente se sentiria num impasse como diante dum caso típico e raro de hipóstase. Ainda bem que, como ave de arribação, dispunha dum ninho também alado, o habitáculo repleto de registros proporcionando-lhe mil recursos de fuga mal surgissem escrúpulos de responsabilidades. Mas, afastando-se delas, refugiar-se onde? Na atração de Jaci?

As irmãs Abranches contudo sofriam o seu influxo humano, envolvendo-se como rolos de imantação secundário em redor do primário da bobina que êle era. Raramente, como nesta madrugada, se haviam insurgido uma contra a outra. No mais das vêzes se coaptavam para não se tornarem alvos duplos, certas de que em tal hipótese êle pela lei do menor esfôrço optaria por Jaci, alvo êsse então, deveras singular.

Aliás, quem seria capaz de explicar isso tudo era o velho Martinho Higino. Compreendera o fenômeno em relação ao neto. As Abranches eram o Rio. Jaci era a Hiléia.

Na manhã translúcida, Amauri postou-se diante do

seu avião como um rajá diante do pior elefante da sua coleção ou do mais anacrônico *Rolls Royce* da sua garagem. Subiu para bordo, testou tudo meticulosamente e desceu olhando para outro aparelho da FAB que baixava na pista com os trens de aterrissagem descidos como um gavião com as garras atentas. "Pelo estado em que se acha aquêle Douglas se depreende que levou vários dias apanhando muita chuva em pista de terra socada".

Era hábito seu comparar os aviões a bichos. Jamais parecidos com aves; sempre com elementos da fauna marítima, porque lhes achava os focinhos semelhantes a guelras. Em lugar de reconhecê-los pelas marcas — Super Constellation, Avro, Bristol, Vickers — reconhecia-os segundo uma nomenclatura de museu náutico. Quanto a isso, viciara Jaci, que só se referia a qualquer avião em que êle viesse usando o mesmo processo. Só que ela empregava têrmos da fauna fluvial: "O Tucunaré funcionou direito?"

Amauri seguia para o balcão do café no aeroporto quando viu passar em diagonal para o ônibus da Rodobrás os passageiros do Douglas: alguns candangos das obras da BR-14 ladeando Waldir Bouhid, o coronel Lino Teixeira e Raimundo Lucena acompanhado pela espôsa.

O pai e a mãe de Jaci, reconhecendo-o, vieram falar com êle enquanto os demais esperavam a tripulação do Douglas.

— Segue para o Rio? — perguntou dona Juçara.

— Exatamente. E deixei lembranças com sua filha.

— Obrigada. Vai nesse Super Convair da Real?

— Não. Naquele cargueiro. Agora sou mudancista.

— Não o foi sempre? — estranhou Raimundo.

— Quero dizer que faço parte do Grupo de Trabalho, da Task Force incumbida da transferência dos Serviços Federais.

— Ah, sim. Não é sem tempo a mudança. Pois nós estamos vindo dum campo novo aberto entre Guamá e Imperatriz porque a minha turma já está trabalhando rente ao Maranhão. Procuramos ser merecedores da herança que nos deixou o grande Bernardo Saião.

— O que devemos a êsse bandeirante, a êsse pioneiro! — exclamou dona Juçara. — Um carioca que melhora, que aprimora a reputação carioca.

O marido interrompeu-a para ampliar ainda mais o assunto:

— Começou agrônomo. Foi funcionário do Ministério da Agricultura. Meteu-se na política, chegou a vice-governador de Goiás. Em setembro de 56 quando foi nomeado um dos diretores da NOVACAP teve a bondade de chamar-me para trabalhar na sua companhia. Eu fui um dos que em fevereiro lhe fecharam o caixão na câmara ardente armada na Capela de Nossa Senhora de Fátima. Conservo comigo, para reler de vez em quando no acampamento, os discursos do Presidente da República, do Dr. Israel Pinheiro, do senador Gilberto Marinho e dos deputados Gustavo Capanema e Fonseca e Silva; quando venho a Brasília vou sempre visitar-lhe a tumba. Bernardo Saião. Que figura humana! Que porte! Que olhos dominadores! Que ar resoluto! Pois é. Só mesmo um jatobá o derrubaria e isso mesmo de surprêsa. Para um gigante, outro gigante.

Nisto passou perto Jair. Raimundo voltou-se para êle e disse de resvés:

— Alô! Tudo bem? Foi providencial o seu aparecimento na selva jogando pacotes com pára-quedas. O café, a rapadura e os cigarros já estavam acabando mesmo. Gratíssimo por mim e pelas turmas. Até mais ver. — Êle e dona Juçara despediram-se também de Amauri que mais uma vez se pôs a evocar o seu último encontro com Bernardo Saião ali mesmo no aeroporto, em fins de 58.

"As turmas de trabalho, a de Belém e a de Brasília, devem encontrar-se em princípios de fevereiro de 59. Devido à emulação há certo açodamento. Pudera! Um risco de vinte metros de largura e dois mil quilômetros de comprimento. É o único arco de longitude realmente traçado na Terra desde o Paralelo 16 até o Equador. Tôdas as madrugadas monto no cat e brado para o pessoal: "Eh! Nortistama, minerama, paulistama, gauchada, vamos avançar feito exército de formigas saca-saia." O tenente conhece pelo menos de ouvir falar as formigas saca-saia? O acampamento à noite é um taxìzeiro repleto de candangos. De manhã, na hora do serviço, sai um décimo do pessoal montado em motoniveladoras, tratores-de-lâminas, escavadeiras e *motor-scrapers*, os demais munidos de machados, serrotes, picaretas, enxadões e pás. E começamos

a derrubar sumarés, almescas, carareúbas, mulateiros, e a matar jararacas e juruparibóias. Atrás de nós as valetadeiras vão limpando o centro e as beiradas, removendo troncos e galhos, enquanto os rolos compressores começam a dar àquela nesga sentido mesmo de estrada. E que entusiasmo! Nisso é que as turmas lembram formigas saca-saia. Ah! O ruído que elas fazem! Pior do que pororoca no Guajará. Marcham como um rôlo compactador e em horas abrem na floresta uma passadeira de tapete. Quilômetros! A bicharada tôda foge. Cotia, irara, cuíca, surucurana, porco-do-mato, cairara, parauacu, macaco, onça." E com um sorriso radioso: "Uma passadeira assim, de vinte metros de largura e dois mil duzentos quilômetros de extensão, eis o que nós estamos fazendo."

Amauri lembrava-se também do conhecimento que Bernardo Saião tinha de árvores. Perto do dêle, o conhecimento de Martinho Higino a tal respeito se reduzia a sumária relação de dicionário de bôlso.

Enquanto agora voltava para o Rio, Amauri tinha a sensação de ser um aprendiz de feiticeiro. Pois era como se o avião de carga estivesse abarrotado de troncos de cumarus, macambiras e muiratingas, troncos êsses que os motores aplainassem, enquanto isso os vácuos de sucção das hélices se enchendo com rolos de maravalhas, as fitas tênues pendentes no espaço.

TERCEIRO CADERNO

a) BÔLHA DE NÍVEL MAIS FIO DE PRUMO
b) INSETOS, PEIXES, PÁSSAROS, DEMÔNIOS
c) PLANO PILÔTO, OU SÍNTESE DAS ARTES
d) NÃO CONSTA O LAVAPÉS NOS EVANGELHOS
e) PALEOMEMÓRIA — DOM DE RE-SOFRER
f) ASHAVERUS RECOLHE-SE A BRASÍLIA

AGORA, em meados de 59, a vida de Asdrúbal Miranda é mais sossegada. Êle colhe os resultados da missão que durante tantos meses desempenhou nesta cidade de São Paulo paralelamente aos encargos de guarda-livros e vendedor da firma Trancoso & Moscoso. Pois além de percorrer a freguesia e os bancos, observava esquinas e calçadas, sentindo curiosidade tôda especial principalmente por uns caras esquisitos distribuídos pelo centro da cidade quase sempre parados no meio-fio com um pau no ombro e tendo lá em cima, como tabuleta, um cartaz emoldurado ou não.

Tais sujeitos anunciavam em silêncio coisas e mais coisas. CERZIDOR INVISÍVEL. APRENDA A DANÇAR. SEJA ATLETA APÓS APENAS 12 LIÇÕES. REFEIÇÕES AVULSAS A 300 CRUZEIROS. FOTOCÓPIAS EM MENOS DE 5 MINUTOS. CABELEIREIRO DE CACHORRO NO PORÃO DO 401 DA RUA EMERENCIANA.

E assim foi que êle, Asdrúbal, andando bem menos do que o seu homônimo cartaginês andou para derrotar Roma, pôs em prática o plano da 1.ª Operação Trancoso & Moscoso.

Que indivíduos apáticos, aquêles portadores inertes de cartazes! Que sistema mais besta de publicidade! Que esfôrço inócuo! Onde seria que êles tôdas as manhãs pegavam isso? Onde seria que tôdas as noites iam largar isso? Trabalhariam para uma emprêsa apenas? Ou trabalhariam por conta própria, oferecendo os seus serviços por uma semana, quinze dias, a êste, àquêle interessado?

São o oposto do camelô. Olá se são! O camelô, seja carioca, seja baiano, é um tipo tagarela, bem falante, pernóstico porém simpático, satisfeito da vida, discursador! Sente-se felicíssimo quando vê à sua volta um círculo de bocós e logo os hipnotiza e lhes pespega cintos, gravatas, óculos escuros, tudo arrematado num leilão da alfândega. Geralmente, uns conversas fiadas, mas incapazes duma chantagem, dum conto do vigário. Conhecem os

guardas, os fiscais, os donos de botequins, ganham dinheiro, gastam dinheiro, jogam no bicho, em corridas de cavalos, vão ao futebol, dão em cima de costureirinhas.

Já aquêles homens neutros, que estacam numa esquina e ficam ali feito poste, são enigmas de paciência. Jamais atraem um basbaque, quanto mais um interessado; por sua vez, parecem não olhar para nada, não oferecem mercadoria. Apenas inculcam qualquer coisa, sem apregoá-la.

Outro lugar, que antes, isto é, em 1958, despertava muito a atenção de Asdrúbal eram os refúgios para passageiros de bondes e de ônibus defronte do CORREIO & TELÉGRAFO. Não se interessava pelas pessoas que entravam e saíam, que tinham ido comprar selos, remeter pacotes registrados. Muito menos se interessava pelos vendedores crônicos em redor do edifício. Homens e mulheres que vendem envelopes aéreos, pentes, lâminas para barba, que expõem listas da Loteria Federal, que sem a menor cerimônia se sentam em caixotes e estendem fios de barbante duma grade à outra das janelas, prendendo nêles os bilhetes como roupa em varal. Os sujeitos que ali naquele ponto movimentado atraíam Asdrúbal eram alguns poucos mas constantes indivíduos que até hoje êle ainda não sabe se são malandros, atores, exibicionistas, ou vocações sacerdotais frustradas.

A verdade é que êsses gajos, aparentemente transeuntes em qualquer trecho de calçada de São Paulo, contudo ali diante do CORREIO & TELÉGRAFO de repente param, dão meia volta, volta inteira, ficam sérios, fungam alto, descabelam-se e bradam:

— Meus irmãos!...

E lá vem sermão, no duro. Pregação mesmo. Usam o estilo da Bíblia, o sistema da parábola. De vez em quando lascam descompostura, mas não se dirigem pròpriamente a ninguém. O intento, o programa, é salvar as almas. A felicidade no outro mundo, já que êste é um Vale de Lágrimas. Conselhos empolados. Ameaças de inferno. Ofertas do céu.

Não se depreenda da curiosidade de Asdrúbal que êle seja um preguiçoso e uma boa vida fazendo horas pelas ruas. Como pessoa de confiança de Moscoso & Trancoso recebeu ordem de, ao percorrer a praça a caminho de

fregueses e bancos, levar avante outra idéia experimental da firma, plano êsse que à medida que ia sendo realizado provava ser também um recurso cristão. Agora em 1959 o cálculo fôra atingido, bastava, pois que isso de candango em Brasília já tendia a invasão, sendo necessário até se barrar a entrada de camionetas e paus-de-arara convergindo para o Plano Pilôto e a Cidade Livre e ameaçando a formação de favelas. Mas em 1958 muito homem de expressão marasmada largara de vez por causa de Asdrúbal o varapau com anúncio de fotocópia e cerzidor, e partira para Brasília. O mesmo acontecera com alguns, poucos é verdade, pregadores da Bíblia das imediações do CORREIO & TELÉGRAFO.

O sistema de Asdrúbal era simples e convincente. Passava, cumprimentava o homem. Tornava a passar, fazia uma saudação amistosa. Daí a uma hora, ou no dia seguinte, ou no outro, atracava o indivíduo.

A abordagem era sempre a mesma, variando apenas o módulo segundo as circunstâncias:

— Parado aqui há horas nesta esquina?! Com êste vento! Com êste frio (Com êste calor!) Com esta chuvinha! (Com êste sol!) Vamos tomar café, comer sanduíche?! Convite meu. Viajamos ontem juntos. Foi de bonde ou de ônibus? Pegue um cigarro. Largue isso aí, ninguém vai levar. — E no balcão do botequim: — Já ouviu falar em Brasília?

— Já.

— Não quer ir para lá? Tenho empregos certos, com bom ordenado, casa e comida. Que é que você sabe fazer? Andar com isso no ombro só mesmo em caráter provisório.

O homem, enquanto toma café ou mastiga sanduíche de mortadela, olha para êle ("Donde é mesmo que nos conhecemos, estou me lembrando mas não sei direito..."), limpa os beiços, sente-se mais melancólico, quase humilhado porém grato, tem vontade de redarguir:

— Que é que eu sei fazer? Sofrer.

Asdrúbal, da estirpe de Aníbal, acostumado a dar porrada nos romanos quanto mais a aliciar gente, entra em pormenores:

— Se você tem carteira de identidade, é solteiro ou sòzinho, lhe arranjo um lugar remunerado em Brasília. Tome êste cartão. Guarde-o. Leia-o em casa e pense. Se

resolver alguma coisa, apareça no escritório da olaria. Aí tem o endereço. Lá em Brasília você começa a ganhar antes mesmo de aprender o ofício de ladrilheiro.

— Nunca trabalhei nisso.

— Não existe serviço mais simples. É só espiar, assistir ao trabalho dos outros e procurar fazer igual. Vai para lá com passagem paga e carta de locação de trabalho. Começa num paredão de ensaio. Erra, quebra, não cimenta direito, exagera na areia, não sabe ao certo a quantidade, o ladrilho cai, ou fica tôrto, passa-se a mão, sente-se logo, o mestre corrige, explica. O brasileiro é esperto, vivo, dócil, compenetrado, aprende logo com boa vontade. Vamos começar daqui a meses a ladrilhar em Brasília milhares de metros quadrados.

A firma Trancoso & Moscoso que em São Paulo produz há dez anos cerâmica fôsca, esmaltada, vidrada, material refratário, artefatos de cimento, coisas enfim de aplicação vária, se especializou também em azulejos para revestimentos e pisos. Dispõe de máquinas, fornos e operários para a fabricação disso por atacado, mas não tem operários para a respectiva colocação, de modo que está organizando equipes.

Ora, trabalhar sob a direção de Trancoso em Brasília é agradável, útil e até distraído. Primeiro, há a mudança de vida, de lugar. Depois, há a profissão, com a primeira fase, de aprendiz-servente, e a de operário especializado mesmo. As aulas práticas são dadas pelo sistema intensivo de automação berrada:

— Assim não, seu lafranhudo! Você gostaria de morar em casa com parede calombada? Gostaria de acordar de noite com a explosão dos ladrilhos?

Ou:

— Pensa que cimento, soda, cal, areia, argila e azulejo chegam aqui de graça?

Ou:

— Quando é, seu intelijudo, que você vai ter noção de prumo, de bôlha de nível? Raios ta partam!

Caminhões da firma os levam e os trazem do Plano Pilôto. A concentração é na L-2 e na W-3. No galpão anexo à olaria o dormitório e o refeitório parecem de seminário. O sistema de engorda é com bofes, fígados, rins, macarrões, sopas de couves, cebolas, repolhos e cenouras, porque há uma horta onde trabalham japoneses, "único jeito", segundo o Trancoso, "de se cumprir a profecia prevista na carta de Caminha".

Empregado novato ou antigo que trabalhe deveras sabe que só leva vantagem. Caso algum ex-pregador sinta baixar o Pentecostes e desande a deitar o Verbo de noite no *Maracangalha* ou no *Café da Pixuna*, a turma de choque o reboca até um dos chuveiros da firma e o submete a ducha fria.

Nos domingos o caminhão os leva à missa (obrigatória) na capela de Nossa Senhora de Fátima; depois do almôço, tarde livre.

Não se trata de mística, da parte do Moscoso. Se fôsse, êle teria continuado no seminário de Braga e a estas horas seria cura de aldéia em qualquer província. Muito menos se trata de mística da parte do Trancoso, porque se fôsse êle teria concluído em Coimbra o curso de Direito Canônico e a estas horas talvez fôsse bispo nalguma prelasia em África.

O plano nascera duma indigestão decorrente de farta cabidela e excesso de vinhaça.

— Isso de cidade grande e velha é um labirinto. Sejamos os ralos, apanhemos os inexperientes antes que sejam aspirados para o esgôto feito pedaços de jornal, ou que as enxurradas os levem como baratas — propusera Moscoso.

— Muito bem dito — concordara logo Trancoso. — A salvação da humanidade está em fugir das grandes cidades. Mormente das cidades antigas. Aliás, a lição está na nossa História, a de lá, donde provimos. Portugal enquanto insistiu na Índia se danou, perdeu a flor da sua mocidade. Só tem conseguido perdurar depois que se decidiu pelo Brasil.

Chamaram o Asdrúbal, conferiram-lhe poderes para a primeira parte da Meta Trancoso & Moscoso. Arrecadação humana. Da segunda parte se encarregariam êles.

E de tal maneira deslizava o processo que um dos ex-portadores de varapaus com anúncios era agora o recordista em velocidade para aplicação de azulejos nos blocos da Asa Sul do Eixo Rodoviário.

Não foi empunhando a haste dum cartaz em determinada esquina nem verberando o pecado diante do edifício do CORREIO & TELÉGRAFO, que Samuel Belmonte — aliás Isaac Cartaphilus, aliás Giovanni Buttadeo, aliás Jacques Laquedem, aliás Paul Marrane, aliás Juan Espera en Dios, aliás Samuel Schoenberg — se viu abordado por Asdrúbal, o aliciador de gente da Emprêsa de Revestimentos Trancoso & Moscoso, Fabricantes de Material Refratário.

Achava-se simplesmente em pé na reentrância dum portal no andar térreo de certo arranha-céu da Praça da República, diante duma mulher.

Os portais eram cinco entre seis colunas que formavam majestoso pórtico. O duo humano estava no terceiro portal, de maneira que parecia piastìcamente um bloco de estátuas bem no centro da base da fachada.

Atrás, em tôda a extensão interna, o recinto da sucursal dum banco. Os focos fluorescentes estabeleciam vigilância abstrata. Quem passasse pela calçada poderia ver através das portas de cristal o espaço antes do balcão e dos guichês e depois até os arquivos de aço e os cofres embutidos; destacavam-se na solidão espacial os móveis da diretoria e da gerência, as mesas dos funcionários, os computadores e os aparelhos de telex. Aquela iluminação artificial e supérflua formava contraste com a claridade baça da rua molhada e da praça fronteira. Se no fundo da agência bancária a parede constituía um painel de encáustica louvando a Indústria e o Comércio, ali fora, na orla da praça, a perspectiva era barrada por ônibus e plátanos.

Asdrúbal já conhecia a mendiga. Era uma mulher forte, que durante o dia fazia tricô sentada na beira do gramado entre dois cachorros, uma lata e uma moringa, mas que de noite dormia naquele pórtico em cima de mantas e jornais, aquecendo os cães; bastava sentir o olhar piedoso de alguém disposto a socorrê-la para amarrar a cara e resmungar desaforos, ficando logo os cães categòricamente de acôrdo com ela. Quanto àquêle homem, jamais Asdrúbal o havia visto; e parou justamente por achar a cena bastante singular: a mulher desafiava a magnanimidade do doador, os cães aprumavam as orelhas, e por isso o homem resolvera guardar a esmola seguindo

o seu caminho. O que Asdrúbal também fêz. Os dois entraram por caso no botequim da esquina da rua Timbiras e agora, por coincidência, tomavam café no mesmo balcão.

Asdrúbal em dado momento lhe estendeu a carteira de cigarros:

— Tire um. Manhã feia, não?

O desconhecido serviu-se e agradeceu. O modo de falar era de brasileiro, mas o aspecto, não. Nem era aspecto comum.

— Com licença, eu pago — adiantou-se Asdrúbal. E pagou.

— Muito agradecido. Já vai tão cedo para o trabalho?

— Sim, embora hoje seja meio dia santo. O meu trajeto é em dois percursos. Saltei dum ônibus aqui na praça da República e ainda tenho que tomar outro na avenida São João. A fábrica é na Água Branca.

— Fábrica de quê?

— A bem dizer, duas juntas. Da mesma firma. Uma, de concretos, de elementos vasados. Outra, de cerâmica para revestimentos e pisos. Mas eu sou apenas um dos guarda-livros. Faço mais o serviço de rua. Freguesia e bancos.

— Que coincidência o nosso encontro!

— Como assim?

— O mosaico é a minha especialidade. Aprendi no Oriente Próximo. Naquelas paragens tem boa areia silicosa, muito óxido de potássio, de chumbo e de sódio. Prefiro os óxidos metálicos por causa da coloração. Arte antiga, já do tempo dos citas. Desenvolveu-se primeiro na China e na Índia. Os turânios transmitiram-na aos persas, aos fenícios, e êstes aos egípcios. Considero os melhores esmaltes os de Lahore e Benares. Na Itália, sòmente na Campânia e na Estrúria foi que a cerâmica, a faiança e o esmalte atingiram certa perfeição; mas nunca, absolutamente, como outrora em Nínive e em Babilônia. Já em Roma, temos que gabar os mosaicos. Mais tarde, em Ravena também. O mal dessas artes é terem sido palacianas, inclusive entre os bizantinos e depois entre os árabes.

"Êste senhor quem será? Exilado político? Intelectual refugiado?" pensou Asdrúbal.

— Bem, estou na minha hora de entrar no serviço. Caso lhe interesse visitar a fábrica, posso mostrar. Hoje é meio dia santo. Tomamos um táxi e vamos.

— Para ser sincero, gostaria de ver.

Foram.

O convidado percorreu tudo, máquinas e produção, observou, elogiou. Depois subiram para o escritório.

— Desculpe dizer-lhe, pois não o faço por jactância, respeito os técnicos que os senhores devem ter aqui dirigindo a fábrica, mas acho que com as máquinas e fornos de que dispõem poderiam triplicar a produção.

— Triplicar?

— Sim. E também melhorar o nível artístico, consoante o tipo de arquitetura e de gôsto moderno.

— Os meus patrões entendem do ofício. A emprêsa é a segunda em todo o Estado de São Paulo.

— Quem são os seus patrões?

— O nome da firma...? O senhor vai achar graça. Trancoso e Moscoso.

— Graça? Por que motivo? Por causa da homofonia? É comum em todos os idiomas. Hauptmann, Haussmann, Montpellier, Tessier, Buffon, Danton, em português mesmo, Nogueira, Teixeira...

— De acôrdo. Isso é notório. Mas numa mesma firma comercial?!

— Os patrões hoje não vieram?

— Um dêles, o Moscoso, está aqui ao lado na fábrica de elementos vasados. Já o Trancoso a bem dizer pára mais em Brasília, onde a firma tem a seu cargo o revestimento interno e às vêzes externo de várias superquadras.

— Brasília... Uma das poucas metrópoles do mundo que ainda não conheço. A inauguração vai demorar?

— Mais um ano, ou um ano e meio.

— Bem. Com licença, já vou indo. Estou a atrapalhá-lo.

— Não, não. Em absoluto. Vim até aqui hoje para dar uma vista de olhos na correspondência. Só pelos envelopes conhecidos já depreendi que não há nada de importante. Pràticamente estou livre.

— Diz-se que uma mão lava a outra. Não quereria então por acaso ver os meus mosaicos?

— Onde é a sua fábrica?

— Que fábrica, coisa nenhuma! Arremêdo de oficina num fundo de estalagem no Bexiga.

Entrou no escritório um senhor.

— Um dos meus chefes, o senhor Moscoso. E, aqui...

— Samuel Belmonte. O senhor Asdrúbal teve a gentileza de mostrar-me a seção de mosaicos. Como é a minha especialidade...

O industrial apertou a mão do desconhecido que lhe pareceu mais um rabino por causa da barba grisalha, do chapéu côco, da roupa prêta e da ausência de gravata, do que um técnico interessado pela produção duma fábrica.

— Ah! Pois não. Muito bem.

Asdrúbal disse:

— O senhor Samuel, que conheci por acaso, estava agora exatamente a convidar-me para ir ver a sua oficina no Bexiga. Como hoje é dia santo...

— De fato. Expediente em ponto zero. Onde é? No Bexiga? Posso deixá-los lá no meu carro. É quase o meu caminho.

Ao saltar na rua 13 de Maio, Samuel Belmonte convidou também o senhor Moscoso que, consultando o relógio, acedeu.

Extenso corredor de cimento começando entre os dois sobrados da frente e indo até as casas do fundo da estalagem. Era na última a residência e o estúdio de Samuel.

Interior de pobreza e de serviço. Bem consentâneo com o tipo singular do morador. No exíguo quintal recoberto por fôlhas de zinco, grandes caixas de madeira repletas de argila, cimento, areia e cal. Num canto, o forno elétrico. No outro, um tôrno. Na sala-cozinha-dormitório, um catre ou sofá esburacado, um armário sem portas, três cadeiras apenas.

Em pé diante do armário-estante, Samuel principiou a transferir das prateleiras para a mesa algumas peças empoeiradas. Limpou-as com o lençol que forrava a cama, e logo a mesa ficou revestida de ladrilhos. Moscoso interessou-se logo.

— Variedades de inflorescência — avisou Samuel.

— Umbela, cimeira, baga, folilho, gálbula, drupa. — Asdrúbal mantinha-se aparentemente neutro. Mais uma descoberta sua, em benefício da firma.

— Os temas abrangem cinco pesquisas: flôres, insetos, peixes, aves e gênios da selva. Respectivamente em fundo côr de âmbar, cobalto, verde-mirto, e magenta.

— Excelentes suportes.

— Eu diria atmosferas — corrigiu com um sorriso Samuel. — Os insetos para as áreas menores, isto é, para os mosaicos e as pastilhas. Já as flôres, os peixes e as aves, para os azulejos. Vou mostrar as outras séries. — E empilhou em cima duma cadeira a primeira coleção exposta.

Mal acabou de contemplar os peixes, já o Moscoso se manifestava completamente maravilhado.

Samuel abriu a janela — onde apareceu a cara duma menina mordendo um crescente de melancia — e desandou a enumerar:

— Guamás, guacaris, pacus, taguaras, poraquês...

— Que beleza!

— Veja então a variedade dos acarás. Acará-potamba, acará-peba, acará-mucu.

— Pensei que o senhor fôsse estrangeiro! Como sabe êsses nomes?

— Depois explico. Agora, ajudem-me a esvaziar a mesa. Vai ser a vez das aves, dos passarinhos.

Moscoso empolgou-se:

— Jóias aladas.

— Japira, colibri, saurá, anambé, arapaçu, atobá, acurana, currupião, pitanguá, tinguaçu, sabiá-una, japuíra, arataua...

— Ah! Se tivéssemos descoberto o senhor antes! Isto tudo está a calhar para Brasília. Para os corredores, as copas, as cozinhas, os banheiros, as sacadas, as paredes internas de certos apartamentos! Sem falar nos pátios das escolas, entre as salas de aulas! Sem falar nas piscinas ao centro de cada superquadra, entre cada bloco das unidades de vizinhança. Se Trancoso visse ficava empolgado.

— Falta a série de demonologia das selvas. Ficou em Tremembé. É lá, na chácara dum amigo que me inspiro. Êle tem livros e álbuns preciosos. Cada estampa melhor do que a outra. O senhor Klein, que me dá a honra de

ser meu amigo e tem a paciência de aturar-me dias e dias, é arqueólogo e etnólogo, reúne em sua chácara um verdadeiro museu de pré-história e proto-história da América pré-colombiana e pré-cabralina. Devo a êle e à sua biblioteca em vários idiomas o pouco conhecimento que tenho de certa nomenclatura. Fica assim, senhor Moscoso, respondida a sua pergunta de ainda agora. De antigo curador do museu de Copenhague, Klein foi parar no Museu Goeldi, no Pará. Aliás, eu também estive lá... bem antes dêles. Mas há séculos!

Moscoso deu uma risada.

— Muito bem dito. Tôda região difícil, onde nunca mais se voltou, parece recuar para um passado distante! Senhor Samuel, apareça quanto antes lá na fábrica. Vou aproveitar o dia de hoje para escrever uma carta ao Trancoso a respeito do feliz encontro, do excelente conhecimento que fiz hoje. Se êle pudesse ver isso! Vem tão raramente a São Paulo, agora!

— Não seja essa a dúvida. Posso escolher umas peças de cada série, organizar uma coleção, embalá-la com o maior cuidado.

— Ótimo, ótimo! E quanto antes, seu Samuel. Eu remeto por via aérea. O senhor tem contrato com alguma firma? Não gostaria de trabalhar num setor seu, lá na nossa fábrica? Com argilas excelentes? Máquinas modernas!? Fornos de mais de mil graus?

— Posso ser franco? A fábrica dos senhores, que tive o prazer de visitar demoradamente, pelo que depreendi da conversa com os mestres e os operários, trabalha em regime lento e reproduzindo apenas, segundo observei, algns temários sempre nas mesmas côres. Ora, eu não quereria atrapalhar o hábito propondo outra qualidade de produção.

— O que o senhor viu e cuja qualidade parece que não lhe agradou é a programação de rotina para certa classe de fregueses atacadistas e varejistas. Mas, no caso de Brasília já estávamos mesmo pensando num conselheiro artístico, num orientador. A correspondência da firma, daqui para Brasília e de lá para São Paulo, tem debatido essa necessidade urgente. Ora, quer me parecer que...

Desde julho de 58 Samuel Belmonte trabalhava para a firma Trancoso & Moscoso que procurava envolvê-lo com vantagens — comissões, percentagens, interêsses proporcionais — e com honrarias e privilégios — o título de diretor artístico exclusivo, a não necessidade de bater no relógio a ficha de entrada e saída, convites para almoçar. Ainda assim êle dava dores de cabeça ao pessoal da fábrica e ao pessoal do escritório, não era pontual, sumia dias e dias, reaparecendo barbado e meio aéreo. Falava em substituir a série de insetos por uma série de conchas e caramujos, desenhos formidáveis que se achavam fechados a chave na gaveta. Trancoso, pôsto ao par disso por correspondência aérea, rebatia:

"Que faz o Asdrúbal que não o redescobre? Você, Moscoso, facilite a êsse artista tudo quanto êle exigir até apresentar modelos completos daquilo que se comprometeu a realizar, de maneira a ficarmos garantidos com uma programação baseada nos seus desenhos e controlada por sua capacidade. Então estaremos salvos e caso êle leve um sumiço não nos prejudicará. Essa casta de gente é tôda ela constituída por oligofrênicos (estás a gostar do têrmo, ó Moscoso?), cheia de rompantes. Põe tento no que te estou a escrever e trata de agir neste sentido prático e benéfico para nós e para êle, o artista. Para nós, quanto à empostação industrial, pondo-nos a salvo duma surprêsa que nos prejudique. E para êle quanto à empostação (estás a gostar do têrmo, ó Moscoso?) cristã, digamos assim sem jactância. Pois é uma das características da nossa firma ajudar malucos, já que como vocações religiosas malogradas (estudei até ordens menores, quase chegando a presbítero, tu foste seminarista na parbônia, e o Asdrúbal sacristão em Juiz de Fora) se temos conta corrente em bancos também temos saldo nas nossas consciências. Portanto, mãos à obra e não quero mais saber de amolações, o que espero aqui são mosaicos, tudo com desenhos e côres dêsse genio. Fazer o bem nunca é demasiado nem em vão, já dizia... Bem, o autor de frase tão calina que se comprova com o teorema dos triângulos semelhantes superpostos não sou eu. Ou foi São João Crisóstomo, ou foi Santo Ambrósio, ou foi o conselheiro Acácio. A verdade é que a usamos também como *slogan* da nossa firma."

Iam as coisas neste pé quando numa tarde de janeiro Trancoso apareceu em São Paulo para assinar o balanço do ano de 58 e estipular a produção intensiva de 59.

Por especial acaso, nesse dia Samuel Belmonte aparecera cedo, antes mesmo da sereia da fábrica apitar a hora do serviço. E, providencialmente surgira de cabelos cortados, barba aparada, e envergando calças de veludo e casaco de cotelé. E passou o dia quase todo a regular manômetros de fornos, a enfiar lá para dentro, para novas cozeduras, pilhas e mais pilhas de ladrilhos. Subiu à hora do café não para se desculpar da ausência mas para atacar na sua mesa os últimos retoques nos caramujos e nas conchas sôbre fundo índigo.

Que alívio para Moscoso a possibilidade enfim duma apresentação!

Trancoso achou o artista parecido com o retrato de Garrett em tampa de caixa de chocolates da Ilha de São Tomé!

Após elogios sumários, houve um longo diálogo entre goles de *Pôrto* e baforadas de cigarros.

Percebendo que estava diante dum homem esclarecido e simpático, Samuel tratou da sua arte. Entidades geométricas no plano e no espaço. Polígonos e poliedros regulares. A divina proporção. O equilíbrio cristalino. A estética das proporções na natureza e nas artes. Aludiu à aplicação de tudo isso nos seus desenhos, na sua cerâmica, já que flôres, peixes, aves, tudo não passava de formas homotéticas.

Trancoso, ex-humanista de Bragança, ex-universitário de Coimbra, de vez em quando também mostrava sabença encaixando palpites. Mas ao ver os exemplares de amostra referentes a conchas e a caramujos ficou de queixo caído, por isso demorando um pouco para chamar aos brados, como chamou, Moscoso, Asdrúbal, o encarregado dos fornos e o responsável pelos pigmentos.

— Caracóis fluviais. Conchas potamográficas. Sacuaritá, memuã, uruguá.

— Diga-me uma coisa. Como sabe todos êsses nomes de insetos, passarinhos, flôres e aves das brenhas?

Então Moscoso e Asdrúbal trataram de se imiscuir na conversa ajudando a explicar que na chácara dum amigo, em Tremembé, Samuel Belmonte tinha à sua dis-

posição estampas, álbuns, tratados e nomenclatura da flora e da fauna dos trópicos.

Mas havia outra novidade. Fresquinha. Ou melhor, quentinha ainda: a produção daquele dia, desde as sete da manhã até agora. O Evaristo dos pigmentos e o Bráulio dos fornos foram depressa até lá em baixo, voltaram logo trazendo num tabuleiro mosaicos cujo temário era uma variedade de gênios das selvas.

— Bravos! Especializou-se também em demonologia? Só conheço os nomes das variantes diabólicas que atuam em Portugal, Brasil e África. Lá na santa terrinha satanás tem nomes que, tirando o de belbezu, não incutem pavor: demo, carocho, azango, mafarrico, dianho, canhoto, gadilha, coisa ruim, mofino, cão tinhoso, porco sujo, zaparelho. Cá no Brasil o esconjuram sob as alcunhas de pero botelho, malazarte, capeta, capiroto e cafute. Apenas os baianos, devido ao sincretismo religioso, o invocam também como exu, leba, bará, embarabô e eleguá. Mas quanto às metamorfoses que o senhor me apresenta do tinhoso nas brenhas, só mesmo se nós, amigo Samuel, fizermos uma espécie de ajuri, isto é, de trabalho ou de pesquisa em conjunto para confecionarmos uns nomes. Pois, francamente, não me lembro mais dos que li em José de Anchieta, Cristóvão de Acuña, Simão de Vasconcelos, Francisco Costa, João Daniel e André Thevet.

— Desfiz a dificuldade gravando em baixo o nome de cada um.

Puseram-se a ler, alternadamente:

— Caapora, curupira, mapinguari...

— ... jurupari, matuiu, agnan, raa-onam...

— ... isquelê, cresce-minguá, buopé...

— Mas o amigo não vai me dizer que pretende remeter semelhante lote para Brasília!

— De modo algum. Trata-se duma coleção pessoal, particular.

— Por hoje basta de diabos. Vamos tratar de negócios. O construtor das diversas superquadras que temos que revestir na Asa Sul declarou que já em abril poderemos iniciar o trabalho. Digam-me portanto, Moscoso e Belmonte, em que pé se acha a produção intensiva das cinco séries combinadas? Isso é da responsabilidade e da alçada de ambos aqui. Quanto a mim lá em Brasília

tenho providenciado em velocidade de urgência o preparo e a exeqüibilidade (estás a gostar do têrmo, ó Moscoso?) das equipes operárias.

— Estou, patrão. E respondo quanto ao que me compete: a embalagem e a remessa; serão rápidas e perfeitas. Quanto à produção, que responda aí o senhor Samuel, pois nesse assunto lavo as mãos como Pilatos.

Ao ouvir tal nome, Samuel recuou, fêz mesmo menção de retirar-se com o pretexto de levar lá para baixo os mosaicos. Já no patamar da escada, entregando o tabuleiro ao Evaristo e ao Bráulio, garantiu:

— Pode ficar tranqüilo. Terá toneladas de cerâmica ao seu dispor em Brasília dentro de seis semanas. Nem que eu precise mudar-me para aqui.

— Veja lá! Outra coisa, ainda: não gostaria de opinar *in loco*, de ir até Brasília escolher para onde irão os insetos, os caramujos, as flôres, os peixes, as aves?

— Temas e côres já por si sugerem os locais. Por enquanto não posso arredar os pés de junto das bancas e dos fornos. Está nos meus cálculos ir a Brasília uns meses antes da inauguração. Quando é que o senhor Trancoso volta para lá?

— Amanhã cedo pela VASP.

— E a que horas se retira hoje do escritório?

— À noitinha. Por que pergunta isso? Se precisa falar comigo a sós, estou às ordens.

— Não fique preocupado, porque é apenas a respeito dum projeto artístico exclusivamente meu.

— Qual é afinal a sua nacionalidade? Deve estar no Brasil há muito tempo porque não só fala bem o nosso idioma como o pronuncia de maneira corretíssima. Mas que tem ares de estrangeiro não resta dúvida.

— Sou brasileiro naturalizado. Estou aqui há quarenta anos.

— Ao escrever-me a seu respeito, o Asdrúbal dizia desconfiar, talvez com algum fundamento, que o senhor fôsse um exilado político, um intelectual refugiado.

— Êle andou perto do mistério. Mas vamos ao meu assunto. Queria do senhor um conselho relativo a certa pretensão minha.

— Na fábrica? Dou-lhe carta branca para agir, e já deixei isso bem explícito perante o Moscoso! O senhor

manda no setor de mosaicos, contanto que me forneça periòdicamente material que dê para as minhas equipes de revestidores não ficarem de braços cruzados.

— Talvez seja besteira, mas ando com um projeto monumental, para o embelezamento de Brasília...

— De certo modo os seus ladrilhos... concorrem para êsse embelezamento. Como os do Bulcão. Saiba que os mostrei a vários construtores. Julgam um complemento indispensável ao bom efeito de apartamentos, nos blocos das superquadras. Inclusive para as piscinas. Assim pois, desde já lhe garanto que sendo o senhor correto e pontual comigo o ajudarei em tôda e qualquer idéia que tenha em mente. Antes de mais nada lhe asseguro casa e comida. Quanto à ajuda material, só após saber do que se trata. Brasília inaugura-se em abril de 60. Teremos nós que deixá-la no máximo em 61, por falta de serviço. É uma cidade relativamente pequena, e dessa época em diante não absorverá a nossa produção. Mas em tese o manterei na firma enquanto o senhor quiser, como nosso orientador artístico aqui em São Paulo. Noutras bases, é claro.

— Tenho em Tremembé um projeto que, feitas as ressalvas, ainda assim não ficará muito aquém da Coluna da Vitória, de Pevsner em Detroit, do monumento de Zadkine em Roterdam, do cavaleiro de Marini para Haia e da escultura de Butler para Berlim.

— Sabe que vamos ter em Brasília monumentos da autoria de Maria Martins, Bruno Giorgi e Ceschiatti?

— Mas o meu objetivaria de maneira simbólica o preparo indispensável ao homem para entrar já não digo no Graal nem na Utopia de More, mas nas cidades de Aristóteles, Santo Agostinho e Campanella.

— Explique-se melhor. Seria pròpriamente o quê?

— Algo como aquelas tóranas de terracota referentes às játacas de Buda tão bem cozidas e recozidas que os leigos juram tratar-se de alabastro gessoso.

— Ora, ora! Os leigos sabem lá o que seja alabastro gessoso! Pois se nem eu sei o que venham a ser játacas e tóranas! — retrucou mais que depressa Trancoso. — Quero saber é o tema, homem! O tema!

— Uma espécie de alfândega, de pedágio místico à entrada de Brasília.

— Bem, quanto a isso, a política rodoviária já anda

barrando o acesso de paus-de-arara, a fim de evitar o desenvolvimento de favelas e invasões. Só deixa entrar quem apresenta carta de locação de trabalho ou de chamada individual. Explique-se melhor.

— Um monumento que sintetize de maneira laica a purificação a que deve submeter-se tôda pessoa ao transpor o limiar da nova capital. Uma espécie assim de Lavapés.

Trancoso pegou a idéia no ar.

— Ótimo. Original. Mas isso custaria muito caro?

— Por precaução econômica e para que não fique prejudicada a durabilidade, deve ser, conforme já disse, apenas em terracota ou, no máximo, em alabastro gessoso. De forma que sairá tão barato quanto a mão monumental que Le Corbusier ideou para a cidade de Chandigarh. Mão ou punho fechado invectivando os cretinos que não lhe entendem a genialidade.

— Amigo Belmonte, terei que pô-lo em contato com o Lúcio, com o Niemeyer e com a diretoria da NOVACAP.

— Já de caso pensado, destino o meu monumento para fora da cidade, a fim de não colidir com as generalizações ou restrições do Plano Pilôto. E, principalmente, para evitar delongas burocráticas.

Antes de seguir para Brasília na tarde seguinte, Trancoso fêz a Moscoso e a Asdrúbal a seguinte recomendação:

— Há que retê-lo aqui, assoberbado pela produção em massa. Trata-se, conforme vocês desconfiavam, dum louco simpático. Boa desculpa será responsabilizá-lo pela embalagem e encaixotamento das cerâmicas.

As remessas chegavam muito bem acondicionadas e iam sendo distribuídas pelos apartamentos já passíveis de revestimento. Assim não houve atraso no serviço, e a equipe de cartazistas e pregadores bíblicos, dissolvida por entre os demais operários, realizava direito a 2.ª Operação Trancoso & Moscoso forrando as superfícies cinéreas de cimento opaco e rugoso com retábulos de aves e flôres cromáticas, de peixes e caramujos fluviais, de insetos e passarinhos tropicais.

Mas em setembro de 59, quando às vésperas de se inaugurar o Congresso Internacional Extraordinário de Críticos de Arte, os dois maiores hotéis de Brasíia se

foram enchendo com delegações do Brasil, Alemanha, Argentina, Áustria, Austrália, Bélgica, Ceilão, Chile, Colômbia, Estados Unidos, França, Israel Inglaterra, Iugoslávia, Japão, Itália, México, Polônia, Portugal, Espanha, Suécia, Dinamarca, Holanda, Tchecoslováquia, Uruguai, e Turquia, Trancoso deu em ficar nervoso porque uma carta de Asdrúbal avisou que o artista sumira da Água Branca, do Bexiga e de Tremembé, sem receber o salário de agôsto e sem dever nada à firma já que não era dado a fazer vales. Ainda bem que fôra consciencioso desaparecendo só depois da última remessa.

O receio de Trancoso era que Samuel Belmonte viesse instalar-se em Brasília adotando logo duas atitudes: uma, discordar da aplicação das séries, criando embaraços; e, outra, querer pôr em ação o seu plano do monumento deixando-o atrapalhado perante o urbanista, o arquiteto e a NOVACAP.

De fato, uma tarde chegou ao Núcleo Bandeirante um tipo exótico, de barba de dias, roupa prêta de rabino, chapéu côco. Parecia um robô de luto, cujas mãos felpudas seguravam simètricamente o duplo pêso de enorme bagagem. O homem perguntou num botequim onde era a olaria Trancoso & Moscoso. A pessoa interrogada apontou lá para baixo, mostrando o fundo daquela favela-estaleiro.

Estava Trancoso em mangas de camisa e de botas a fiscalizar o enchimento dum caminhão quando se acercou dêle Samuel Belmonte erecto como o fiel duma balança devido ao equilíbrio dos pratos; no caso a mão direita segurando utensílios, e a esquerda a mala.

— Ora até que enfim! Fêz boa viagem? Chegou agora?

— Hoje ao meio-dia. Estive a ver os quilômetros quadrados de sinapismos plásticos que a firma tem colado nos apartamentos dos blocos.

— E gostou?

— Claro. Não é em vão que o chefe da emprêsa se acha aqui.

— Obrigado. Em que hotel baixou em Brasília?

— Apenas os percorri, com esta tralha arriada nas respectivas portarias. Preços mais exorbitantes do que

nos hotéis de Nova York, Paris, Constantinopla e Tel Aviv. Com licença. — E largou a tralha no chão, perto dum dos pneus.

— Mas é claro que o amigo tem que se instalar à vontade e sem despesas aqui, num dos domicílios da gerência.

— Isso é muita bondade sua. Eu pretendo demorar-me.

— Não importa.

— Detesto incomodar.

— Se tal se der, serei franco. Não se preocupe. Acompanhe-me. Vou mostrar-lhe os seus cômodos.

À hora do jantar, Ismael se instalou sem a menor cerimônia ao lado de Trancoso e em frente do capataz, no refeitório comum. De lado a lado, até a outra cabeceira, os operários. Êstes, mais o chefe, o capataz e o convidado, esvaziaram três travessas e duas terrinas de sarrabulho e quatro tabuleiros de queijo e bananas.

No passeio *post prandium*, Trancoso mostrou-lhe a Cidade Livre, recomendou-lhe o barbeiro enquanto contornavam a esquina do *Aljôfar*, e na volta ao galpão lhe indicou os chuveiros.

De modo que foi um Samuel Belmonte bem outro, de cabelos e barba aparados a Petrus Borel, com indumentária a Picasso, que na manhã seguinte entrou no escritório.

Alguns repórteres e reduzido público assistiram às sessões do Congresso, dedicadas respectivamente à Cidade Nova, à Urbanística, à Técnica e Expressividade, à Arquitetura, às Artes Plásticas, às Artes Industriais, à Educação Artística e à Situação das Artes na Idade Moderna. Os respectivos presidentes foram: J. J. Seeney, J. Starzynski, F. Le Lyonnais, Raymond Lopez, H. L. C. Jaffé, Sérgio Milliet, Kemel Yetkin e A. Chastel. Os relatores compunham-se de personalidades do gabarito de A. Saarinen, A. Aalto, S. Giedion, Giulio Argan, Meyer Schapiro, Goerg Schmidt, Herbert Read, Tomás Maldonado e W. Sandberg.

Antes percorriam de ônibus várias vêzes o Plano Pilôto, descendo e demorando-se nas obras do Eixo Cívico e do Eixo Rodoviário, onde no dizer pernóstico dum arquiteto sueco diversos palácios em fase relativamente atra-

sada ainda permaneciam hípetros, só se achando pronto, habitado e acessível a restrições o palácio anfifróstilo da Alvorada.

Para Orminda, Raquel, Lia e Jaci, aquêles foram dias e serões admiráveis porque lhes coube da parte da NOVACAP a função mundana de *Public Relations* às ordens das delegações. Jaci, que não era poliglota, escolheu a função de atender a delegação brasileira. Todavia, a presença eventual de Amauri como comandante do aparelho que trouxera os contingentes, de Lima e Enéias como pilotos do Viscount presidencial, acabou pondo-a em situação privilegiada, visto que êles se prestaram de bom grado a colaborar.

Eis algumas das opiniões que, assim ajudada, ela colheu no ônibus, nos locais visitados, no bar, no restaurante e nos intervalos das sessões:

A construção de Brasília é um ato que afetará o resto do mundo. A arte de construir cidades apresenta aqui uma lição. — STAMO PAPADAK — Arq. EUA.

Brasília, novamente visitada após um curto período de nove meses, é um milagre de progresso construtivo, um ponto culminante de maravilhosa iniciativa, tão raros num mundo de acasos desordenados. Molda-se sob os nossos olhos um prodígio, e o mundo inteiro observa e acompanha êsses modeladores. — RICHARD NEUTRA — Arq. EUA.

Entusiàsticamente por Brasília. Um viva para Niemeyer e Costa. — AERO SAARINEN. — Arq. EUA.

Brasília não é apenas o maior empreendimento levado a efeito no nosso mundo, mas também uma louvável tentativa para se encontrar o caminho da liberdade internacional da Humanidade. — JOSÉ GUDIOL — Crítico de Arte. ESPANHA.

Tive uma profunda impressão em Brasília.

É necessário não sòmente o ideal e a sabedoria dum povo, mas também muito dinheiro e muito trabalho para realizar uma tal cidade. Se os Estados Unidos da América experimentassem construir uma cidade assim não seria tão difícil. Se a Rússia Soviética realizasse um tal plano, poderia não ter sido tão difícil. Mas o Brasil não tem tanto dinheiro quanto os Estados Unidos, nem dispõe de tanta mão-de-obra como a Rússia. Logo, como não admirar êsse prodígio que é a construção de Brasília? — A. IMAIZUMI — Crítico de Arte. JAPÃO.

Aí estão Chandigarh e Brasília. Creio bem que isto é tudo que há de positivo no mundo. Portanto, bravos para Brasília, para o seu planejamento e para a sua arquitetura. E bravos, sem reservas! — JEAN PROUVÉ — Eng. FRANÇA.

Brasília não é uma aventura; é a resposta a uma necessidade brasileira. A aventura é decidir fazê-la indo contra tôdas as dificuldades que uma Democracia tem para realizar uma idéia como esta. — GARCIA ESTEBAN — Crítico de Arte. URUGUAI.

Há, naturalmente, muitos problemas concernentes a Brasília e à sua realização — problemas que constituem o assunto dêste congresso. Mas tais problemas e debates não abalarão a importância e a grandiosidade dêste grandioso projeto. A impressão de Brasília, mesmo no seu atual estado, já é realmente extraordinária. — FRITZ NOVOTNY — Crítico de Arte. ÁUSTRIA.

O Brasil atingiu um momento excepcional em sua arquitetura. O Estado decidiu tornar realidade a antiga lei da mudança da capital para o centro do país, e escolheu para tal empreendimento os seus melhores arquitetos. Trata-se dum formidável acontecimento para o Brasil: a história — a boa história — das relações entre o Estado e os

artistas. — JOSÉ PEDRO ARGUL — Crítico de Arte. URUGUAI.

Para ver crescer esta cidade com velocidade incrível, só para ver algo (que nasceu duma necessidade política) tornar-se uma obra de arte admirada no mundo inteiro, só para assistir ao esfôrço conjugado de tôda uma nação em ampliar a sua sigla, valeu a pena vir a Brasília. Uma vez terminada esta nova capital e se vivendo nela, dificilmente será possível se continuar com qualquer espécie de pessimismo cultural ou humanístico. — GERT SCHIFF — Crítico de Arte. ALEMANHA.

Embora parecendo um projeto utópico, o que foi feito até agora mostra não só a sua possibilidade como também a sua praticabilidade. Sou muito otimista quanto ao êxito da construção de Brasília. Devo acrescentar que temo duas coisas: pressa e falta de fiscalização principalmente do material. Isso poderá prejudicar planos bem pensados. Contudo, estou certo de que Brasília constituirá um exemplo único para as futuras cidades do mundo. — HORÁCIO SANCHEZ FLÔRES — Crítico de Arte. MÉXICO.

Brasília é o mais corajoso ato de planejamento de cidade pôsto em execução neste século. — PETER BELLEW — Crítico de Arte. AUSTRÁLIA.

Eis uma experiência maravilhosa e a prova mais concreta da possibilidade da poesia imiscuir-se na planificação e na construção duma cidade. Foi também uma oportunidade excepcional para se refletir sôbre todos os problemas que aqui se tornaram evidentes (e resolvidos) e que surgem no mundo atual quando por tôda parte e, de maneira menos notória, cidades novas surgem à sombra das antigas. Assim, Brasília interessa a cada um de nós. — FRANÇOISE CHOAY — Crítica de Arte. FRANÇA.

Esta é a maior realização e a maior experiência que o homem já fêz para garantir aos cidadãos uma vida melhor. Tal empreendimento, concebido no pleno espírito do século XX, merece a nossa inteira aprovação. — AMANCIO WILLIAMS — Arq. ARGENTINA.

Quanto ao Plano Pilôto de Brasília, é êle aberto ou fechado? Ou terá as inconveniências de ambos os métodos? Impossível pré-fabricar-se uma cidade e depois se querer adaptar o povo a ela. O plano pilôto deve orientar o desenvolvimento duma cidade. Ora, o centro monumental de Brasília sufoca a vitalidade da cidade. É uma cidade de Kafka.

Quanto à arquitetura, é monumental num sentido negativo, porquanto foi concebida, em sua maioria, nos moldes da perspectiva da Renascença, contrária à concepção de tempo e de espaço. Fachadas com estruturas que parecem formas livres, e vice-versa. — BRUNO ZEVI — Crítico de Arte. ITÁLIA.

Essa prova de diligência de parte de Jaci irritava superficialmente Lia e Raquel. No máximo elas recolhiam as traduções das teses de Otl Aicher, Giulio Pizzetti, Herbert Read, Werner Haftmann, William Holford, Richard Neutra e Jean Prouvé para não chegarem na manhã seguinte à NOVACAP com as mãos abanando. No bar ficavam conversando com os participantes brasileiros, em cujas mesas não faltava uísque: mas a turma nacional não se mostrava disposta a entrevistas e opiniões técnicas, saturada já dos adjetivos "formidável", "prodigioso", "excelente". Ainda assim elas arrancaram alguns pareceres de Flexa Ribeiro, Jaime Maurício, Lourival Gomes Machado, Fayga Ostrower e Antônio Bento, e as teses de Theon Spanudis, Lúcio Costa e Mário Barata. Com êsses elementos estariam aptas a neutralizar a eficiência da colega.

Vindo de levar Jaci ao sítio, Amauri se abancava na mesa alegre de Paulo Emílio Sales Gomes, Ferreira Gullar,

Flávio de Aquino, Almeida Sales, José Roberto Teixeira Leite e José Simeão Leal. Então elas se acercavam, de maneira a saírem juntas com Amauri. Não se davam por achadas. No percurso comentavam o efeito fantasmagórico das obras. No começo do Eixo Cívico, principalmente nas duas alas dos Ministérios e nas obras quase simétricas do Palácio do Planalto e da sede do Supremo, o trabalho prosseguia com o ímpeto de durante o dia, sob os focos cruzados de holofotes e entre piras de archotes. Os operários aglomerados nas super-estruturas assumiam aspecto de sintagmas em estaleiros perfurando quilhas e cravando rebites com aparelhos elétricos. A zoeira do trabalho noturno parecia acompanhar o jipe, acrescida pelo restrugir de máquinas já agora nos blocos das superquadras.

Lá estava, na saleta morna do duplex, o sofá repleto de almofadas, revistas, livros e discos. Havia sòmente uma garrafa de uísque já aberta, algumas laranjas na fruteira e um resto de bombons na caixa de chocolate. Ligaram a vitrola, e isso mesmo em regime de surdina, tornando distante a voz pigarrenta de Rudy Powell.

— Que trabalheira a dêstes dias e destas noites! — sussurrou Raquel esvaziando o sofá enquanto Lia fazia sinal com a mão lá para a escada, muito embora a velha Isaura, como sempre, decerto dormisse o sono dos justos.

Apagada a luz do teto, ficou só o halo tênue e rasteiro do abajur confinado num canto do assoalho.

— Há um lugarzinho aí para mim também? — solicitou Lia desembrulhando um bombom.

Amauri ajeitou-se bem no centro do longo sofá, pondo o boné na cabeça de Raquel; e apoiou a nuca na orla de reps. Raquel acomodou-se melhor, à direita. Lia estendeu-se no vão restante, à esquerda. Era compreensível que, uma vez tendo sido feita alusão ao cansaço, à trabalhadeira, ficassem ali inertes bastante tempo. A temperatura da saleta obrigou uma delas a ir escancarar a porta da entrada.

— De repente entra por aqui a dentro um tatu-canastra... — caçoou êle.

— Não faz mal. Você já imaginou que daqui a pouco

nós duas temos que aturar o calor do quarto lá em cima? A estas horas nas paredes cheirando a cal os mosquitos já estão à nossa espera.

Raquel deitada de frente; Lia deitada de perfil. As coxas de Amauri serviam de almofadas. As ondas intermediárias dos cabelos — louros e castanhos de cada qual — acentuavam a côr da farda.

Essa inércia lânguida só foi perturbada por três gestos simultâneos. O de Amauri procurando fósforos e acendendo uma diminuta chama; o de Lia apanhando o cinzeiro (que depôs na mesinha de mármore); e o de Raquel extraindo três cigarros de dentro do maço.

— Está entrando uma aragenzinha...

Mas era vento, isso sim. Tanto que Lia pulou antes que a porta, fechando-se, batesse com fôrça. Ao reinstalar-se no sofá, ela se sentou rente dêle e apoiou a cabeça em seu ombro. A mão ao fim do braço nu, circundando-lhe o pescoço, começou a afagar-lhe a orelha, a órbita, o queixo. Amauri mordiscava-lhe a polpa dos dedos, ciciando com vez de menino:

— Dedo mindinho, seu vizinho, pai de todos, fura bolos, mata piolhos...

Não tardou que Raquel se sentasse também e, abraçando-o, lhe puxasse a cabeça para o seu lado; sentia a pressão e o deslizar lento, para cima, para baixo, para os lados, daquela face onde a barba principiava a despontar, áspera.

Agora, na semi-escuridão, a briga gestual das mãos irmãs. Uma agarrava, prendia um, dois dedos da mão da outra, torcia-os com raiva muda. A mão atacada reagia. Mas por conveniência uma e outra cediam, obrigando-o assim a uma distribuição equitativa de beijos.

Três mãos. Uma clara, uma morena, a outra, maior e bem escura; jôgo de dedos, de palmas, de dorsos.

Três bôcas. Bem comportadas, uma não procurando as outras duas, nem estas procurando aquela. Ósculos curtos, sêcos, de bôcas apenas roçando braços, testas, faces. Depois, pausa. Juízo. Os primeiros goles de uísque puro.

— É pena não haver gêlo.

— Nem clube-soda.

Amauri levanta-se, recolhe os copos, larga-os longe, em cima do peitoril.

— E aquela vez do champanha, heim? — evoca Lia.
— É mesmo — diz Raquel. — Um *magnum* inteiro.

Mal se afastam para êle tornar a sentar-se. Amauri vira broquel imprensado entre dois suportes vivos, dois golfinhos. Elas desandam a beijá-lo, ora simètricamente, ora alternadamente. Nos cabelos, nas têmporas, no pescoço. Lia desabotoa-lhe o dolmã, passa a mão em seu peito.

Raquel levanta-se, vai apagar o abajur, volta e atira-se sôbre Amauri. Escorrega, cai ajoelhada sôbre o tapête, estende as mãos para que êle a soerga. Então Lia a imita. Levanta-se, vai até a janela, bebe um grande gole de uísque, volta e atira-se no sofá, resvala, cai quase por sôbre a irmã.

Êle agarra as duas, não consegue suspendê-las, fica dobrado para a frente e para baixo.

— Estas náufragas!... — Mas logo emenda: — Estas ondas de maré subindo!

— Êste barco salva-vidas... — zomba Lia.

Mas Raquel corrige:

— Êste penhasco!...

— Vai ser numa amerissagem forçada assim que me danarei...

— Como Augusto Lima, nadando ao encontro dum farol pisca-pisca...

— Juízo, meninas.

Advertidas, recompondo os cabelos, as duas vão beber, trazem-lhe o terceiro copo.

Esvaziada a garrafa (que aliás naquela noite já estava quase no fim), êle faz menção de retirar-se. Despede-se longamente de Raquel, sorvendo-lhe beijos. Lia intromete-se. E já no pórtico, entre a casa e o muxarabiê, êle tem que distribuir afagos. Então as duas iniciam um simulacro de desavença, que êle trata de anular; pois, dependuradas no seu corpo, uma enlaçando-o pela cintura, outra prendendo-o pelos ombros, primeiro elas se olham como gatas, fingem investir uma contra outra apenas com as espáduas; por fim o largam e, de mãos erguidas, se desafiam. Lia abaixa o torso, descalça um sapato; Raquel empurra-a. Amauri abraça-as, leva-as par dentro.

— Comam bombons — aconselha, dando-lhes o exemplo.

Esvaziam a caixa, permanecem estiradas no encôsto do sofá, mastigando.

Depois, Raquel desliza o corpo, recolhe as pernas, encolhe-se na sua metade, com a cabeça de perfil sôbre a coxa de Amauri. Lia imita-a de nôvo. Ambas acabam adormecendo. E a custo, para não despertá-las, Amauri extrai a caixa de fósforos, consegue alcançar o maço de cigarros. E fica fumando.

Fumando e pensando na vida. Cada vez que êle sorve o cigarro, elas como que ficam em relêvo na semi-claridade da madrugada, na semi-escuridão da saleta. Só quando o cigarro, já por várias vêzes libertado da cinza, lhe queima os dedos de tão curto, quase brasa apenas, então é que êle, com imensa dificuldade e com lento cuidado, leva uma, depois outra até o meio da escada, olhando lá para cima. Primeiro deposita Raquel; depois deposita Lia, no mesmo degrau.

Sentadas na larga régua do Tempo, com os pés na outra régua e com a cabeça na superior, elas continuam a dormir, quase abraçadas.

Êle curva-se, fica a olhar bem de perto os rostos das gêmeas. Beija a bôca de cada uma. A de Raquel tem gôsto de chocolate, como os lábios duma criança. A de Lia tem gôsto de uísque, como os lábios duma cortesã. Dormindo, ambas ofegam. Torna a beijá-las. Elas entreabrem as pálpebras. Lia, muito séria, quase assustada. Raquel, sorridente, identificando-o. Procuram afastar-se uma da outra para que êle se sente, com a cabeça entre a metade do rosto de cada uma.

Amauri observa-as, como a querer decifrar a Exfinge. Duas metades. Dois perfis somados. Inteirando uma só Mulher.

Quando o ônibus privativo dos membros da Associação Internacional de Críticos de Arte parou no *parkwalk* da superquadra, o último a descer foi Samuel Belmonte, que ninguém conhecia. "Decerto algum arquiteto de delegação estrangeira."

Enquanto grupos se formavam esperando que os elevadores de material de obras os conduzissem para os apartamentos do bloco a visitar, Samuel ficou parado rente

à piscina repleta de água clorada olhando para os peixes dos azulejos de sua autoria.

— Que beleza! — comentou um desconhecido. — Nesta região sêca e estéril, onde a gente se desidrata se não viver bebendo água, deviam construir centenas de coisas assim.

— Mas isto é uma piscina, e não um bebedouro — redarguiu Samuel.

O outro olhou-o com desdém. Mas daí a pouco já estavam amigos porque o homem do casaco de belbutina sabia os nomes de todos aquêles peixes brasileiros ali desenhados e que pareciam nadar em ordem de tamanho. Tanto que ambos subiram juntos até os apartamentos, e a cordialidade se foi estreitando cada vez mais enquanto percorriam copas, cozinhas, despensas, banheiros, admirando flôres e insetos, aves e passarinhos.

E como os elementos das delegações estrangeiras e do contingente nacional se agrupassem para admirar também, em dada altura Trancoso explicou a razão daquele conhecimento:

— São trabalhos dêle. É oleiro, ceramista e esmaltador.

Aproximou-se então, de papel e caneta nos dedos, o jovem diretor da revista londrina SIGNALS e perguntou ao artista como se chamava. Daí a pouco se acercou outro, da revista OEIL. Ao primeiro, Samuel disse:

— Chamo-me Isaac Cartaphilus. — E disse ao segundo: — O meu nome? É Jacques Laquedem.

Agradeceram, anotaram, foram observar mais de perto aquêles metros quadrados. Samuel desceu no meio de diversos críticos que lá em baixo se reuniram no *play ground* em redor da piscina. E logo êle se viu rodeado por brasileiros e europeus, asiáticos e americanos, pelos diretores das revistas XX^{e} SIÈCLE, STUDIO INTERNACIONAL, ART IN AMERICA, HABITAT, MÓDULO, ART D'AUJOURDH'UI, ARTES VISUALES. Todos êstes, informados pelos outros, lhe gabavam o trabalho. E, de nôvo interrogado, Samuel lhes ditava o nome que lhe vinha à cabeça:

— Paul Marrane. — E mais adiante, noutro grupo: — Samuel Schoenberg. Giovanni Butta Deo.

No mesmo veículo à disposição dos delegados estrangeiros e nacionais êle foi visitar as obras da Catedral e da Estação Rodoviária, acompanhando-os depois até o hotel. Era a hora da conferência de Muraro, *Confronto com o Passado.*

Pareceria esquisito, ali em pleno Planalto Central, falar-se a respeito de Veneza. A expectativa de todos foi a de uma estopada; tanto qu Amauri, Lima e Jaci se instalaram ao fundo da sala, na hipótese duma fuga estratégica para o bar. Mas acabaram permanecendo e gostando porque a palestra constituiu uma aula de bom vaticínio. Em suma, o orador se limitou a dar um exemplo histórico.

Fundar uma cidade é a aspiração constante do homem. Contudo, os impulsos nesse sentido, hoje em dia, parecem provir de imperativos materiais, como se não tivéssemos consciência, no nosso tempo, da fôrça dos ideais românticos e religiosos. Todavia, a criação duma cidade nova é sempre prova de fé no futuro, não podendo ficar à mercê de fôrças acidentais. Veja-se o exemplo da primeira das cidades modernas, Veneza. Ali, a pressão das circunstâncias se uniu ao sonho platônico. E é de esperar que a lição de suas vicissitudes e vitórias seja de bom augúrio para a maravilhosa aventura da nova capital que estamos vendo nascer.

No meio das lagunas do Alto Adriático só havia juncos e ilhotas, interessando apenas por causa do peixe e do sal. Tais produtos faziam vir gente do litoral. Com o tempo, porém, os habitantes de Aquiléia, Grado e Altino temeram com razão os bárbaros que transpunham os Alpes dispostos a devastar e a destruir. Começaram então a abandonar aquelas cidades, refugiando-se nas lagunas. Assim foram surgindo as primeiras comunidades de venezianos que Casiodoro no século VI comparava às aves aquáticas que tiram o seu alimento do mar. Decorreram séculos sem alterações fundamentais, até essa situação, passivamente aceita por necessidades imperiosas, se vivificar por uma idéia, até os emigrantes começarem a ter consciência do porvir. Não volver os olhos para trás, e sim olhar para o mar alto, para o Adriático e para o Mediterrâneo, onde estava o verdadeiro campo de ação. Com navios lhes seria fácil conquistar terras ricas conquanto longínquas.

As ilhotas vizinhas da costa foram sendo abandonadas, a população se foi mudando cada vez mais para a frente. Primeiro, Torcello; depois, Rialto; e, por fim, aquela ilha chamada Terra Nova, onde surgiria San Marco. Dali, em poucos minutos se poderia atingir o mar alto. E assim, gradualmente, em cada pôrto distante, nas principais cidades do Oriente Próximo e do Sul, se foram constituindo bairros-bases do comércio veneziano. Cada família veneziana tinha um dos seus do outro lado dos mares, e nos sonhos dêstes, sonhos decorrentes da nostalgia e da esperança, foi crescendo o plano de um dia tornar Veneza uma grande cidade.

A pequena igreja de madeira não podia mais convir. Nem as casas primitivas e rudimentares se adaptavam mais ao prestígio que a cidade ia adquirindo. Principiaram a canalizar os rios, a retificar os canais, a consolidar os mangues. Em navios grandes e pequenos foram trazendo tudo quanto era necessário para erguer casas e palácios e para construir um santuário capaz de sobrepujar outros perto ou longe. Veneza foi assim se tornando uma obra grandiosa, na qual tomaram parte artesãos de tôdas as terras e de todos os idiomas. Nos arquivos do século XII encontramos vestígios da ação de homens da Lombardia, da Dalmácia e da Alemanha; na geração seguinte êles já estavam assimilados pela comunidade. A estrutura de San Marco foi concebida por mestres bizantinos, e as suas esculturas foram feitas por artistas lombardos e franceses. A igreja de San Marcos foi construída no coração mesmo da cidade naquela praça que é o orgulho dos venezianos e o centro material e espiritual da cidade. O desenvolvimento da cidade estêve sempre condicionado por um princípio diretivo, por vêzes misterioso mas sempre presente. As lendas e todos os elementos espirituais que se encontram no alvorecer da sua história trazem a marca duma escolha, duma decisão, duma vontade. Aquelas riquezas, aquelas obras de arte trazidas em cada viagem, aquelas relíquias de padroeiros, aquelas imagens estampadas nas cúpulas de São Marcos constituem a trama dum mosaico maravilhoso. Mas é na lenda de São Marcos que a cidade encontra o fermento decisivo para impor o seu prestígio ao mundo.

Quando Bruno de Torcello e Rustico de Malamoco

trouxeram de Alexandria as relíquias do apóstolo foi como se cumprissem a profecia de Aquiléia. Pois a partir de então se acabaram as dúvidas e Veneza percorreu de maneira admirável o longo caminho da sua história.

Posta em discussão a conferência de Muraro, não foi preciso ninguém debatê-la, mas apenas pensar em transferir a lição para Brasília. Esta cidade, como Veneza, não estaria fadada, conforme previa e julgava o arrazoado apenso ao projeto de Wilheim, a ser apenas mera capital burocrática do Brasil, uma capital estanque numa região deserta. E sim, como nos projetos de Ghiraldini, Rino Levi, M. M. M. Roberto e Lúcio Costa, estava prevista como foco de imantação e irradiação. No projeto sobretudo de Lúcio ela, com sua forma e com sua fôrça de ave, de avião, seria para a Hiléia, para o Planalto, o mesmo que Veneza fôra para o mar. Enquanto os seus funcionários trabalhassem quais computadores eletrônicos do desenvolvimento do país, outra gente sairia dela para criar feitorias, desbravar selvas, interligar Norte e Sul, Leste e Oeste; e tôda a área — até então em estado potencial à espera de que a Costa se desenvolvesse — iniciaria o seu próprio desenvolvimento, de maneira ao Brasil vir a ser um todo equipartido. Já havia uma relíquia vaticinadora dessa expansão, relíquia civil, essencialmente humana e brasileira, o cadáver de Bernardo Saião, o pioneiro que morreu não dum acidente em qualquer super-estrutura de aço ou de cimento, mas esmagado por um jatobá a centenas de quilômetros daquele âmago centrífugo.

Aliás, êsse vaticínio não decorria duma aura romântica e retórica, pois isso não predominou durante o Congresso. Relatores de temas e quantos os debateriam mostravam cauteloso critério em suas asserções. De modo que para a assistência exígua mas arguta aquelas teses apresentavam enormes vantagens, sendo algo mais do que pretexto para reuniões que atraíam não só os próprios congressistas e alguns burocratas, como vários elementos do Grupo de Trabalho incumbido da transferência dos Serviços Federais. Tratava-se inclusive duma aglutinação social que durante uma semana quebraria a habitual insipidez das tardes e noites de Brasília cujos focos de distração, *O Candango, A Macumba,* os bares dos hotéis, viveram horas diferentes.

O tema, por exemplo, Cidade Nova & Síntese das Artes, deu à população de Brasília consciência de muita coisa, explicando-lhe a bem dizer em que meio singular e vanguardista já vivia, e ensinando-a a sentir e a compreender o prodígio onde se achava, aprendendo com isso até a valorizar-se entre exceções que criavam otimismos e também responsabilidades.

Duma hora para outra tornou-se claro que a arte moderna e portanto também a arquitetura moderna não pretendem repor *ex-nôvo* todos os problemas quer no plano formal quer nas realizações mais significativas, sendo absurdo pensar num *revival* dos processos artesanais e dos valôres estéticos a êles relacionados. Pois hoje em dia os artistas mais originais e o movimento artístico mais vital elaboram suas proposições através duma crítica do passado, utilizando-se de materiais e de processos técnicos cuja raiz histórica é fácil encontrar.

Assim, se a arquitetura e o desenho não se petrificaram mas conseguiram realizar valôres que podem ser julgados pelos mesmos critérios com que julgamos os edifícios e os objetos de qualquer período do passado, isso se deve a essa viva e interessada consideração pelo passado. A metodologia com que se projeta evolui a ponto de assumir um caráter de precisão rigorosamente científica. A organização da obra, o largo emprêgo de elementos pré-fabricados, em suma, a redução de quase todo o processo construtivo a um processo de montagem, não excluem da produção construtiva moderna qualquer possibilidade de se recorrer, ainda que só criticamente, aos materiais e às técnicas antigas.

Ao lançar tal afirmativa, o relator não tenciona, porém, recair no velho preconceito de que os materiais e as técnicas modernas não possam produzir valôres estéticos; pretende mostrar que, no diagrama de desenvolvimento duma construção moderna, os problemas técnicos são resolvidos na mesa do projetista e, assim, se incluem na metodologia do projetar. A execução, mesmo quando complexa, não passa, em verdade, duma montagem. Ora, se o interêsse dos construtores modernos é essencialmente metodológico, compreensível se torna que êles considerem especialmente, na arte do passado, o aspecto metodológico.

Mas, ao invés de se desenvolver uma repetição quantitativa, se obtém uma sucessão principalmente qualitativa.

Conquanto exarada em linguagem técnica, ficou patente que a invenção, ou a novidade, decorre da experiência adequada ao sentido da contemporaneidade. Algo comparável ao gesto da aplicação prática duma herança, com juros compostos e tudo.

Tanto que, após cada reunião, ao atravessarem o Plano Pilôto dona Eusébia, dona Jandira, a Anacã, a Vanaquiá, Jaci, Raquel e Lia já não achavam tão estranhos e extravagantes aquêles ministérios e palácios, ao mesmo tempo que a sensação de sacrifício se transmutava em sensação de regalia e até mesmo de prerrogativa.

Para isso valeu muito a breve aula do relator William Holford em seis ítens:

1 — Há dois métodos para se abrir e desenvolver uma região: um é por meio do desenvolvimento em faixa ao longo duma rêde de estradas, vindo a resultar o reticulado da "cidade linear"; o outro se faz criando um nôvo centro, capacitando-o a crescer numa expansão contínua ou pelo envolvimento de satélites, até isso produzir alcance regional ou mesmo nacional mediante permuta de influências. Para Brasília, como Capital Federal, adotou-se o último dêstes sistemas. E, conquanto do mesmo gênero de Chandigarh, Brasília já é única no mundo quanto a dimensões, inteireza e coerência.

2 — Uma das principais características do plano de Lúcio Costa é Brasília ser uma cidade extrovertida, à maneira de certas cidades italianas sôbre uma colina; e não ensimesmada, a olhar para dentro, como no caso de Palma Nuova, no Vêneto. A forma e a natureza da cidade são perfeitamente claras à primeira vista: os maiores espaços abertos acham-se em volta da cidade, e não dentro dela; as superquadras residenciais são dotadas de intimidade doméstica, mas os edifícios públicos se exibem com orgulho. Já se havia alcançado outrora a unidade planejada em grandes conjuntos de parques e edifícios, como em Versalhes, em volta de eixos monumentais, desde Tebas até Washington e em cidades menores. Mas até hoje, antes de Brasília não se conhecia tal tentativa para uma cidade de meio milhão de habitantes.

3 — Uma simples agregação de partes poderia alcan-

çar proporções metropolitanas, porém jamais teria unidade nem caráter metropolitano mesmo. Ora, o plano de Brasília é uma estrutura complexa, como a dos grandes animais vertebrados: as trabéculas acham-se reunidas dentro de articulações e de órgãos diferenciados. Tal trabeculado é mais complexo do que a trama rendilhada e sempre extensível de muitas cidades norte-americanas, ou do que o mecanismo funcional de Magnitogork, ou do que os agrupamentos vicinais das cidades novas inglêsas, da década passada.

4 — Ora, essa complexidade também torna Brasília altamente vulnerável. A unidade artística do trabalho terá de ser sustentada pela unidade de contrôle e por amplas inversões de capital a longo têrmo, para que ela possa ser preservada. O financiamento do sistema de comunicações não pode esperar rendimentos imediatos normais, visto que o desenvolvimento urbano se fará em escala menor, ou gradativa.

5 — As quadras residenciais muradas com árvores (como a velha cidade de Lucca o é por muralha circular por sôbre a qual os cidadãos podem passear) constituem uma noção muito original da idéia de "superquadra" com o seu movimento interior de pedestres. Ainda mais original é a idéia de emoldurá-las por tôda a extensão do plano da cidade antes de pintar dentro das molduras todo o quadro.

6 — Como o plano da cidade é finito, o crescimento residencial além do número previsto de meio milhão se fará, presumìvelmente, em pequenas cidades satélites fora da metrópole pròpriamente dita. De modo que algumas das características nacionais da Capital serão sempre mais ou menos permanentes, porém a maior parte das áreas comerciais e cívicas terá que ser reestruturada — talvez com maior intensidade — depois de alguns anos. Brasília é um exemplo supremo do fato de que não se pode planejar uma cidade de tamanho indeterminado e de crescimento sem limites.

Se até então a frase "Brasília é a Capital da Esperança" ainda reduzia os seus habitantes da fase proto-histórica a resignados avoengos de futuríssimas gerações, todavia foi Mário Pedrosa, presidente da A. B. C. A., quem, partindo de enunciados teóricos, acabou fazendo a

assistência antever que Brasília por certo não se limitaria a ser apenas a capital moderna mais gabada ou mais atacada, sua função devendo desdobrar-se lógica e fatalmente em dinamismo nacional. Declarou êle mais ou menos isto:

O fato novo, o fato histórico único, que aqui nos reune nestas obras a mil quilômetros das áreas cosmopolitas do litoral do meu país, é essa decisão do espírito de empreendimento de que fala Pirenne e que já permite que se venha a construir, partindo de zero, nesta região selvagem, desabitada e virgem, tão longe dos focos da civilização, uma cidade tôda artificial, tôda nova, para quinhentos mil habitantes a fim de se fazer dela a capital do Brasil. Não existe na nossa época, no gênero, empreendimento ao mesmo tempo mais amplo nem mais delicado, mais complexo e mais arriscado.

Na sua essência, Brasília é uma obra de arte que se constroi. No entretanto, Brasília não é puro artifício alheio à história do país. É um escalão decisivo dessa história. Para começar, digamos que o Brasil, como aliás todo o continente americano, veio à civilização sob a égide duma primeira intervenção do Estado, sob a bandeira do mercantilismo nascente. O nosso passado não é fatal, pois nós o refazemos todos os dias. E bem pouco preside êle ao nosso destino. Somos, pela própria fatalidade da nossa formação, *condenados ao moderno*.

Em seguida, o relator relembra como, de que maneira e visando ao quê foi construída a nossa primeira capital, e quais os atributos que o monarca português outorgou ao seu representante: "Tomar à sua conta a terra, para a fazer povoar como meio e coração de tôda esta costa e para edificar nela uma cidade para ajudar e socorrer tôdas as mais capitanias e povoações dela, como a membros seus". Evoca as providências urgentes, imediatas e criteriosas logo tomadas, desde artesãos e materiais até a distribuição de diferentes solares, marcando-se o paço do conselho, a casa do govêrno e a dos contos, mais a igreja, tudo isso no alto duma colina dando para o mar. E sustenta o relator que a praça do govêrno, com a sua casa, a do conselho e a das finanças outra coisa não é senão a "Praça dos Três Poderes" em Brasília. Refere-se à escassez das mulheres, à necessidade dos colonos tomarem o hábito de casarem-se com índias, e ao fato da natalidade

tornar-se extraordinária. Relembra assim os primeiros ingredientes presentes no solo para a mistura dos sangues e a alquimia racial, de onde iria sair êste povo brasileiro "que hoje vos acolhe aqui, nesta terceira capital em construção em condições que, afinal de contas, não são assim tão diferentes daquelas que presidiram à construção da primeira e da segunda."

Alude em seguida às frentes de colonização, ao fato da nossa gente caracterizar-se "pelo gôsto e pela procura do novo, pela vontade de não se contentar com a herança do passado", segundo a observação de Pierre Mombeig, visto a manifestação duma poderosa vitalidade a impelir para a frente.

Acontece, porém, que Brasília não faz parte dessa frente de colonização, nem dela decorre. Nem por sua posição geográfica, muito ao norte da frente paulista, nem pela sua função, sendo antes um núcleo central de colonização plantado no coração do país a fim de atacar de flanco a área dos pioneiros e dos plantadores, área essa que se desloca sempre rumo ao Oeste. Brasília, portanto, se acha colocada propositalmente ali para contornar e assim criar novas tensões.

Sabe-se que a atividade do país se manifesta mais pelo deslocamento contínuo duma importante massa da população, cuja instabilidade ainda representa, quatro séculos após o desembarque dos primeiros portugueses, um dos seus traços fundamentais. Já Mombeig observou que tanto na cidade como nos campos o viajante sente que nada é estável nem definitivo, e que a economia e o povoamento são solidários com a marcha pioneira. No seu livro *Pionniers et Planteurs de São Paulo,* o eminente geógrafo declara que é devido a essa ânsia incoercível de novidade que nos falta uma estabilização da paisagem rural, que ainda estamos longe duma mentalidade regional. No sentido geográfico e estético da palavra região, ainda falta uma característica na nossa paisagem indefinida, uniforme. E isso por causa dessa marcha frenética em direção ao Oeste, por causa da nossa instabilidade fundamental.

Ora, êsse pioneirismo agrário paulista tende a encontrar-se no Brasil Central com outro movimento demográfico em sentido inverso proveniente de Minas Gerais e mais ainda do Norte, da Bahia. De forma que êsse Brasil

Central viria a ser ainda, como no tempo da colônia portuguêsa, "o ponto de encontro das influências paulista e baiana".

Sendo, contudo, a frente paulista também de função urbana, as cidades que constrói depressa para ir mais além construir outras, lhe inculcam total indiferença pelo ambiente, já que o pioneiro nunca pára em sua corrida incessante, jamais podendo por conseguinte desabrochar a verdadeira mentalidade regional. Êle nem suspeita que haja ali estruturas sociais e físicas, verdadeiramente autóctonas, isto é, conforme a magnífica fórmula de Munford, a sua forma vernácula complexa.

Ora, ainda bem que Brasília é por assim dizer o oposto de tal mundo. Primeiro, o que a criou não foi "o desejo tenaz do lucro", mas sim uma velha idéia política incrustrada através de gerações, as aspirações políticas precedendo às necessidades econômicas. Mas, na sua realidade profunda conquanto ainda não inteiramente explícita, a fôrça motriz é o espírito da utopia, o espírito do plano; em suma, o espírito da nossa época. É, mas ainda não muito claro, o gesto duma necessidade nacional profunda de proteção da terra contra o processo contínuo de destruição a que a vem submetendo o pioneiro destruidor de florestas e, portanto, do solo. "Êle desconhece por completo aquêle respeito pela terra que é próprio dos camponeses".

E o que causa ainda mais espécie é que nas zonas ultrapassadas pelo nomadismo não apareceram culturas capazes de substituirem o café. Brasília poderá apressar a hora da nossa alforria dessa submissão demasiado imediata ao mercado dos preços internacionais. O ritmo de ampliação do mercado nacional será intensificado pela criação de novas e verdadeiras regiões no centro do país. Primeiro, em tôrno da nova capital. Depois, em círculos concêntricos. Em suma, Brasília supõe uma remodelação geográfica, social, econômica e cultural do país inteiro. A hora da renascença econômica será a hora do planejamento. A hora do planejamento é o fim da especulação pioneira.

Ao redor da nova capital não se verá a monotonia das grandes plantações extensivas a fim de continuarem o escoamento de seus produtos para o exterior. A economia

do mundo pioneiro não poderá mais impor ao país a sua técnica devastadora da terra. Ao redor de Brasília o que é preciso é uma economia agrícola fundada numa alta técnica de recuperação do solo. Isso implica numa planificação regional científica, sem empirismo, e na escala humana. A tarefa das novas gerações brasileiras está pois fixada: edificar do nada a Capital que tem o plano pilôto mais belo e mais audacioso; e, simultâneamente, criar da terra bruta e pobre a sua região, objetivo do plano, e assim definir a forma vernácula complexa da região.

Torna-se necessário, por conseguinte, que isso seja realizado sob alto critério científico e estético, o mesmo que inspirou a obra de arte coletiva que é o conjunto urbanístico e arquitetônico de Brasília. A cidade nova é um produto acabado da vontade consciente do homem. É, portanto, uma obra de arte. Em si mesmo, o empreendimento abrange uma totalidade social, cultural e artística. Por sua própria natureza convoca a participação de todos os elementos que compõem a mais alta e a mais universal aspiração artística e estética do nosso tempo, ou a síntese das artes, desde as mais nobres até as mais particulares e utilitárias. A hipótese de Brasília abarca tudo num só complexo, numa só comunidade.

Nesta aspiração à síntese encontra-se um alto valor ético: o homem atribulado e neurótico dos nossos dias aspira à unidade dos contrários e à comunhão espiritual perdida. A arte dita moderna terminou, na primeira metade do século, aquela sua fase criadora-destrutiva, na qual não faltaram as iluminações do gênio. Hoje se impõe mas é uma nova aspiração à síntese. Isso coincide com a necessidade da reconstrução do mundo, que se reclama aliás por tôda parte. Começamos aqui com uma tentativa de reconstrução regional. Em que consiste a aspiração à síntese ou à integração? Em dar novamente às artes um papel social e cultural de primeiro plano nesta tarefa de reconstrução regional e internacional pela qual o mundo está passando ou passará... a menos que seja destruído por um intercâmbio de teleguiados.

O único meio de reintegrar o artista na consciência da dignidade duma missão social, ou de reintegrá-lo numa certa objetividade, não é oferecer-lhe agora vagas promes-

sas políticas e messiânicas dum mundo diferente que não existe ou é inconcebível, mas sim dar-lhe tôdas as condições necessárias para que êle tome parte, em plena liberdade criadora, numa obra coesa, como a de Brasília. É que esta obra traz em si, como parte integrante do seu processo criador, um ideal ético, um ideal social, capaz de reunir à sua volta tôdas as fôrças vivas. Já Munford assinalou como sendo a grande tarefa das gerações novas a reconstrução das regiões, isso considerado como obra de arte global. Se tal for conseguido, Brasília se apresentará diante de vós não apenas como uma etapa do desenvolvimento do Brasil, mas também como um problema de tôda a nossa civilização cada vez mais mundial. Tem pois implicações não só brasileiras como, certamente, ecumênicas. "Cabe-vos agora a tarefa de esclarecê-las, visto que fostes convocados aqui para a colaboração e a crítica, e não para cortesias e apologéticas".

E, de fato, assistindo àquele congresso onde realmente havia peritos, muitos dos eventuais e adventícios moradores da Brasília de fins de setembro de 59 principiaram a raciocinar dum modo diferente, não mais se considerando num exílio. Passou a haver uma como que contínua e crescente adaptação às conjunturas provisórias já de si tão mutáveis, e disso todos se deram conta e trataram de tornar-se mais solidários.

Como quase todos êles não morassem mais nos alojamentos de madeira da NOVACAP, estando agora melhor acomodados nas residências prontas nos blocos construídos pela Fundação da Casa Popular e pela Caixa Econômica, de manhã e de tarde tinham ensejo de cruzar o Eixo Cívico e a parte sul do Eixo Rodoviário, familiarizando-se assim com a cidade nascente que, com tais presenças e com as turmas de trabalho, ia passando de tridimensional para quadrimensional, humanizando-se. Os vários percursos pelo centro provavam a índole intensiva da futura metrópole, ao passo que os passeios dominicais pela periferia a qualificavam também como extensiva.

Mesmo aquêles que, por serem engenheiros, arquitetos, mestres-de-obras, projetistas, haviam no comêço discordado do júri de escolha dos projetos — júri êsse constituído por gente da categoria de William Holdford, André Sive, Stamo Papadak, Oscar Niemeyer, Luís Hilde-

brando Horta Barbosa e Paulo Antunes Ribeiro — tendo uns se inclinado pelo plano de Rino Levi, outros preferido o de Henrique Mindlin, agora estavam convencidos de que o Plano Pilôto de Lúcio Costa mereceria até mesmo a chancela dos patriarcas "jovens de mais de setenta anos" cujos nomes um técnico, assistente da NOVACAP, enquadrou no losango da Carta de Atenas que o ex-Charles-Edouard Jeanneret sintetizara no C. I. A. M. de 1933.

O painel, emoldurado pelo organograma das quatro primordiais atividades do homem urbano, pendia numa das paredes do escritório da NOVACAP.

P
R R
A O
T D
I U
B Z
A I
H R
RADBURN
U MAXWELL-MUNFORD A
WRIGHT-AALTO-SAARINEN
S GROPIUS-GIBBERD L
LE CORBUSIER
U U
F C
R R
U I
I C
R

Quanto a Lia, Raquel e Orminda, com seus heterônimos brasilienses — Pomba Goura, Pomba Pariri e Vanaquiá — logo adotaram também o expediente de Jaci. Isto é, contato diuturno com os congressistas, de modo a assimilar-lhes as impressões e as expressões, os comentários e os debates. Freqüentavam mais o contingente constituído por Alin Saarinen, Charlotte Perriand, Françoise Choay, S. Gille Delafond, Giedion-Welcker, Fayga Ostrower, Maria Eugênia Franco e Vera Pacheco Jordão, mulheres cultas que geralmente nas salas e no bar se sentavam juntas e as acolhiam cordialmente.

No que se refere ao intruso Samuel Belmonte, nunca faltava às visitas e às assembléias, destacando-se até no físico por causa da roupa boêmia de veludo, tipo Via Margutta, Rue de La Gaité, Greenwich Village e Schwabing. Sentia-se à vontade nos grupos que se formavam à saída e à entrada, por ser poliglota. Era amigo de Athos Bulcão, admirava muito o colega. Era cena comum, durante as visitas e nos intervalos das sessões, vê-lo conversar em alemão com Werner Haftmann ou Will Grohmann, em francês com Jean Prouvê e Jacques Lassaigne, quando não em italiano com Giulio Carlo Argan ou em inglês com Roland Penrose. Nem fazia cerimônia para se incorporar a uma roda brasileira ou internacional onde se encontrassem também Lúcio Costa ou Oscar Niemeyer. Êstes dois acabaram por prestar atenção no autor das cerâmicas devido exatamente ao *degagé* com que êle dialogava ora com Le Lyonnais ora com Chastel, estendendo-se às vêzes em tiradas pachorrentas assim:

— Não, prezado André Chastel, não fui à rue de Sévres visitar Le Corbusier. Para ser mais exato, foi êle quem me visitou. E sabe onde? No Exército da Salvação na rua Cantagrel, quando fugi de Munique. Aliás, devo ser mais explícito. Como, ao chegar a Paris em fins de 33, eu não dispunha de dinheiro para me hospedar no *Georges* V ou no *Plaza Athenée*, para ser franco nem mesmo em qualquer hotel de última classe, me recolhi humildemente àquele edifício bem de acôrdo com a minha literal pobreza. Como sabe, o prédio é de construção de Le Corbusier e naquela tarde êle em pessoa, junto com autoridades, o inaugurava franquiando-o a diversos *clochards* por entre os quais me esgueirei.

Após esperar o sorriso complacente de Chastel e de Niemeyer, continuou:

— O segundo encontro falhado, já em 55, foi no Cap Martin, diante da baía de Roquebrune. Descobriu-me êle quando ia para o indefectível banho de mar; dormia eu atrás do seu *cabanon* de dois metros e noventa e quatro por três e cincoenta. Como também havia conhecido a pobreza no tempo de Ozenfant, não estranhou estar eu, um desconhecido, deitado entre duas palmeiras e uma lata de lixo. Não estranhou nem se interessou. De modo que as nossas relações não estão sequer por reatar. Contentei-me em dispor de dois pretextos para vê-lo de perto, como faço agora aqui em Brasília quanto a vós outros. — Voltou-se para Niemeyer e para Lúcio e, com o copo de uísque que apanhara duma bandeja fortuita, lhes disse com a autoridade antiprotocolar da sua velhice exótica:

— Os senhores têm o mérito de haver acreditado num homem com o qual apresentam tantas afinidades de vocação e de missão. Mas dispõem sôbre Le Corbusier da prerrogativa, que êle não conhece totalmente, de ser cada qual entendido por autoridades, intelectuais e povo. A tal respeito êle sempre foi boicotado por canastrões. Topava na sua frente com cada imbecil! Certo Tixier, irônicamente presidente da Sociedade em Prol da Estética Geral da França, se referiu ao imóvel de Marselha construído entre 46 e 53 como *un clapier* inabitável. No que o secundou outra besta quadrada, um certo Degoutte, deputado radical. Os arquitetos Labro e Béguin deram entrevista coletiva declarando que a Cidade Radiosa se chocava com os hábitos franceses. Um médico de não sei que Ordem departamental vaticinou alvarmente: "Isto vai multiplicar o número dos loucos!" Um membro do Instituto achou que o conjunto cheirava a caserna da Legião Estrangeira. Natural, com a presença indébita de semelhante camelo!

Deu tempo às risadas, prosseguiu:

— Um almirante fêz menção de jogar-se por uma das janelas gritando nauseado: *"Quel étouffoir! À bâbord toute la tripulation!"* Ora, aqui em Brasília congressistas da categoria dum Maldonado, dum Neutra, só tiveram elogios para o Plano Pilôto. E os repórteres presentes não são uns cretinos da espécie do enviado extraordinário do *New York Herald Tribune* que telegrafou lá da Índia para

o seu jornal: "A experiência urbanística e arquitetônica de Chandigarh é tão disparatada na geografia da fome dêste país como aquela proposta de Maria Antonieta de se oferecer cada manhã aos esfomeados da França um cesto com *brioches!*" Os senhores acabarão Brasília sob o clamor de gratidão do govêrno e do povo, sorte que não teve Le Corbusier quanto aos planos apresentados para remodelar Alger, cujas autoridades os refugaram logo, exclamando de pé atrás: "O senhor está mas é querendo introduzir aqui um cavalo de Troia bolchevista!" O mestre teve até que abalar para Cap Martin antes que lhe apresentassem ordem de *arrestation!*

Sim, aquêles aperitivos (que Jaci chamava de dabucuris), servidos na sala decorada por Volpi, eram bastante interessantes.

— O senhor pertence à delegação paulista? — perguntou numa dessas vêzes Niemeyer a Samuel Belmonte.

— Moro em São Paulo, mas vim supervisionar a colocação de azulejos da minha autoria em certos blocos de apartamentos da L-2. Pretendo demorar-me garantido por uma carta de locação de serviço da firma Trancoso & Moscoso. E acalento a pretensão de merecer o seu beneplácito pessoal quanto a um monumento que ideei para fora da cidade.

— Resolver coisas assim faz parte mais da alçada de Lúcio Costa.

— O local pressuposto evita a necessidade peremptória de enquadramento no Plano Pilôto.

O arquiteto, com o copo no ar, pensou um pouco e redarguiu:

— Estaria então mais nas atribuições do DNER.

Mas na manhã seguinte, com a tenacidade com que se acercara do *cabanon* de Le Corbusier no Cap Martin, aquela vez fingindo dormir entre duas palmeiras como um *clochard*, agora porém munido de larga e comprida pasta, Samuel surgiu no escritório de Niemeyer e foi conduzido por Flávio de Aquino até a mesa do arquiteto, sendo desnecessária qualquer apresentação.

Duas horas depois, Mestre Belmonte reaparecia no galpão da olaria com a pasta debaixo do braço, feito Moisés com as dez tábuas. Entrou no escritório já desatando as amarras e disse a Trancoso:

— Agora me sinto desrecalcado. Com bastante coragem para roubar-lhe alguns minutos.

— Vamos a isso.

— O tema, já lhe contei. Uma versão atual e ao ar livre da cena do Lavapés. Pois suponho que a verídica foi numa ante-sala, antes da Ceia.

Vagarosamente, Samuel retirou o maço de dez desenhos e os justapôs em dois lotes no chão.

De testa franzida, Trancoso ficou olhando, calado.

Doze viandantes, com ares de peregrinos de Compostela nas margens do Ula, são purificados do cansaço e da sujeira por um ente sobrenatural, antes de entrarem na cidade plateresca do Apóstolo. Seis já atravessaram o rio. E que semblantes de bem-aventurança, sob o efeito da ablução! Três ainda aguardam do lado de fora, enquanto um, mais idoso, sustentado por dois outros, soergue o joelho e estende a perna para que lhe seja lavado primeiro um, depois o outro pé. Que corpo exausto! Com toneladas de cansaços, "quantos o mundo pode dar"! No paredão de lá do rio, como num cais, a cidade. Não é Arezzo nem Perúsia, com suas muralhas, tôrres e cúpulas. É o perfil de Brasília mesmo. O Plano Pilôto. Do lado de cá, a estrada, que não é da Palestina nem da Úmbria, mas sim uma pista moderna do DNER. Quem lhes lava os pés é um anjo como o do Aleijadinho nos Passos de Congonhas. Está mergulhado até às axilas, tem seis braços e parece um candelabro quase submerso.

Mestre Belmonte, acompanhado por Trancoso e instruído pelo motorista da perua, um caboclo de Lusiânia que conhecia tôdas as rotas, levou um dia inteiro a familiarizar-se com as vias de acesso a Brasília.

Mal se deteve nas margens do Bananal, do Torto, do Urubu, do Gerivê, do Taquari e do Bálsamo. Examinava de preferência as passagens do Rasgado, do Gama, do Fundo e do Vicente Pires. Deu primeiro com umas várzeas que decerto as chuvas de verão inundavam. Prosseguiu na esperança de que o percurso se tornasse aprazível; porém mesmo nas bandas melhores só havia tosseiras requeimadas de craibeiras, troncos rasteiros e tisnados de macambira, aspectos feios de coivaras. Se irrompiam tucuns e buritis das frondes de guararemas e jaborandis, contudo

o que proliferava era a praga das embaúbas quando não um início de favela ou a ruína duma amundaba.

O motorista, além de indispensável para tais informações, conhecia tanto os labirintos como as grande retas dos traçados do DNER; e no dia seguinte levou os dois até a ampla rotunda da entrada oficial da cidade estacando junto ao poste de sinalação cujas setas magras indicavam o Núcleo Bandeirante, o aeroporto próximo, a distante Belo Horizonte, cujas setas largas orientavam assim:

ANÁPOLIS	BELÉM
GOIÂNIA	SÃO PAULO

mas cuja flecha esguia, oposta, apontava para BRASÍLIA.

— Venha-se donde se vier, o rumo final sai daqui dêste bambolê, sem viadutos nem trevos.

Então os três saltaram. Mestre Belmonte olhou em redor e para longe, tirou a boina, coçou as melenas e falou alto mas como se ponderasse sòzinho:

— É isso mesmo. Confere com o que o arquiteto e o urbanista me disseram diante do diretor da NOVACAP anteontem lá no escritório. O Gama e o Fundo passam relativamente perto, mas é impossível aproveitar qualquer dêles. Não só as enchentes prejudicariam o monumento, como êste não ficaria situado no ponto de efeito central, isto é, na entrada mesmo. Tem-se que escavar esta rotunda — felizmente é bastante grande —, transformá-la num lago mas que dê a impressão de curva dum rio. No hemiciclo de lá, do lado da cidade, o lago tem que ser bastante fundo de maneira a no paredão submerso se talhar como num retábulo vertical e curvo o perfil do Plano Pilôto.

Esquecido da presença e da atenção dos outros dois, continuou a refletir em voz alta:

— O primeiro grupo de terracota, de alabastro gessoso, acolá, saindo da água. O segundo grupo — o do anjo lavando o pé do ancião apoiado, ali bem no centro. O outro grupo, na banda de cá.

Voltou para o carro, e no trajeto de volta para a olaria distraiu os dois:

— Tôda idéia artística tem a fase embrionária, que às vêzes ainda é pueril, até depois a crítica sugerir uma

síntese exata. A minha primeira idéia era apenas a reconstituição plástica do Lavapés. Mas uma voz gaiata dentro de mim me apupava: "Vão apelidar a tua obra de "Monumento ao Engraxate". Mormente se a localizares no Aeroporto ou na Rodoviária."

E tornando a esquecê-los, raciocinava alto, sòzinho:

— Se as figuras forem no tipo das de Giacometti, os brasilienses acabarão apelidando o monumento de "Homenagem ao Candango". Devo fazê-las no teor de Henri Laurens, conquanto bem humanas. Já o anjo, com seis braços, será mais surrealista do que místico. Forrarei o fundo e os lados do lago com mosaicos da série Pocai, Cauá, Chudiachaque...

— Com os azulejos das entidades maléficas? — interpelou-o Trancoso. — Discordo! Discordo taxativamente.

— As plantas aquáticas abrandarão o efeito, tornando-o contudo ainda mais misterioso.

— Ficaria uma beleza revestir o lago com os azulejos de peixes e conchas.

— Talvez, talvez.

— Outra coisa, que estou para lhe perguntar desde anteontem — disse Trancoso. — Que foi que disseram o arquiteto e o urbanista quando lhes mostrou e lhes explicou o projeto?

— Aceitaram-no em princípio, com o direito de vetarem-no se não o acharem bem realizado. Concordei. Poderão até removê-lo, destruí-lo.

— Mas qual foi a reação? Inclusive a do velho Israel?

— O senhor acha que êsses homens sobrecarregados de responsabilidades estuantes, a braços com empreendimentos tão urgentes quanto os dos tempos de Amenofis IV, têm tempo a perder? Os dois primeiros foram sucintos, examinaram o projeto, pediram-me que lhes informasse o tema. Esclareci: "O Lavapés. A sua conceituação lendária aplicada à carta de Atenas de Le Corbusier mediante um monumento que significa: Só depois de purificado é que se poderá habitar, produzir, circular e usufruir a Cidade Perfeita cujos átrios se vêem entre os cintos verdes do Chapadão da Contagem." Meteram-me num carro, despejaram-me na NOVACAP, conduziram-me à presença do diretor-presidente, pespegaram-lhe em cima da mesa os desenhos a nanquim, fizeram-me repetir o *leit*

motiv. Ora, o velho Israel pertence, como mineiro, a uma cultura essencialmente escultórica. Compreendeu logo de chôfre. Apenas perguntou aos dois: "Onde?" Lúcio respondeu: "Num dos rios da cidade, ou num lago artificial na principal rotunda de acesso". Então o chefe deferiu ali mesmo, verbalmente: "Enquanto o escultor apronta o monumento, que a DNER faça o lago e a base; ou as bases. Quanto a honorários, verba esgotada".

— Mineiro mesmo, inclusive nisso! — bufou Trancoso. — Não importa. As despesas extra ficarão a cargo da firma Trancoso & Moscoso.

— Obrigado. Vou precisar de ajuda de braços sòmente nas vésperas da encênia.

— Da o quê?

— Da inauguração. Chamava-se encênia, na Grécia, na Judéia, o ato da inauguração dum grande empreendimento.

— Ah! Muito bem dito. Obsoleto mas interessante.

— A sagração dum local, presidida por uma autoridade. Licurgo. Péricles. Salomão. Zorobabel. Judas Macabeu...

— Juscelino...

— O único pedido que lhe vou fazer até lá é ceder-me para oficina pessoal um canto nos fundos do terreno da olaria. Inteiramente cercado de zinco. Indevassável. Um verdadeiro ábato. Paredes de tijolo, chão de cimento, fôrro de asbesto. Em urgente compasso de velocidade.

— Tamanho?

— Dez por dez. Com espaço para bancas, mesas, tanques, utensílios, caixotes de argila, pedra, cascalho, cimento, areia, óxidos, latas e garrafões; sem esquecer o principal: um forno elétrico.

— Pode ficar sossegado. Eu próprio o fecharei lá todos os dias, só lhe dando folga para as duchas de chuveiro, as sopas, o sarapatel e o sarrabulho. Não precisará duma metralhadora para espantar os curiosos. Adestre para isso um dos muitos carcarás que vivem empoleirados nos pés de sucupira e ibirarema.

Por mais duma vez, no fim de 59 e no começo de 60, o ônibus que trazia Jaci do trabalho cruzou na rotunda

com o *Willys* da olaria que levava Belmonte para o Núcleo Bandeirante após costumeiras inspeções no local. Devido à velocidade, os dois mal se viam de relance, mas ainda assim esboçavam saudações fugazes, porque são personagens dêste romance e portanto os leitores já os marcaram conforme fazem os ornitólogos quando querem estudar o comportamento de certos espécimes quanto a rapinagem, idílio, nidificação, etc.

Num fim de tarde poeirenta, como Samuel esperasse na margem de acostamento, um jipe parou.

— Quer condução?

Dentro achavam-se Amauri e Jaci, que o conheciam desde aquela semana de congresso em setembro.

— Estou à espera da perua da olaria.

— Não quer ir jantar no nosso pacorô, entre o Sítio do Ipê e o Catetinho? Hoje tem muçuã feito por uma tapuia legítima.

— O convite é tentador, menina. Mas só se esperarmos o carro e eu avisar o motorista.

Daí a um minuto de prosa, e despachado *Willys* antes mesmo de parar, os três seguiram para a chácara.

O casal Lucena fazia sala a um bom grupo: frei Demétrio do Encantado, dona Zulmira, Lima, Enéias, Vanaquiá, Anacã, dona Eusébia e as irmãs Abranches. Dona Juçara desde 57 lançara a moda de convidar conhecidos para refeições semanais, mesmo porque naqueles tempos todos em Brasília constituíam uma espécie de confraria de ajuda mútua quer para aturar aquela vida sacrificada quer para distribuir as encomendas indispensáveis ou frívolas que um ou outro de bom grado trazia de Belo Horizonte ou do Rio. Conquanto se houvesse inaugurado em 58 o Canal 3 e se esperasse para breve o Canal 6 e a estação de televisão, o divertimento doméstico ainda era o jôgo de pif-paf e buraco, para as famílias que não iam ao *Candango* e ao *Macumba* receiosas da volta cômico-dramática sob os aguaceiros da estação.

Naquele comêço de noite todos, inclusive Inácia e os caseiros bem como Isaura emprestada para reforçar o serviço, se mostraram muito interessados pelo novo convidado, aquêle velhote singular, de botas de cano curto, roupa de veludo puído, cabelos à nazarena, barba e bigode grisalhos aparados como guerreiro assírio, boina de apo-

sentado. A sua presença no Núcleo Bandeirante e no Plano Pilôto empurrara para segundo plano o anão iugoslavo.

A reunião, a última antes da ida de Raimundo para Imperatriz e Açailândia a serviço na BR-14, tinha o caráter duma despedida também de Juçara que ainda não perdera de todo o hábito de ou acompanhar o marido ou pelo menos ir de vez em quando fazer-lhe companhia. Foi um serão agitado, inclusive pela chegada de baralhos novos e de uma série de fotos admiráveis de Brasília mandadas tirar pela NOVACAP para efeito publicitário no país e no exterior; Jaci trouxera quantidade que dava para distribuir entre todos, e ainda restava uma coleção completa amaneirada em álbum. O próprio Samuel as tomou como pretexto para esperar o jantar ao qual, porém, tratou logo de referir-se atiçado pelo olfato.

— Que cheiro pantagruelesco é êsse?

— Do muçuã, que está apurando; guisado de tartaruguinha. E também do pirarucu.

— Daqui?

— Não. Tudo do Norte. Remessa carioca do irmão de Raimundo — esclareceu Juçara. Tome, veja esta fotografia. Aproxime-se bem da luz. Não é bonito? O palácio da Alvorada, por dentro e por fora. Minha filha vai sempre lá levar documentos.

— Belíssimo, sobretudo por não ser um palácio convencional. Por seu ar leve, democrático, em comparação por exemplo com o palácio residencial do xá Djehan, Grão Mongol de 1600; cada sala tinha cem colunas de pórfiro e um trono de ouro ou de marfim cravejado de rubis, diamantes e esmeraldas.

— Outros tempos, outra mentalidade. Veja agora as obras já adiantadas da Estação Rodoviária, na confluência dos dois Eixos. Vai ser grandiosa, não?

— Sim e não. Pelo menos mais limpa, se nos lembrarmos que Bagdá dispunha de doze mil caravançarais.

— O monumento mais atrasado é a catedral. Espie! Não lhe parece que vai ficar interessante?

— Sem dúvida. Aliás, entre parênteses, creio que além da capela de Nossa Senhora de Fátima e da igreja de São João Bosco, Brasília bem antes da sua catedral terá vários templos católicos e protestantes.

— Principalmente depois que os Estados Unidos deixaram de aplicar na China a verba para as missões. *Et pour cause*... — disse o major Lima.

— Templos nunca são demais. Parece até que liquidam com o fanatismo — arriscou Enéias. — Não sei se frei Demétrio, imbuído do clímax dos concílios ecumênicos, concorda comigo.

O frade limitou-se a sorrir e a abocanhar um punhado de amendoins.

— Estas fotos agora são dos viadutos e dos trevos, das ruas e dos passeios dentro das superquadras.

Amauri, Augusto e Enéias abriram debate quanto à proteção dos pedestres em Brasília.

— Mesmo na cidade ainda vazia já aconteceu mais desastre de trânsito do que acidente mortal de trabalho — começou Amauri, servindo-se de pinga com pequi.

— Bem, proteção mesmo o pedestre só tem no *footway* e no *parkwalk*. Nas pistas dos dois Eixos, êle é atraído para debaixo dos pneus como bôlha de mercúrio para o polo dum ímã — sentenciou Enéias.

O major Lima, servindo-se de mandureba, pretendeu matar o assunto no nascedouro dizendo, já com o cálice rente dos lábios:

— Ainda é cedo para opinarmos. Esperemos ao menos pelos dias da inauguração em abril. Então, sim, teremos elementos para o início duma estatística.

Samuel, após o terceiro gole de aguardente goiana com infusão de pequi, pareceu desviar o tema para um assunto político, atitude que todos estranharam; mas os seus arrazoados constituíram mera ilustração do mesmíssimo tema.

— Se a história das velhas cidades estêve sempre ligada a antigos tiranos, também a população das atuais tem sua vida dependente dos modernos tiranos.

— Ai, ai, ai! Nada de política — recomendou logo a Anacã.

Mas Samuel sorriu e continuou:

— Tomemos o caso de Tamerlão, o grande nômade que tinha ódio dos sedentários. O mínimo que fazia quando conquistava uma cidade (e quantas não conquistou êle?) era mandar emparedar vivo nas muralhas restantes o exército local; mas quando se tratava de capitais do tamanho e da importância de Delhi, Damasco, Esmirna, as suas ordens eram mais drásticas: levantar trinta, cincoenta pirâmides com pilhas de milhares de cadáveres ainda ensangüentados. Ora, a senhorita pensa que os últimos tiranos, pelo menos os mais recentes cujos nomes saíam com freqüência nas manchetes dos jornais quando a senhorita era menina, foram liquidados de vez, um numa praça pública de Milão, outro num subterrâneo da chancelaria de Berlim, e os restantes nas forcas de Nuremberg? Em absoluto. Cada vez proliferam mais hoje em dia. Cada noite, após uma data festiva nos Estados Unidos por exemplo, se alinham nos necrotérios de Nova York, Chicago, Los Angeles e Detroit mais vítimas de automóveis do que outrora ao cabo duma batalha histórica as vítimas da sanha de Nabucodonozor ou de Senaqueribe.

No rosto aporcelanado da Anacã não se expandiu nenhum sorriso. Fugaz alívio se refugiou muito sem graça em seus olhos de solteirona. Não! Não era assunto político, felizmente!

Mas aquelas alusões cruentas parece que despertaram o apetite coletivo, a deduzir-se pela maneira vivaz com que todos se instalaram nos compridos bancos goianos em redor da velha mesa de vinhático. Duas travessas foram esvaziadas de pilhas de conchas de muçuã no lapso de quarenta minutos, em suas três únicas passagens de ponta a ponta. Todos se deixaram servir e resservir em demasia, supondo que a refeição era constituída por um prato único. Iludiram-se, e nem assim fizeram cerimônia diante das travessas de guererê e das terrinas de paxicá.

Ainda bem que Raimundo ao munir-se de manhã, entre Vargem Bonita e Papuda, dos dois habituais latões de leite, também arranjara meia dúzia de litros de mandureba e três garrafas de caninha com pequi, já que o estoque de uísque e gim em sua casa era apenas simbólico, reservado mais para a hora do jôgo.

Após a tradicional sobremesa e o tradicional café, o casal levou para a outra sala dona Eusébia, a Anacã, a Vanaquiá, dona Zulmira, Enéias e Augusto Lima, os parceiros da habitual partida de buraco. Os homens abriam maços de cigarros, as mulheres abriam baralhos novos.

Frei Demétrio, Samuel, Amauri, as irmãs Abranches e Jaci dirigiram-se para a fonte. Inácia e Isaura trouxe-

ram cadeiras, bancos e racuxis, Raimundo acendeu as lâmpadas suspensas entre o arvoredo.

Longe de dona Eusébia e de dona Zulmira, chefes do Departamento, e livres da atmosfera protocolar da Anacã, secretária do Jacamim, as gêmeas e Jaci puderam afinal expandir a vivacidade de que de vez em quando deram mostras na mesa entre os aviadores.

Jaci consultou de maneira hábil o artista:

— Não acha que os seus azulejos iriam às maravilhas aqui na minha fonte?

Êle observou o borbulhar das três minas submersas e disse:

— Aconselho-a a manter a nascente como está. No máximo clarificar o fundo raso com areia bem fina. Dois caminhões chegariam. Posso dar-lhe azulejos para suportes de pratos e de copos.

— Bem, alguma vantagem já levei. Não se esqueça de trazê-los.

Frei Demétrio perguntou a Samuel:

— Que é que lhe parece mais interessante em Brasília do ponto de vista arquitetônico?

— O futuro teatro dará um cunho arcaico ao trecho onde está. Parece, aliás, que o projeto para a Universidade também já propende para êsse aspecto meio egípcio. Porém o que mais me empolga são as tôrres gêmeas ao lado do Congresso. Dão-lhe, bem como à praça, certo efeito comparável não à majestade do campanário isolado de San Marco por exemplo, mas à imponência dos *zukkuratis* da Mesopotâmia...

— Muito embora — atalhou frei Demétrio — quando o Congresso funcionar, elas venham a substituir a tôrre de que falou o XI capítulo do Gênesis, pela balbúrdia dos alto-falantes e pelo clamor nas salas dos partidos e das comissões...

Dali aos dois conversarem sôbre Etemenânqui, a primitiva tôrre de Babel mesmo, foi um passo, não tardando, porém a se desentender quanto aos motivos da destruição de Jericó, Sodoma, Gomorra, Babilônia, Nínive, Pompéia e Herculanum. Frei Demétrio aduzia à cólera de Deus e Samuel a abalos sísmicos.

Lia indagou de ambos, oferecendo-lhes mandureba:

— E Brasília, quantos séculos durará?

— O único perigo que pende sôbre ela como espada de Dâmocles — pontificou Samuel — é o retôrno da capital para o Rio. Vir a ser abandonada como o foi Iquetatão erguida num deserto da mesma forma que Brasília está sendo edificada em plena região de cerrados. A menina Jaci, que já me ensinou em setembro que os índios locais chamam Brasília de tabuçu ou de tabatatiba, há de ter um nome para abranger estas paragens áridas.

— Tabeíma — soletrou Jaci sentando-se num dos racuxis.

— Mas, voltando ao futuro de Brasília — continuou êle — já ouvimos um relator brilhante, no congresso de críticos e arquitetos, vaticinar para esta cidade o destino de plataforma de irradiação do progresso do país.

Lia e Raquel aplaudiram e uma delas lhe perguntou:

— Tem viajado muito?

— Das cidades construídas expressamente para capitais conheço Antioquia, Samara, Petrogrado antiga São Petersburgo, Washington, e agora Brasília. Só não conheço Itaquitão, naturalmente; nem Camberra.

— O senhor é estrangeiro, não é? Apesar dêsse sôbre nome Belmonte...?

— Tradução de Schoenberg. Estou no Brasil há quarenta anos, com duas viagens à Europa, em 33 e em 56.

— Muita gente nos pergunta o senhor quem é, e ficamos sempre sem saber que resposta dar. Há monumentos seus pelo mundo?

— Ainda em pé, só em Estrasburgo, Nurembergue, Colônia, Odessa, Paris e Londres. Ùltimamente sou apenas artista industrial.

— Alguém já escreveu a seu respeito? Conhecia tantos críticos reunidos aqui em setembro!

— Já, sim. Chrysostomus Dudaleus, Mathew Paris, Wendover...

— Ah! Muito bem.

— Pretende demorar-se em Brasília?

— Enquanto não se puserem para fora. Já fui tangido de diversas cidades. A senhorita quer ter a bondade de fornecer-me mais bebida? Fui expulso de Praga, Lubeck, Bruxelas, Paris, Munique, Innsbruck... A capital onde me demorei mais foi Londres. Amizades conforta-

doras até hoje só dispus de duas. A dum tal Ó Grady, da seita mormom, que me escondeu ém sua granja em Salt Lake; e agora a do sr. Trancoso...

— ...que conseguiu escondê-lo na olaria. Ouvi dizer que o senhor vive fechado a fazer um monumento...?

— Exatamente.

— Qual é o assunto?

— O Lavapés.

Frei Demétrio interessou-se logo, outra vez.

— Por que motivo êsse tema lendário que não consta nos evangelistas?

— Êles, todos quatro, sempre foram muito lacônicos em tudo.

— Ainda assim os protestantes procuram extrair dos textos as mais imaginosas interpretações. Por exemplo, do versículo 28 do capítulo XVI de São Marcos e do versículo 20 do capítulo XXI de São João extraíram a lenda do Judeu Errante. Alguns intérpretes pensam tratar-se do próprio Discípulo Amado; outros, de Malco; outros ainda de Arimatéia, havendo maior número que julga tratar-se dum funcionário do Pretório que empurrou Cristo para os braços da plebe enquanto Pilatos lavava as mãos...

Samuel Belmonte levantou-se com o copo, foi para junto da fonte, ficando de costas durante algum tempo. E, sem se voltar, perguntou:

— Frei Demétrio acredita na cena do Lavapés?

— Talvez. Como simples símbolo, já que os Evangelhos não aludem a ela.

— Mas como a interpretaria?

— Talvez como o senhor no seu monumento. A necessidade da purificação periódica. É claro que lavando os pés de apenas doze pessoas, Cristo perpetuou um gesto prévio, já que veio para purificar e salvar a todos. Por isso exatamente é que não acredito nem de longe na lenda do Judeu Errante. Pois se daí a horas ia salvar tôda a humanidade, como sentenciar um elemento avulso a aguardá-lo até a Sua segunda volta? De mais a mais tendo vivido entre os homens e estando mais do que ciente, sendo testemunha esclarecida, da mísera condição humana!

— Bravos, frei Demétrio — disse Amauri. — Logo

vi que o senhor não veio comer muçuã e guererê e sim ficar às nossas ordens para eventuais dúvidas.

Samuel Belmonte tornou a sentar-se e, ou efeito da noite com o lúgubre pipilar da passarinhada na mata, ou do excesso da bebida, parecia uma personagem nova, diferente, naquele grupo.

O frade perguntou-lhe baixo:

— Então tem sido vítima de perseguições? Quais? Políticas? Ideológicas?

— Vítima não só da prepotência de tiranos, do clero e da fidalguia, como do fanatismo da ralé, da arraia-miúda. Mas isso me condicionou meios abruptos de conhecer o mundo. E os homens.

O frade levantou-se aparentando naturalidade, e inventou a seguinte desculpa:

— Vou ver quem estará ganhando lá na sala.

Jaci puxou o banquinho para junto de Samuel, Lia serviu-o de mais outra dose, Amauri preferiu uísque, que Raquel foi buscar, e a conversa prosseguiu ali junto da fonte tornando-se daí a pouco dum interêsse misterioso e quase secreto. Pois Belmonte fazia confidências, seu rosto assumindo uma expressão quase de fulgor:

— O meu verdadeiro nome é José. Foi assim que me batizou Santo Ananias, o mesmo que batizou São Paulo.

Amauri abafou com a mão uma risada.

— Não diga!...?

— Quem tem um passado de mil novecentos e oitenta e sete anos dispõe *ipso facto* duma memória em superposições. Da mesma forma que uma tela secular, pintada e repintada várias vêzes, retém a primeira camada de tinta original que os peritos só descobrirão utilizando-se dos raios X. À medida que me vi obrigado a variar de existências e países, também fui mudando de nomes. E lembro-me de tudo por causa dessa minha paleomemória, conquanto um pouco ressecada.

Raquel enterneceu-se, disse no ouvido da irmã:

— Que porre inefável! — E abraçando-o por detrás, em pé, soergueu-lhe a gola do casaco de veludo. — Não está com frio aqui fora? Largue êsse copo. Escute, enquanto ainda está bem lúcido: não deixe de comparecer à nossa casa amanhã. Amauri irá buscá-lo na olaria. Para almoçar conosco. Uma bacalhoada a Gomes Sá, com ce-

bolas, pimentões e batatas. Lá podemos ficar bastante trancuchos, conforme dizia meu avô, cair na timborna. Tem uísque *Cavalo Branco*. Não se esqueça de pegar o sr. Samuel, heim, Amauri.

Jaci, tendo conseguido com jeito retirar o copázio da mão de artista, lhe perguntou:

— Quer que eu arme a rêde para o senhor estirar-se?

Êle desfez alguns hipotéticos fios de aranha passando a mão perto dos olhos e se esmerou em distraí-las. O grupo era interessante. Raquel em pé atrás de Belmonte, como uma neta solícita. Lia em pé atrás de Amauri, apoiada no ombro dêle. Jaci, sentada no banquinho, olhava para os quatro; e disse para desfazer o momentâneo silêncio:

— Se conhece tantas cidades, tantas civilizações, deve estranhar Brasília. Êste ermo...

— Acostumado como fui à balbúrdia da Antiguidade e da Idade Média! Roma, Alexandria, Éfeso, Cesaréia... Depois, ah! depois... Pequim, Hangtchou, Istambul, Bagdá...

— E onde mais, vovôzinho?

— Xangai, Calcutá, Moscou... A sujeira. A miséria. A neve. A lama. — E com ar desesperado mas tímido: — Pois se até de Hong-Kong me baniram!

— Relate-nos a sua vida!

— Como? Dar elementos contra mim? Para os candangos apedrejarem o meu monumento e me expulsarem?

— Não tem confiança em nós, vovôzinho?

— Sempre me mantive clandestino. Mas... *in vino veritas*. Vagueio por êste mundo brincando de cabra-cega com a Morte. Sabem que no museu antropológico de Ulm (ou é no museu imaginário de Berna?) estão numa vitrina duas botas minhas? — E lembrando-se da pergunta de Jaci: — Não. Não tenho estranhado Brasília. Talvez por ser ainda uma expectativa. Vagueio por ela altas horas da noite entre cornucópias de poeira. Ao passo que o mundo donde venho, mesmo aquelas cidades vazias ainda estão povoadas de taciturnidade, que é a côr enferrujada dos silêncios. Isso tanto em Lhasa, na aba do Potala flanqueada de mosteiros, como em Samarcanda feita só de jazigos perpétuos.

— Por que motivo não escreve as suas memórias?

— Tantos já escreveram sôbre mim! Até poetas.

Lenau, Schlegel, Wilbrandt, Lienhard. O inglês Buchanan. O francês Quinet. E as tragédias que inspirei a Klinemann, a Haushofer! Romances? Ruins. Péssimos. Até artistas inspirei. Doré, por exemplo. Mas ainda não cheguei ao cúmulo da velhice, da senilidade que êle imaginou.

— Só a nossa estuporada literatura não lhe deu a atenção merecida — lamentou Amauri, bebendo por si e por êle dois goles de uísque.

— Como não? Eruditos como Carolina Michaelis de Vasconcelos, Teófilo Braga e João Ribeiro. Sem falar em Rodrigues Lôbo, Jorge Ferreira. Na biblioteca dum amigo meu em Tremembé, bairro de São Paulo, tem tôdas essas obras. Até mesmo o *fac-simile* do primeiro folheto editado por Crystoff Crutzer em 1602 e da autoria de Chrysostomus Dudaleus.

— Bem, o pessoal já terminou o jôgo — disse Lia. — Enéias e Augusto já estão no jipe, com a Anacã e a Vanaquiá. Você, Amauri, tem que levar-nos. Decerto seu Raimundo vai levar o frade, dona Zulmira e dona Eusébia.

— Não senhoras. Seu Raimundo leva vocês e o frade, eu levo seu Samuel, dona Zulmira e dona Eusébia. Não é assim que você quer, Jaci?

— Lóóógico!

Levantando-se e mal se aguentando em pé, Samuel Belmonte abraçou Lia dum lado e Raquel do outro, e lhes sussurrou:

— Em 1259, um arcebispo da Grande Armênia transmitiu ao Ocidente, no convento de Santo Albano, a notícia da minha existência. No Oriente Próximo durante séculos fui Isaac Cartaphilus.

Nisto o bando restante apareceu na varanda de madeira ao rés do chão. E adiantando-se, Raimundo Lucena, abraçado à mulher, pediu a Samuel:

— Diga aqui à minha espôsa o que me disse durante o jantar quando eu o servia de mandureba para embeber bem o muçuã. Aquela regalia de que desfrutava o Grande Cão mongol.

— Ah! Pois não — prontificou-se Samuel, abraçado e sustentado pelas gêmeas. — Eu lhe contei que Kubilai tinha quatro mulheres principais, cada uma com um séquito de dez mil aias de honor.

— E mais o quê?

— Mais trinta mulheres suplementares escolhidas cada dois anos por seus dignatários entre as raparigas mais belas das províncias.

Disfarçando, Juçara deu um beliscão no braço do marido. Raimundo perguntou ainda:

— E que foi que o senhor me aconselhou a ler a respeito da devassidão no mundo antigo e na Idade Média?

— Ora, ora, ora — silabou Samuel. — Claro que lhe aconselhei Heródoto, Tucídides e Marco Polo.

— Fale baixo. E para me inteirar da devassidão das atuais megalópolis, patópolis e necrópolis? Responda em voz baixa, olhe o frade, ainda bem que êle já arranjou lugar na perua do Enéias.

— Bem, quanto a isso seria pueril recomendar-lhe Freud ou Kierkegaard, vindo mais a propósito Lawrence e Henry Miller.

Dona Juçara, sem disfarçar, deu outro beliscão no braço do marido.

No dia seguinte o almôço em casa das irmãs Abranches saiu quase às três da tarde, hora de todo inconcebível até mesmo para uma bacalhoada. Mas a culpa não foi das cozinheiras Isaura e Inácia nem dos convidados. Outra foi a razão do retardamento.

Estava chovendo desde de manhã, as estradas e as ruas achavam-se em tal estado que a perua da NOVACAP que trazia secretárias, assessôras e recepcionistas, ficou atolada. Isso fêz Raimundo evocar a abertura e o asfaltamento da primeira pista do aeroporto durante semanas de aguaceiros.

— Era preciso forrar com aniagens as áreas cimentadas, trabalhar sem trégua, a bem dizer dia e noite, porque o Presidente queria fechar no dia 31 de dezembro de 56 o aeroporto de piçarra do Catetinho. E, principalmente porque a construção duma cidade como Brasília, sem estradas de rodagem e sem vias-férreas, exigia de antemão um aeroporto de descarga constante. Vimo-nos ilhados pela enxurrada. Caminhão que ousasse sair em busca de víveres não voltava, ficando enterrado na lama até os feixes de mola. Tivemos que acabar o serviço alimentando-nos apenas com marmelada de Lusiânia, cujas

caixetas vazias e estraçalhadas ajudavam a defender contra a chuva o asfalto na pista.

E agora, naquela tarde de domingo, a conversa durante o ajantarado teve como contraponto o ruído de bátegas e lufadas. A primeira trégua, lá para as cinco horas, fêz os convidados se retirarem logo após a sobremesa porque trovoadas e relâmpagos advertiam que o mau tempo ainda ia piorar. Só permaneceram dona Eusébia e dona Zulmira, que residiam ao lado, a Vanaquiá que morava na primeira casa do lado ímpar, e o dr. Sampaio, médico do IAPI, e que, onde houvesse uísque, conhaque e jôgo familiar, podia chover canivete que isso não o abalava. Êstes quatro, mais dona Juçara, Raimundo, Jair e Enéias, organizaram duas mesas de buraco.

De forma que, muito embora a casa fôsse pequena, as Abranches, Jaci e Amauri se transferiram para uma saleta onde pudessem mais à vontade espevitar o pavio da paleomemória de Samuel, avivando-lha com conhaque.

Após trançarem da sala para a cozinha e vice-versa esvaziando a mesa, lavando louça, recolhendo guardanapos e a toalha, Isaura, antiga ama das gêmeas, e Inácia, antiga ama primeiro de Juçara e depois de Jaci, se amesendaram na copa para almoçar pachorrentamente, a conversa das duas sendo as respectivas pupilas.

Amigas desde quase um ano, na decorrência direta da intimidade das patroas, durante o dia as duas quase não tinham nunca o que fazer naqueles ermos. Isaura adotara então o sistema de carona na boléia dalgum caminhão ou no lugar vago dalgum jipe, e vivia assim cruzando para baixo e para cima o trajeto que mediava da W-3 ao sítio.

Naquela altura do exílio monótono, ela já sabia da vida de tôda a população incipiente de Brasília, porque como caçamba se inseria nas residências provisórias de arquitetos, engenheiros, mestres-de-obras, amanuenses, principalmente nas casas das funcionárias da NOVACAP catalogadas como Anhumas e Tangarás, despejando numas as novidades recolhidas nas outras e levando para aquelas as fofocas caldeadas nestas. Sendo ainda embrionário o regime da futura cidade, caberia bem a Isaura o epíteto de "comadre parteira"; ou no máximo, como na história de tôdas as literaturas insipientes, o título de disseminadora de mal-dizer, já que era demasiado cedo ainda para

o período dos cronistas-mores. O ideal de ambas, de Isaura e Inácia, era serem advogadas casamenteiras; mas se viam em apuros porque só existia em cena um galã, o mesmo para as suas três afilhadas. De maneira que quando os assuntos alheios se esgotavam, elas assumiam expedientes quase de inimigas recíprocas, Isaura subestimando Jaci e Inácia menosprezando Lia e Raquel.

Quanto a Samuel Belmonte, aliás Isaac Cartaphilus, aliás Giovanni Butta Deo, aliás Jacques Laquedem, aliás Paul Marrane, não fêz mais das seis horas até às dez e meia, do que solfejar a sua odisséia.

A primeira mesa de jôgo terminou a partida e dissolveu-se, os seus elementos retirando-se, menos o dr. Sampaio que foi peruar a segunda mesa. Enquanto isso, servido pelas Abranches e atiçado por Jaci e Amauri, Samuel fazia considerações originais:

— Pràticamente, o mundo mudou muito. Agora me sinto à vontade em qualquer lugar. O meu caso tornou-se desinteressante por ser crônico; já me é fácil manter clandestinidade sem pavor de surprêsas. Mesmo que algum bando de fanáticos bradasse pelos Campos Elísios, pela Unter den Linden, pela Calle Corrientes, pela avenida São João ou aqui pela rua da Igrejinha que eu sou o Judeu Errante, ninguém daria maior atenção porque desde muito a imprensa adotou o sistema das manchetes para os acontecimentos da véspera e o da sexta página para os acontecimentos da antevéspera. Hoje em dia nem mesmo eu teria lugar na página das histórias em quadrinhos; no máximo ainda se alude à minha lenda apenas nos almanaques.

— Dá-se bem aqui em Brasília?

— Às maravilhas. Aliás, sob todos os sentidos, sou o habitante ideal para esta cidade, porque a acompanharei desde agora, desde a sua construção, até o fim dos séculos. De fato, quem mais adequado, com mais experiência para lhe acompanhar a história, o crescimento? Já pensaram que eu ainda ultrapassarei inúmeras gerações, verei esta cidade tornar-se centro histórico duma região, dum país, dum continente? Verei os seus palácios e os seus ministérios tornarem-se pardacentos e encoscorados pelo Tempo? As suas superquadras virarem dédalos de Knossos? Já pensaram que sou a testemunha fatal e prévia para todos os seus ciclos? Que posso me arrogar o título de notário do seu registro de nascimento, vir a ser o seu cronista-mor, dirigir daqui a alguns milênios as escavações do provável local onde foi Brasília?

— O conhaque o está fazendo enveredar para um parâmetro lúgubre — observou-lhe Amauri. — Conte-nos, por exemplo, como era Cristo. Pode ser? Meu avô visitou no Velho Mundo alguns conventos, catedrais e museus. Descreveu-me certa vez o curso a que assistiu num museu de Arte Sacra; o tema era a Cristologia. Conferencista e monitores explicavam que as pinturas do Norte e do Sul da Europa e os mosaicos e os ícones do Oriente Próximo sempre vêm adotando a mesma fisionomia mais ou menos para a reprodução do semblante de Jesus.

— Êle era mesmo conforme as telas o reconstituem? — perguntou Jaci.

Samuel consentiu que afastassem o copo bojudo de conhaque, e disse, ficando depois à espera do efeito:

— Belo não era, apesar de ter apenas 33 anos de idade. Barrabás era muito mais atraente; a prova é que despertou logo a simpatia da plebe que exigiu a sua liberdade a trôco da continuação do julgamento de Jesus, filho de José, neto de Jacob, bisneto de Mathan, tataraneto de Eleazar, descendente portanto respectivamente de Eliud, Aquim, Sadoc, Azor, Eliaquim, Abiud, Zorobabel, Salathiel, Jeconias... Paremos aqui, porque mais para trás, quanto ao tempo do exílio em Babilônia, a minha memória não alcança visto no caso não ser memória que provenha de testemunho visual...

— O senhor está dizendo que Jesus não era belo? — espantou-se Jaci.

— Não. Não era. Para que precisava Êle de beleza, se não desceu entre nós para concurso atlético e sim para salvar-nos? Acaso isso de martírio exige espécimes apolíneos, ou configurações já marcadas para vítimas?

— Mas Êle era ao menos como as imagens nas igrejas o representam?

— Só vi em tôda a minha vida, e estou com mil novecentos e oitenta e sete anos, um ícone que me lembrou por alto Cristo; foi a imagem mais aproximada do Seu físico. Minto, não foi um ícone, foi um mosaico. Na basí-

lica de Santa Constança, em Roma. Século IV . Outra efígie que se assemelha um pouco a Êle foi a que vi no Codex Purpurius, no tesouro da catedral de Rossano. Uma imagem de corpo inteiro. Ilustração da Parábola das Virgens Loucas e das Virgens Prudentes. — Ao dizer "Virgens Loucas" estendeu reflexamente o braço na direção de Lia e Raquel; e ao dizer "Virgens Prudentes" pousou a mão no ombro de Jaci.

Nisto todos fecharam os olhos por causa dum fulgor obcecante e se encolheram por causa dum estrondo ensurdecedor. Um raio que na verdade colheu do crânio ao cóccix o filhote dum guará no terreno alagadiço das Embaixadas, dando ao pobrezinho aspecto de Cordeiro imolado.

No terraço, as "carretas de Vercingetórix" formam uma circunferência. A família e alguns visitantes estão estirados naqueles cadeirões baixos, compridos e pesados que por seu aspecto rude e bárbaro haviam recebido de Martinho Higino aquela designação: Carretas de Vercingetórix.

Domingo tropical, bem carioca. Metade da paisagem é montanha penhasco, mata, estrada e rampa. Outra metade é grotão, areal e oceano. Pigmentos: violáceo, plúmbeo, ferruginoso; glauco, oliva, mirto, musgo, castanho, sépia, bronze; pérola, ambarino, puníceo, marfim, lácteo, alvadio, aço; índigo, ultramar. Por cima destas cambiantes e gamas relativas respectivamente à serra, à vegetação, à estrada asfaltada, ao litoral, à praia e ao oceano, a amplidão em cúpula dum céu côr de turqueza.

Naquele círculo humano de corpos iguais convergindo para o centro, as pessoas são diferentes apenas em idade, roupas e opiniões. Como um complúvio, o chão de lages losangulares dá idéia de se estar numa plataforma-esplanada.

Todos conversam. Menos dona Sílvia que folheia *Manchete* e *Cruzeiro*, vendo fotografias e lendo de vez em quando alguns tópicos. O assunto oral é a inauguração de Brasília. E os tema das revistas também é êsse acontecimento que o Brasil e o mundo inteiro comentam.

O *Cruzeiro* e a *Manchete* já foram tão folheados por tanta gente que as páginas estão quase sôltas, desbeiçadas, com as pontas se encarquilhando.

Não obstante o falatório, agora dona Sílvia está lendo com atenção os textos-legenda das sucessivas fotografias das fôlhas que ela vira devagar.

— "J. K. sobe a rampa do palácio Planalto, ovacionado por milhares de pessoas, para atingir a tribuna de honra donde dirigirá a palavra ao povo brasileiro. — A banda do Batalhão de Guardas executa o toque de alvorada. — O Presidente Juscelino Kubitschek hasteia a bandeira nacional defronte do palácio do Planalto. — O chefe da Nação fala durante cinco minutos lá do alto do palácio dos despachos. — Sua Excelência recebe no salão nobre os representantes de nações estrangeiras em missão especial. — Apresentam cumprimentos ao chefe do govêrno delegados de cinqüenta e cinco países. — O Presidente preside a uma reunião solene de todo o ministério, com a presença do corpo diplomático. — Cruz de holofotes nos céus de Brasília. — Gêmeos nasceram à zero hora no nôvo Estado de Guanabara; chamam-se Guanabarino e Brasiliana Soares. — No discurso do dia 20, pronunciàdo na Praça dos Três Poderes, J. K. enaltece o papel desempenhado pelos candangos na construção da nova capital. "*Meus amigos e companheiros de lutas, soldados da epopéia da construção de Brasília, recebo profundamente emocionado a chave simbólica da cidade filha do nosso esfôrço, da nossa crença, do nosso amor a êste país. Sou apenas o guardião desta chave. Ela é tão minha quanto vossa, quanto de todos os brasileiros*.

Êste trecho ao lado duma fotografia, dona Sílvia leu alto; mas a conversa no círculo era verdadeira algazarra, de modo que só dona Ermelinda ouviu e comentou:

— Aí, meu nego! Vai voando, Nonô!

Dona Sílvia lê alto também as legendas dalgumas fotos:

— "*No lusco-fusco, aviões da esquadrilha da fumaça cortam os ares, em evoluções arriscadas, de grande efeito. — O Presidente condecora Israel Pinheiro. — Acendem-se tôdas as luzes de Brasília. — A tôda velocidade, precedido por batedores, o carro presidencial corta as principais avenidas rumo ao aeroporto onde vai aguardar o repre-*

sentante do Papa. — Lê só com os olhos os demais textos: Após as honras de estilo, J. K. e o cardeal Cerejeira abraçam-se. — O Presidente dirige-se ao povo do Brasil através das *Emissoras Associadas.* Movimenta-se a coluna de carros de fabricação nacional conduzindo as mais altas autoridades do país e convidados ao palácio da Alvorada. Lotam as radiais da cidade milhares de pessoas. — A banda dos fuzileiros navais distrai os candangos. — O povo passa a noite de 20 para 21 na Praça dos Três Podêres. Danças e cantos do Brasil inteiro se confundem nas vozes dos patrícios procedentes de todos os rincões da pátria. — À meia-noite repica o mesmo sino que anunciou a morte do alferes José Joaquim da Silva Xavier. — Dom Helder Câmara, arcebispo auxiliar do Rio de Janeiro, dá início às cerimônias, lendo a proclamação do Papa João XXIII. — O cardeal Cerejeira, Patriarca de Lisboa e Legado do Papa, é conduzido ao lugar de honra. — Entronização da imagem de Nossa Senhora da Esperança que viajou na nau capitânea da esquadra de Pedro Álvares Cabral quando do descobrimento do Brasil. — Conjuntos corais cantam o Hino dos Anjos. — Está sendo celebrada a missa que marca o advento de Brasília como capital da República dos Estados Unidos do Brasil.

O deputado Ernesto Buarque conversa com Martinho Higino:

— Estive presente, sim. É lógico. Entusiasmei-me, até. Mas acho ainda e sempre que Juscelino vai nos deixar um presente de grego. Por isso no Congresso fui um dos que mais se opuseram a êle na tramitação das mensagens. Reconheço que se entregou de corpo e alma ao trabalho, até agora nunca tivemos presidente mais dinâmico. Também reconheço que êle se empenhou numa obra para a eternidade. Espantou não só o Brasil como o mundo inteiro. Tenho que me render à evidência dos fatos. Mas que vamos herdar um abacaxi, vamos. Um estadista não pode ser megalomaníaco.

— Não diga semelhante coisa! Pelo amor de Deus!

— Nunca mais parará a inflação. Vamos ter um câmbio pior do que o do Paraguai, da Bolívia. Será uma metástase que se infiltrará pelo corpo inteiro da nação. E do povo.

— Que sofra a geração de agora, que se sacrifique

pelas do futuro. Dentro em breve, e se não assistirmos a isso os nossos netos assistirão, o centro do Brasil estará desenvolvido por causa de Brasília.

— Deixe-o falar, almirante — disse dona Abigaíl, espôsa do deputado Buarque, da UDN. — Ernesto me fêz comprar dois vestidos caríssimos, provou três vêzes no melhor alfaiate do Rio um fraque e uma casaca espetaculares, participou de tôdas as cerimônias, me ajudou a arrumar o apartamento na L-2.

— Ajudei-a, sim, porém bradando o quê?

Rindo, bebendo limonada, ela imitou a voz e a gesticulação do marido:

— "Temos que morar neste deserto. Você já imaginou, criatura, o que vai ser a nossa vida? Um exílio morno, um bocejo incoercível."

— Tanto não é, que o ilustre casal se acha aqui no Rio!...

Dona Ermelinda, abanando-se, reajustando os óculos pretos, contava a dona Ida Fontoura o sonho de Dom Bosco. Mas o marido dela, estrilou:

— O que me dana é políticos e jornalistas engabelarem as massas; é o desplante dêsses ateus, dêsses agnósticos se aproveitarem até da religião para fazerem publicidade demagógica. Arranjarem um lero — lero místico para empolgar a plebe. Isso de extrair-se o Plano Pilôto de Lúcio Costa e os projetos de Oscar Niemeyer do sonho dum padre de Turim que decerto não sabia geografia é o mesmo que se responsabilizar o Direito Canônico pela criação do reator atômico. — Soergueu-se um pouco, pegou o copo de uísque e bebeu dois tragos.

Lá na muralha, rindo, com os dentes fincados num canapé de anxova, o senador Hermínio Luz, do Paraná, acenou para Armando, ao seu lado, que esperasse um pouco. Ajudou o diminuto sanduíche com um sôrvo de vinho branco e disse ao dono da casa, falando baixo:

— Você, Armando, conhece bem o deputado Hortênsio Cintra. De Minas.

— Conheço. É um dos esteios dos banqueiros das Alterosas, acionista graúdo do *Lavoura* e do *Nacional.* Parece que numa dessas revistas que minha mulher açambarcou... tem o instantâneo dêle, de fraque, calças riscadas e cartola.

— Tem sim. Vi ainda agora mesmo. Pois sabe o que lhe aconteceu no último dia? A mulher recebeu em Belo Horizonte um telefonema anônimo muito explícito e pormenorizado, telefonema êsse que a fêz procurar a espôsa do chefe da agência da VASP. Queria uma passagem para Brasília no primeiro avião. A qualquer preço. Ora, qual é o agente duma companhia aérea que nega uma passagem, que não se empenha para satisfazer a espôsa dum miliardário do PSD? Ora bem, o Hortênsio achava-se com a amante no apartamento do hotel brasiliense mais caro, quando a porta se abriu. É que dona Hortênsia Soares Pereira Cintra, tendo-se informado em silêncio, consultando apenas a tábua de freqüência, do número do quarto do marido, subiu pelo elevador, ficou parada no hall do oitavo andar até passar uma das arrumadeiras. Sorridente, espontânea, com duas notas de mil na mão, fingindo vasculhar a bôlsa, lhe disse: "Oh, meu Deus, esqueci a chave na portaria. Tenho que descer outra vez." "Eu abro! Que número é?" "833. Aquêle ali." Mudando de cena, ela entrou e tirando da bôlsa (as mulheres hoje em dia usam bôlsas enormes onde cabem laços quanto mais chicotes e tesouras) lanhou os corpos dos dois que, para sorte dela, estavam em pêlo, escancarou o armário embutido e retalhou os vestidos!...

— Como foi que você soube disso? — perguntou baixo Armando.

— Pois se eu era o hóspede do 835 e tive que acudir!

— Que sem-vergonhice é que vocês dois estão se segredando aí, heim, Hermínio e Armando? — perguntou a espôsa do senador paranaense.

— Estou contando a rápida aclimatação de Josué Fagundes lá em Brasília. Deputado suplente pelo Paraná, não conhecia nenhum colega federal porque fôra convocado havia apenas uma semana. Vistoso como Gustavo Barroso e Paulo Hasslocher, deslizava sòzinho, apenas de terno azul-marinho, feito intruso, pelas rampas, saguões, salas e recintos nobres do Planalto, do Congresso, do Supremo, do Alvorada. Contínuos, bedéis, porteiros estranhavam; até que um lhe exigiu o "documento", o "convite". Apenas respondeu: "De-pu-ta-do, sua bes-ta! Não está vendo na cara?" O porteiro pediu desculpa, entabolou conversa com ar prestimoso a fim de ser perdoado pela gafe, pela cincada. "Então está gostando, seu doutor?" "Faraônico! Fa ra ô ni co! F A R A Ô N I C O!..."

— Essa mistura de gafe e de delicadeza, de prestimosidade e antiprotocolo é muito comum no nosso bedel — disse do outro lado o major Lima sentado junto de Amauri, mas se dirigindo ao senador Hortênsio e a Armando, enfim, a todos: — A tal respeito meu pai contava uma cena engraçada. Quando o rei Alberto da Bélgica estêve aqui no Brasil, em 22, não sei se durante ou logo após as comemorações do nosso centenário de Independência, ficou hospedado no solar Leopoldina, na rua General Canabarro, perto da Quinta da Boa Vista. Além da guarda na rua, nos jardins, na escadaria e no pátio, havia criadagem esparsa pelos corredores. Ora, logo na primeira manhã saiu dos seus aposentos sòzinho, sem a rainha Elizabeth, o rei guerreiro. Sabem o que aconteceu? Um bedel do Itamarati, que estava destacado perto dos aposentos reais apenas para chamar o ministro encarregado da mordomia assim que percebesse que os soberanos já haviam acordado, interceptou os passos de Sua Majestade que se dirigia para o parque interno, rodeou duas vêzes o gigante alpinista, bateu-lhe no braço e disse pachorrentamente: "Com que então o doutor é que é o reis, heim?!"

Dona Abigaíl, septuagenária rica, parecida com Colette na velhice ruiva e nos olhos de gata, conversa com Amauri que pacientemente lhe atura a curiosidade.

— E a catedral? Deixaram para o fim, não é? Não lhe parece que devia ser a primeira coisa a se fazer em Brasília? Que vale uma cidade sem Deus? — Bebe Martini, espeta uma azeitona, entreabre a bôca, mastiga, devolve o caroço para a mão que já contém vários, fica atenta à resposta do aviador.

— Mas dona Abigaíl, a catedral está sendo caprichada! Já ergue a sua estrutura de vinte e um montantes dispostos em circunferência de setenta metros de diâmetro. Simbolizam braços erguidos juntos, em prece.

— Setenta metros só? Pouco, não?

— A nave terá um rebaixamento de três metros por onde descerão os fiéis por uma rampa suave. Capacidade para quatro mil pessoas.

— Está vendo? Fazem estádios para cem mil, igrejas

para quatro mil. Você falou em impressão de braços erguidos, em prece? Mas não dizem que tudo no Plano Pilôto é moderno, diferente? Ora, isso é gótico. Isso é Colônia, é Chartres! — E espetando outra azeitona apimentada: — Juscelino tratou mas foi de mandar terminar logo o Alvorada. Não é homem para aguentar a pobreza do Catetinho. Pois olhe, Amauri, eu acho que êle, o Juscelino, perdeu uma grande oportunidade, faltou-lhe uma grande idéia: fazer daquele barracão de madeira uma espécie de Caaba para atrair demagògicamente o povo em romarias. Devia ter aprendido com o Antônio Conselheiro. Popularidade sem mística não perdura. Êle vai ver só!

— Juscelino não é tão personalista como julgam. Claro que um empreendimento da natureza de Brasília tinha que lhe dar popularidade, servir de motivo para uma cobertura imensa de propaganda do seu nome. E com razão. Mas note por exemplo, dona Abigaíl, a programação das festas desde o dia 20 até o dia 23 à noite. Qualquer chefe de govêrno totalitário, de Direita ou de Esquerda, faria desfilar diante do palanque oficial tôda a população local assistida pela outra, pela que se deslocou do Brasil inteiro para assistir à inauguração. E fazê-la desfilar fantasiada de Ceres e Pomona, de Vulcano e Mercúrio, de anjos e sacerdotes, de falanges e corporações, de sindicatos e partidos, rebocando carros alegóricos do Café, do Algodão, da Cana, da Uva, do Papel, da Borracha, do Automóvel Nacional, do Petróleo, do Aço, do Gado, tudo isso em passo de ganso, blusas reverberantes, seguido de motores, tanques, motoniveladoras, caterpillares, caminhões, ambulâncias... Só deu ensejo à alegria instintiva dos candangos. Ainda bem, felizmente, que o jeitão brasileiro, quer do povo quer do govêrno, é bastante democrático, dionisíaco, em ritmo de carnaval, de samba, de frevo, de congada. Só na última noite houve espetáculo, e êsse mesmo bastante sadio. Exceptuando-se a música, a orquestra dirigida por Eleazar de Carvalho, houve o quê? O *show* de Chianca de Garcia endeusando quem? Tiradentes, não Juscelino.

— Tenho ouvido falar que a instalação foi uma balbúrdia! Apartamentos sem móveis, falta de abastecimento...

— A senhora já viu ordem em mudança até mesmo

de domicílio familiar? Eu estive várias horas, todos os três dias principais, dentro duma perua *Willys*, com amigos. Era só a gente sair, andar um pouco até a Praça dos Três Poderes e entrar no *Grande Bar ANTÁRTICA Churrascaria*. Lá serviram uma média de cinco mil refeições por dia. Quinze mil chopes, quatro toneladas de churrasco, doze mil dúzias de cerveja, vinte e duas mil dúzias de guaraná.

— Não. Eu sei. Não estou criticando. Todo mundo elogia a cortina de fumaça, os fogos de artifício. Muita gente de fora?

— Só no primeiro dia rabisquei num papel os nomes dos lugares donde provinham os automóveis. Lendo nas placas. Uma lista que nem se precisa guardar de memória. Tanto que a joguei fora. É ir citando ao acaso: Rio, Belo Horizonte, Juiz de Fora, Barbacena, São Paulo, Campinas, Santos, Ribeirão Prêto, Curitiba, Salvador, Fortaleza, Jundiaí, Taubaté, Araraquara, Petrópolis...

— Chega, chega...

— Na tarde de 18, quando o DC-7C da Pan American inaugurou o aeroporto internacional, eu estava no meu avião circunvoando a cidade no teto ordenado pela tôrre de contrôle. Uma beleza! A caminho do Rio já notara o movimento desusado pelas estradas, principalmente perto de Itaipava, Areal, Barbacena, Nova Lima e Paraopeba. De Cristalina em diante, mesmo já desde João Pinheiro, havia filas na rodovia. O mesmo me disse depois um colega vindo de São Paulo; que entre Ribeirão Prêto, Orlândia e Uberaba, lá em baixo corria um formigueiro de carros. Na avenida das Nações, no Eixo Monumental e no Eixo Rodoviário o estacionamento de automóveis era de metrópole. Na Praça dos Três Poderes, nas rampas, nas radiais, nos jardins, nos terrenos baldios, se distinguia pelas roupas, pelos modos a profissão das pessoas, se poderia jurar: Êste é advogado, êste é médico, êste é banqueiro, êste é industrial, aquela família é de fazendeiros, aquela ali é nortista, aqueloutro é promotor, estoutro é juiz, farmacêutico, dentista, professor, burguês...

— Estêve no baile oficial?

— Eu não. Papai e mamãe estiveram na recepção matutina e no baile noturno.

— Muitos conhecidos nossos, Sílvia?

A mãe de Amauri nem levantou os olhos de cima da revista, tratou de folheá-la e começou a ler alto nomes debaixo de fotografias:

— O general Nelson de Melo todo condecorado, o príncipe Dom João de Orleans e Bragança, a sra. Osvaldo Penido, a embaixatriz Cabot, dona Ruth de Almeida Prado, o embaixador Fernando Lôbo, dona Rosita Tomás Lopes, a embaixatriz Aloísio Napoleão, o coronel Danilo Nunes e espôsa, dona Lourdes Catão, dona Olívia Tarnowska, o casal Celso da Rocha Miranda, o casal Paulo Sampaio, o casal Roberto Marinho, Boy e Rita Lôbo, o Dr. Marcelo Garcia, os Delamare, os d'Orey, os Wallinger, os Pinheiro Guimarães, Guilherme Romano, José Amádio...

A cada nome dona Abigaíl espetava uma azeitona, até o prato de cristal esvaziar-se.

Dona Sílvia sorriu, sem vaidade nem inveja, era uma perfeita dama. E não sendo fútil, como a conversa se generalizasse não sendo preciso ela fazer as honras da casa, o almôço estando marcado para as duas horas, baixou os olhos e leu o discurso de Juscelino:

— *"Ter-me-ia sido possível governar o país de maneira menos ambiciosa do que fiz; bem me haveria de fruir o poder político, sem expor-me a riscos, sem ofender a inércia nem contrariar interêsse criados, poupando assim muitos choques. Mas desde o primeiro dia de trabalho falei-vos linguagem que traduzia determinação. Bom ou mau, errado ou certo, o Govêrno que juntos realizamos obedeceu a um plano e representou uma opção. Nestes anos de labor intenso, coube-me viver alguns instantes cruciais, em que me foi necessário meditar longamente sôbre as responsabilidades a assumir. Posso dizer, sem hipérbole, que a decisão relativa a Brasília constituiu para mim um esfôrço bem mais considerável do que tôda a solicitude em acompanhar a parte executiva desta obra. Obra em verdade imensa e que temos de atribuir não só à proteção de Deus, que não nos faltou, como à capacidade de trabalho da nossa gente, à dedicação inexcedível dos chefes e dos operários. Naquela ocasião medi os prós e os contras, avaliei as dificuldades de tôda ordem: os materiais, com todo o cortejo de repercussões econômicas e problemas técnicos; mas, sobretudo, o significado da resolução e a gravidade decisiva do ato. O imperativo constitucional...*

— Getúlio dizia com sua pronúncia gaúcha: imperativo categórico... — rememorou alto dona Luìsinha Varela.

— *... fôra repetidamente ignorado e seria fácil permitir que continuasse letra morta. Mas a criação de Brasília, a interiorização do Govêrno, êsse ato dramático e irretratável da ocupação efetiva do nosso vazio territorial, essa demonstração inequívoca de fé na capacidade realizadora dos brasileiros, essa vitória do espírito pioneiro, essa prova de confiança na grandeza do país, essa rutura completa com a rotina e o conformismo, eu a sentia em íntima e perfeita correspondência com a aspiração máxima do povo brasileiro: a revolução do desenvolvimento nacional. Brasília foi o primeiro ato dessa revolução, fecundo em conseqüência, a meta número um, a meta-síntese do Brasil renovado.*

Brasília significa não apenas a mudança da sede dum Govêrno, mas de todo o rumo duma grande nação. Sei como são fortes as resistências e os antagonismos, porque sei até onde essa mudança tem aspecto revolucionário, porque estou bastante lúcido quanto à série de transtornos e de modificações que ela vai ocasionar. Não fugirá a ninguém o aspecto heróico da emprêsa, nem os sacrifícios requeridos. Mais dia, menos dia, seria necessário colocar o Brasil no seu centro, conquistar essa parte importante do seu território, integrar o país em si mesmo. E eu me dou por feliz pelo privilégio de construir Brasília, de realizar essa aspiração que pareceu inatingível a muitas gerações de brasileiros. E de a realizar em tempo recorde, mostrando ao mundo que somos capazes de fazer aquilo que queremos, e de fazê-lo como melhor não fariam outros povos que marcham na vanguarda da técnica e da civilização."

QUARTO CADERNO

a) SÔBRE AS CARRETAS DE VERCINGETÓRIX
b) RAQUEL & LIA — SÍMBOLOS DO RIO
c) VETERANOS DA MARGINALIDADE
d) PLANO PILÔTO, JÓIA DE AMARANTO
e) UM CASO DE SINTOMAS NEUROTÓXICOS
f) "SE TUDO MAIS RENOVA, ISTO É SEM CURA"

A ESPÔSA do Prof. Castro Meira vive preocupada. Primeiro supôs que o marido estivesse rabiscando alguma tese, pois sempre dizia: "Preciso de duas cadeiras, do contrário o dinheiro não dá." Nota-lhe agora certa ambigüidade, um ar distraído, que logo modifica quando percebe que o observam.

Êle passa o dia inteiro na Universidade, às voltas com o Instituto que dirige, nunca se afasta do *campus* nem mesmo para almoçar, come dois ovos a cavalo no restaurante da esquina defronte da portaria, no máximo vai tomar uma cerveja junto do Instituto de Artes, perto dos apartamentos dos professôres que residem que nem monges numa tebaida que é o que parecem as alas egípcias do extenso prédio em construção. Chega ao apartamento já ao anoitecer, beija a mulher e a filha, dirige-se à blibliotéca onde larga a pasta e os livros, vai tomar banho, reaparece para o jantar que o espera. Conforme se depreende, tudo normal. Só que... Isso de espôsa e filha dispõem duma espécie de radar onde estudam em plano aumentado o sorriso triste, as respostas lacônicas, as rugas na testa do marido e pai que mudou tanto. Era um em São Paulo, é outro em Brasília, porque a sua alma sente e sofre a diferença sutil entre solidão e solipsismo.

Elas não o convencem a acompanhá-las ao cinema, e acabam não indo também. Êle enfurna na biblioteca, o rádio por causa disso tem que ser ligado baixo, e o recurso de ambas para que a noite passe é uma decifrar palavras cruzadas, outra ler Butor ou Sarraute, o jôgo solitário e a leitura solitária sendo literalmente coisas insípidas, monótonas.

Ainda bem que chegaram as férias, e os três foram passar dois meses em São Paulo. Elas pensavam que êle mudaria. Nem por isso! Saía cedo, voltava para o almôço, sendo pontual como hóspede da cunhada, tornava a sair, reaparecia à hora do jantar, aconselhava a mulher, a filha, a cunhada e a sobrinha a irem a um cinema ali mesmo no

bairro; elas iam, mas quando voltavam comentando o filme êle não estava, só dava sinal de vida lá pela meia-noite.

O Tiago Moura encontrou-o algumas vêzes na rua Marconi e na rua Barão, saindo ou entrando no *Thomas Cook* e na *Exprinter*. Deduziu lá consigo: "O Meira vai viajar; decerto arranjou alguma comissão nos Estados Unidos ou na Europa." Aludindo a isso quando o encontrou na *Livraria Brasiliense*, o outro redarguiu logo: "Ahn! Antes fôsse! Que esperança!" E como daí a um mês e pouco, já no fim das férias, o Tiago tornasse a ver o Prof. Castro Meira entrando ou saindo das mesmas agências de turismo, formulou outra hipótese: "Vai ver que o Meira anda jogando em câmbio, ora compra ora vende dólares, segundo as oscilações."

Mulher, filha, cunhada e sobrinha não faziam a mínima idéia de por onde o Meira andava nem por que razão chegava tarde. Fica dito aqui, porém, que êle percorria o Centro, tanto o do lado de lá do Viaduto do Chá como o do lado de cá entre o *Municipal* e a Praça da República, misturado à multidão da zona bancária e das ruas comerciais, parando diante de vitrinas, entrando em farmácias para pesar-se na balança, percorrendo bancas de livrarias, sempre com a pasta debaixo do braço. Mas de noite fazia horas nas imediações das esquinas par e ímpar da avenida Ipiranga com a avenida São João, onde há multidões heterogeneas zumbindo como vespas nas portas de cafés, de casas de disco, de restaurantes, de cinemas; depois seguia para o jardim da Praça da República, passando vagarosamente por pontes sôbre lagos artificiais, indo sentar-se num banco debaixo de árvores onde pequenos burgueses, desempregados e mendigos ruminam os respectivos problemas. Se algum engraxate insistia, êle concordava em deixá-lo lustrar-lhe os sapatos tão cansados quanto os pés. Será, Deus do céu, que um homem tão distinto, chefe exemplar de família, lente respeitável, caráter sem jaça, será que o Prof. Castro Meira está passando por indeterminadas alterações da imaginação e das glândulas?

Ei-lo de nôvo, quase na hora em que os ônibus do seu bairro escasseiam trafegando só de hora em hora, ei-lo de nôvo andando rente a bancas de discos, imerso no berreiro fanhoso dos *beatles*, ou comprando cigarros, talvez

apenas fósforos ou fluido para o isqueiro no guichê das tabacarias à entrada de *Casa da Sopa*, da *Kibelândia*, onde uma freguesia esquisita come coisas estranhas, pratos muçulmanos de Bagdá e de Damasco, em ambiências que lembram mercados e bazares.

Que há variantes de percurso, claro que há. Outras tardes êle toma um ônibus que o despeja diante da *Casa Mappin*. Mete-se na aglomeração itinerante da Xavier de Toledo, vira para a rua 7 de abril, ultrapassa o edifício dos *Diários Associados*, entra nesta, depois naquela agência de turismo, mune-se de catálogos, folhetos, programas de viagens, enfia-os na pasta, continua pelas calçadas, pára nas esquinas por causa da passagem irritante de táxis e de carros particulares, prossegue, entra afinal num bar, pede um chope, distrai-se a folhear aquilo tudo.

Folheia, folheia, lê, relê, espia demoradamente as fotografias, perde-se, transfere-se, não está mais em São Paulo, acha-se em Salamanca, em Toledo, em Carcassona, em Avinhão, em Ravena, em Arezzo, num convento bizantino do monte Atlas, num mosteiro franciscano no alto de Fiésole, numa masmorra do palácio dos Doges, numa ponte de Verona, numa arcada de Innsbruck entre sujeitos de jaleco, de meias apenas na barriga das pernas, de chapéu com uma peninha, enfim entre tiroleses; ou num beco de Hong Kong, numa mesquita de Córdoba, num pátio de Sevilha...

Outros folhetos de viagens de cabotagem, outras fotografias, mas do Brasil, o depõem em São Luís do Maranhão, em lugares de nomes adstringentes: Bêco da Catarina da Mina; Rua do Vira-Mundo; Rua do Giz; Cafua das Mercês; Largo dos Amôres; Rua dos Afogados. Ou o depõem na cidade do Salvador, em bairros assim: Armação, Carimbamba, Tabuão, Maciel de Baixo, Chega Negro, Baixa do Sapateiro, Plataforma, Brotas; em ruas com nomes tristes: Bongó do Pau Moído; São Gonçalo do Retiro; em macumbas e em candomblés do Engenho Velho, o de Manuel Rufino na rua do Céu, o de mãe Josefa no Tanque do Luca, o do Ladislau, o do Lulu...

...Mas, onde é que êle está mesmo? Quem é que êle é deveras? Houve uma fuga, uma qualquer metamorfose, um lapso de memória, um delírio, uma tonteira? Tornar-se-ia múltiplo, submúltiplo já não mais de si, porém de

outrem, estaria passando por um avatar, por uma dissociação da personalidade?

À medida que volta a si, que se recupera, que se reorganiza, que se reconstitui, o Prof. Castro Meira compreende que se passou no seu espírito algo como o que se passa numa janela, num violão, numa compoteira, num cachimbo, num jornal, numa coisa enfim decomposta pelo Cubismo. Sim, se nós corporalmente temos uma morfologia anatômica, já o nosso espírito, mesmo que não seja algo fluídico mas uma essência por enquanto invisível, pode desconjuntar-se, abrir-se como uma caixa vazia de charutos, estirando-se, achatando-se, ficando uma produção plana, da mesma sorte que as coisas objetivas, volumosas, cúbicas, podem, quando interpretadas por Picasso, por Braque, por Juan Gris, assumir sentido de coisa esmagada, dissociada. Mero exercício gratuito. Pois um pensamento pode analisar outro pensamento simultâneo, e fazê-lo tomar uma configuração absurda aparentemente, como certa lente pode deformar um texto tornando-o ilegível mesmo que seja um texto lógico, de Platão ou Descartes.

O Prof. Castro Meira chama o garção, paga a despesa, deixa uma boa gorgeta porque afinal de contas em todo aquêle tempo tomou um duplo só, guarda a papelada dentro da pasta, sai, vê-se perfeito e exato num espelho de vitrina, reconhece a rua, as esquinas, vira transeunte normativo, hígido, íntegro. Toma um táxi, não se irrita com a demora, com as paradas, com os sinais vermelhos, com o fato do motorista não ter trôco. Entra em casa, a mulher, a filha, a cunhada e a sobrinha não estão, a copeira explica que elas foram agora mesmo a uma exposição na rua São Luís. Isso o agrada, pois assim sòzinho pode abrir a pasta, pôr em cima da mesa os prospectos, as fotografias, sentir-se outra vez cidadão do mundo, viajar, ser contemporâneo de Marco Polo, de Fernão Mendes Pinto, de João de Barros, supor-se vagabundo, ser um "cercamon". *"Cercamon fut um jongleur de Gascoigne... et il courut le monde et pour ce fut dit Cercamon."* Assim, como Samuel Belmonte em Brasília encontrou a sua solidão — repouso, exausto de percorrer o universo e os séculos, e aparece às vêzes em sua sala no Instituto lá na Universidade para conversarem, agora êle,

o Prof. Castro Meira pode, como se houvesse comprado a Samuel êsse direito, se sentir dono do globo terrestre.

Mas que lugares esquisitos, obsoletos, arcaicos, que êle escolheu! Mesmo nas agências de turismo só reúne catálogos, prospectos, fotografias de cidades antigas, desoladas, retrógradas; jamais de Nova York, Los Angeles, Londres, Tóquio, fervilhantes de população. Mesmo quando abre livros de viagens não são obras de agora; sòmente aquelas que tratam de excursões ou incursões históricas em lugares desertos, sendo por exemplo o seu livro predileto, de cabeceira, um que já nem tem capa nem título mas que o leva cada noite, durante dez, quinze minutos, até o Jequitinhonha, o Pardo, serra das Almas e de Itacambira; e êle se imagina participando da coluna de Martim Carvalho; que se encontra ao lado de Dom Vasco destroçando os tupinambás; que está descobrindo palhetas douradas com a comitiva de Antônio Dias Adôrno e João Coelho de Sousa; que se perde sòzinho na serra da Canastra; que chega junto com Manuel da Borba Gato ao sertão do Sabarabuçu; que virou frade esmoler na serra do Espinhaço, e que volta afinal a Brasília, não com arrobas de cruzados e diamantes, mas com um acesso de bocejos que o fazem apagar a luz e acomodar-se para dormir.

O problema do Prof. Castro Meira é um caso sutil entre solidão ambiental e solipsismo íntimo. Duas espécies de vácuos, um local outro pessoal, justapondo-se em tensão de angústia. Mas procura, ainda assim e apesar de tudo, se ambientar. Lógico, portanto, que ao escolher e colecionar o acervo ilustrado de agências de viagens não propenda para locais cosmopolitas, superpovoados, e sim para lugares de solidão secular, que o ajudem a suportar Brasília.

Tanto que, de regresso àquela cidade, leva tudo isso consigo. E acolá, sempre que pode, se fecha na biblioteca, revê tudo mais uma, duas, dez vêzes, mune-se duma tesoura, recorta as fotografias, mune-se dum vidro de cola e dum pincel, e desanda a colar nas paredes vagas tanto da sala de estudos como da copa, do banheiro, do corredor, vistas de cidades lúgubres, bisavós de Brasília, capazes de criarem perspectivas que lhe dêem a sensação

de não estar ali, mas... alhures, fazendo exercício de reversibilidade.

Certo fim de semana, alargado por um feriado na sexta-feira e por um dia santo na segunda-feira, induziu o Prof. Castro Meira a combinar com a mulher e a filha um passeio a Ouro Prêto.

Um amigo, funcionário da Saúde, que tinha automóvel, resolveu anexar-se com a respectiva espôsa àquela excursão, oferecendo o carro. Andaram todos cinco vendo coisas do Aleijadinho, subindo ladeiras, parando diante de xafarizes, percorrendo naves e sacristias, detendo-se junto de altares e púlpitos, fotografando fachadas e frontispícios, bebendo água mineral em copos mal cheirosos de botequins escuros, comendo em restaurantes coloniais, colecionando bobagens de pedra-sabão.

Gostaram tanto que deram um pulo até Sabará. Gostaram tanto que foram a Mariana. Gostaram tanto que foram a Congonhas. Olharam compenetrados para Isaías e Habacuc, admiraram as cenas dos Passos nas capelas.

De volta, o Prof. Castro Meira deu uma aula na Sala dos Dois Candangos (na Universidade) a respeito do barroco, do Aleijadinho, de Ataíde, da igreja de São Francisco, do santuário do Bom Jesus de Matosinhos, do templo de Nossa Senhora do Ó. Os alunos, para cujas mãos êle ia passando fotos, não se entusiasmavam, mas no fim aplaudiram. Ainda assim, durante mais de semana, na sua sala do Instituto, sempre que entravam colegas e estudantes, êle mostrava a documentação. No máximo lhe redargüiam lacônicamente:

— Interessante.

Um dia encontrou por acaso na avenida L-2, ao saltar dum ônibus, um advogado de São Paulo que viera a Brasília defender no Supremo uma causa; ganhara-a e estava radiante. Após oferecer-lhe um uísque no *Macumba* ali mesmo, pediu a Castro Meira que lhe mostrasse Brasília; poderiam percorrê-la no *Impalla*. Sucedeu porém que, mostrando ao amigo o palácio do Parlamento com bastante vagar, depois um dos Ministérios, em seguida a Catedral, depois a Estação Rodoviária e grande trecho da Asa Sul, inclusive as estações de rádio, tendo mesmo obtido da guarda licença para se aproximarem do palácio Alvorada e visitarem os respectivos jardins e parques, o Prof.

Castro Meira, nos intervalos dum lugar para outro, só falava em púlpitos e balaustradas, em sacrários e brazões, em anjos e profetas, na Samaritana e em São Pedro dormindo, na Via Sacra e no lavabo, em jacarandá e em esteatita, etc., referindo-se assim inoportunamente e quase que só às cidades coloniais mineiras.

O amigo, após ouvir com suma condescendência uma peroração sôbre a lepra de que sofreria Antônio Francisco Lisboa, disse:

— Meira, você é extraordinário. Vim a Brasília, tomei-o como meu cicerone. e afinal só me falou em Vila Rica, Mariana, Sabará e Congonhas.

Imediatamente o Meira convidou-o a continuarem a excursão, mostrou-lhe, unidade por unidade, todo o Plano Pilôto, discorrendo de maneira minuciosa, provando ser mesmo um profundo conhecedor dos córregos e ribeirões que desaguavam na baía, dos bichos que andavam rente às grades das jaulas no Jardim Zoológico. E ao deixar o Adauto no *Nacional*, ainda se deteve, antes de ir buscar a mulher e a filha (pois o advogado convidou a família amiga para jantar) a fazer o panegírico de Brasília. Sim, tudo era diferente, pois dizer que era nôvo seria pleonasmo. Gabou de preferência a mentalidade dos estudantes. Ali ia crescer, formar-se uma juventude arguta mas serena, dedicada a pesquisas, que não possuía nada dos preconceitos e das idiossincrasias dos estudantes das velhas universidades. Uma geração culta, equilibrada, de biblioteca e de laboratório. Visto isso, o Adauto o emprazou a no dia seguinte mostrar-lhe a Universidade.

Foram. Após o tablado de ingresso, o primeiro, o segundo pátio, os Institutos; depois, o *compound* das sucessivas aulas, o *campus* pròpriamente dito, em frente e do lado. Entre cada classe um pequeno jardim com seu pequeno lago onde crescem tufos de papiros e hastes de simaruba com suas flôres rubras pendendo sôbre pequenos rochedos. Dois alunos acompanhantes, no café, no restaurante, no imenso trecho rude de chão que ia ter às novas edificações, conversavam sôbre Hemingway e Céline, o suicídio do primeiro no seu chalé em Idaho, a morte do segundo em seu tugúrio em Meudon. Era uma rapaziada felpuda, descabelada, de barbicha mefistofética, de calças McGregor sem vincos.

Ao despedir-se de Adauto, que dali da Universidade já ia embora de volta para São Paulo com todo o *dossier* que trouxera supèrfluamente para o Supremo, Castro Meira, abraçando-o, despedindo-se, disse com ar vitorioso de quem usa uma terapêutica própria:

— Por certo você, Adauto, reparou no fato de eu, que aqui em Brasília vivo em regime de *full time* universitário, ter ido visitar cidades mineiras obsoletas, coloniais, e lhe haver falado tanto sôbre elas antes de discorrer sôbre esta metrópole moderna. Preciso explicar-lhe. Quem vive neste voluntário retiro quase ascético, tão diferente da balbúrdia paulistana, a fim de não ficar esquisito, marginalizado, com ar ambíguo de sujeito que abandonou o passado querendo se viciar no futuro, visto que de vez em quando se sente abatido, como que vítima dum equívoco, precisa adotar o conselho que se acha implícito na obra de Freud: o repasto totêmico.

— Bravos. Compreendo. Muito bem dito.

— Nas férias e lá num feriado ou outro, largo Brasília e sigo para trás, no Tempo. Como um nôvo Pantagruel me empanturro do Passado, que volto a digerir aqui, vagarosamente, como jibóia...

Natural que um advogado daquele gabarito, com formidável banca de advocacia em São Paulo, escolhendo as causas, tivesse que voltar de tempos a tempos a Brasília para recorrer ao Supremo. Numa dessas vêzes, quase um semestre depois, Adauto Coimbra reapareceu. Castro Meira concordou com a opinião da espôsa de que deviam oferecer-lhe um jantar já que haviam passeado a manhã e o fim da tarde no *Impalla*, percorrendo Sobradinho, Gama, Núcleo Bandeirante, as penínsulas das mansões e visitado o Iate Clube.

Assim, enquanto os dois bebiam uísque e comiam salgadinhos e canapés de sardinhas à espera do jantar, o Meira mostrou ao Adauto o apartamento todo. Móveis antigos, Dom João V, dona Maria. Porcelana da Índia. Quadros de Paillère e Monvoisin. Estantes estilo Luís Filipe, na biblioteca. Mas nos corredores, na copa e no banheiro colagens: fotografias de prospectos da Air France, de *Thomas Cook*, postais recortados e páginas de revistas inteiras, umas enviesadas sôbre as outras.

— Que é isso, Meira?

— Que diabo, já lhe expliquei.

Estavam parados diante duma fotografia a côres, do *Match*. Um avião aterrissado num aeroporto ao lado de cacimbas e camelos. E Meira disse baixo, aos sussurros, como quem tem mêdo de ser ouvido por mais alguém, como se estivesse a dizer nomes de emplastros para orquites:

— Quando vou a São Paulo, faço como fiz em Vila Rica, por exemplo. Isto é, entro nas melhores agências internacionais de aviação e de navegação, e me vou munindo de material. Aqui não está colado nem sequer um décimo da minha coleção. O acervo acha-se na biblioteca, numa gaveta. Venha. Tem pilhas assim.

Cidades da Índia, da Pérsia, da China, da Arábia, da África do Norte. Cidades bizantinas da Iugoslávia, românicas do Linguadoc, góticas da Liga Hanseática. Meira levantou a pilha, sacudiu-a como se fôsse um sambaqui de ossos, de ostras, onde os milênios chacoalhavam. E confessou:

— Quando não aturo mais esta alvura coruscante batida pelo sol, quando não suporto mais esta uniformidade feérica, me meto no corredor, na copa, como dentro dum *huis clos*, até me sentir rodeado, traspassado por êstes escombros do Passado, e tenho ganas de comê-los como a criança que esgravata terra do chão e cal das paredes. Depois me fecho na biblioteca, tiro do gavetão as pilhas e, sòzinho, com o guardanapo da inocência amarrado na nuca, faço verdadeiras farras, grandes repastos totêmicos.

Ora, havia um colega do Prof. Castro Meira, o Dr. Maia Guimarães, deputado por São Paulo e como êle médico também, que o andava observando desde muito tempo, embora não fôssem amigos íntimos. Aliás, interessava-o de maneira ônimoda o fenômeno Brasília onde viera parar por causa da transferência do Parlamento. Pertencia à Comissão de Saúde e na respectiva sala conversava com um companheiro diversas coisas, mas principalmente uma:

— O que me preocupa no caso da população de Brasília é certo sintoma que, segundo venho verificando, tende

a alastrar-se. Não sou médico psiquiatra, a minha especialidade em São Paulo antes de me meter na política era o ofidismo. Fui durante anos assistente da Seção de Fisiopatologia do Instituto Butantan.

— Qual sintoma?

— Quero referir-me às inadaptações. À marginalidade. Isto aqui é predominantemente uma cidade de empregados públicos. Uma série de superquadras e de repartições onde êles moram e trabalham, achando-se em excelentes condições de alojamento e de serviço. Ainda assim não falta entre êles quem estranhe, queixando-se da uniformidade das fachadas, da catadura de dispensários, de reformatórios que os prédios teriam. O sol bate, tudo fulgura, cada superquadra vira um bloco de diamantes. Pois bem, há gente que arrenega não só isso, como o fato das avenidas, radiais e ruas não terem nome, as placas restringirem-se a maiúsculas e a números, não haver rua doutor fulano, dona sicrana, general isso, conselheiro aquilo. Estranham mais do que tudo não haver sobrados velhos, palacetes *art nouveau*, bangalôs, casarões, estalagens, vielas, becos, ladeiras, mas sempre apenas a repetição durante quilômetros das mesmas fachadas reproduzidas como imagens em espelhos paralelos. Essa perspectiva, que acham monótona, lhes cria uma reação mental, com tendência a agravar-se.

— Pode ser. É. Pode ser.

— Ressentem-se também da ausência de trânsito e de tráfego intensivo. Vieram de ruas e avenidas, de praças e largos congestionados. E assim como no Rio não suportavam passar de noite pelo antigo Castelo, desde a Praia de Santa Luzia até o Calabouço e desde a rua da Misericórdia até a rua São José, também não agüentam andar aqui à noite pela Praça dos Três Poderes, pelo Eixo Monumental e nem mesmo pela Avenida das Nações. Acham solitária, antipática, até mesmo aquela espécie de galeria ou arcada defronte do *Nacional* onde à noite permanecem iluminadas agências de aviação e turismo, lojas de modas, etc.

— Realmente o aspecto de Brasília é outro, diferente donde essa gente veio. Donde nós viemos. Brasília será durante duas décadas pelo menos uma cidade de transferidos. Que velhos, que avós, que aposentados poderão

dizer agora: "Nasci na superquadra tal, no meu tempo, outrora...", como estavam habituados a dizer: "No meu bairro, no Andaraí, em Vila Isabel, no Catete..."?

— Sim. A população costumeira e característica duma metrópole não é, nem se compreende que seja uma demografia removida duma hora para outra, uma onda maciça de migração. Trata-se, no caso vertente, o de Brasília, duma pesada massa de funcionários despachados para cá com suas escrivaninhas, suas máquinas de escrever, seus arquivos, seus protocolos, suas pastas e suas almofadas... A legítima, natural, biológica e social população duma grande cidade (nem me refiro às pequenas) enquadra-se forçosamente no parênteses berço-cemitério, constitui-se de estratificações humanas, familiares, profissionais, que se vão dispondo em áreas que por isso crescem, formam bairros, subúrbios, centros e periferias. Ora, aqui essas áreas de residência e serviço foram feitas de antemão, como estantes, gavetas, obedecem a esquemas metodológicos de arte de projetar, tendo números e capitulares duma síntese de texto-legenda. Uma cidade, até recentemente, antes de Gropius, de Le Corbusier, de Saarinen, de Alto, de Vago, de Jaenecke, de Samuelson, de Lúcio Costa, de Niemeyer, era uma fatalidade tipo secreção de atol, e não o resultado límpido e sereno duma mentalidade ainda utópica porém já funcional e harmoniosa, tipo Interbau.

— Bem, o colega está enveredando para uma nomenclatura que desconheço.

— Desconhece, mas já se está familiarizando com ela, inclusive em Brasília e inclusive ao folhear revistas estrangeiras e ver que não só aqui, mas também na Alemanha Ocidental, por causa do arrazamento de áreas urbanas durante a guerra, se levantaram e continuam a se levantar cidades autônomas e cidades satélites no gênero por exemplo de Wolfsburg, Braunschwei, Bielefeld e Salzgitter.

— Bem, doutor amigo, a tal respeito sou analfabeto.

— Mas sabe ou não sabe que há cidades na Europa e até na Ásia do tipo funcional e arquitetônico de Brasília?

— Lá isso sei. Vejo no cinema.

— Muito bem. Continuemos pois, muito embora êste

alto-falante aqui na sala da Comissão de Saúde esteja a cacetear-nos com um discurso demagógico de...

— Só pode ser o Freitas Soares.

— Costuma-se dizer que as cidades nascem de acasos lendários, como as fundadas por um Ulisses, por um Enéias, quando na verdade mesmo elas nascem de conjunturas lentas, graduais, ligadas ao comércio, à produção, à lavoura, à indústria, ao mar, etc. O cromossomo pode ser lendário ou histórico, mas as células são por dicotomização. Ora, o povo, a população, acredita sempre que as suas cidades crescem devagar, nem mesmo as migrações para dentro dela constituindo jamais fenômenos súbitos. Além disso, no ver generalizado de todo mundo, uma cidade não é uma formação autônoma; está inserida, encravada em acidentes de montanha, de litoral, de vale, de península, tem a sua geografia, coisa essa que não existe em Brasília, assentada em cima duma plataforma.

— Não foi melhor assim? Ter havido uma escolha?

— Lógico.

— Mas isso tira à cidade, no ver e no sentir dessa gente, a dependência da mesma à natureza, a sua capacidade natural de fruir do panteísmo, o que não é verdade porque os cinturões verdes são organizados de maneira geométrica, linear, circular, poética, a cidade virando a bem dizer um quiosque dentro dum parque.

— É verdade.

— Referi-me até agora, no caso de Brasília, à uniformidade do continente. Vou falar da uniformidade do conteúdo. Por enquanto ela, por ser nova, recente, e por dispor apenas duma população praticamente só de funcionários, é insípida para êles por causa da própria homogeneidade dêles! Vindos do Rio em sua grande maioria, tendem a comparar, e portanto estranham. Não lhes é possível imaginar em Brasília, durante a noite por exemplo, algo semelhante à avenida São João em São Paulo, à avenida Nossa Senhora de Copacabana no Rio, ou à Calle Corrientes em Buenos Aires. Qualquer das três, como artérias principais à noite, são o passeio e são a estagnação do povo desde após o jantar até à hora de dormir. Por ali caminham ou ficam parados grupos: o pobre, o rico, o honesto, o patife, o elegante, o cafajeste, o comerciante, o comerciário, o burguês, o operário, o estudante, o analfabeto, o magnata, o mendigo, a família que passa, o bloco que ouve discos, o contador de anedotas obscenas, o discursador de ideologias, o comentarista de futebol, o comentarista de política, a mulher séria, a marafona, o camelô, o turista, o sujeito que mora no sobrado da esquina, o caminhão de cerveja, o automóvel de luxo, o moleque, o cachorro vagabundo, a atriz, o espectador, o curioso das vitrinas, o que faz tempo para ir embora, o sujeito que estêve no teatro e se retira para ir tomar o ônibus. E assim por diante, pois isso de cidade de dia e de noite, em determinados trechos, é a visualização corpórea dum catálogo de telefones desde a letra A até a letra Z, não fazendo diferença, em qualquer hora crucial e intensiva.

— Certas esquinas, de fato.

— Ora, essa gente de Brasília se sair à noite, mesmo num passeio pela W-3 ou pela L-1, não encontra nada disso. E então considera isto aqui um deserto morto, onde a cidade é uma *maquette* sob uma redoma.

— Sob certo sentido...

— Aliás, o povo prefere nas cidades, mesmo nas grandes capitais já célebres, aquêles trechos nìtidamente democráticos, e deixa os trechos monumentais para a elite ou para os turistas. Ao português-povo interessa à noite mais o Rocio, a Alfama, a Mouraria, do que a avenida da Liberdade ou o parque Eduardo VII. Ao francês-povo interessa mais à noite o bulevar, Pigalle na orla de Montmartre, do que os Campos Elísios. E assim por diante.

— Num certo sentido, sim; mas por outras razões duras, o povo aqui, principalmente o desempregado, "prefere" as favelas. No começo, as nossas favelas não tinham analogia nenhuma com as favelas do Rio; não eram a estagnação de formigas atraídas pelos detritos ou pelos sobejos das mesas burguesas, como lá; as favelas aqui eram meros dormitórios, almoxarifados, "valongos" de operários, e não ostensivas demonstrações plásticas da miséria. Mas agora a coisa mudou. São favelas mesmo, das boas, das típicas, donde sai o homem que quer vender sangue para transfusões, donde sai o moleque que ou engraxa sapatos ou vira aprendiz de esmoler. Na ausência de usinas, de fábricas, de indústrias, por enquanto Brasília é mais uma espécie de máquina computadora de conta-

bilidades orçamentárias e uma cabina de comando com registros, mostradores, ponteiros e manômetros, bem como alavancas, e donde o govêrno federal dirige o leme, a máquina e a artilharia, como nos encouraçados de bôlso. Predomina o funcionário, instala-se reflexamente o comércio que o serve. Mas como boa parte dos serventuários ainda não mudou para cá, como as obras paralizaram, existe uma população flutuante de detritos como na água dum cais já sem atracação. Nunca se pensou que numa cidade em via de conclusão viesse a faltar trabalho.

— Mas, voltando ao assunto inicial, de que nos fomos afastando aos poucos, não é o morador das favelas que mais estranha Brasília; êle tem o recurso de procurar serviço nas cidades satélites que, como aspecto, são normativas, digamos, tradicionais, e onde começa a nascer um artesanato heterogêneo. Quem mais estranha Brasília é o burocrata ou o político que teve que largar hábitos tìpicamente cariocas, paulistanos, etc. Primeiro o que atua em certas pessoas é o choque com a majestade. Claro que os moradores do Palácio Sforza, do palácio dos Doges, do palácio Strozzi, e sobretudo do palácio de Versalhes, do Quirinal, do Vaticano, se sentiam à vontade em tais ambientes. Já o povo de Moscou tem que andar num metrô deslumbrantemente antifuncional, que aguardar em estações que parecem a Galeria dos Espelhos. Também os visitantes efêmeros do Escorial, se sentem desajustados, em choque com a morte de dinastias, com fêretros de Infantes. Convenhamos que, no caso de Brasília, o plano arrojado mas harmonioso dos Eixos e das Asas não é nababesco, decorre da metologia do Gestaltung, duma prévia projeção, dum desenho. Mas para o carioca afeito a uma topografia de acréscimos disparatados, cujos erros e aberrações a Natureza se encarrega de disfarçar, a vida em Brasília exige uma difícil adaptação. O morador brasiliensé sente-se incluído dentro dum sistema de montagens. A razão de sua mudança não proveio do ímpeto, da ânsia de tentar nova vida, não houve uma atração de complexos econômicos agudos, a lavra, o gado, o café, o algodão, a cana de açúcar, a fábrica, a indústria, a produção intensiva.

— Bem quanto a êsses motivos agudos que determinaram por exemplo em zonas arcádicas o nascimento de

cidades como Vila Rica, Mariana, Sabará, etc., êles, os motivos, ao invés de se tornarem crônicos, acabaram se esgotando. Terminada a extração, a criação, a fecundidade, aquelas cidades barrocas foram regredindo, até virarem museus de suas próprias mumificações.

— Até certo ponto. Mas pense em São Paulo. Se a marcha do café ainda enriquece o paulista, êste soube ser previdente, criou a indústria.

— Eu sei que São Paulo é ainda o café, mais o gado, mais o algodão, mais a cana, mais a fábrica, mais a migração, mais o cosmopolitismo. Se começou como mero devaneio jesuítico, devaneio êsse que falhou no Paraguai, depois ela frutificou pelos estados cíclicos primeiro da monocultura e em seguida da multilavoura e das fábricas. Antes do café, São Paulo era uma aldeia com alguns sobrados, uma academia de Direito. A seguir se tornou o que vemos, aquilo que estamos vendo.

— Mas deixe que eu conclua o meu pensamento. Não houve uma fôrça motriz capaz de trazer outra população para Brasília que não a dos amanuenses. Não me vai dizer que o funcionário é um elemento de produção; êle é, acima de tudo, por sua própria finalidade, um elemento de contabilidade e de regulamentação de conjunturas administrativas para um desenvolvimento que êle orça, registra e taxa. A tal respeito, uma capital de país poderia estar em qualquer parte, inclusa mesmo numa metrópole só de máquinas ou de silos, ou perdida numa ilharga longínqua de qualquer região federalizada em teoria. Mas o ideal seria e é jazer ela eqüidistante das fronteiras como uma rosa-dos-ventos a irradiar suas linhas. Foi o que se resolveu fazer neste caso. Num cerrado de Goiás um govêrno vanguardista manda roçar cinco mil quilômetros quadrados de chão e empreende um Plano Pilôto em pleno sertão, a setecentos e vinte e cinco quilômetros de Belo Horizonte, a novecentos e quarenta do Rio, a oitocentos e noventa de São Paulo, a duzentos e vinte e três de Goiânia, a novecentos e vinte e cinco de Cuiabá.

— E que despesas!

— Só o material, incontáveis toneladas de cimento e ferro, de máquinas e ferramentas, em quantidades que dariam no primeiro caso para forrar duas vêzes o chão desde São Paulo até Santos, no segundo caso para levantar uma

tôrre do tamanho da Muralha da China posta em equilíbrio vertical e, no terceiro caso para abrir uma passagem através da pedra dos Andes em sua parte mais larga! Empreende isso, e sai Brasília no centro do Sítio Castanho. De que data a que data? Em tempo recorde. E mediante o quê? Transporte caríssimo, moderno. Com que espécie de mão-de-obra? O candango. Ora, isso não é arrojado, singular e empolgante? Não serve inclusive de teste da nossa capacidade partindo do empirismo para o tecnicismo, do subdesenvolvimento para a auto-suficiência, e desta para a monumentalidade? E sem se precisar recorrer a técnicos estrangeiros, a empréstimos do Exterior?!

— Concordo. Mas... e a inflação resultante?

— Não me leve para êsse lado. Tudo tem um prêço. E o pior prêço é aquêle de pagamento crônico. Mas há que admitir e confiar num futuro que já se prenuncia: o da vantagem que Brasília representa em estado potencial e talvez mesmo imediato. Vasta área ainda vazia, abandonada, estava à espera de integração na nacionalidade. Pergunto: Brasília a tal respeito não representa algo mais do que mero deslocamento, não virá a tornar-se uma irradiação?

— É claro. Já sabemos do nascimento de localidades marginais à Brasília-Belém e à Brasília-Acre. E é um fato o desenvolvimento das cidades-satélites.

— Mas eu iniciei a conversa querendo ater-me apenas a um fenômeno, e a êle temos que voltar após tantos circunlóquios. A reação de alguns moradores, mormente de altos funcionários. Trata-se dum sintoma.

— Aliás, somos médicos.

— Somos, mas não depreenda pelo que vou dizer que eu seja um psiquiatra, um psicanalista acostumado a fazer terapêutica de grupo. Observamos o entusiasmo de quantos assistiram à inauguração de Brasília. O entusiasmo dos visitantes que vinham testemunhar uma lenda tornar-se realidade exemplar. E o entusiasmo dos moradores adventícios que após tanto nervosismo a viam afinal realizada. Acabados os festejos, haja principiar do marco zero temporal. Eu vim para cá quando da inauguração. Não sou dos deputados que vivem em vaivéns. A tal respeito tenho até abandonado de certa maneira o meu eleitorado, muito embora a razão da minha ausência de ao

pé dêle provenha de estar trabalhando aqui para êle. Nas horas vagas, atraído como médico por certos sintomas, os venho estudando ou pelo menos observando. A minha cobaia é o funcionário público. Ou melhor, aquêle tipo de gente que foi transferida para cá mas não em condições de excepcionais vantagens. Que largou os seus bairros, residências, relações, comodidades, parentes, amigos, dentista, médico, fornecedor, banho de mar, ônibus, paisagem, o seu caso lírico, precisou tomar providências, se acomodou em quadra que nem sempre preferiu, em apartamento que não escolheu, em atmosfera e em região onde não nasceu, onde não cresceu, tendo que preencher os seus dias com as horas do expediente burocrático, tendo que se sodalidarizar com seus semelhantes também êstes em idênticas ou piores conjunturas.

— Mesmo nós trabalhamos numa espécie de cenário fechado. Às vêzes tenho a impressão de estar num transatlântico, ou mesmo numa sala de congresso no Exterior.

— Eu não faço a apologia do Rio, nem de São Paulo. Muito menos de qualquer capital clássica, isto é, histórica. Tôda metrópole cada vez mais se torna um caos. A superpopulação, o congestionamento, as distâncias, a luta pela vida, a concorrência, os malogros, os dramas, tudo isso faz do cidadão de hoje um ente chocado. Mas também por Brasília ser ainda o oposto de tudo quanto enumerei sumàriamente, não lhe vou fazer às cegas o elogio, muito embora aqui estejamos em condições infinitamente melhores. Porque se há doenças mentais resultantes daqueles conglomerados causadores de *stress*, também as há resultantes de suas súbitas retiradas, de suas antinomias. Retira-se uma ave, um bicho do seu habitat, melhora-se-lhe a situação de higiene e alimento, e no entretanto êle definha. Em Brasília há uma epidemia de *caffard*, dando-se a esta palavra o seu sentido vero. Éramos afinal de contas atores, personagens, comparsas, representávamos, no cenário habitual onde trabalhávamos, uma comédia pirandeliana, sendo ao mesmo tempo, cada um de nós um, nenhum e cem mil. A grande metrópole multiplicava-nos. Mas em outro cenário, aqui, a nossa *troupe* funcionando fora da nossa escola habitual, não nos sentimos interpretando Ionesco, Kafka? O elenco não se atrapalha?

— Muito bem comparado.

— Se há doenças resultantes do ruído, do torvelinho, do paroxismo, também há doenças resultantes do silêncio, do marasmo, da sedimentação. E se o morador de Brasília continua a ir ao Rio e logo precisa voltar, se adia a data, se isso lhe cria escrúpulos de consciência a sua carga de desordens será dupla por causa dos desajustamentos em gangorra, por causa das ambivalências funestas. Digo Rio em tese. Como poderia dizer São Paulo, Salvador, Curitiba. Aqui que ninguém nos ouve, o caso, por exemplo de Jânio. Antes de vir para cá, quando talvez jamais sonhasse com tal hipótese, à medida que êle foi passando de vereador a deputado, de deputado a prefeito, de prefeito a governador, de caspento e mal ajambrado a eventual elegante, de introspectivo a desenvolto, de acessível a autoritário, de demagogo a severo, claro é que tudo isso significava mutações ou mesmo aperfeiçoamentos de personalidade. A sua propulsão, primeiro com óleo bruto e depois com óleo refinado, o levou depressa ao auge, num fenômeno raro de moderno bonapartismo. Ora, pergunto, porque foi que êle não se manteve em órbita?

— Os psiquiatras falam muito em neurose de situação e em psicose de reação.

— Pois bem, a meu ver, Jânio sofreu aqui em Brasília um choque severo. Como civil que mudara de situações subindo, conseguiu transfigurar-se, virar fisicamente outra pessoa, metido em boas casemiras, dando-se ao desfrute... corrijamos esta palavra... dando-se aos lazeres de até inventar um pijama...

— ...um pijânio, gracejava o povo.

— ...um dólmã de trabalho, aliás muito funcional, que o tornava ainda mais moço e mais democrático. Mas, ao se ver e se sentir criticado em piadas e caricaturas, passou a bem dizer a perseguir por sentir-se perseguido, e investiu até contra os trajes de banho, quanto mais contra os gastos da construção de Brasília. Como autoridade, alçando-se espetacularmente ao poder central, transferiu-se para o palácio da Alvorada, durante cujos despachos êle, de origem plebéia, fazia ministros de alta linhagem mofarem horas na sala de espera. Não há dúvida que estranhou. Não o poder, não a glória; mas o local. Dar-se-ia bem no palácio do Catete, mesmo no das Laranjeiras,

no do Rio Negro, como até no Elysée. Porque afinal de contas fôra para tais recintos que êle se preparara com desenvoltura assimilando depressa protocolos e os amolgando à sua vontade. Mas Brasília era algo novo. O Alvorada era algo nôvo. O tipo do recinto artificial, cuja atmosfera misteriosa lhe criou o sintoma também misterioso da nostalgia, do *caffard;* isto é, não da saudade do alhures, mas da alergia ao novo habitat. Êle começou a estranhar a realidade de redoma, que o abafava, que de humano o tornava empalhado. Hoje estou convencido de que êsse homem singularíssimo, que parecia estar fatalizado para algo histórico em estado lúdico, não resignaria em absoluto por qualquer melindre e nem mesmo diante de quaisquer impasses. Em absoluto. Reagiria dando até mesmo um golpe caso fôsse preciso e, sobretudo, caso pudesse refletir normalmente. Mas o estado alérgico, que nêle atuou como algo sufocante a pedir uma traqueotomia para respirar, o fêz safar-se de Brasília, do Palácio do Planalto, do palácio da Alvorada. Subiu tão alto que se marginalizou. — Mas Castro Meira sorriu ao acrescentar. — Contudo, não estou dizendo que êle se desintegrou.

Às vêzes é do seu próprio apartamento que Maia Guimarães observa lá fora o fenômeno que o vem interessando; mais geralmente, porém, é quando sai que encontra ensejos para ir estabelecendo aos poucos uma estatística — êsse processo de comprovantes aplicado até mesmo às exceções.

Da janela do bloco onde reside, o seu olhar abrange lá em baixo um trecho da rua da Igrejinha, trecho êsse movimentado por ser também comercial.

Desde muito tempo, pelo menos desde que se generalizou o desenho caricatural, sabemos que a humanidade apresenta fisionomias as mais variadas mas que de relance se parecem com as dos bichos também. Um sujeito lembra um leão; outro, um camelo; aquêle, uma girafa; êste, uma rapôsa. Mas as pessoas que êle vem observando lhe lembram umas determinado bicho e outras algo que êle ainda não conseguiu substantivar. E, nos dois casos, não por analogias formais e sim por outras afinidades. As deduções do Dr. Maia Guimarães são sistematizadas. Por

exemplo, no primeiro caso, há bichos tristes? Há. O boi, por exemplo. Há bichos alegres? Há. O passarinho, mesmo engaiolado. Mas o bicho, ou melhor no plural os bichos que lhe serviram de paradigma para a sua tábua analógica são bichos que se desnortearam por um motivo extra, motivo êsse que lhes lavrou uma sentença de vítimas tornando-os além disso avisos, advertências, clamores e apelos, para escarmento da humanidade.

Pois de súbito uma anti-lei lhes prejudicou por completo o teor de vida lançando-os no limiar da morte e enquanto isso lhes profanando a essência específica.

São (ou melhor, eram) bichos que tinham nascido com uma carapaça forte; portanto, garantidos. Em caso de perigo se esconderiam em baixo ou dentro da carapaça, entre a concha e o peitilho. Eram bichos que tinham uma pele grossa, rija; uma pele antiquíssima, batida por longínquos sóis, aquela pele enrugada dos macróbios. Ora, não é uma vantagem ter a pele assim? Outra regalia dos tais bichos era a possibilidade de retração de suas partes nobres, de seus membros; até a cabeça êles podiam esconder, pôr a salvo.

Conquanto pétreos, quitinosos, quais blocos minerais pesando arráteis, tais bichos nadavam que era uma beleza, dispunham como pátria do cosmopolitismo dos mares, da vasta e sempre reversível liberdade marítima, muito embora a pátria original mesmo dêles fôssem as ilhas Galápagos, espécie de fivela do Equador, em cujo reino encantado, melvilliano, as primeiras colônias se mancomunaram para as aventuras dos périplos pelos três oceanos.

Com seus olhos de feiticeiros de tribos, olhos celestiais entre pálpebras encarquilhadas, tais bichos viam as águas verdes e azuis, de todos os pélagos, a fauna e a flora, os tesouros e os mistérios estagnados ou de quando em quando revoltos de todos os naufrágios. Com o senso da curiosidade e da opção, tais bichos lá uma vez ou outra enjoavam das águas e preferiam a terra. Natural, o mundo é de todos. Então, tais bichos irrompiam em litorais. Que dunas! Que desembocaduras! Que penhascos! Que coqueirais! Que estuários! Que aluviões! Que poças de água para o reflexo íntegro da lua alta!

Ora, se tais bichos vivem, claro é que se reproduzem, que se amam. Lógico, pois então! E escolhiam os sítios

mais lindos, e ali desovavam. O sol, fonte vital, aceitava o compromisso, o prazer de criar novas gerações na área demarcada pelos capitaris. Tempos depois, ninhadas curiosas, lépidas, saíam dum desvão de areias, rumavam para as águas, arriscavam-se a exercícios primeiro, a travessias depois. Em diferentes níveis; ora quase na superfície, ora quase no fundo.

Desde antes dos milênios pré-históricos, desde eras em que o mundo era diferente como geografia, tais bichos já dispunham da gratuidade das águas e das terras, e pela certa jamais acabarão.

Se o Criador lhes conferia determinada finalidade, disso não cuidava o Prof. Maia Guimarães. Bastava-lhe reconhecer o direito à vida que tais bichos tinham com imensas facilidades. E a razão que predeterminara meios para tais bichos irromperem dava a supor que não eram sêres supérfluos, mas tinham um destino, uma certa missão. O privilégio anfíbio, êsse então, mais do que todos, evidenciava em tais bichos prerrogativas que nem mesmo nós, os homens, possuímos. Ora o mar, ora a terra. Ora êste continente tropical, ora aquêle arquipélago boreal.

Não a esmo. Por escolha consciente. Por amor. Por um querer bem ao mundo. Por isso, os quelônios francos, imbricados e quelídeos, uns até com dois metros de comprimento e meia tonelada de pêso, com suas diferenciadas famílias, com suas duzentas e uma espécies, desde a imensa matamatá até o esperto jabotizinho, sempre interessaram teòricamente o Prof. Maia Guimarães que, numa aula maior no Anfiteatro dos Dois Candangos, a convite da Universidade, discorreu uma vez sôbre êles no curso de Biologia e de Geo-Ciências. Soube empolgar os alunos descrevendo a vida das tartarugas marinhas em regatas infindáveis entre os marsuínos e as focas, banqueteando-se com peixes, plactrons e algas pelas alturas do Paralelo 35 rente ao Japão, regatas que só findavam dispersadas violentamente pelos elefantes marinhos, pelos matadores (os tubarões), fazendo os campeões se refugiarem depressa nas praias e *rookeries*. . .

Contudo, além dêsses percalços, ùltimamente apareceram outros. Não opostos pela Natureza nem pela Providência. Mas, pelos homens. Pelos cientistas a serviço de

Estados-Maiores, dos que preparam guerras entre os homens, entre as nações, estabelecendo migrações para o Nada.

Experiências. O cogumelo atômico. A tromba sacrílega aspirando o mar, esvaziando-o e devolvendo-o em borrifos contaminados.

Sim, morreu muito peixe, muito pinípede, muito quelônio. Arrebentado? Estraçalhado? Não. Desintegrado. Aos milhões. Mas, como era experiência apenas, como não era o fim categórico ainda, a bem dizer, apesar de tudo, o mundo continuou aparentemente íntegro. Só que naquela região estêve proibido, durante semanas, navegar, voar, pescar, nadar. Fichas, dentro de arquivos, sintetizavam, em código, em itens secretos, certas verificações. Ou averiguações.

Sobraram bichos daquela região; daquelas bandas; daquela zona de pesquisas. Continuaram a viver. Continuariam a viver. Até outra experiência, após a qual, outros bichos por sua vez continuariam ainda a existir.

Agora Maia Guimarães se lembrava muito bem, com bastante lucidez, conduzindo os seus pensamentos para um rumo de síntese.

As tartarugas. Aquêles bichos macróbios, anteriores ao Homem e à História, anteriores às Religiões e às Ciências, acaso os vira êle alguma vez num viveiro, num museu? Não. A sua ordem de pensamentos ali na janela decorria tanto da semelhança que achava entre certa gente de Brasília e as tartarugas como, principalmente, da única vez em que as vira. Aliás, nunca estivera perto delas para observá-las. Havia sido no cinema.

Filme de ficção, ou de documentário?

De documentário, sim.

Da vida, dos costumes, da eterna disponibilidade das tartarugas? Dos seus passeios a esmo, isolados ou coletivos? Não. Apenas um documentário da desgraça de certas tartarugas. Das tartarugas remanescentes da tal experiência atômica. Do martírio que elas passaram a sofrer fora do seu habitat, ou então nesse mesmo habitat envenenado pela poalha radioativa.

Excluindo, naturalmente, aquelas cujas carapaças, cujos peitilhos, cuja pele rija, cujo coração se tinham desintegrado, o filme só tratava, só surpreendia, só acompanhava a agonia, o estado de coma, de perdição, de atarantamento das que haviam ou sobrevivido no próprio local ou que se tinham mudado para alhures isto é, para ali. Eram poucas, naquela duna. Bem, duna pròpriamente não era, não seria com exatidão o local onde essas poucas tartarugas se achavam.

Era o quê, então?

Um deserto longe do mar. Ou melhor, um oásis. Um belo oásis.

Meia dúzia, se tanto, de tartarugas desnorteadas, sobreviventes, andavam para cá, para lá, para a frente, para trás, de lado, em reta, em viés, procurando o mar.

Mas, ó criaturas, o mar não fica para aí! O mar ficou lá para trás, a milhas, a léguas!

Estavam perdidas, extraviadas, desde meses. Ou anos? E, em que estado físico!

Podia-se declarar que já nem eram tartarugas; restava quase só a carapaça. Dir-se-ia que cada uma era um escudo de guerreiro com o corpo todo do guerreiro encolhido ali como medusa, como mingau de ostras. E paradoxalmente, um ex-corpo ainda vivo.

A observação de semelhante estado teria que durar. Por certo o operador cinematográfico esperava havia meses, esperaria mais outros, de vez em quando batendo um instantâneo, para registrar a evolução (Leia-se, involução).

Fôrmas metálicas, sulfúricas, nitrosas, espécie de vasilhames de tribos selvagens. Ali, inertes. Em marasmo. Em coma.

Bichos da terra, do ar, enfim feras, aves, faralopes, cormorões, gaivotas, caranguejos, filhotes de focas, as rodeiam, aproximam-se, avançam, sentem mêdo, recuam, logo se tomam de coragem maldosa, querem os olhos, as amêndoas, aquelas espécies de azeitonas dos olhos das tartarugas. Uma bicada. Outra bicada. Uma investida. Outra investida. Um ôlho sai, dependurado no bico duma gaivota; parece um testículo; parece uma vesícula.

Isso de operador cinematográfico, parte duma equipe de cientistas, tem que ser paciente. Aguardar. Testemunhar. Registrar. Para fazer a ficha. Para estabelecer a estatística.

É o que tem feito, é como tem procedido o Prof. Maia Guimarães.

Gradualmente êle observa, repara, anota, para chegar a conclusões sôbre o drama pessoal e coletivo dos Veteranos da Marginalidade, sôbre os casos dos homens-tartarugas.

Assim como Darwin e Wallace, durante a viagem científica do Beagle em redor do mundo, permaneceram bastante tempo nas ilhas Galápagos para estudar as influências insulares na vida e no comportamento dos animais, agora Maia Guimarães durante a atual legislatura aproveitava algumas horas para estudar o influxo daquela cidade sôbre certas índoles. Sua mulher achava até que era mania aquêle seu feitio atento a certas pessoas no aeroporto, na estação rodoviária, no ônibus circular, no super-mercado da SAB e até mesmo no Clube dos Congressistas à beira-lago.

O outro tipo esquisito é o da pessoa que em Brasília mudou radicalmente de temperamento tornando-se soturna. Casos de melancolia, ansiedade, angústia. Andando, parecem boiar; mesmo paradas, trabalhando, parecem girar inclusas dentro dum círculo, assim envôltas em apreensões, como se em conseqüência de tanto pensamento, tanto raciocínio, êstes saíssem de seus cérebros, e assim deiscentes virassem atmosferas, anéis. São, soturnamente, outros tantos minúsculos Saturnos.

Portanto, homens quelônios, e homens Saturnos...

Êle lembra-se que, no filme, as tartarugas se achavam em estado calamitoso. Uma até morrera, era um cadáver metálico, repentinamente mumificado. Outras ainda viviam. Isso é vida? Estavam viradas de costas, ao contrário, mexiam com as patas, umas patas obscenas que pareciam quatro órgãos genitais masculinos, enquanto os seus olhos encaravam o céu supondo que êle fôsse o mar. Só os cérebros, naquelas cabeças cervicais, ainda funcionavam. Que recordações, que saudades antípodas não sentiriam tais tartarugas que tanto haviam viajado! Uma fôrça destruidora modificara o meio propício em que elas viviam, ou as jogara à distância, numa ambiência que não era o mar nem o deserto mas o alhures, essa vaga amplidão que contudo não passava duma situação-limite para quem conhecera o ilimitado profundo.

Êle pensa em tudo isso. Depois começa a ler os jornais. Um dêles traz êste comentário negativista, boicotador:

> *A verdade é que Brasília vai mesmo fechar. Com o recesso agora do Parlamento, ela vai transformar-se na mais cara e na mais suntuosa cidade-fantasma do mundo.*

O deputado amarfanha a fôlha do jornal, joga-a no chão. Mas continua a pensar.

Êle não era um veterano de Brasília. Na qualidade de deputado por São Paulo, transferira-se nos primeiros dias de abril de 60. Primeiro viera sòzinho, para saber pelo menos onde iria residir. O seu colega Rui Moreira, que superintendia a transferência do Congresso, estava alojando os deputados. Designou-lhe aquêle apartamento. Então, Maia Guimarães, munido da chave, voltara a São Paulo para embalar a sua mudança. Foi-lhe impossível conseguir transportar tudo duma vez. Voltou, acompanhado pela espôsa e pela criada, estêve um dia inteiro à procura do Rui Moreira, obteve a promessa de móveis provisórios, indispensáveis. Só durante as horas em que a mulher abria malas e caixotes e arranjava nos armários embutidos tudo quanto trouxera, sucedeu a coisa mais engraçada e irritante: de cinco em cinco minutos tocavam a campainha e surgia no diminuto vestíbulo um carregador com um colchão, e outro com uma cama de solteiro; mas os colchões eram para casal. Tivera que empilhar doze colchões e sete camas em dois quartos. Mas no dia 19 recomeçara a brincadeira anônima. Alguém tocava a campainha, iam atender rindo: "Será mais colchão, mais cama?" Era. Não adiantava discutir com os carregadores dizer que era engano. Largavam peça por peça na entrada, retiravam-se; automàticamente. Ainda assim, êle dava gorgetas por entre descomposturas inúteis.

E as refeições? Saíam para comer fora. Impossível. Lotados os restaurantes dos poucos hotéis; lotado o do aeroporto, lotadas as casas-de-pasto da Cidade Livre, lotadas as mesas do *Macumba* e do *Candango, do João do Frango*. Recurso: comer sanduíches, tomar café com biscoitos, passear no Kadewe para conhecer a cidade e os

arredores. A melhor distração era assistir, ao sol ou à chuva, ao enchimento da bacia do Paranoá, ver formar-se o lago, uma baía maior do que a Guanabara. Então, sim, Brasília tomava ordem até harmonizar-se de vez. Mas a inauguração ocasionara a convergência de 250.000 visitantes e a cidade virara uma quermesse. Apenas durante quatro dias; depois, a debandada e, de novo, a rotina da exceção nova mas já monótona. Apesar da boa vontade, que custo para habituar-se! Primeiro, o nervosismo em face do açodamento das obras urgentes mas ainda longe de serem finais. O trator imperava por tôda a parte.

Por enquanto, Brasília, que já custara vinte e seis bilhões de cruzeiros, tinha ar de cidade do interior. Apenas algumas escolas primárias, ginásio, internatos, 3 clubes, 2 lavanderias, 6 cabeleireiros, 30 farmácias, 35 agências bancárias, 5 agências automobilísticas, 15 restaurantes, 50 sapatarias, 2 mercados, 20 dentistas, 50 médicos, 5 hotéis, 5 buates, 17 campos de futebol, 25 troncos telefônicos. Durante a sua construção sofrera 944 casos de acidentes de trabalho, com apenas 1 mortal.

Juscelino fazia questão de deixar a cidade em tal progressão geométrica que ela permanecesse mesmo a capital irreversível do Brasil, e a sua política, cujos empreendimentos haviam dado ensejo a imensas promoções e publicidade, não era de orientação personalista.

Com o advento de Jânio ocorrera a paralização de tudo, o govêrno ordenara o balanço dos gastos anteriores, exigia inquéritos em cada repartição, via em todos os construtores réus e ricaços com a conivência de algumas autoridades, a ordem era apurar desvios de verbas, fechar a Cidade Livre, transferir-lhe o comércio para um trecho da Asa Norte do Plano Pilôto. E desencadeara-se a luta do Poder Executivo contra um Parlamento que só seria renovado mais tarde e, portanto, um Congresso "mancomunado" com o govêrno anterior.

Sete meses depois da posse, a surprêsa da renúncia. Logo, a ameaça duma revolução. A seguir, o sistema parlamentarista. A mudança freqüente do Primeiro Ministro e do Prefeito. A demagogia. A oposição. A inflação. Os Partidos.

Enquanto isso a cidade de concreto e vidro, habitada só por funcionários, ia apresentando como adenites, gânglios, a vergonha das favelas, predominando desde muito a chamada Vila Planalto e a Invasão do IAPI. Enfeiava-se relaxadamente aquêle corpo apolíneo, com infiltrações tipo Chicago, Calcutá, Bombaím e Rio. Geografia da fome e da miséria assediando a metrópole que contudo tinha um alto índice de vida. Trabalhando na Comissão de Saúde, indo raramente a São Paulo, Maia Guimarães, acostumado a preencher fichas, anotava pelo menos mentalmente os prós e os contras, os recuos e os avanços.

Passaram-se mais de dois anos. Brasília, agora em fase quase adulta no centro dum Distrito Federal já com 250.000 habitantes, tinha 17.000 residências, 28.000 funcionários, mais de 100 ônibus, 110 escolas primárias com 30.000 alunos, 72 escolas particulares, 11.000 telefones, 4 hospitais, 70.000 metros cúbicos de água, 36.000 quilowats de energia, 3 cinemas, 31 clubes recreativos, um estádio, uma catedral, um teatro e as alas da Universidade todos três ainda em construção, 4 estações de rádio, 3 de televisão, 2 jornais diários, 45 agências bancárias, 10.000 firmas comerciais, 600 indústrias. Num inquérito em 5.000 casas se verificou que pelo menos naquele conjunto visitado havia 4.500 aparelhos de rádio, 4.300 de televisão, 3.050 automóveis, 4.850 geladeiras.

Quanto a transportes, ligação com o Rio via Belo Horizonte, e com São Paulo via Goiânia, por estradas asfaltadas, constituindo o sistema rodoviário Centro-Sul. Para o Norte, a rodovia Brasília-Belém. Para o Nordeste, a Brasília-Fortaleza. Para o Oeste, a Brasília-Acre, já funcionando até Cuiabá. Quanto a estradas de ferro, os trilhos da Rêde Sul Mineira já se achavam a cem quilômetros adiante de Pires do Rio. As ligações aéreas faziam-se com o resto do país principalmente via Rio de Janeiro através duma ponte aérea com vários vôos diários, escalando alguns aviões em Belo Horizonte, estendendo-se outros até São Paulo, Salvador, Goiânia, Belém e Manaus. Por terra, ônibus diários para a Guanabara, São Paulo, Norte e Nordeste.

O Departamento de Telefones Urbanos e Interurbanos dispunha de sistema de microondas com 40 canais, permitindo 5.000 ligações por dia. Outro sistema, também de microondas, com terminal em São Paulo, já se achava em conclusão. Para o Sul e para o Nordeste funcionava

um equipamento de radiotelefonia em SSB, havendo ainda as estações de rádio dos ministérios militares, garantindo comunicações governamentais com qualquer parte do país.

No que dizia respeito a divertimentos, Brasília ainda era uma cidade insípida, com poucos cinemas no Plano Pilôto, 1 na Cidade Livre, outro em Gama e outro em Taguatinga. Recurso: programas de rádio e televisão. Buates, conferências, récitas, concertos, exposições no *Brasília Palace* e no *Nacional.*

A população escolar era de 50.000 estudantes, desde os jardins de infância até a Universidade. Esta, criada em 62, com seus prédios já em construção em área definitiva e com recursos inclusive financeiros, funcionava com 8 Institutos que serviam a 2.000 alunos.

Com relação aos serviços públicos, o planejamento preparara uma infra-estrutura capaz de suportar o dôbro das instalações. A usina de tratamento de água tinha reservatórios para milhões de litros. O fornecimento de energia elétrica já estava normalizado. A rêde de esgotos, pelo menos na Asa Sul, era perfeita, havendo ainda a usina de industrialização dos detritos.

Sem falar na grande percentagem de carros particulares (30.000), existia o transporte coletivo urbano e suburbano; gratuito, no trecho Estação Rodoviária-Praça dos Três Poderes. E o aspecto nos pontos de parada bem como a passagem dos ônibus com suas tabuletas JK-W3, Rodoviária-W-3, Norte-Sul-W-3, Sobradinho, Gama, Taguatinga, etc., davam impressão de movimento e de tráfego numa cidade de pistas tão largas e extensas que, mesmo assim, a perspectiva de ponta a ponta ainda era de solidão.

Quanto ao abastecimento, sabe-se que não há capital nem metrópole que sejam autosuficientes. No caso de Brasília, o leite vinha das bacias de Minas e Goiás; a carne, que no princípio chegava até de Santa Catarina, agora já era fornecida por frigoríficos locais que se abasteciam em Goiás mesmo; os cereais procediam das imediações, dando a esta expressão sentido bastante lato.

Maia Guimarães interessava-se por tudo isso não só como deputado mas também como médico. Confessava a si mesmo que no princípio estranhara bastante aquêle novo teor de vida e a mudança duma cidade tipo megalópolis como São Paulo para uma capital que era como uma mulher muito bem ataviada e com excelente dote mas involuntàriamente ainda celibatária, abandonada pela administração.

Nas rodas do Congresso as críticas cruzavam-se:

— Os serviços públicos acham-se numa balbúrdia incrível. Ministérios, repartições, vivem desertos, os raros funcionários não têm o que fazer, são meros informantes com uma só frase para cada comitente: "O Ministro foi para o Rio. O seu papel não veio ainda. E quando vier terá que passar por muitos trâmites antes de ser despachado".

Outro deputado imita a displicente sem-cerimônia dum chefe de seção:

— "O Ministro? Ora, nenhum dêles permanece aqui mais duma semana, se tanto. Mas os senhores também, vamos e venhamos, vivem em Brasília terça, quarta e quinta: e passam no Rio sexta-feira, sábado, domingo e segunda, não é mesmo, seu doutor? Dos 66 senadores e 409 deputados apenas 82 têm residência aqui, o que não quer dizer que vivam aqui. Submetem-se a constante desgaste físico e mental, indo e vindo de avião. Quanto às repartições, por enquanto o que vemos é atraso dos processos, triplicação pelo menos das despesas do comitente".

Outro funcionário, aliás um bedel, usa o recurso de elogiar e criticar, fazendo-o em gíria:

— Pé de boi mesmo é o Supremo. Verdade é que os ministros residem em mansões à beira do lago, do lado de lá.

Êle, Maia Guimarães, sabia muito bem que o Supremo Tribunal Federal e o Tribunal Federal de Recursos conseguiam, em meio àquela inércia, recordes de pareceres, julgamentos e acórdãos. Mas um deputado lhe provara durante uma viagem de avião esta coisa paradoxal que contudo parecia ter laivos de fundamento:

— No Rio, morando em bairros, estávamos acostumados à rotina: banho de mar, leitura de jornais, programas de rádio e televisão, almôço, ônibus, sessão, conversa, votação, rua, passeio, café, confeitaria, porta do *Clube de Engenharia,* sorvete na *Colombo,* taxi para casa, jantar, cinema, pif-paf, uísque, cama. Não se pensava na coisa pública, agia-se como autômatos. Agora viajamos, vamos,

voltamos, temos tempo para pensar no avião, para conversar em grupos, debater, combinar. E, uma vez em Brasília, nos dedicamos aos assuntos em pauta, trabalhamos, pensando que só disporemos de três dias. E assim instituímos um senso de maior responsabilidade e desenvoltura, estabelecemos um regime "congressual". Você não acha, Maia, que nos tornamos expeditos, ubíquos? Antes, parasitávamos no Rio; agora, neste vaivém, vemos diante de nós a extensão, a profundidade do país, recebemos de sua paisagem um impacto constante, raciocinamos olhando lá para baixo, um colega muda de lugar, senta-se ao nosso lado e põe-nos ao corrente disto, daquilo, instiga-nos, nós o instigamos, e tudo segue em compasso de hélices!

— Sim, até certo ponto concordo. A nossa visão ampliou-se. Mas, e o expediente nas repartições? E a situação das partes que vêem os seus interêsses retardados, postos à margem? E as despesas?

Amauri invade de viés aquela nesga da área comercial do aeroporto, passa por baixo da asa dum avião da Panair, entre a hélice e a jamanta que o reabastece, entra no edifício, atravessa-o trauteando:

Tres morillas me enamoran
en Jaén:
Axa, Fátima y Marién.

Vai tão depressa que quase esbarra numa aeromoça que reajeitando o boné lhe pergunta:

— Que é que está cantarolando assim tão alegre, tenente?

Passa por um grupo de colegas que o chamam pelo nome, o abraçam.

— Quem vai para Ipanema? Eu levo.

Ninguém se mexe, à espera de que Aurélio acabe uma história; mas logo depois quatro o acompanham continuando o assunto que os agrupara. Atravessam a praça até o monumento de Santos Dumont, enchem-lhe o carro que logo parte em velocidade proibida. O major Câmara conta:

— Consumiram-se quinhentas garrafas de uísque e doze mil de água mineral, mil e duzentos filés, mil e quinhentas pescadinhas; mil e duzentos melões; sessenta mil churrasquinhos; sessenta mil sanduíches. E quarenta mil doces.

— Que memória de *maître d'hôtel* que você tem! — zomba o Franqueira.

— Faltam ainda as notícias policiais: dos vinte e quatro mil talheres, desapareceram só cinco por cento; dos oito mil copos, só se quebraram vinte por cento. — E virando-se para o Enéias: — Cheguei à conclusão de que môlho tártaro não vai com *pointes d'arpèges* e vice-versa.

— De que é que vocês estão falando? — perguntou Amauri.

— Dos bailes carnavalescos dêste ano. O Rio disparou no melhor carnaval dos últimos anos. O baile do *Municipal* bateu todos os recordes; em freqüência, em luxo, em farra.

Enéias comenta:

— Pudera! Com um chamariz como a Rita Hayworth!

— Que nada, uma insossa.

— Muita bebida?

— Como água, apesar dos preços. Champanha francês, cinco mil quinhentos a garrafa; uísque, seis mil; água mineral, sessenta.

— Como foi que vocês se arranjaram com êsses preços?

— No bufê a dose de uísque custava trezentos e cincoenta.

— Dançaram muito?

— Ora, no carnaval o que impera é o pula-pula e o agarra-agarra. O coronel Ardovino só não consentiu em *strip tease*.

— Muita gente?

— Umas oito mil e quinhentas pessoas.

— Ingresso caro?

— Nada mais nada menos do que seis mil cruzeiros.

— Qual foi a marcha da noite?

— "Garôta de Saint-Tropez", de João de Barros.

— E o samba?

— "Oba", do bloco Bafo da Onça, de Catumbi.

— Fantasias vencedoras?

— Josefina. Luluzinha. Guarda do Rei. Etc. Folclore Brasileiro.

— Êsse negócio de fantasia cara e luxuosa no carnaval, eu acho mentalidade de africano que quer sublimar em ilusão de Versalhes o complexo da selva. Tinha fantasia lá que só em pedras, rendas e bordados valia dois milhões de cruzeiros.

— Por isso não fui — declarou Amauri. — Detesto essa historiada de veludo, cetim, pelica, filigrana, *pailleté*. Dei-me que nem peixe na água lá no baile do *Iate*. Raquel e Lia combinaram com as amigas: "Para nós, brotos e ex-brotos, fantasia única, de havaiana, com o umbigo de fora".

Largou-os na Avenida, rente à calçada do Monroe, e prosseguiu.

Êle já devia ter voltado para Brasília, porém estava protelando porque as Abranches se achavam no Rio em licença-prêmio. Programa completo. Rio integral. Cidade e paisagem.

Praia, calçada, galeria, piloti, avenida, estrada, subúrbio, arrabalde, bairro, centro, vitrina, confeitaria, lojas, museu, cinema, teatro, praça, arranha-céu, bonde, ônibus, postes de parada, postos de banho, morro, favela, samba, matas, parasitas, orquídeas, dança, disco, rádio, televisão, revistas, jornais, visitas, banhos de mar, amigas, conhecidos, perfumes, sorvete, água-de-côco, planador, iate, piscina, areia, sol, sofá, abajur, bebida, ressaca, farra, sono.

Elas conhecem o Rio desde que nasceram. Isaura levava as duas num único carrinho de molas e tôldos, primeiro, para debaixo dos oitizeiros da Praça Saens Peña, mais tarde para debaixo das amendoeiras do Jardim de Alá. A mãe levava-as à missa. Primeiro, na igreja de Santo Afonso, tempos depois, na igreja de Nossa Senhora da Paz. Tijuca e Ipanema. Tinham aprendido a nadar e a gostar da natureza em Copacabana, Ipanema, Leblon e Paquetá. Incontáveis os passeios que na fase juvenil haviam feito com a família. Não só pelo eterno percurso do litoral, inclusive o Leme, Praia Vermelha, Botafogo, Flamengo e vice-versa, como também, já na adolescência, até Sernambetiba, Jacarepaguá, Tijuca, Sumaré, Vista Chinesa, Furnas. Nas estradas do Redentor e do Pica-Pau, compravam cachos de bananas, imensas jacas. Agora, durante a licença-prêmio, com Amauri e mais Aldobrandini, da Alitalia, que se tornara amigo também de gente da FAB; não arranjou nada com as duas jovens de Brasília, nem pretendeu, contudo as ensinou, melhor do que Amauri, a se reintegrarem na vida carioca.

O Rio antigo e o Rio contemporâneo. O Rio dos romancistas do Segundo Império e da República. De antigamente e de agora. O Rio de Machado de Assis e Raul Pompéia, de Aluízio Azevedo e Lima Barreto, de Enéias Ferraz e Arnaldo Tabaiá, de Marques Rebelo e Otávio de Faria, de José Geraldo Vieira e Gastão Cruls, de Mário Pederneiras e Vinícius de Morais. O Rio desde "Memórias dum Sargento de Milícias" e a "Moreninha" até o Rio de "Sob o Olhar Malicioso dos Trópicos" e "Território Humano". O Rio de Vieira Fazenda e Noel Rosa. De Debret e Di Cavalcanti. De Orestes Barbosa e Carmen Miranda.

O *roadster* conversível do almirante Martinho Higino (às ordens do neto muito embora êste só tivesse aparecido no Alto da Boa Vista para apropriar-se do automóvel) rodava pelo Rio... Se alguma das moças dizia: "Hoje estamos em busca dum restaurante singular, duma praia singular, duma paisagem bonita, Aldobrandini se danava.

— Singular, como? Tudo aqui é múltiplo, plural! Eu conheço os desvões de Salerno, Rapallo e Santa Margherita; conheço Marina di Mazza, Viareggio. Talvez ache parecida a praia de Pescara com a de Ipanema; a de Riccione com a do Leblon. Mas as praia de Lignano e Taormina não valem nada perto de Copacabana. E, palavra de honra, êste trecho aqui debaixo da Gávea, na Barra da Tijuca, só terá analogia com Arbatax.

Tanto falava em Arbatax que ficou com êsse apelido.

Se alguma delas, para mostrar conhecimento turístico-geográfico, aludia a Nápoles e a Constantinopla, quanto a baías e a enseadas, Aldobrandini dava um sôco na mesa do bar ou do restaurante:

— *Porca miseria! Per la Madona!* Não se comparam com a Guanabara.

Se lhe perguntavam como era a Côte de Azur, o Pas-

seio dos Inglêses em Nice, as imediações de Cannes, êle respondia desmerecendo tudo:

— Adequadas para Maeterlink, Sommerset Maughan, Dannunzio e Afonso XIII. Você duas, vocês os brasileiros, quando se darão conta da beleza que vai ficar a avenida Infante Dom Henrique, do efeito semicircular de Botafogo, Urca, Leme, Igrejinha?

Não havia meio de Arbatax querer ir conhecer Brasília.

— Sou duma região antiquíssima, o Lácio. Dificilmente me adapto à antitradição. Nisso de novidade urbanística e arquitetônica preferiria dar uma vista de olhos, isso mesmo por alto, em Hiroshima, só porque nós, aviadores, a arrasamos.

— Ouvi dizer que o zinho que jogou a bomba atômica em Hiroshima ficou gira, heim? Bem feito — disse Lia.

— Deu para escalar muros, roubar galinhas — gracejou Raquel.

— Disparates piores devem ter perpretado os anjos que arrasaram já não digo Sodoma e Gomorra mas Herculanum e Pompéia — deduziu Aldobradini.

Uma tarde as duas trouxeram fotografias de Brasília. Êle contemplou demoradamente uma por uma.

— Falta-lhe o humano, o pedestre. Sem falar na multidão.

— Isto aqui é a Catedral.

— Deveria ser mosteiro longitudinal para os frades seguidores do exemplo de São Simão, o Estelita. Templo é lugar para multidão disposta em naves. Como no Lácio a basílica di Castel Sant' Ilia; il duomo de Civitá Castellana; l'abbazia di S. Martino Al Cimino; a igreja di S. Flaviano a Monte Fiascone. Isto aqui é a tal Piazza dos Três Poderes? Prefiro ao palácio do Planalto il Castelo di Rocca Sinibalda; a estas duas tôrres anexas ao Parlamento, prefiro la Torre di Ninfa, ao palácio do Supremo, il Castello Orsini a Monterotondo. Isto é o Alvorada, não é? Gosto mais do Palazzo Papale di Viterbo. Mas essas ostras vêm, ou não vêm?

Certa noite, após copioso banquete porque Aldobandini voltava para a Itália, foram deixá-lo no Galeão. E de lá partiram a esmo.

— Temos estado em tudo quanto é lugar famoso do Rio; só não conhecemos Santa Tereza.

Entraram pela rua Santo Amaro acima, contornaram casarões, muros, barrancos e muralhas. Insuportáveis, sapecas, Lia e Raquel atrapalhavam Amauri, não o deixando dirigir direito nas curvas e subidas.

— Que diabo! Vocês precisam casar. Por que motivo uma de vocês não agarrou o Aldobrandini? Era um bom partido.

— Nós queremos é você. Mas você se excita em Brasília com a índia e depois descarrega para cima de nós.

— Não gosto destas brincadeiras.

— Por que razão nos trouxe então para êste matagal?

— Não foram vocês que pediram para ver Santa Teresa? Mas é bonito, não é?

Amauri parou o carro numa proeminência que parecia um promontório dando a pique sôbre o Rio Comprido. O segundo plano era a cidade tôda pontilhada de iluminação e o último plano era a Guanabara. O efeito espacial sugeria uma rêde fosforescente de pirilampos. Não havendo pròpriamente visibilidade, era como se tudo, perto e longe, ali em cima e lá em baixo, permanecesse ainda como no tempo de André Thévet. Ou como antes de haver a cidade. Pois as luzes da Light de repente se apagaram, e não havia luar.

Os três saltaram, foram debruçar-se quase na muralha. Aos poucos os acidentes próximos e a confusão distante formaram uma como que oportunidade ambiental, feita de treva e mistério. Amauri sentiu-se abraçado e beijado pelas duas e não sabia quem estava à sua direita, se Lia ou Raquel, e quem estava à sua esquerda, se Raquel ou Lia. Os abraços e os beijos, os apertos, os contatos, se sempre eram ambíguos, agora assumiam liberdades pecaminosas, criando a ambivalência sexualidade-sensualidade. Isso fê-lo lembrar-se dum soneto célebre de Alvarenga Peixoto, em que o poeta declarava ver-se numa conjuntura idêntica quanto ao sentimento de gostar de duas mulheres ao mesmo tempo e de ser amado por elas simultâneamente. Declamou-os, ora no ouvido de uma, ora no da outra.

As duas riam, apertavam-no.

Vem Destino, soltar-me dêstes laços;
Se fizeste dos dois um só semblante,
Divide então meu peito em dois pedaços.

— Mas é o nosso romance, o nosso caso! — sussurrou Raquel.

— Isto é, eu amaneirei agora. Aliás cada antologista copia e pontua duma forma para avivar mais o contraste e a coincidência.

— Nós duas também — disse uma delas. E ambas intensificaram os beijos, os abraços, as apalpadelas.

Sim, tinham caído dentro da rêde fosforescente, como três insetos. Permaneceram ali em desbragadas atitudes, engastados na sombra aveludada. Êle acabou ficando louco de excitação, as duas virgens queriam entregar-se, uma não se resignava a esperar que a outra terminasse ou interrompesse os afagos, quase o derrubavam. Mais do que nunca, apesar ou exatamente por causa da confusão, Amauri se compenetrava daquele sentimento esquisito, intenso, despertado sempre e agora mais do que nunca pelo fato de elas serem duas e, mais do que isso, gêmeas. Mas o que o excitava não era bem o fato de serem criaturas absolutamente iguais, nascidas no mesmo dia, quase na mesma hora e êle receber delas o consentimento e o incentivo de possuí-las, algo portanto equivalendo a uma aberração, e sim o fato de para êle serem uma só mulher mas apenas se alvoroçando com as duas e jamais com uma delas sòmente. Desvencilhou-se de ambas, agarrou Raquel pelas fontes, olhou-a bem de perto, beijou-lhe a bôca, os olhos, os seios, largou-a e ao agarrar do mesmo modo Lia pelas têmporas e beijá-la, palpá-la, não conseguiu estabelecer diferença nem nos rostos, nos cabelos, nos seios, nem muito menos ter noção de que uma estava à direita, a outra à esquerda, mas serem o mesmo rosto, o mesmo corpo, a mesma alma que êle, girando no ritmo do amplexo, deslocasse. Aplicou as duas de encontro à muralha, e primeiro aderiu a uma, logo passou a aderir à outra, e ambas já faziam menção de despir-se quando farfalhou qualquer coisa perto e os três largando-se, ouviram uma voz:

— O dinheiro! E as jóias!!

Nisto a eletricidade voltou, os lampiões distantes tor-

naram o cenário perceptível, ali e longe, como que estático, acentuando a muralha, a montanha, o vale, a rua em curva. E os três viram um facínora com uma faca na mão preparada para o golpe que, contudo, ainda era ameaça e expectativa.

— As jóias, suas sem-vergonhas! O dinheiro, seu pirata!

— Pois não — admitiu Amauri. — Meninas, tirem os anéis e entreguem.

— Nada disso. Não banque o esperto. Primeiro o dinheiro!

— Pois não. Para que é? Tem bastante. Dá para comprar um violão, um cavaquinho e um trombone. — Afastou as abas do paletó.

— Suspenda as mãos!

— A carteira está no bôlso de dentro. — Suspendeu para o ar os braços, em atitude de rendição. Mas quando o homem trocou a faca da mão direita para a esquerda a fim de mais fàcilmente retirar a carteira que de fato aparecia um pouco, Amauri desceu as mãos sôbre aquêle pulso fazendo cair a faca; contraiu-as como tenazes naquela garganta sentindo a laringe grossa, ôca e cartilaginosa, manteve-se assim apertando cada vez mais. As garôtas fugiram, mas não pela ladeira abaixo; uma suspendeu o bagageiro do *roadster* e outra pegou o macaco. Voltaram mas não tiveram coragem de fazer nada, porque Amauri torcia o homem fazendo-o quase ajoelhar-se, atento aos olhos esgazeados e aos repelões decrescentes.

O homem caiu de bruços e ao tentar erguer-se escorregou duas vêzes nisso o ajudando Amauri, com formidável série de pontapés. O salteador, assim aos trambolhões conseguiu pular o paredão na parte íngreme que era quase ao rés do calçamento e saltar lá para baixo.

Amauri pegou a faca e o macaco, largou os dois objetos no banco trazeiro. Os passos em carreira do fugitivo faziam ruídos cavos. E já não era o mesmo vozeirão de ainda agora que os três ouviram. Era uma frase violenta apenas no sentido:

— Tu me paga, côrno!...

Talvez devido àquêle acidente, os três se sentiam agora como que com remorsos. E por causa disso, como

evasão, tinham tratado de divertir-se o máximo durante o carnaval. Mas, descarregada assim tamanha tensão — que ora os tornava mais íntimos ora lacônicos — desde quarta-feira de cinzas, quando tiveram tempo e lucidez para de nôvo refletir, cada qual sentia na respectiva garganta uma espinha de peixe após tão lauto banquete (falando-se simbòlicamente, é claro). Pois dona Zulmira e dona Eusébia, de Brasília, amigas de Jaci e delas, tinham estado no baile de segunda-feira no *Iate*, e não tiravam os olhos dêles, sorrindo, com ambigüidade sempre que os três passavam de roldão perto da mesa familiar.

Conforme prometera ao avô, Amauri ia agora almoçar em casa, sem saber que desculpa arranjar por durante aquelas semanas de Rio só o haver visto uma vez, no começo. Não só pensava nisso como perguntava a si mesmo se as chefes de seção de departamentos da NOVACAP já teriam regressado a Brasília e lá contado tudo.

Encontrou na casa paterna o avô tomando banho de sol no terraço, estirado num cadeirão de madeira grossa, na "carreta de Vercingetórix percorrer as Três Gálias".

Ao entrar com a cabeça cheia de pensamentos e reprimendas, foi largar o dolmã no vestiário e olhou por acaso para as telas de Leroy e Bauch. Quase iguais, como um plágio. O Rio antigo. Raquel, quando freqüentava a residência da praia do Pepino, costumava dizer da primeira tela: "O meu retrato", provocando a irmã que redarguia logo colocando-se debaixo da outra: "O meu retrato." Lembrando-se disso agora, Amauri reconheceu haver certa verdade subjetiva, psicológica mesmo, nas duas asserções. Pois, como no caso de Raquel e Lia, parecidíssimas, havia naquelas duas pinturas (que o avô adquirira num antiquário de Viena) o mesmo tema essencial, isto é, a mesma paisagem, com diferenças mínimas: numa, um pouco mais de mata; noutra, um pouco mais de litoral. E certa diferença de luminosidade, uma sendo mais clara do que a outra.

Aquelas afirmativas, integrando-se cada uma num quadro ou integrando em si a paisagem, apresentavam certa validade. Só que eram afirmativas muitos agudas para nascerem de dois espíritos se não fúteis, longe disso! pelo menos não afeitos a tais sutilezas.

Durante a conversa agora com o avô, descobriu ser

da autoria dêle tal jôgo de palavras. Martinho Higino, de *short* e óculos pretos, a metade do corpo na sombra, a outra metade ao sol, abriu logo o assunto:

— Deixei recados em diversos telefones do Ministério e do Estado Maior explicando que o esperava sem falta aqui em casa de seus pais para o almôço. Motivo: querer vê-lo visto você andar sumido. Mas a razão é outra e de certo modo grave e urgente. É verdade que você andou dando espetáculos desde sábado à noite até a madrugada de quarta-feira, no *Iate*, com as gêmeas Abranches? — E sem esperar resposta: — Saracotear desabridamente, perder a tramontana, fruir ao máximo o carnaval, descompor-se a ponto de chamar a atenção dos demais, é compreensível. Trata-se de festa pagã e por conseguinte sem protocolo. Mas destacar-se, beber até a embriaguez, constituir o "número um da função" e assim contrapor-se aos demais é uma exorbitância mais do que leviana, quase acapadoçada. Admitamos que quase todos estivessem como você, estabelecendo-se assim a impossibilidade de poderem lhe atirar a primeira pedra. Mas você tem uma carreira pública, devendo o seu lado civil zelar pelo lado militar e vice-versa. Todavia, voando, você mantém a cabeça em terra firme, ao passo que em terra tem a cabeça no ar. Quando foi designado membro do Grupo de Trabalho para a Transferência dos Serviços Federais acabara de ser promovido a primeiro-tenente. Acaso espera mofar em Brasília na Base Aérea? Já não é tempo de pensar num curso no Estado Maior, numa comissão que lhe aumente e lhe melhore a fôlha de serviços?

Amauri deu de ombros.

— Devido ao seu estágio em Brasília, você tomou as gêmeas Abranches como imagens sucedaneas do Rio, uma representando a metade florestal, a outra a metade litorânea. Foi o que certa ocasião eu disse a elas dispondo uma debaixo da tela de Leroy e a outra debaixo da de Bauch. Afinal essas môças são duas e você é um só. Mas, sendo gêmeas, nasceram juntas como as duas metades do Rio. Com a sua permanência no Planalto, a bem dizer se foi dissolvendo o antigo grupo que freqüentava esta casa aqui a beira-mar e a minha no Alto da Boa Vista. Muito compreensível. Mas sempre que você vem ao Rio, o que aliás coincidiu desta vez com a vinda das Abranches,

embora não apareçam lá na chácara, não me faltam recursos para observá-los. Fico atento, mas até hoje não consigo entender essa tendência anômala, nem mesmo a estudando psicanalìticamente. Positivamente não se trata de amor. Também não deve ser uma aberração. Que houve por causa das gêmeas uma rutura de você com a sua antiga roda carioca, houve. Ainda na semana passada o grupo, que apesar de tudo nos freqüenta, escalara os locais de divertimento carnavalesco. Para sábado, o *Caiçaras;* para domingo, o *Anhangá;* para segunda, o *Floresta;* para terça, o *Costa do Sol.* Porventura você apareceu em qualquer dêsses clubes? Sumiu e foi dar espetáculo no *Iate.*

— Isso é sermão encomendado por papai?

— Nem por seu pai nem por sua mãe.

— Por algum brigadeiro?

— Tampouco.

Amauri estendeu-se na outra pesada e grossa "carreta de Vercingetórix", e ficou em displicente posição de acessibilidade. O avô perguntou-lhe, tirando os óculos e esfregando as pálpebras:

— Não quer que eu, valendo-me do meu relativo influxo "anfíbio", isto é de almirante filho de almirante e avô dum aviador, lhe arranje um lugar na Comissão de Compras da Aeronáutica em Washington, o que equivale a dizer também em Nova York, portos do Atlântico e do Pacífico, fábricas de montagem no Centro, campos de provas no Sul? Ao voltar daí a um, dois anos, faria o curso do Estado-Maior.

Amauri deu de ombros, mas sem desdém nem resignação.

— Então, antes que seu pai chegue, entremos no assunto crucial. Recebi telefonema na quarta-feira de cinzas à noite, da sra. Abranches pedindo para falar comigo com urgência e em particular. Marquei encontro para quinta-feira às três horas na Mapoteca do Itamarati. É uma senhora distinta, ponderada. Não fêz queixa de você. Jogou a culpa tôda para cima das filhas. Disse-me que elas já no domingo de madrugada chegaram a casa literalmente bêbadas, e que da janela do apartamento se certificou que foi você que as trouxera no *roadster*, o meu *roadster*, ainda por cima. Uma das filhas largada, tonta, quase caindo; por sinal que vomitou na banheira (estou dizendo banheira e não banheiro) e emporcalhou a fantasia de havaiana. A outra aos pinotes, cantando samba, tôda enrolada em serpentinas. Que idêntico quadro, só que quase ao amanhecer, se repetiu nas madrugadas de segunda e terça-feira, com o aparecimento também duma tal Orminda; que as três dormiram o dia inteiro, só acordaram às onze horas da noite. Então se banharam, se perfumaram, se vestiram de personagens de Gauguin e saíram, como se ela, a mãe, falando, falando... fôsse mero robô com um alto-falante nas guelras. Que ao raiar da quarta-feira as duas apareceram cheias de grãos de areia nas roupas, nos cabelos, nas pernas, nos ombros, nos braços, literalmente embriagadas. Uma caiu no vestíbulo e não houve fôrças nem braços que a soerguessem, de tão mole e tão pesada. A outra foi mais condescendente, pois ferrou num sono de pedra no chão porém mais para dentro, entre a sala e o quarto.

Amauri, ouvindo, prestava atenção no oceano, na côr verde cobalto, cinábrio, cádmio e esmeralda das vagas que, até elas, investiam contra a sua falta de juízo. Martinho Higino continuou, já de óculos pretos outra vez:

— Em suma, a sra. Abranches me pediu encarecidamente para ajudá-la a arranjar a transferência das filhas aqui para o Rio onde não seria difícil conseguir lugar tanto no IPASE, no SAMDU, como no IAPTEC. Pelo menos enquanto não se efetiva a mudança do Ministério da Fazenda (onde ela é funcionária) para Brasília. Receia que longe dela, as filhas se percam. Prometi-lhe estudar o caso com muita atenção. E, de maneira indireta, cheguei a deixar subentendido que eu a ajudaria até mesmo noutro sentido, isto é obtendo a nomeação de você para o estrangeiro. Portanto, Amauri, reflita, coopere comigo e com seus pais (sim, êles estão apreensivos). Encerremos o assunto. Seu pai está chegando.

O almôço ainda demoraria. Armando foi tomar banho na praia. Dona Sílvia continuou na copa e na cozinha. Amauri fechou os olhos e ou adormeceu, ou fingiu. O velho Martinho Higino continuou a falar, já agora em tom de reprimenda:

— Não sei, nem quero saber o que existe entre você

e elas. Por certo não é nada limpo, decente, no próprio conceito de que vocês jamais poderão se livrar: a gangorra livre arbítrio e consciência. Não chego a admitir que sejam suas amantes. Seria o cúmulo você ter relações dêsse gênero com duas irmãs. Elas devem servir-se de você como elemento, alavanca, artefato para experiências de instinto. Mas admitamos que se trate de amor, de paixão. Será sentimento esdrúxulo, aberrante. Uma das vantagens da aviação é criar no pilôto o senso da necessidade essencial de não perder o rumo. Faça do seu comportamento a bitácula para a bússola. Está ouvindo?

Amauri respondeu, de olhos fechados, de corpo estirado na "carreta de Vercingetórix":

— Estou.

— Que foi que eu disse?

— "Faça do seu comportamento a bitácula para a bússola."

Nada de almôço, ainda. Dona Sílvia e o marido davam tempo para o sogro e pai "malhar" o neto. E não tardou que êste, afugentando as vozes da consciência, dormisse afinal ali naquele mormaço da Praia do Pepino. Agora, Martinho Higino notou pela respiração que Amauri adormecera anestesiado pelo "sermão". E, como numa aula de anatomia, observava o rapaz estendido ali tal uma pessoa a autopsiar. Veio-lhe a sinistra idéia de que o neto caíra, fôra vítima dum desastre de aviação, estava ali morto. "Preciso custe o que custar arranjar a nomeação de Amauri para Washington."

Os pais não deram demonstração de nada. O avô não voltou a falar no assunto.

Em Brasília Amauri encontrou-se com Jaci na sede da NOVACAP onde a viu em íntima colaboração com dona Zulmira e dona Eusébia. As três trataram-no tão efusivamente que êle afastou do espírito quaisquer apreensões. Que alívio! Não eram mulheres para intrigas e fofocas, desconheciam tal sistema leviano, não obstante sempre soubessem criticar com muita agudeza certas colegas. Surpreendeu as duas chefes de seção rindo com Jaci. E rindo continuaram diante dêle por causa do tema que não interromperam. Dona Zulmira recebera carta da

Anacã e dona Eusébia então mostrava a coleção que já estava organizando com postais da Elvira Santiago.

Antes de terminar o seu mandato, o presidente da NOVACAP sempre atento à atuação dos bons funcionários que trabalhavam mais em ligação com o Alvorada dando provas de sagacidade especial para Public Relations, indicara Eneida Rabelo para trabalhar no escritório da Rue Saint-Philippe-du-Roule, em Paris, e Elvira Santiago para trabalhar no escritório da One Wall Street em Nova York, como auxiliares. Tratava-se de escritórios fundados em fins de 58 para a intensificação de vendas no estrangeiro de lotes para superquadras e mansões em Brasília. E as duas, que andavam meio jururus, pensando que a "mamata" ia acabar, haviam sido duma hora para outra surpreendidas com as nomeações, tendo ido logo para o Rio tratar dos passaportes. Passaportes diplomáticos!

Achavam-se lá desde portanto quase três anos, e sem trégua bombardeavam as antigas rivais chefes de seções com postais e cartas. Não por saudade nem por consideração; só para azucriná-las, para manter em banho-maria a panela de barro da inveja.

Certo de que dona Zulmira e dona Eusébia não se haviam referido ao baile do *Iate* (tinham estado lá na segunda-feira de carnaval numa mesa familiar), Amauri se interessou pela carta da Anacã (Eneida Rabelo). Dona Zulmira lia:

"Visto agora *toilettes* de modistas exclusivas de Jeanne Moreau e Sophie Loren. Não há como, estando em Paris, se dispor de dólares. Isso de franco forte ainda me atrapalha. Conte ao pessoal do *Correio Brasiliense* que ando aqui em Monte Carlo rondando Grace e Rainier, Onassis e Calas. Como vai Brasília? É verdade que fecharam o Núcleo Bandeirante? Ouvi duas afirmativas opostas: uma, que êle foi fechado; outra, que s ruas estão sendo asfaltadas. E a Invasão IAPI e a Vila Planalto? São um opróbrio para Brasília essas *barriadas marginales*."

As três riram, a leitora imitava a voz da missivista, e Amauri (que por diversas vêzes, desde 58, neutralizara investidas "felinas" da Anacã e notara que ela sabotava as Abranches e Jaci) pensou quase alto, a ponto de ficar com pavor de sem querer dizer entre os dentes: *"Bar-*

riadas marginales... Favelas... Os pais doam sangue para transfusões, os filhos engraxam sapatos de turistas, e tu, sirigaita em menopausa, ganhas em dólares para oferecer lotes da Asa Norte ao Selassié da Abissínia e da Asa Sul a Onassis e Calas, exploradores da jogatina internacional. O que tu precisas é duma haste de mururê que te vare até os profundos poceirões!" Perguntou, após se certificar de que o seu pensamento permanecera indevassável:

— E a outra bisca? A Elvira Santigo, vulgo Carcará? Como vai ela nos Estados Unidos?

— Só manda postais. Sabe que cada um provoca recordações de suas birras, de suas pirraças.

— A senhora tem respondido, mantido correspondência?

— Que nada. Nunca. E ela escreve com mais freqüência a quem não lhe dá confiança duma resposta.

— Escreva-lhe então perguntando se é verdade que costumam confundi-la com a hedionda Elsa Maxwell.

Era hora do fim do expediente.

Andando ao lado delas na W-3 em direção a uma confeitaria, Amauri pensava, em pânico: "Deus meu! Estas duas me viram a dar pinotes abraçado em Lia e Raquel na pista do *Iate*, gritando: "Me segura que eu vou ter um trôço!"

Que alívio, quando dona Zulmira contou que ia ao Rio no dia seguinte! Mas ficou em guarda quando dona Eusébia, depondo a xícara de chocolate, disse:

— Pois é, Jaci. Eu e Zulmira lá no Rio estivemos sabe onde? Num baile de carnaval. Fomos com duas famílias de Botafogo, porque assim como o tenente Amauri acha que a Santiago pode ficar com cara de Elsa Maxwell também pode desde já nos achar com cara de irmãs Brontë. Mas como somos solteironas, nos restringimos a assistir; talvez seja mais interessante do que participar. Não se sai despenteada nem ofegante. Isso é para gente môça. — Abriu a bôlsa para tirar o lenço, riu olhando para o aviador, exclamou:

— Tenho uma surprêsa para você, Jaci. — Êle ficou lívido. Dona Eusébia extraiu um postal. — É para você! Falamos ainda agora na correspondência unilateral da Anacã e da Carcará exatamente para o efeito agora ser

mais chocante. Êste postal é da primeira, da pior, da mais autoritária e antipática, embora ambas sejam sabidas e espertas, pois mudam os governos, os primeiros ministros e os prefeitos aqui em Brasília, e elas continuam no estrangeiro.

Estendeu-o a Jaci que leu com um sorriso e o passou a Amauri. Êle, aliviado do susto, do mêdo, leu alto:

"Como vai passando a minha linda ex-assessôra? Estou radiante. Lembro-me tanto de Brasília! Acabo de vender dois lotes para mansões, imagine a quem, aqui em Bruxelas? A Balduíno e Fabíola. Em Londres, para onde sigo, espero sair-me bem em mais outra pretensão: vender duas mansões a Margaret e a Tony."

Após risadas discretas, comentários tolerantes, as duas chefes de seção se retiraram. Amauri conseguiu convencer Jaci a jantar com êle no *Nacional*.

Na viagem do Rio para Brasília, Amauri pensara muito na sua vida. Tem-se uma profissão, o cotidiano parece seguir uma permanente rotina; contudo, quantas transformações. Êle, por exemplo, conhecera o Sítio Castanho uma série de cerrados. Primeiro descia na pista do Catetinho; depois na pista feita às pressas debaixo de temporal, no aeroporto; agora descia na pista de 3.300 metros. Antes via o mato esquálido; depois, os trechos raspados e revolvidos pelos tratores onde pouco a pouco surgiam os rudimentos do Plano Pilôto, em meros círculos, secantes e tangentes constituindo organogramas; agora via Brasília mesmo, inteiriça, até os jardins, os parques, o cinturão verde já sucediam aos trechos baldios, ressequidos, esburacados, com restos de material de obras. A sua missão, primeiro no Grupo de Trabalho para a Transferência dos Serviços Federais, depois no próprio Departamento de Base Aérea, estava terminada. O avô tinha razão em acenar-lhe com o nôvo rumo: Curso de Estado-Maior.

Se o pai e a mãe andavam apreensivos com o desinterêsse dêle pela família e pelos antigos freqüentadores da residência, e preocupados com essa leviandade exótica de viver namorando duas gêmeas, imagine-se caso viessem a saber do perigo a que se expusera em Santa Tereza numa noite de *blackout!* Ter que brigar com um salteador armado de faca. E se a viúva Abranches pudesse supor o

perigo a que haviam estado expostas as filhas quanto à honra tendo querido após um jantar regado com Chianti entregar-se a êle debaixo duma muralha em bairro solitário! Quantas garrafas Aldobrandini os fizera beber de Clássico BERTOLI? Cinco. Vintage 1951.

O avô tinha carradas de razão. Critério. Senso de responsabilidade. Tocar para diante porém em linha reta, no teor da aviação: uma rota. Ora isso de rota, de orientação desde séculos dependia de aparelhos magnéticos.

Dirigindo o jipe de Jaci, não conversava com ela, agora. E ela sabia que êle estava pensando e deduzia, por seu ar calmo, que tais pensamentos eram indispensáveis, não deviam ser interrompidos.

Bússola. Linha Norte-Sul. Agulha magnética. Inclinação. Declinação.

Que vontade súbita de pensar em voz alta!

Em dado instante sentiu a mão de Jaci cobrir a dêle, em cima do volante.

Saltaram depois que êle deixou o carro ali do lado num trecho donde se viam os dois Eixos se cruzarem, o Monumental e o Rodoviário. Vieram devagar, de mãos dadas, passaram pela porta-revólver, cruzaram o imenso vestíbulo, foram para o pórtico em frente da piscina.

Enquanto bebericavam qualquer coisa, atentos a tudo menos à bebida, olhavam para o salão à esquerda, para o restaurante em frente. A bola enorme da Air France boiava movendo-se imperceptivelmente, acionada por uma aragem levíssima. Êle lembrou-se de substantivos referentes ao vento discreto: brisa, favônio. Substantivos arcádicos, a respeito da liberdade tênue do ar por sôbre jardins, vergéis, colinas, acariciando não só os cabelos do pastor e da zagala, mas até os recintos bucólicos.

O avô dissera-lhe que não havia no mundo, nem na Normandia, nem na Bretanha, nem na Provença, nem na Flórida, nem na Califórnia, nem em Punta de Leste, nem no Estoril, nem nos Alpes Marítimos, hotéis mais apaziguantes do que aquêles dois de Brasília.

Começou a passar gente. Um ministro do Supremo, um senador, um alto funcionário do Itamarati, um velho japonês com sua máquina fotográfica, um bando de norte-americanos, grupos espaçados, pessoas avulsas. Iam para o restaurante.

Êles também foram. O *maître* acenou vagamente, mostrando mesas vazias. Dirigiram-se para uma num canto. O garção solícito puxou a cadeira para ela, veio puxar a outra, para êle. Mesa pequena. Convidou-os a escolher o que lhes apetecesse na mesa ao lado. Frios. Peixes. Carnes. Legumes. Crustáceos. Galantines. Maioneses. Saladas. Azeitonas. Uma variedade de *hors d'oeuvres* para aquela hora plácida, coletiva, social como num salão de transatlântico. Música em surdina. Comendo, os dois conversam.

— Papai e mamãe estiveram aqui na semana passada. Perguntaram por você, pelo major Lima, pelos bons amigos, Jair e Enéias. Samuel Belmonte veio almoçar conosco.

— Ainda está em Brasília? Ah, é verdade. Pretende ficar aqui até a consumação dos séculos.

— Anda muito na Universidade, no Instituto de Artes, com Athos Bulcão; sempre foram amigos. Continua a trabalhar na firma Trancoso & Moscoso que produz agora quase só manilhas. À noite vai jogar xadrez com o anão iugoslavo Ivancic. Sim, na Cidade Livre. Cada qual sentado dum lado da banca de sapateiro. Samuel está decorando a mansão duma miliardária senil que resolveu acabar os seus dias em Brasília, longe das sociedades carioca, parisiense e romana que lhe conheceram a beleza e o fausto antes da Primeira Grande Guerra.

— Ótima programação. E como vai o monumento do Lavapés?

— Sempre muito visitado. A grande bacia de orla baixa, com o fundo bem íngreme começando razo dum lado e se aprofundando no outro. As estátuas ficaram extraordinàriamente belas.

Êle pensou:

"Vim tão cansado do Rio, que sinto vontade de ir até àquela rotunda, entrar na água e pedir ao anjo... a Jaci, que misericordiosamente me lave a alma." Atreveu-se a dizer isso. Jaci respondeu:

— Mas é tão fácil! Não lá, expostos nós dois à natureza e ao tráfego. Mas aqui, na piscina. Depois de amanhã é domingo.

Está bem. Às dez horas vou buscá-la.

— Não. Eu venho no jipe de mamãe. Agora que ela está com papai perto de Cuiabá num trecho da rodovia

Brasília-Acre, tenho o jipe à minha disposição. Chego às dez horas, telefono para o seu quarto e espero-o no fundo daquele salão ali, que me parece tão calmo.

— Combinado.

E foi para o imenso salão apaziguante, mobiliado com séries e series de sofás e poltronas, mesas, cadeiras e tamburetes, que depois do jantar êles dois se mudaram.

— Nunca experimentou fumar?

— Nunca. Para quê?

— Tem razão. Pois não vou fumar também.

— Fume.

— Não. Prefiro pensar na bússola.

— Heim? O quê?

Êle pensou mas não disse:

"No rumo que vou dar à minha vida. Já desempenhei duas tarefas aqui em Brasília, desde começos de 57. Parece que vou ser transferido."

Ela ficou séria, como se lhe adivinhasse o pensamento, e disse:

— Fume. Dê-me um cigarro. Se eu ficar tonta, tanto melhor.

— Pois é. Há a carreira, a vida.

— A sua é no ar.

— Tem sido, nos dois sentidos. No ar que atravesso como aviador. E no tipo de vida que levo com a cabeça no ar. Mas não quero fazer trocadilhos, coisa com que embirro. — Acendeu-lhe o cigarro, bem como o seu. — Vim com você para êste recanto a fim de instalar a bússola. Êste recanto é uma bitácula. Sabe que é bitácula?

— Não faço a menor idéia. Quanto ao que seja bússola, compreendo vagamente.

— Bitácula é uma caixa, coberta de vidro, colocada de maneira definitiva na proa dum navio. Dentro dela é que está a bússola. Num avião sei dirigi-lo e sei dirigir-me. Não existe, no mundo de hoje, criatura mais garantida por centenas de aparelhos, de mostradores, de ponteiros, do que o aviador. Chega a ser um ser privilegiado. Mas eu me desnorteio em terra, despojado de tôdas as defesas técnicas, exposto a todos os descaminhos. Pelo menos em Brasília quero estar a salvo. Viremos, sempre que tivermos horas livres, aqui para êste canto. Se alguma vez encontrarmos sentado na sua ou na minha poltrona

algum turista, algum ministro, algum político, lhe diremos: "Perdão, aqui é o lugar reservado para a bússola."

Nadaram na piscina. Estava um dia belo. Azul naquilo que tinha de geomètricamente recortado pelas quatro paredes do hotel, isto é o firmamento. Amauri nadava *crawl*, esfôrço inútil para uma piscina. Jaci, nadava como os peixes da Hiléia, como os peixes do Araguaia e do Tocantins. E de maiô, com os cabelos escorridos, o corpo moreno reluzente, era uma perfeita índia. Uma cunhãtai, lindíssima, mas não selvagem nem afoita. Com majestade inata, permanente, até mesmo nas horas do prazer em contato com a natureza. Apenas sorria, ao invés de dar risadas.

Na água clara, levemente azul, a grande bola boiava. Ôca e leve. Delicada jóia fluídica, soma imponderável e periférica de poalhas de carbono, safira, rubi, esmeralda, topázio, e ametista. Perianto do Nada.

E a água, pròpriamente? Ali era a miniatura dum mar. Um insentozinho poderia supor estar atravessando o Egeu, a caminho de Tessália para Creta. Líquida carícia transparente. Tinha a caridosa paciência de, havendo sido fonte, rio, lago, cachoeira, sujeitar-se a ser brinquedo, piscina, aquário.

Ela, Jaci, gostava tanto da água, que diàriamente, mal nascia a aurora, ia tomar banho, "crucificar-se" com as mãos abertas e os pés cruzados em cima do ieté, isto é dos olhos de água. A sua piscina doméstica, lá na chácara, era o iecobé rodeado de caniços e moitas. Como do fundo da terra gorgulhavam as três minas, ela, Jaci, se deixava afagar pela água fria ou morna, e sentia tamanha paz que era como se ela própria fizesse parte da iecoaba.

Depois que Amauri lhe disse tão belas coisas sôbre a bola flutuante, ela lhe ensinou aquêles nomes indígenas que correspondiam a fonte perene, e regato...

Ao meio-dia ela desceu a escadinha em caracol, foi vestir-se. Êle fêz o mesmo. Depois foram beber no pórtico, vendo passar crianças, visitantes, hóspedes, turistas, casais, famílias. A uma hora foram almoçar. O garção sorridente puxou uma cadeira, a outra, apresentou o car-

dápio, fêz o convite aos *hors d'oeuvres*. Interrogado a respeito de vinhos, ofereceu a carta da adega.

Música invisível. Quase inaudível. Entre poesia e oração. Entre segrêdo e código.

— Sabe que é oripaba? "Felicidade", na língua de Inácia.

O segundo cigarro de Jaci. No recanto do salão. Que paz distinta!

Saíram, passaram rente às lojas de modas, de flôres, de móveis, de turismo, de revistas, de companhias de aviação. Tomaram o carro, foram ver o Lavapés.

— Aqui estou eu, apoiado nos meus submúltiplos, com um joelho fletido para que o anjo-candelabro me lave os pés. O anjo é você.

Voltaram para o hotel. Sentaram-se no canapé à esquerda de quem entra, debaixo da tapeçaria de Lurçat.

Nas tardes seguintes, durante duas semanas, antes das seis horas já estavam no *Nacional*. No canapé, debaixo da tapeçaria. No recanto do salão. No pórtico, em frente à piscina. Às sete iam para a mesa.

Uma tarde vieram mais cedo. Pararam diante da vitrina dum antiquário(?) por causa duma imagem barroca. Nossa Senhora da Conceição.

— Tupãssi ... — designou-a Jaci.

Entraram numa loja de modas. Por causa dumas calças *Vigotex* para mulher. Ela experimentou-as num recesso estreito, reapareceu menina, quase magra. Quando saiu da diminuta cabina, êle estava com um embrulho azul e verde, debaixo do braço.

Entraram no hotel. Subiram para o outro salão, onde uma senhora solitária escrevia uma carta.

— Tome para você. — Estendeu-lhe o embrulhinho.

— Que é?

— A imagem.

— Tupãssi?...

Durante o jantar ela disse:

— Amanhã, ponto facultativo. Você trabalha?

— Não.

— Quer ir almoçar lá em casa? Inácia, mesmo sem ingredientes do Norte, sabe preparar coisas boas.

— Combinado. Levo vinho. Diga de que vai ser o almôço para eu saber se levo branco ou tinto. — Chamou o garção, fêz-lhe perguntas, consultando a lista da adega do hotel.

Cedo já descera, a fim de esperá-la. Foi tomar um conhaque no pórtico diante da piscina. Dois empregados, munidos de aspiradores elétricos, faziam um cano curvo sorver fôlhas e insetos da água que, baixando, quase no fim, estava suja. pegajenta, com lama, até. Como podia haver lama disfarçada, dissolvida numa água tão clara, tão azul?

Bebia devagar e pensava devagar. Precisava de enorme mão a tapar-lhe a consciência como a sua mão direita tapava o copo oblongo do conhaque. "Por mais que nos aperfeiçoemos, na água clara da paz se depositam tentações, memórias. Se deixarmos os bons pensamentos baixarem, então aparece a vasa que vira um oráculo a sussurrar.

Tres morillas me enamoran
en Jáen.
Axa, Fátima y Marién.
Tres morillas tan garridas!

"Como um sapo na vasa, esta canção andaluza do século XI me volta à mente às vêzes, quando estou sòzinho."

Acabado o conhaque, foi lá para fora. Do alto da esplanada, contemplou Brasília. Vazia, como um ramalhete de amaranto debaixo da redoma do mormaço cinério, côr de ardósia, debaixo dum céu sólido, dum azul claro de aço.

Jaci chegou dirigindo o jipe, saltou diante do hotel, procurou-o lá dentro. E quando reapareceu êle já estava sentado com o embrulho das garrafas no colo. Viu-a pela primeira vez dar uma risada de menina, assim de calças estreitas côr de granada.

No trajeto, contornaram três vêzes o Lavapés; doze peregrinos transpunham o lago redondo.

Na chácara percorreram a pequena mata. Ausência de passarinhos. Presença de borboletas. Um lagarto, côr de musgo escondeu-se debaixo dumas pedras. Vieram para junto da fonte. Areia branca mas opaca. Seixos e conchas. Cada ôlho de água fazia baldados exercícios de gêiser;

mas não passavam os três de grossas lágrimas transparentes provindo de fortes soluços. (Que idéia mais esquisita!...)

Foi a própria Inácia que os serviu. Apesar do aspecto bonachão, matriarcal, volumoso, havia nela, tanto na pele requeimada de salamandra como nos olhos redondos de tamacoará, uma compostura milenar que fizera Samuel Belmonte dizer certa vez, sem que ela entendesse. "Deve ser a última sacerdotisa de Macchu Picchu..."

O assunto durante o almôço foi a estrada Brasília-Acre. Raimundo Lucena ganhara em concorrência vasta quilometragem pouco antes de Cuiabá. Como de hábito, dona Juçara ia e vinha, num DC-3. Que desculpas usaria ela para servir-se dum Douglas da FAB?...

Inácia intrometeu-se plàcidamente na conversa, parada ali de braços cruzados sôbre os seios ainda opulentos. Disse sorrindo, provocando.

— Gosta mais do marido do que da filha.

— Que nada! É que em mim ela tem confiança... Abraça-me e beija-me demoradamente quando parte e quando chega!

No fim da tarde Jaci trouxe-o ao hotel.

— Você guardou a malha que esqueci no outro dia no restaurante?

— Está lá em cima no meu quarto. Venha pegar.

Subiram até ao oitavo andar. Ela esperou na porta que êle entrasse.

— Venha ver a tôrre de TV. Daqui da janela se vê bem.

Mal Jaci entrou e se muniu da malha (a tarde esfriara) ambos se abraçaram e se beijaram. Esqueceram-se de ir espiar a tôrre metálica. Ela fugiu para o vestíbulo e apertou os botões dos dois elevadores.

— Venha! Venha ver a tôrre.

Quando êle chegou ao vestíbulo, ninguém. Desceu no elevador que bem naquele instante chegara. Lá em baixo, nem no pórtico da piscina nem nos salões, nada de Jaci. Lá fora, na frente e dos lados, nada do jipe.

"Bebemos tão espaçadamente o vinho..."

Subiu, estirou-se na cama, vestido e calçado. Já passara por uma espécie de torpor, quando o telefone tocou. Estendeu o braço, aplicou o fone no ouvido.

— Estamos aqui em baixo.

— Quem?

— Raquel e Lia. Desça.

Continuou deitado. De repente pulou, saiu, fechou a porta, premeu o botão dum dos dois elevadores.

Viu-as do lado de fora entre as portas-giratórias, dentro dum automóvel de praça. Foi até lá. Um mundo de malas.

— Venha jantar conosco. Há sérias novidades.

Nem por sombra redarguiu que jantassem com êle alí no hotel.

As novidades eram: haviam sido transferidas. Aquelas malas estavam vazias, eram para a mudança urgente. Tinham que assumir os novos lugares no CONTEL quarta-feira impreterìvelmente.

Segunda-feira Jaci telefonou-lhe da repartição logo que chegou lá:

— Bom-dia. Sabe da novidade? — E como êle apenas respondesse "Bom-dia", ela continuou: — Adivinhe! Calcule, pense um pouco. — E como êle gaguejasse, ela caçoou: — Acordei-o, heim? Ainda está estremunhado. Mamãe e papai chegaram. Ao voltar ontem encontrei a casa acesa. Vieram levantar empréstimos nos Bancos. Trouxeram as fórmulas do contrato para o trecho que papai ganhou em concorrência. Imagine que êle precisa de milhões, e está certo de que os arranjará aqui. Pudera, Brasília não é a capital da República? Não o convido para jantar hoje, há de supor a trapalhada em casa, nem sei se meus pais jantarão aqui ou com os graúdos que pretendem assaltar. Mas amanhã o pego às seis horas. Feito?

— Pois não. Irei cumprimentar seus pais e rever você. Às seis horas já estarei aqui.

— Que voz esquisita é essa?

Chegou às seis e vinte da Base. Viu logo na esquina o jipe enferrujado de Jaci. Entrou no hotel, deu com ela sentada numa poltrona perto da tapeçaria de Lurçat.

— Desculpe... desculpe. Logo hoje cheguei atrasado.

— Não tem importância. Há-de ter tido motivos.

Êle notou certa dureza em seu rosto e um ar hostil. Pegou-a pela mão; Jaci desvencilhou-se mas o seguiu até o fundo do salão. Sentaram-se na suposta bitácula, cujas poltronas estavam fora do lugar. Por isso ficaram um pouco afastados.

— Seus pais vão bem?

Ela não respondeu. Olhava-o ora duma infinita distância, ora de perto. Sem nenhum dêles se afastar ou se aproximar. Como se estivessem cada qual dum lado, entre ambos havendo uma rutura; de cataclismo, como se Brasília tão nova, feita tão às pressas, tivesse ruído, e o próprio chão ainda se fendesse, separando-os.

— Então vamos. Seus pais devem estar à espera.

— Ela olhou-o como a perguntar: "Onde? Para onde? Que pais? Quem somos?"

E permaneceu assim calada, com a fisionomia hirta. Sòmente as mãos rodavam uma na outra como duas conchas iguais, ôcas. E os olhos, ah! os olhos eram como as minas do iocobé, ora prestes a emitir gêisers, ora soluços como quando as lágrimas refluem para o peito.

Êle puxou a poltrona para bem junto dela que imediatamente lhe segurou as mãos, como se uma terceira pessoa, provisória, viesse interferir. As mãos dela seguravam as dêle, largavam-nas, seguravam-lhe os braços, as mangas, os ombros, soltavam-se, recolhiam-se ao regaço, subiam às têmporas. E Jaci, assim com aquêle toucado de carne, ficava diferente, magra, hirta, como se as fontes lhe estalassem. De nôvo as mãos dela procurando as dêle, procurando-lhe os braços, as mangas, os ombros, a exatidão da sua personalidade que também mudara, o rosto lívido, as mãos procurando e não achando o maço de cigarros, os dedos esmagando, quebrando a mísera caixa de fósforos.

Jaci levantou-se, deu uma volta pelo salão, ficou a espiar a piscina através dos vidros, entre os vasos de arbustos florescentes, de troncos e galhos cheios de espinhos. Mas voltou, sentou-se. E com ar afinal peremptório disse:

— Então não sabia que Inácia e Isaura são amigas

íntimas? Não sabia que quando as Abranches (que tom o com que ela proferiu êsse nome plural!) vão para o trabalho, Isaura sai, percorre Brasília inteira, a W-3, a L-1, a L-2, cada bloco de casas populares, cada duplex, um ou outro apartamento nas superquadras, para colhêr novidades, distribuir intrigas?

Êle ficou ainda mais lívido, e tinha razões antigas e recentíssimas para ficar assim.

— Ontem na repartição as Abranches me participaram que foram transferidas para o Rio.

Encarou-o, levantou-se outra vez, saiu do salão, andou pelo imenso vestíbulo, voltou rente à parede, às escrivaninhas, sentou-se.

— Disse-me hoje Inácia... e por isso não fui trabalhar, ainda bem que papai e mamãe estavam fora, percorrendo as cinqüenta agências bancárias de Brasília... que dona Isaura ciente da chegada de meus pais estivera lá para visitá-los. Conversa vai, conversa vem, dona Isaura contou a Inácia que o senhor passou a noite quase inteira de domingo no duplex das Abranches. Que isso era relativamente comum, e que ela, dona Isaura até se divertia sempre, espiando lá do alto da escada, agachada, escondida. Cada orgia! — Riu, esquisito, repetindo uma frase de dona Isaura: "Com mais alguns casos assim, Brasília acaba entrando no rol das cidades marcadas pelos anjos..." — Ficou séria, com a fisionomia vincada, a ponto de parecer-se de súbito com a mãe, com dona Jussara, e disse: — Domingo à noite, ela, dona Isaura, farta de excitar-se, zangou-se, interpelou as môças, e então o senhor saiu depressa, vestindo o paletó.

Amauri era agora uma terceira pessoa, outra vez. Tanto que de nôvo Jaci torceu as mãos uma na outra, agarrou as dêle, depois as mangas, os ombros. E por fim se encolheu na poltrona, ficou olhando para o chão, para o tapete, minutos infinitos. De repente saltou, ficou em pé, olhou para aquêle recanto, à procura da bússola. E, guiada por ela saiu, foi embora.

Amauri percorreu Brasília a pé, o que constitui uma proesa. Primeiro estêve no apartamento do comandante da Base, pediu licença para ir ao Rio. Obteve-a. Não

aceitou convite para jantar, saiu, andou, andou, fumando sempre. Reparou em coisas de que jamais se certificara. Do número de pavimentos de cada Ministério. Calculou os metros que teriam de alto, de fachada, de largura. Viu-se rodeando o Lavapés. Viu-se na rua da Igrejinha, a única em Brasília que o povo crismara com um nome ao invés dum número. Entrou num bar, bebeu, fazendo horas. Sentia as pernas pesadas. Voltou para o hotel. Deitou-se. Os pensamentos no seu cérebro funcionavam com programa intermitente de insônia. Como peças de cerâmica dentro dum forno, até a matéria cozinhar, solidificar-se. Peças escalonadas em evocação de memórias. A piscina do hotel. O recanto do salão que, para êle, havia sido a bitácula para a bússola e que para Jaci havia sido um caramanchão de felicidade. "Oripaba." De madrugada o forno desligou-se, foi esfriando, os pensamentos vitrificaram-se.

Acordou sobressaltado. Que horas seriam? Cedo ainda. Meteu-se na banheira, esfregou-se, ensaboou-se. Diante do espelho, barbeou-se, escanhoou-se. Vestiu-se. Saiu. Tomou um carro de praça, mandou tocar para o Iate Clube. Ao passar perto da Universidade, pediu ao motorista que se dirigisse para lá. Saltou, perguntou se o carro podia ficar à sua disposição.

Percorreu amplos corredores centrais, passando pelas portas das classes, por entre estudantes. Que serenidade e ao mesmo tempo que vivacidade! Que rapaziada lúcida. e prematuramente sábia, quanto ao um módulo nôvo de vida. Por isso decerto aprendendo com mais vantagem. Espíritos novos, sadios, dentro de corpos vestidos pela moda calhambeque. Eram de Brasília. E êle, que era? Quem passara a ser, visto que a presença, o contato com aquela mocidade lhe acentuava a sensação de culpa, de expulso... Tanto que saiu, retomou o carro e mandou seguir para a orla do lago. Precisava de ar livre.

No portão do Iate Clube ia mostrar a carteira de sócio ao recepcionista, mas êste sorriu e indicou ao motorista o local de estacionamento.

Junto da claridade do lago fulgurante, a meia máscara da piscina. Toldos, cadeiras, lajes de revestimento com grama nos interstícios. O ginásio ao lado, como um galpão. O bar rodeado de crianças rechonchudas que

lambiam sorvete. Infância. Juventude. Mocidade. Homens, senhoras, famílias. Jovens de biquini. Rapazes batendo bola. Barcos. Lanchas. Grupos. Mas grupos dispostos como numa página de poesia concretista:

IAPB IAPI IAA

IAPM IPASE IAPC IAPTEC

IRB SAMDU IBGE SESI

SENAC SAPS

Grupos que dentro de meia hora sairiam a caminho de seu trabalho, de suas repartições, de suas autarquias. Gente que ali, tomando sol, exercitava seus temperamentos, suas disposições, suas responsabilidades. Gente de Brasília. Já com desenvoltura de raça nova.

E a natureza? Que azuis! Que verdes! O cerrado transformava-se em parque. Ao longe, Brasília, jóia de amaranto sob a redoma dum céu sólido, côr de índigo. Balanços giratórios comunicando garotas com aquelas côres num vaivém de surprêsas sadias e órficas. Ali não era lugar para quem sofria de elefantíases. Retirou-se.

Mandou o carro seguir para a sede da NOVACAP. Entrou, falou no PBX com Orminda:

— Minha querida Vanaquiá, diga a Jaci que estou aqui.

— Jaci? Ela hoje não vem. Já mandou recado.

Ao meio-dia embarcou para o Rio.

Teve uma conversa decisiva com o avô no Alto da Boa Vista.

Ficou disponível no Ministério.

Uma semana depois, tudo arranjado. Embarcou num quadrimotor para Wright-Patterson.

Achava-se Maia Guimarães na Câmara, diante da gaveta metálica da sua correspondência individual recolhendo cartas, jornais e revistas, quando entrou depressa, vindo do elevador fronteiro, o bedel acompanhado pelo Prof. Castro Meira e disse:

— Aqui o doutor veio buscá-lo para uma conferência médica.

— Boa tarde, Meira. Por que motivo se lembrou de mim? Eu não clinico mais.

— Boa tarde, boa tarde. Rogo-lhe encarecidamente, mesmo que tenha sessão, que me acompanhe. Preciso da sua ajuda para um caso confuso e que me parece mortal. Julgo tratar-se de envenenamento. Estou com o carro lá em baixo à nossa espera.

Conversaram no elevador, e conversando foram durante o trajeto.

— Não chamaram o Pronto Socorro?

— A criada só deu pelo caso ontem de manhã, quando pelos indícios o fato ocorreu à noite. A môça teria tomado uma dose extraordinária de fenotiazina. Por causa do calor desta semana...

— Realmente, tem estado insuportável.

— ... como não dormisse desde várias noites, decerto exagerou na dose, e foi tomar banho. Não se sabe se ela ingeriu os comprimidos antes ou durante o banho, para assim ao deitar-se adormecer logo. O caso já de si dramático tem ainda outra face mais trágica: os pais estão viajando. Ela acha-se sòzinha com uma criada. Isto é, desde ontem a casa está repleta de vizinhos e amigas. Ao lado da môça estava uma caixa de amplictil, e a empregada diz ter certeza de que na noite de anteontem viu a caixa no armàriozinho do banheiro com o frasco quase cheio. Ela encontrou a môça num sono profundo. Não se afogara porque estava com a cabeça e o torso bastante para cima. Ao chegar ontem cedo noitei logo hipotensão ortoestática. E descobri um pequeno ferimento, espécie de arranhão no pé esquerdo; decerto se machucou ao querer sair, ou quando a criada a puxou para fora.

Chegando à residência, aliás fora de Brasília, só ao ver a fisionomia da jovem, Maia Guimarães desconfiou logo de envenenamento ofídico do tipo hemolítico. Depois que viu o pé, sem mais demora mandou o motorista à sua casa buscar o estôjo de injeção mais a valise repleta de soros. (Tal valise fôra trazida para Brasília por expediente de dona Rita. Como iam morar no sertão, ela não só a enchera de soros cujos nomes o marido lhe ditou, como depois, por três vêzes, de 60 até agora fins de 63, renovara

o sortimento, atualizando-o. Felizmente, sem nunca ter havido necessidade de uso.)

Enquanto Maia Guimarães esperava, examinou a doente; ptose palpebral, paralisia motora dos globos oculares, leve estrabismo divergente, ausência já de reflexos pupilares. Decerto havia diplopia e imagem confusa por impossibilidade de acomodação; mas agora era impossível averiguar isso porque a doente não respondia às perguntas. Em todo caso êle lhe pediu insistentemente que fixasse o olhar no seu relógio. A môça não podendo levantar as pálpebras, contraía a fronte e inclinava a cabeça para trás acompanhando o objeto na sua frente com movimentos rotativos. O resto da fisionomia inexpressiva. Só êsse conjunto de sintomas, determinando máscara muito característica, o fêz não ter mais dúvida quanto ao diagnóstico. Reexaminou o ferimento junto do pequeno artelho. Discreta reação local, sem indícios de necrose apesar do tempo decorrido.

A cabeça para trás, a fronte enrugada, as pálpebras descidas mas entreabertas, a parte inferior do rosto inexpressivo, tudo isso dava àquela fisionomia certo aspecto superior e indiferente, quase desdenhoso. Sim, o facies neurotóxico. Pelas perguntas que fêz à criada deduziu também que esta encontrara a patroazinha em estado de torpor, obnubilação, com dificuldade para andar e já sem conseguir articular palavras nem engolir nada. Devia estar próxima a parada respiratória de origem central.

Disse à empregada e às amigas da doente (que tinha impressão de conhecer do Iate Clube):

— Ela foi mordida por cobra. E cobra cascavel. Trata-se de envenenamento, mas ofídico. Não há a menor dúvida. O quadro é típico. — E para a criada que armou uma carranca de absoluta discordância: — Sim, ela talvez haja tomado comprimidos preparando-se para dormir logo após o banho. Deve ter dormido dentro da água e foi por isso que não gritou nem fugiu; obrigado pelo seu informe, minha velha, pois explica muita coisa.

Nisto chegou o motorista com a valise. Mas enquanto se fervia a seringa com a agulha e Maia Guimarães serrava as empolas (várias, para alta dose) de soro, a môça, já em fase comatosa, morreu.

A cena que se seguiu foi tão lancinante que Maia

Guimarães, comovidíssimo, se retirou para o automóvel. A casa reboava de prantos e gritos. Castro Meira em estado de hiperexcitação veio sentar-se ao seu lado e felizmente apareceu um senhor que mandou o motorista tocar para o aeroporto, porque os pais da môça deviam estar a chegar e era preciso preparar-lhes o espírito. Assim pôde Maia Guimarães daí a alguns minutos descer perto do seu apartamento. Castro Meira desceu diante da igreja de Santo Antônio para agradecer a Deus ter êle chamado um especialista, decerto inspiração divina visto que não atinara durante mais de vinte e quatro horas com o diagnóstico tendo além disso sido procurado já tão tarde.

Daí a duas horas Maia Guimarães e dona Rita seguiam para São Paulo num avião da VASP porque no dia seguinte era festa íntima: bodas de prata das núpcias do casal. Não contou nada à espôsa que, muito sensível e supersticiosa, iria ver no caso mau augúrio. Como era época de recesso parlamentar por causa das festas de Natal e Ano Bom, êles puderam passar duas semanas na fazenda de Gracinda, irmã de dona Rita, entre Valinhos e Campinas.

Mas de volta a São Paulo, teve que contar o caso a Rita, por causa da coincidência estranha de encontrarem na *Casa Ricardo*, fazendo compras também, a sra. Castro Meira e a filha que lhes disseram que êle estava lá fora num táxi. Indo Maia cumprimentá-lo, conversaram, se é que se poderia chamar aquêle diálogo confuso uma conversa. Castro Meira ia internar-se no Sanatório Charcot, e a mulher e a filha estavam exatamente comprando latas de compotas, etc. Êle achava-se em velada crise de psicose alucinatória e interpretativa, falou até em confessar-se com frei Romano, do convento das Perdizes, julgava-se responsável pela morte da môça. Em vão Maia Guimarães procurou dissuadi-lo de semelhante idéia. Enquanto isso, lá no fundo da loja, mulher e filha contavam a Rita que êle tivera uma crise excitomotriz, causando escândalo em plena Universidade.

Em Brasília, onde chegou à hora do almôço, Maia Guimarães descansou fazendo tempo para ir à Câmara. E lá no décimo sexto andar na sala da Comissão de Saúde,

foi puxado pelo Penido e pelo Alboím pois estavam justamente conversando sôbre o caso Castro Meira.

— Aqui está alguém que vaticinou há mais de ano o que eclodiu há dias. Não é verdade, Guimarães, que você andava preocupado com o Meira?

Êle não respondeu taxativamente, nem poderia porque o Alboím Penteado já pontificava:

— Consoante Stonequist, no mundo moderno a personalidade humana se defronta com muitas situações propícias a conflitos culturais entretidos pelos mais diversos antagonismos. Os recém-chegados a ambientes novos e estranhos, vindos de padrões de conduta bem outros nos quais se desenvolveram e se ajustaram, podem sofrer verdadeiras crises, com repercussões ora leves ora intensas.

— Oh! Sim — intrometeu-se com o seu charuto o Dr. Guedes Penido, deputado por Minas. — De fato é dificílimo uma pessoa abdicar da tábua de valores da sociedade de sua origem e incorporar-se logo àquelas impostas pelo local onde teve que se instalar. Tais pessoas oscilam entre dois mundos sociais, condenadas que se acham a participar simultâneamente de duas culturas ou sociedades diferentes e mesmo antagônicas senão nas idéias e módulos de vida pelo menos em ambiente.

Alboím Penteado sentenciou, em pé com gestos professorais:

— São estas circunstâncias de instabilidade que acabam determinando o homem marginal caracterizado tão bem pelos estudos de Robert Park da Universidade de Chicago. Muitas vêzes a pessoa não se dá conta da situação de insegurança e conflito em que se acha projetada. À medida, porém, que a ambivalência e a instabilidade crescem devido à concomitante e progressiva desintegração de atitudes e hábitos, então ela vai adquirindo consciência da sua crise e, portanto, se vai tornando marginal.

— Perfeitamente — concordou Penido. — Ao lhe vir a autoconsciência dessa situação anômala, também lhe ocorre um estado de extrema tensão de espírito e mal-estar, lhe sobrevém extraordinária agudeza e vivaz descortino quanto a tudo que se passa em redor. E a pessoa reage afinal aos acontecimentos suscetíveis de revelarem-lhe os antagonismos em que se debate em matéria de tradição.

Calados agora os dois, e os demais também, olhavam

para o médico paulista que se viu na obrigação de falar qualquer coisa, pois decerto tinha sido para isso que o haviam rodeado. Guimarães disse apenas:

— Como resultado do colapso dos modos de pensar e de agir usuais, há libertação de restrições e constrangimentos, sobrevindo então uma auto-afirmação agressiva.

— Isso, isso! Foi o que aconteceu ao nosso excelente colega de medicina o ilustre professor Castro Meira. Sofreu uma crise repentina há uma semana. Neurose de situação e psicose de reação. Teve um acesso, precisou ser levado para São Paulo a fim de internar-se — disse o presidente da Comissão de Saúde, o Dr. Leônidas Forjaz.

— Êle está melhor — comunicou Maia Guimarães. — Vi-o horas antes de recolher-se ao Sanatório Charcot.

— Ficará bom?

— Provàvelmente. Com insulinoterapia, cardiazolterapia, eletrochoque.

Ao chegar ao apartamento êle tocou a campainha; a mulher abriu e lhe disse baixo, no pequeno vestíbulo.

— Mais um caso. Não de homem-tartaruga. Mas de homem-soturno, ou saturno. Veio procurar você três vêzes, não quis entrar; mas agora há quinze minutos e convenci a esperar na biblioteca. É um moço.

Maia Guimarães largou o chapéu e a pasta em cima duma cômoda, dirigiu-se para a biblioteca. Um aviador (estava fardado) levantou-se cumprimentou-o e, instado por êle, tornou a sentar-se e disse:

— Sou o capitão Amauri Menezes. Cheguei anteontem dos Estados Unidos.

— Como o mundo é grande e pequeno! Eu o conheço de vista. Daqui de Brasília, não?

— Estive durante muito tempo servindo no Departamento de Base Aérea de Brasília. Desculpe ter vindo importuná-lo.

Maia Guimarães notou logo o estado de nervosismo do rapaz. De fato parecia um soturno homem-saturno da sua classificação.

— As suas ordens. Em quê posso ser-lhe útil?

— Sou muito amigo da família Lucena. Recebi telegrama em Washinton comunicando-me o falecimento de

Jaci Lucena. Logo que pude desvencilhar-me de impecilhos burocráticos (eu pertencia à Comissão de Compras da Aeronáutica) embarquei de volta para o Brasil. Cheguei ao Rio num tal estado e fiz questão imediata de vir a Brasília que meu pai até me acompanhou; êle está no *Nacional*.

Só então Maia Guimarães depreendeu que Jaci Lucena era a jovem mordida por cobra que êle atendera havia já mais de três semanas. O aviador continuou, esmagando entre os dedos a caixa de fósforos:

— Sei que o doutor mais o Dr. Meira fizeram tudo para salvá-la. Desejava agradecer-lhe. Mas, para ser sincero, não foi sòmente isso que aqui me trouxe. Queria que o doutor me dissesse, pondo de lado qualquer gesto de bondade, de que foi que ela morreu. Raimundo Lucena e dona Juçara me receberam mal hoje na chácara, e depreendi pela atitude de ambos que me responsabilizam pela morte da filha, crentes de que ela se suicidou ingerindo uma quantidade exorbitante de comprimidos.

— Essa jovem foi mordida por cascavel. A criada disse-me que a retirou da fonte onde ela costumava tomar banho. Depreendi que decerto devido ao calor daqueles dias de dezembro, a jovem, que segundo informes ainda da criada não dormia desde várias noites, foi tomar banho frio e levou consigo os comprimidos ou os tomou antes. Mas que morreu mordida por cascavel não só posso garantir-lhe como atestar. Trabalhei na seção de Fisiopatologia do Butantan 16 anos. Ora, o fato de só haverem deparado com ela já em estado gravíssimo, de manhã, faz supor que a encontraram muitas horas após o caso que lhe causou a morte. E o fato de não haver ela gritado nem corrido, faz supor que os comprimidos tinham atuado inclusive provocando-lhe hipotensão ortoestática, isto é, a impossibilitando de sair do banho.

— Ela foi retirada da fonte do jardim, onde tem muito mato.

Amauri prorrompeu em soluços e quis sair precipitadamente.

Abraçando-o, sentando-se ao seu lado, Maia Guimarães disse:

— Que é isso, meu filho?

— Nós tínhamos brigado, eu fui para a América do

Norte, nunca lhe escrevi, e agora tenho certeza: ela se matou.

— Absolutamente. Juro e atesto que ela morreu em conseqüência dum envenenamento ofídico. Os sintomas que ainda surpreendi eram típicos, específicos de envenenamento hemolítico, neurotóxico. Agora, escute: o senhor a amava e, sendo aviador, podia chegar duma hora para outra (eu disse ainda agora que o mundo é grande e pequeno), o amor dos dois decerto nasceu e se desenvolveu sob o influxo dessas chegadas súbitas que a aviação proporciona. Por que motivo imaginário há de se encasquetar na cabeça que ela se matou por causa da sua ausência já que isso em aviação é apenas o intervalo ansioso entre súbitas presenças? Nos fins de dezembro o calor aqui foi sufocante. Houve várias mortes por desidratação, inclusive entre adultos. Porque há-de o senhor deformar o caso dessa moça que numa noite de saudade, numa noite abrasadora, tonta de insônias medonhas, resolveu candidamente se estender numa fonte viva, de águas borbulhantes, e enquanto isso tomou alguns comprimidos para ao sair da fonte e ao se deitar poder adormecer logo? Não dramatize ainda mais o acontecimento com semelhante hipótese. — Levantou-se e repetiu, destacando as palavras: — Ela morreu mordida por uma cascavel.

Amauri disse:

— O caseiro matou a cascavel dois dias depois, vasculhando o mato. Foi o que me disse Raimundo Lucena afinal, abraçando-se e chorando junto comigo.

— Quer que eu vá até lá e ateste o que estou declarando?

— Mas há o caso dos comprimidos.

— Mas há o caso dessa jovem ter levado várias noites sem dormir por causa do calor! Ora essa! Jura que manterá segrêdo estrito ante o que lhe vou dizer e que não declarei a ninguém?

Amauri esperou, fitando-o com o rosto contraído e reluzente por causa das lágrimas. Maia Guimarães falou:

— O médico que a atendeu na manhã seguinte, sabe-se lá quantas horas após o ataque da cascavel, errou o diagnostico, e por isso não aplicou o soro. Mas também não quero em absoluto afirmar que se o tivesse aplicado ela escaparia.

— Obrigado, doutor.

— Precisando de mim, não vacile. Quer que eu vá à chácara falar com o casal Lucena? Quer que eu o acompanhe ao *Nacional* e fale com seu pai?

— Seria uma caridade. No meu desespêro talvez tenha dado a meu pai a impressão de eu ser culpado. — E mudando de voz: — Aliás de qualquer forma fui.

— Ora, ora, ora! — bradou Maia Guimarães com autoridade. — Respeite a memória dessa moça! Que é isso? Ela o amava, ela o esperava, era tão jovem, tão bela, tomou aquêles comprimidos, aquêle banho para preservar seu lindo corpo dos estigmas do cansaço, eu sou um técnico, um especialista com monografias publicadas sôbre ofidismo e o senhor se põe a delirar?

Os dois homens olharam-se durante bastante tempo com firmeza. O velho, com duas experiências, a científica e a psicológica, armadas agora em dialética para servirem à verdade e, se necessário, à mentira. O môço, com as alternativas da consciência e da esperança degladiando-se para lhe obterem a paz e o perdão.

Amauri tornou a dizer como quem sopra uma brasa:

— Aliás, de qualquer forma fui culpado. Se a minha ausência não a levou a uma resolução medonha, criou as conjunturas que a vitimaram.

O velho tornou a dizer como quem pisa de vez numa brasa e a esfarela:

— Para preservar seu lindo corpo dos estigmas do cansaço, ela, tão jovem e tão bela, tomou aquêles comprimidos; e aquêle banho por causa da insônia e do calor.

Meses depois, passando um dia diante da chácara pegada ao antigo Catetinho, Maia Guimarães fêz o KDW parar, saltou e bateu palmas na cancela. Veio lá do fundo o caseiro.

— Seu Lucena está?

— Não senhor.

— Onde poderei falar com êle?

O velhote tirou da bôca o petimbuaba e respondeu:

— Difícil. Êle está na rodovia Brasília-Acre. Contratou um estirão muito para além de Cuiabá.

— E a mulher dêle?

— Se antes ela nunca largava o marido, que dirá depois que perderam a filha. O senhor não é o doutor que afirmou que dona Jaci morreu mordida por cascavel? Pela cascavel que eu matei dois dias depois do entêrro. Porque a segunda matei depois, no dia de Reis.

Maia Guimarães ia voltar para o carro, mas perguntou ainda:

— E o capitão Amauri? Que fim levou?

— Êle trabalha no CAN, outra vez. Sempre que passa por Brasília vem aqui. Fica um tempão sentado diante da fonte. Depois vai embora. Estêve ainda no outro dia.

Como antigamente. Como quando ainda era primeiro tenente. Só que não mais por conselho do avô, mas de *sponte* própria. A rota é: São Paulo, Uberlândia, Goiânia, Aragarças, Xavantina, Pôsto Leonardo, Pôsto Diauarum, Cachimbo, Jacareacanga, Manaus, Belém, Conceição do Araguaia, Santa Isabel, Brasília, Uberlândia, São Paulo.

E que porção de responsabilidades! Manutenção e sobrevivência da tripulação e do pessoal de terra disseminado de maneira precária pelos raros campos de pouso; problemas de infra-estrutura; socorro às populações que a bem dizer vivem na dependência do Correio Aéreo Nacional; transporte de mercadorias básicas e de passageiros avulsos, principalmente enfermos necessitados de operações urgentes, para tanto bastando que um rádio-amador ou algum pôsto da Aeronáutica convoque um avião militar.

(Foi assim que vários rádio-amadores, o Fulgêncio, o Dr. Aurélio de Andrade e o pôsto da Aeronáutica da Base de Brasília alertaram o casal Lucena, no dia 20 de dezembro, que um Douglas ia buscá-los porque a filha estava passando muito mal...)

Alígero qual Macunaíma redimido da preguiça da selva e do hedonismo da civilização, eis que o capitão Amauri zarpa do Campo de Marte. A viagem até Goiânia é pura rotina. Mesmo até Aragarças a rota é por sôbre regiões cruzadas pela aviação de emprêsas comerciais. Pode-se mesmo tolerar a pista de piçarra de Xavantina, que permite a aterrizagem até dum Viscount; tem estação de rádio com tôdas as freqüências do Ministério da Aeronáutica; a localidade é entreposto de passageiros e cargas para a Fundação Brasil Central, para o SPI e para o PNX. De tanto baixar ali, um oficial acaba tendo idéia formada a respeito do Serviço de Proteção aos Índios e do Parque Nacional do Xingu.

O avô tinha razão.

"O Brasil aí para dentro, rapaz, não é só floresta. Há muito campo limpo, muito cerradão".

Realmente, primeiro cerrados, capoeirões, campos limpos. Depois, brenhas, a Hiléia. O avião tinha essa prerrogativa: a pretexto de levar doses farmacológicas de progresso, testemunhava a densidade intata. Tôda a difusa paisagem de 360 graus transfigurada em colgaduras ora unidas ora quase sobrepostas. As tramas de matas e rios, de montanhas e planaltos, de florestas e tapiocangas ora parecendo tapeçarias majestosas urdidas pela Natureza, ora parecendo incomensuráveis esteiras, apás e tangas trançadas por tribos invisíveis. Outras vêzes se assemelha a colagens e a montagens, por sôbre as quais o avião fica reduzido a fiapo de paina soprado pela carranca da Rosa-dos-Ventos.

Ao baixar a primeira vez no aeroporto de Conceição do Araguaia, lhe apareceram as freiras franciscanas em comissão trazendo braçadas de orquídeas e marantáceas, para êle depor na tumba de Jaci, lá no cemitério de Brasília, "lugar ainda vazio, mas já tão antipático". Depois compreenderam que não deviam lhe avivar a ferida da alma.

Em Brasília, após essa missão rápida, bem depressa, antes que viessem as lágrimas, êle seguiu de jipe para a chácara. Buzinou, o caseiro abriu a porteira de pau-candeia, o jipe entrou devagar, o gravatàzal roçou no rosto de Amauri.

Que frescor, às vêzes. Que calor sufocante, outras vêzes. Os troncos de indaiás e bacuris. A mata em redor e ao fundo. Pios, arrulhos, zunidos, gorgolejos, regougos, zangarreadas, chilidos, chamados e responsos.

Ah! O gorgulhar das minas de água a metro e tanto uma da outra, em triângulo, brotando do coração da terra cujas válvulas abertas manavam simultâneamente.

"Aqui me banho tôdas as madrugadas, por mais que

Inácia ralhe dizendo sempre a mesma coisa: "Você não é mais índia!"

Onde estaria a rêde?

"Inácia recolhe-a ao anoitecer, zanga comigo sempre que torno a vir armá-la, e diz: "Uma noite você ainda acorda com um japurá despencando dum pé de araticum para cima de você." Ela pensa que ainda estamos na selva. Aqui, tôdas as madrugadas, ao pôr o pé na água, espanto as libélulas. Mas quanto aos besouros unaúnas, não há meios... Prendem-se nos meus cabelos, recitam-me coisas nos ouvidos, como você".

Não está a rêde, mas está o racuxi, onde êle se senta. Fica a escutar a passarinhada, a fonte. Daí a pouco aparece Inácia, traz na bandeja um chícara de café, ou um copo de refrêsco. Inácia. Outrora, bonacheirona. Desde dezembro, lúgubre. Sempre corpulenta, matriarcal, solitária; no canto interno das pálpebras côr de ferrugem o estigma da raça perene e das lágrimas recônditas; no vinco da bôca a amargura dum pensamento em gárgula. Forte, espaçosa por causa do tamanho da sua alma tapuia.

— Tem tido notícias de Raimundo? De dona Juçara?

— Seu doutor Aurélio, seu Fulgêncio, o comandante da Base Aérea me vêem buscar às vêzes para eu conversar com êles pelo rádio. Quase não ouço direito. Mas não falam em vir. Do Banco me mandam sempre o dinheiro.

— Você está precisando dalguma coisa, Inácia?

Apenas faz que não com a cabeça, fica a vê-lo retomar o jipe, diz:

— Volte mais vêzes. Demorou tanto agora!

Quando êle, raramente é verdade, lava o rosto e as mãos na fonte, ela aconselha:

— Beba também.

Como criança, Amauri obedece. Vai embora. Uberlândia, São Paulo. Outra vez, Uberlândia, Goiânia, Aragarças, Xavantina, Pôsto Leonardo, Pôsto Diauarum, Cachimbo, Jacareacanga, Manaus, Belém, Conceição do Araguaia, Santa Isabel, Brasília, Uberlândia. São Paulo.

De quando em quando vai ao Rio. A cidade. O mar. A montanha. O pai. A mãe. O avô. A praia do Pepino. O Alto da Boa Vista. De novo São Paulo, Uberlândia, Goiânia, Aragarças, Xavantina, Pôsto Leonardo, Pôsto Diauarum, Cachimbo, Jacareacanga, Manaus, Belém, Conceição do Araguaia, Santa Isabel, Brasília. Vêzes há em que êle fica pelo aeroporto mesmo, daí a meia hora prossegue. Uberlândia São Paulo. Uberlândia, Goiânia, Brasília. Vai à chácara. Resolve demorar-se, fica nos salões do *Nacional*. Senta-se no sofá, debaixo da tapeçaria de Lurçat. Vai até perto da piscina, pede uma bebida, cigarros, fica a ver oscilar a grande bola da Air France na superfície azul da piscina. Passam turistas. Japoneses, com máquinas fotográficas. Norte-americanos em grupo. Ministros do Itamarati. Vai para o imenso salão, senta-se lá no fundo, debaixo duma gravura. Que paz! Que subclaridade serena. Vai almoçar. O garção da mesma mesa de outrora puxa a cadeira dêle, faz menção de puxar a outra, olha em redor, não vê mais ninguém, limita-se a esperar, depois se aproxima com o cardápio.

Música invisível, quase inaudível. Entre poesia e oração. Entre segrêdo e código.

Amauri transfere-se para um dos imensos salões. Escolhe de preferência a poltrona perto dos grandes vasos de arbustos florescentes, de corimbos mumificados, de hastes espinhosas. Atrai para a alma todos aquêles acúleos, sai, atravessa o imenso vestíbulo, transpõe a arcada, passa rente às lojas de turismo e modas, chega diante da escadaria, contempla Brasília. Joga fora o cigarro, toma um táxi, volta para o aeroporto.

Uberlândia, São Paulo. Uberlândia, Goiânia, Aragarças, Xavantina, Pôsto Leonardo, Pôsto Diauarum, Cachimbo, Jacareacanga, Manaus, Belém, Conceição do Araguaia, Santa Isabel, Brasília, Uberlândia, São Paulo, Uberlândia...